UNIVERSITÉ LUMIÈRE LYON 2
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ÉDER SANCHES PEREIRA

TRADUÇÃO E ANÁLISE DE *PLANÈTE BRASILIA* DE JEAN-YVES LOUDE

LYON - CURITIBA
2023

ÉDER SANCHES PEREIRA

TRADUÇÃO E ANÁLISE DE *PLANÈTE BRASILIA* DE JEAN-YVES LOUDE

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, no Setor de Ciências Humanas, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Coelho
Coorientador(a): Prof. Dr. Luís Gonçales Bueno de Camargo

LYON-CURITIBA
2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Pereira, Éder Sanches
Tradução e análise de *Planète Brasilia* de Jean-Yves Loude. / Éder Sanches Pereira. – Curitiba, 2023.
1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.
Orientadora: Profª. Drª. Maria da Conceição Coelho.
Coorientador: Prof. Dr. Luís Gonçales Bueno Camargo.

1. Loude, Jean-Yves, 1950-. 2. Tradução. 3. Escritos de viajantes. 4. Viagens na literatura. 5. Brasília (DF) – História. I. Coelho, Maria da Conceição. II. Camargo, Luís Gonçales Bueno. III. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras.VI. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **EDER SANCHES PEREIRA** intitulada: **TRADUÇÃO E ANÁLISE DE *PLANÈTE BRASILIA* DE JEAN-YVES LOUDE**, sob orientação do Prof. Dr. LUIS GONÇALES BUENO DE CAMARGO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 12 de Maio de 2023.

Assinatura Eletrônica
12/05/2023 11:28:41.0
LUIS GONÇALES BUENO DE CAMARGO
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
12/05/2023 11:27:42.0
JOÃO CARLOS VITORINO PEREIRA
Avaliador Externo (UNIVERSITÉ LYON 2)

Assinatura Eletrônica
12/05/2023 11:30:30.0
PATRÍCIA DA SILVA CARDOSO
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
12/05/2023 11:26:27.0
MARIA DA CONCEICAO COELHO FERREIRA
Avaliador Externo (UNIVERSITÉ LYON 2)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 283415
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp e insira o codigo 283415

À minha saudosa e amada mãe, Sueli Sanches Pereira, dedico esta dissertação de mestrado.

AGRADECIMENTOS

Participar deste mestrado possivelmente tenha sido um dos maiores desafios da minha vida, visto que ao longo dos quase quatro anos em que me envolvi com ele, vivi momentos de grande alegria e outros de tristeza profunda. Desbravei terras estrangeiras, conheci a generosidade humana e, por vezes, vivenciei uma solidão antes desconhecida. Enfim, assisti às perdas e ganhos da existência.

Aprendi, sobretudo, que não se empreende nada sozinho e, por isso, sirvo-me das linhas seguintes para agradecer a todos aqueles que foram essenciais para a conclusão deste projeto.

Agradeço à Professora Doutora Maria da Conceição Coelho, que mais do que minha orientadora, foi uma amiga que me acolheu sempre com seu afeto e doçura que lhe são característicos.

Ao Professor Doutor Luís Gonçales Bueno, meu coorientador, agradeço por acreditar no meu trabalho e por se disponibilizar sempre para me auxiliar nos momentos difíceis.

À Professora Doutora Patrícia da Silva Cardoso, agradeço a leitura atenta da dissertação e as recomendações valiosas e bastante pertinentes.

Ao Professor Doutor João Carlos Vitorino Pereira, agradeço o acolhimento, a preocupação, a ajuda contínua e a paciência para com este estudante às vezes assaz impulsivo.

Ao Jean-Yves Loude, autor de *Planète Brasilia*, obra-objeto desta pesquisa, agradeço a permissão de traduzi-la e a receptividade constante, nunca se abstendo de responder às minhas inúmeras questões.

Agradeço também à Camila Azevedo Leão, amiga querida que me abriu as portas de Lyon e quem sem a ajuda nada disso poderia se concretizar.

À Elaine da Silva de Souza, agradeço as orientações preciosas e a sua capacidade natural de me alegrar nas horas de angústia.

Não posso deixar igualmente de agradecer meus amados amigos, verdadeiros tesouros na minha vida, que estiveram sempre presentes, me encorajando em todos os

momentos. Obrigado Aline Martins Abrahão, Ana Queiroz, Carla Kawano, Maria Carolina Ogata, Matheus Chaves, Suzana Pinheiro Lara e Tatiana Ribeiro.

Ao Alexandre Hamada Possi, agradeço o estímulo constante, a espera infinita e o amor complexo.

À Martine Rouyre, confesso não encontrar palavras que expressem toda a enorme gratidão que sinto. Mais do que uma amiga, Martine foi a mãe que tanto precisei e que me abraçou como se eu fora verdadeiramente seu filho.

Agradeço à minha adorada irmã, Zuleide Pereira Silva, pelo amor imensurável, a preocupação desmedida e o amparo infindável.

Por fim, agradeço àquela que como verseja o poeta Olavo Bilac me chamava na bela língua portuguesa por “meu filho”. Lamentavelmente, a vida não me permitiu lhe mostrar a materialização de um projeto que sonhamos juntos. De todo modo, só posso agradecer a oportunidade de tê-la tido como mãe. A melhor do mundo.

Confronto

A suntuosa Brasília, a esquálida Ceilândia
contemplam-se. Qual delas falará
primeiro? Que tem a dizer ou a esconder
uma em face da outra? Que mágoas, que ressentimentos
prestes a saltar da goela coletiva
e não se exprimem? Por que Ceilândia fere
o majestoso orgulho da flórea Capital?
Por que Brasília resplandece
ante a pobreza exposta dos casebres
de Ceilândia,
filhos da majestade de Brasília?
E pensam-se, remiram-se em silêncio
as gêmeas criações do gênio brasileiro.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo propor a tradução do livro *Planète Brasília* do escritor francês Jean-Yves Loude, justificar a relevância da tradução com base na análise de um dos principais temas discorridos, isto é, a questão dos operários (candangos) responsáveis por erguer a capital, apresentar o autor e discutir os conceitos relacionados ao seu gênero (literatura de viagem e etnologia).

Palavras-chave: Tradução. Brasília. Candangos. Literatura de viagem.

ABSTRACT

This dissertation aims to propose the translation of the book *Planète Brasília* by the French writer Jean-Yves Loude, to justify the relevance of the translation based on the analysis of one of the main themes discussed, that is, the subject of the workers (*candangos*) responsible for raising the capital, introduce the writer and discuss the concepts related to its genre (travel literature and ethonology).

Keywords: Translation. Brasilia. Candangos. Travel literature.

RÉSUMÉ

Ce mémoire a pour objectif de proposer la traduction du livre Planète Brasília de l'écrivain français Jean-Yves Loude et de ce fait justifier la pertinence de la traduction à partir de l'analyse d'un des principaux thèmes abordés, à savoir la question des ouvriers (*candangos*) chargés de construire la capital, présenter l'auteur et discuter des notions liées à son parcours (la littérature de voyage et l'ethnologie).

Mots-clés: Traduction. Brasilia. Candangos. Littérature de Voyage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **4**

CAPÍTULO I **7**

1.1 APRESENTAÇÃO DO AUTOR J. Y. LOUDE 7

1.2 LITERATURA DE VIAGEM 10

1.2.1 O GÊNERO CARTA 13

1.2.2 O LEITOR 16

1.2.3 A TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO 18

1.2.4 O NARRADOR 20

1.2.5 O TEMPO 21

1.2.6 A DESCRIÇÃO 22

1.2.7 O OBJETIVO 26

1.3 ETNOLOGIA 29

1.4 *PLANÈTE BRASÍLIA*: LIVRO DE VIAGEM OU ETNÓLOGICO? 34

CAPÍTULO II **36**

2.1 A QUESTÃO DOS CANDANGOS 36

2.1.1 JUSCELINO KUBITSCHEK 37

2.1.2 LUCIO COSTA 43

2.1.3 OSCAR NIEMEYER 52

2.1.4 OUTROS PLANOS PILOTOS 57

TRADUÇÃO DA OBRA **66**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **117**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **119**

ANEXOS **123**

TRADUÇÃO BILÍNGUE COM COMENTÁRIOS 123

ENTREVISTA COM JEAN-YVES LOUDE 281

INTRODUÇÃO

A partir de uma definição dicionarizada, uma cidade corresponde a uma determinada zona geográfica que aglomera populações, destinando-se à habitação e à provisão de serviços indispensáveis para a vida urbana. No entanto, a ação humana no campo social e cultural atribui também às cidades uma imagem mítica, idealizada e, por vezes, banalizada. Assim, Paris se torna a capital do estilo e da elegância, Nova Iorque, das oportunidades sem fim e Tóquio, da modernidade em seu grau mais elevado.

Brasília, a cidade de *Planète Brasília* de Jean-Yves Loude, livro objeto desta pesquisa, não foge à esterotipação de imagens acima mencionada. Em território brasileiro, a menção a seu nome pode trazer à mente a imagem de uma zona assolada pela corrupção. No exterior e, em especial, na França, talvez a imagem recorrente fuja desse padrão e se assemelhe mais ao encantamento europeu por uma cidade planejada e bastante recente.

Em *Planète Brasília*, Lion, o narrador-personagem e pseudônimo do autor Jean-Yves Loude, menciona logo no princípio sua fascinação ao descobrir que, ao contrário das velhas cidades europeias com as quais está habituado, a capital do Brasil não apenas é mais jovem que ele, como também foi construída a partir de um projeto definido. A lista de encantamentos de Lion por Brasília avança ao longo da narração, entretanto, a facilidade de observar a cidade tão somente pelo prisma de uma suposta ingenuidade estrangeira não o seduz, e as mazelas do Planalto Central não tardam a despontar na obra.

Desse modo, o deslumbramento diante dos monumentos erguidos perde o vigor quando o narrador percebe que aqueles que os construíram foram renegados aos entornos empobrecidos da cidade e pouco usufruem dos prodígios do Plano Piloto. Da mesma forma, o encantamento de Lion com o sonho de Juscelino Kubitschek de fundar uma capital cujo porvir seria promissor desvanece à vista do mal que os 21 anos de ditatura militar fizeram ao país.

Em entrevista a nós concedida, Jean Yves-Loude esclarece particularidades importantes do projeto do livro: a primeira que a obra se trata de uma encomenda da editora à qual ele publica seus livros; a segunda, mais importante, que o grande interesse

do autor era entender qual teria sido o destino daqueles que se instalaram em Brasília para iniciar uma nova vida. Nesta investigação, todavia, o escritor francês logo se depara com a problemática que a nosso ver respalda a narração: o desamparo por parte das autoridades brasileiras àqueles que construíram a cidade. Teriam esses dirigentes (e aqui incluímos os urbanistas e arquitetos) sido imbuídos de uma ingenuidade que os fez idealizar que os operários da capital, uma vez concluída, retornariam às suas regiões de origem?

Este questionamento permeia o Capítulo II deste trabalho e tentamos investigar como a questão dos operários (daqui por diante chamados por "candangos") foi tratada pelas principais cabeças pensantes do projeto Brasília, isto é, o presidente Juscelino Kubitschek, o urbanista Lucio Costa, o arquiteto Oscar Niemeyer, assim como os responsáveis pelos projetos também vencedores do concurso incumbido de eleger o Plano Piloto da cidade.

Ademais, por se tratar de um livro que dialoga tanto com a etnologia, antropologia e literatura de viagem, interessamo-nos igualmente em discutir seus conceitos análogos e em classificar em qual destes gêneros a obra melhor se enquadra (Capítulo I).

Logo, tendo em vista essas particularidades do olhar do autor voltado à capital do Brasil e o fato de o livro ter sido redigido em francês, acreditamos ser relevante sua tradução para o português a fim de permitir ao público lusófono, particularmente o brasileiro, o acesso a um conteúdo que trata de sua história a partir de uma perspectiva estrangeira.

A descrição de uma realidade quando praticada por um observador de fora, cujas referências culturais e interpretações podem ser distintas, nos parece significativa para a ampliação de questões que aparentemente se normalizaram em decorrência do excesso de discussões no campo interno do país.

Além disso, sendo o livro o relato da sociedade brasileira de uma época pontuada (o início dos anos 2000), é atrativa a alteração dos papéis proporcionada pela tradução. Os "observados" do texto original, isto é, os brasileiros que serviram de fonte e testemunho para o desenvolvimento das temáticas do livro, passam em razão da acessibilidade do texto em português a ser os "observadores".

Vale reforçar que o objetivo aqui não é enaltecer a contemplação sobre a capital do Brasil feita por J. Y. Loude, julgando-a como verdadeira ou mais estimável por partir

de um autor estrangeiro. Nosso interesse maior é evidenciar, sob a ótica dessa visão de fora, disfunções e encantamentos a respeito de uma organização social tendo como propósito uma análise de si mesmo com o apoio da descoberta do outro.

Esta dissertação, portanto, é acima de tudo a tradução de um livro em francês para o português do Brasil com o intuito de permitir ao leitor brasileiro uma análise de si mesmo através do olhar estrangeiro, respaldada por duas análises: uma de cunho estrutural (a qual gênero pertence à obra) e outra temático (como a questão dos operários da cidade foi examinada por seus idealizadores).

CAPÍTULO I

1.1 APRESENTAÇÃO DO AUTOR J. Y. LOUDE

Antes de nos debruçarmos sobre a questão relacionada à parte estrutural de *Planète Brasília*, isto é, se a obra faz parte daquilo a que chamamos de literatura de viagem ou se se trata de um estudo etnológico, gostaríamos de traçar uma breve biografia sobre seu autor, Jean-Yves Loude.

J. Y. Loude é francês, de origem lionesa e escritor de mais de quarenta livros, entre ensaios, poesia, publicações infanto-juvenis e narrativas de viagem.

Transitando nos campos da etnologia, do jornalismo, do cinema e da literatura de viagem, Loude é um escritor profícuo que busca em suas obras examinar culturas normalmente desprestigiadas.

Na infância em Lyon era um leitor ávido, tendo predileção pelas histórias de Tintin, Jules Verne, Kessel, Kipling e Alexandra David-Neel. O pai exercia o ofício de engenheiro e a mãe, dona de casa. O interesse pelas viagens, desse modo, foi mais alimentado pelas leituras do que por influência familiar.

Sua formação foi variada, desde a Escola de Comércio onde aprendeu fundamentos do marketing e da publicidade, à etnologia e antropologia anos depois. Foi, inclusive, com os colegas de sua primeira graduação que fundou o jornal semanal *Lyon Poche*, entre 1972 e 1973, cujos assuntos tratavam de cultura e cinema e onde exerceu a função de redator chefe.

No *Lyon Poche*, durante seis anos J. Y. Loude se dedicou diariamente à redação de críticas de filmes, de músicas, de peças de teatro e dos editoriais, tendo, assim, a chance de aprender na prática o ofício de escritor.

Aos vinte anos, empreendeu sua primeira viagem à Índia e regressou à França envolto por um sentimento de indignação face às injustiças testemunhadas no país asiático. Dali em diante, nasceu seu interesse em escrever sobre culturas distantes, exaltando aspectos de pouca consideração pela Europa.

Neste intermédio, conheceu sua esposa, Viviane Lièvre, que o acompanharia nas viagens de exploração. Com ela, partiram para o Paquistão, onde viveram por dois anos com os Kalash, povo politeísta do Himalaia. Esta jornada, que se estendeu por 14 anos entre 8 estadias, rendeu três livros, diversas publicações em revistas e o projeto por parte dos dois viajantes de preparar um doutorado em etnologia pela Universidade Paris X-Nanterre.

A inspiração desse itinerário transformador veio do autor Rudyard Kipling, que no seu livro *The Man Who Would Be King* (1888), que conta com quatorze contos e é dividido em três partes, ambienta a narração de uma delas nas montanhas do Himalaia.

Ao perceberem que nesta região paquistanesa ainda havia um povo, os Kalash, semelhantes àqueles da época do autor indiano, J. Y. Loude e sua esposa não pestanejaram e se dirigiram rumo a esse local montanhoso para suprir a avidez pelo exótico e insulado. Dessa busca nasceu o termo que o autor passaria a usar para se descrever em sua trajetória nas letras: o de "inspetor de polícia literário".

Inseridos em uma cultura de tradição inteiramente oral, com uma crença xamanista particular, uma língua própria (também denominada como Kalash) e uma história nunca antes escrita, o casal de etnólogos percebeu a importância de contar sobre este povo gravemente ameaçado de extinção ao qual o direito de fala jamais havia sido atribuído.

Já em 1989, em conjunto com o escritor dos Camarões, Kum'a Ndumbe III, escreveu *Dialogue en Noir et Blanc*, obra que inaugurou uma nova investigação em sua trajetória: a cultura africana que, mais para frente, se condensaria naquela de traço lusófono.

A partir da descoberta da épica história do imperador do Mali, Abou Bakari II, que no século XIV havia realizado a primeira grande expedição pelo Oceano Atlântico, com evidências de ter alcançado as Américas, J. Y. Loude decidiu apurar mais a fundo esse relato que nos círculos intelectuais europeus era desacreditado e considerado como um mito africano. A partir desse projeto investigativo, iniciou-se o itinerário do autor pela África.

Entre as obras de seu percurso africano destacam-se *Le Roi d'Afrique et la Reine Mer* (1994)*, Cap-Vert, Notes Atlantiques* (1997), *Lisbonne, Dans la Ville Noire* (2003)*, Coup de Théâtre à São Tomé* (2007), estas três últimas ligadas ao mundo lusófono. Em todas elas, J. Y. Loude procurou recolher diversos materiais, tanto visuais, sonoros e

literários, das sociedades que povoaram e povoam esses locais (principalmente escravos negros e seus descendentes) e que contribuem para o desenvolvimento de sua história.

O contato com o Brasil surgiu em *Planète Brasília* (2008), em que Loude avalia o mito da fundação da cidade e, sobretudo, em *Pépites Brésiliennes* (2013), onde, à maneira de obras anteriores, explora e valoriza as memórias da África muitas vezes ocultadas em solo sul-americano.

Em *Planète Brasília*, livro objeto desta pesquisa, J. Y. Loude em companhia de sua esposa, Viviane Lièvre, empreenderam uma expedição literária a uma capital que a princípio apresentava pouca diversidade e cujo objetivo da investigação era descobrir como seus habitantes conseguiam encontrar seu lugar nos espaços vazios da cidade planejada.

Ademais, o autor considerou desafiador tratar do Brasil a partir de Brasília – destino incomum para os autores-viajantes que preferem explorar locais mais conhecidos ou pitorescos desse grande país sul-americano.

J. Y. Loude, todavia, logo percebeu o quão excitante seria abordar não apenas os traços atuais da capital, como também sua mítica construção entre 1956 e 1960, que recorreu a mitos antigos e a uma vontade por parte do governo de promoção da modernidade.

Brasília há anos era idealizada por uma elite governamental brasileira, sendo os entornos do seu local de construção já explorados a partir do final do século XIX por diversas equipes de estudiosos.

Para J. Y. Loude, a decisão de Juscelino Kubistchek de aceitar o desafio e construir em três anos e sete meses a nova capital do Brasil foi um gesto épico e baseado nos mais diversos símbolos na tentativa de tornar o empreendimento mais aceito pelos brasileiros. O autor, inclusive, chegou a comparar esta mitificação a uma mistificação, dada a fabulação engendrada.

Entretanto, logo que aterrou em solo brasiliense, Loude se deu conta de questões que em seu imaginário idealizado na infância lhe passavam desapercebidas – como, por exemplo, o desolador destino daqueles operários, que em busca de uma vida melhor, foram renegados aos entornos miseráveis da cidade, com nenhuma ou pouca assistência do governo.

Planète Brasília, no entanto, explora muitos outros temas, como suas singularidades de capital planejada, sua utopia inerente, sua beleza e, principalmente, sua capacidade transgressora, que segundo Loude, faz parte da alma do povo brasileiro.

Assim, mais do que paisagens, o que sempre interessou J. Y. Loude foi o contato com o outro e a possibilidade de retornar para casa provido da capacidade de transmitir aos seus aquilo que teve o privilégio de aprender com os outros.

De Portugal ao Brasil, passando por Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e os Açores, o autor buscou entender as singularidades de cada civilização, enaltecer suas riquezas culturais e transmitir a seu leitor francófono o saber adquirido, livre de clichês ou preconceitos.

1.2 LITERATURA DE VIAGEM

"Écrire pour voyager et voyager pour écrire[1]."
(Jean-Yves Loude)

Planète Brasília é uma carta. Em suas 120 páginas, Lion, o narrador-personagem e viajante, relata à sua esposa Leuk, quase sempre no presente do indicativo, tudo o que tem vivenciado na capital do Brasil.

Desconhecemos o ano exato de sua redação; sabemos tão somente que ela é escrita em Brasília, no mês de outubro e endereçada à França. Todavia, com atenção a determinados detalhes temporais revelados pelo narrador, é possível calcular que a ação se passa no início dos anos 2000.

Mas, afinal, seria *Planète Brasília* aquilo a que chamamos Literatura de Viagem[2]? Ou estaria a obra mais bem catalogada no campo dos estudos etnológicos/antropológicos?

O objetivo, portanto, deste Capítulo II, será responder a estas questões não sem antes dissertar sobre a definição desses campos a partir de estudos importantes produzidos sobre eles.

Roland Le Huenen, professor de literatura francesa na Universidade de Toronto e estudioso da literatura de viagem, oferece em seu livro *Le Récit de Voyage au Prisme de la Littérature* uma lição precisa: a literatura de viagem é um gênero plástico. Ele abrange uma multiplicidade de discursos, podendo ser redigido por navegadores, naturalistas, colonizadores, intelectuais, amadores de obras de arte, geógrafos, etnólogos, militares,

[1] Ver loude-lievre.org. Último acesso em 12/05/2022.
[2] Neste trabalho, narrativa de viagem, relato de viagem e literatura de viagem serão termos sinônimos. Esta relação sinonímia é possível por não existir uma uniformidade de opiniões entre os especialistas do gênero a respeito do termo mais correto e consagrado.

missionários, etc. e construído a partir da própria linguagem destes indivíduos e de sua divisão ideológica do conhecimento (2015, p. 17; p. 91).

Os primórdios dessa literatura remontam a tempos longínquos. Le Huenen (2015, p. 91) considera que *As Histórias de Heródoto* e *Anábase* de Xenofonte constituem provavelmente suas primeiras manifestações. O certo, no entanto, é que sua maior incidência se instaura na idade média a partir das Cruzadas, consagrando-se no século XVI com as viagens de descoberta e aproximando-se da linguagem propriamente literária no século XIX.

Para Le Huenen (2015, p. 23), as Cruzadas foram grandes estimuladoras dessas narrativas tendo em vista que os infortúnios nos intercâmbios entre a Europa e Ásia incitaram a busca de novas rotas para as Índias e, por consequência, a exploração de novas paisagens. O *Livro das Maravilhas do Mundo* de Marco Polo é segundo o autor um bom exemplo desta época; nele a descrição do país de Catai[3] e Cipango[4] ajudou a ostentar suas riquezas e maravilhas.

É, todavia, a partir do século XVI que a literatura de viagem alcança o apogeu. Com as viagens empreendidas pelos navegadores às Américas, uma imensidão de relatos a respeito das maravilhas do Novo Mundo é escrita. Nasce também nesse período um leitor ávido por história por vezes esdrúxulas e fantasiosas sobre o panorama dessas terras desconhecidas.

Roland Le Huenen (2015, p. 37-38) aponta como neste período a narrativa de viagem apresenta uma grande diversidade no plano enunciativo, podendo se caracterizar como diários de bordos de navegadores, cartas de jesuítas, itinerários de viagem ao Santo Sepulcro, relatos diversos redigidos por embaixadores, governantes de estabelecimentos coloniais, médicos, engenheiros, geógrafos, cartógrafos, filósofos, etc.

A viagem de exploração e de colonização de Villegagnon ao Brasil, por exemplo, ganha seu duplo relato nas obras *Les Singularités de la France Antarctique* de André Thévet e na *Histoire d'un Voyage Fait en la Terre du Brésil* de Jean de Léry (LE HUENEN, 2015, p. 38).

No século XIX, essas narrativas também passam a valer como fonte inspiracional para os escritores. Um exemplo significativo deste período é o *Itinéraire de Paris à Jérusalem* de François-René de Chateaubriand que, na origem, buscou nesta jornada a possibilidade de coletar material para a conclusão de seu outro livro *Les Martyrs.*

[3] Antigo nome atribuído, na Ásia Central e na Europa, ao norte da China.
[4] É o nome chinês do Japão relatado por Marco Polo.

> Si je disais que cet *Itinéraire* n'était point destiné à voir le jour, que je le donne au public à regret et comme malgré moi, je dirais la verité, et vraisemblablement on me croirait pas.
> Je n'ai point fait mon voyage pour l'écrire ; j'avois un autre dessein ; ce dessein, je l'ai rempli dans les *Martyrs*. **J'aillais chercher des images** ; voilà tout. (CHATEAUBRIAND, 1859, p. 40, grifo nosso).

As imagens citadas por François-René de Chateaubriand seriam justamente aquelas das quais o autor se serviria para solidificar a narrativa de *Les Martyrs*.

É a partir igualmente do século XIX que muitas narrativas de viagem adquirem uma linguagem explicitamente literária. A propósito, julgamos ser importante frisar que para evitar a confusão própria dos termos abrangentes, optamos para a palavra literatura e seus adjetivos assumir a definição cunhada por Antonio Candido em seu célebre texto *O Direito à Literatura* (2011, p. 176), em que o professor chama de literatura tudo o que apresenta toque poético, ficcional ou dramático nos mais diversos níveis de uma sociedade, em todos os tipos de culturas, desde o folclore, a lenda, o chiste, às formas mais complexas de produção escrita das grandes civilizações. O crítico literário, inclusive, ressalta a necessidade da fabulação e da criação ficcional ou poética por parte de todos os indivíduos, visto que "ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado" (2011, p. 176-177).

Essa predileção pela linguagem literária nas narrativas também é observada por Roland Barthes, em *Sur la Littérature* (1980, p. 10-11), que afirma que na sociedade francesa, há dois ou três séculos, uma espécie de valor, de álibi transcendente, eterno e universal foi atribuído à literatura. Segundo o filósofo, crítico literário e semiólogo francês, a linguagem literária era a linguagem por excelência, enquanto na realidade social havia um grande número de outras linguagens.

Com a inserção dessas narrativas em uma inflexão mais literária, surgiu, porém, um questionamento pertinente: seria possível classificar esses textos como literatura?

A resposta a essa indagação ainda não encontrou consenso entre os especialistas no gênero, sobretudo em virtude da característica aberta e difusa das narrativas/relatos de viagem. Roland Le Huenen (2015, p. 26) inclusive chega a afirmar que a narrativa de viagem é um gênero sem lei, cuja maleabilidade formal é tal que permite que ele se integre em gêneros relativamente bem definidos, como diários, cartas, memórias ou ensaios, ao mesmo tempo que acolhe discursos de várias origens a partir de fontes enunciativas definidas pela vasta e complexa categorização dos viajantes.

É citando Philippe Lejeune, em *Le Pacte Autobiographique*, que Odile Gannier, autora da obra *La Littérature de Voyage* (2015, p. 91), consegue chegar a uma solução razoável para a problemática da adequação de gêneros. Segundo Lejeune, o gênero se estabelece a partir do momento em que se tentam encontrar constantes e critérios de determinação que o excluem ao mesmo tempo que o definem; e Gannier acrescenta que a narrativa ou literatura de viagem realmente se situa na encruzilhada de vários gêneros (autobiografia, literatura epistolar, memórias, etc.), mas só se constitui verdadeiramente quando certo número de textos aborda temas semelhantes em perspectivas semelhantes.

Assim, considerando os recursos ficcionais empregados por Jean-Yves Loude na redação de *Planète Brasilia*, seja na apresentação de um narrador-personagem (Lion), ou na inserção de fatos ficcionais contados ao longo da história, desde os testemunhos romanceados de determinados personagens sobre os primórdios da construção da capital, até certas disposições do autor visando a efeitos poéticos, podemos afirmar que é legítimo associar o livro objeto deste trabalho à literatura.

1.2.1 O GÊNERO CARTA

Odile Gannier destaca (2016, p. 5) que a literatura de viagem é capaz de assumir múltiplas formas: ela pode constituir um diário de bordo, onde as lembranças são conservadas de forma cuidadosa; se exteriorizar através da estrutura de uma carta enviada a seus próximos ou a seus superiores hierárquicos; ser redigida após o regresso ao lar contando as memórias da(s) viagem(ns) concluída(s). Pode-se mesmo escrever a viagem dos outros, à sua maneira, ou ainda contar as mais variadas aventuras sem nunca ter saído do conforto de seu quarto.

Mas *Planète Brasília* também não é uma carta. Por intermédio da entrevista concedida por Jean-Yves Loude[5], nos é revelado que a viagem a Brasília realmente aconteceu, mas não exatamente conforme às ações ali contadas. O formato de carta, por exemplo, foi escolhido de modo intencional, tendo em conta que a obra foi originalmente escrita após o término da jornada, já em solo francês, e que Leuk, a suposta personagem destinatária e, na realidade, pseudônimo de sua esposa, o acompanhou durante todo o trajeto real. A carta, inclusive, parece ser um modelo de predileção de J. Y. Loude, que encontra nela uma maneira de facilitar a organização cronológica e espacial da narrativa,

[5] Entrevista presente nos Anexos.

servindo-se igualmente de seu suposto destinatário como recurso que possibilita um diálogo direto com o leitor.

Em seu segundo livro sobre o Brasil, *Pépites Brésiliennes,* a carta, ali destinada à personagem Zayda, ajuda muito a situar o leitor pelas andanças do narrador-personagem em um percurso de cerca de 5.500 km de estrada e dois meses de peregrinação em mais de 11 cidades brasileiras, sempre com o intuito de investigar a presença negra atual e pretérita, cujas histórias foram apagadas do patrimônio coletivo.

Neste livro em questão, o traço vocativo da carta aproxima o leitor da narrativa, que se vê sempre em uma comunicação contínua com o narrador, que desenrola o enredo à maneira de um diário de viagem, seguindo seu padrão já habitual de reunir investigação de caráter etnológico com composições textuais próprias do gênero de literatura de viagem.

No caso de *Planète Brasília*, mais do que uma carta, trata-se na realidade do gênero destacado por Odile Gannier (2016, p. 7) nomeado como *souvenirs de voyage*, em que a redação dos fatos é feita posteriormente, buscando a exatidão, mas incontestavelmente sujeita a esquecimentos. Marco Polo, Hans Staden e François Leguat são bons exemplos de autores que escreveram a partir desse formato. Vale ressaltar, todavia, que J. Y. Loude também se utilizou de um *journal de bord* onde anotou em tempo presente as reações causadas pelos acontecimentos. Os potenciais esquecimentos ou falhas puderam ter sido corrigidos por intermédio deste método.

De qualquer forma, a carta é um formato frequente na literatura de viagem. Roland Le Huenen afirma que ela possibilita a inserção dos mais distintos conteúdos, concedendo a seu autor a capacidade de expressar seus pensamentos e experiências com grande liberdade:

> Le récit de voyage est un vaste réseau discursif où la lettre occupe une place bien circonscrite. Ce n'est pas dire pour autant que la lettre de voyage présente une pratique d'écriture lisse et fortement codifiée. Tout au contraire elle affiche une grande plasticité de forme qui lui permet de recueillir les contenus les plus divers : choses vues ou entendus, détails matériels liés à l'expérience du voyage, développements à caractère philosophique plus ou moins étendus, confidences plus ou moins discrètes du voyageur sur son état moral ou physique, comptes rendus d'excursions, de promenades ou de visites de sites ou de musées. Tantôt elle fera place à de larges plages descriptives, tantôt elle multipliera les aperçus, les croquis, les annotations ou les impressions saisies au vol. Il reste que la lettre de voyage est généralement construite sur un double mouvement, d'ouverture vers le monde extérieur et de réflexion qui ramène l'épistolier vers soi, impulsion toute subjective susceptible de se prolonger dans la rêverie philosophique. (LE HUENEN, 2015, p. 179-180).

E J. Y. Loude se apropria bem dessas possibilidades proporcionadas pelo gênero carta para não apenas descrever os cenários com os quais entra em contato, mas sobretudo para expressar suas reflexões mais profundas diante do efeito que a vivência concreta, *hic et nunc*, produz em sua sensibilidade. Assim, o simples ato de beber uma cerveja no pátio de um shopping da cidade o leva a meditar sobre a efemeridade do tempo e sua ação no espaço:

> Puisque je dois tenir la sécheresse à distance, autant boire une bière grand format sur le patio du *Conjunto Nacional*, un des deux centres commerciaux qui encadrent le Point Zéro. Et je répète à chaque gorgée pour m'en convaincre : - Cinquante ans auparavant, à l'endroit même où j'épuise ma *Skol* gelée servie dans son manchon isotherme, il n'y avait rien hormis l'insouciance primordiale du *cerrado*. Je rêvais de vivre cet instant. (LOUDE, 2008, p. 19-20).

Através dos olhos de Lion, Leuk vê o concreto e sente o abstrato. Apesar dessa característica de transmissibilidade de sensações ser comum na literatura em geral, na carta, em virtude de seus códigos de escrita específicos, como a comunicação íntima com seu destinatário, a inclusão cronológica e espacial precisa e seu caráter fortemente descritivo, isso torna-se muito notável.

Roland Le Huenen (2015, p. 164) menciona esse diálogo mental da carta de viagem entre o narrador e seu destinatário, afirmando que ele multiplica as marcas de oralidade, as formas de endereçamento e as referências baseadas nas memórias comuns. Leuk, conforme reitera Lion, conhece-o bem, está a par de suas convicções e desejos e é capaz de compreender detalhes que para outros passariam desapercebidos.

> Longtemps, je t'ai dit qu'un jour j'irai à Brasília. Tu ne me croyais pas. Pourquoi Brasília ? (LOUDE, 2008, p. 7).
>
> **Tu me connais**, je ne suis pas de ceux qui partent à la hâte, sautant à l'ultime minute sur leur valise pour contraindre des effets mal empilés. (LOUDE, 2008, p. 10, grifo nosso).

A carta oferece igualmente a seu leitor a sensação de invadir uma determinada intimidade e de ser um espectador furtivo do diálogo entre o remetente e o destinatário. Odile Gannier (2016, p. 97) destaca esta astúcia do escritor que utiliza este gênero para promover ainda mais o interesse do leitor pela narração. Diz a autora que o tom é geralmente familiar, os assuntos variados e as digressões permitidas sem censura.

O tempo na carta também é outro aspecto significativo e suscetível a suspeitas: "Dans le cas du journal ou de la lettre, le temps du récit est bien celui du voyage, mais il

faut ajouter le temps de la réception, celui de la maturation, ou l'attente de l'occasion favorable à l'écriture" (GANNIER, 2016. p.43). Sabendo que J. Y. Loude escreveu *Planète Brasília* após o regresso[6] e se serviu da flexibilidade do gênero carta, é possível conceber que as memórias podem ser afetadas e mesmo alteradas em vista do distanciamento dos acontecimentos vividos. O questionamento, portanto, a respeito da transmissão rigorosa dos fatos é dos mais legítimos.

No entanto, mesmo *Planète Brasília* sendo uma carta ficcional, o conteúdo ali presente é a narração de uma viagem real na capital do Brasil. Essa viagem se enquadra naquilo que Roland Le Huenen chama de pré-requisito da narrativa, posicionando, assim, de forma geral, a obra de Jean-Yves Loude no gênero de literatura de viagem:

> [...] le récit de voyage, s'il est un récit, implique aussi un voyage, et c'est en quoi s'affirme d'abord son originalité. Un voyage c'est-à-dire un déplacement réel dans l'espace, au long d'une certaine durée, et qui est d'emblée posé comme un **préalable au récit même**. (LE HUENEN, 2015, p. 26).

1.2.2 O LEITOR

A priori, dentro do campo da ficção, o leitor, no caso a leitora, de *Planète Brasília* é Leuk, a destinatária da carta. Entretanto, fora do abstracionismo, sabemos que os leitores do livro são aqueles que pertencem à mesma comunidade linguística e, quiçá, cultural do autor, isto é, os indivíduos francófonos. Isso se deve não somente ao idioma em que a obra foi escrita, como também a todo o contexto cultural e comparativo que o autor estabelece em sua narrativa. Um exemplo marcante relativo a este último pode ser observado logo no início do livro onde J. Y. Loude no intuito de situar os anos 60, época da inauguração de Brasília, traz à tona referências estritamente francesas. Esse recurso tem o objetivo claro de gerar um vínculo com o compatrício francês por meio da promoção de um certo pacto cultural.

> J'avais dix ans en 1960 et le Paris-Match nº 581 du 28 mai consacrait dix pages à « La capitale que le Brésil vient de se donner au cœur même de son immensité ». [...] Sur la couverture, Jeanne Moreau triomphait à Cannes. Son fils venait d'avoir un accident de voiture en Dauphine Gordini pilotée par un certain Jean-Paul Belmondo, futur homme de Rio et, pour le même ticket e cinéma, coureur à Brasília. Nestlé lançait un café en poudre « gout Brésil » et s'exclamait en espagnol : ¡ Qué café ! Kroutchev le Russe déterrait la hache de guerre en plein Paris et refusait de serrer la main d'Ike l'Américain au grand dam du général De Gaulle. Les relations est-ouest gelaient d'un coup, la guerre se faisait plus froide, le cœur de la planète battait Pam-Pam (le jus de fruit à la

[6] Informação relatada na entrevista inserida nos Anexos.

> mode), on craignait une explosion Pshitt-citron (le soda dans le vent), mais, habillé en Tergal et soutenu par un Elaslip, le père de famille moderne assurait à pleine pub que la vie était belle. (LOUDE, 2008, p. 7-8).

O trecho acima, inclusive, apresentou desafios tradutórios em virtude de referências publicitárias francesas de difícil acesso. Ao leitor francês, no entanto, da faixa etária do escritor, as referências mencionadas são de fácil entendimento e ajudam a suscitar o sentimento de correspondência identitária, tão importante para o despertar do interesse na leitura. Como bem diz Odile Gannier (2016, p. 8), "Le récit de voyage se destine tout particulièrement à un lectorat donné, dans une société donné, à une époque donnée".

Um autor indiferente ao conhecimento de seu público, propenso a realizar analogias díspares e, por conseguinte, a cortar o pacto com o leitor correria o grande risco de ser incompreendido. Na tradução, essas questões de ordem cultural foram resolvidas por intermédio de adaptações e acréscimos, e, em último caso, de notas de rodapé.

Um recurso interessante de J. Y. Loude para situar o leitor francófono, sobretudo francês, em relação a questões brasileiras próprias do campo da desigualdade social, foi o emprego de analogias políticas:

> Les promoteurs de Brasília étaient-ils naïfs au point de penser que les manœuvres, gens de peine, *candangos*, repartiraient vers leur passé obscur ? Oui, sans doute autant que les responsables de notre histoire de France qui espéraient que les émigrés d'Afrique du Nord regagneraient le Maghreb une fois le pays reconstruit et modernisé. (LOUDE, 2008, p. 40).

Loude neste trecho não apenas auxilia o leitor francês a compreender a problemática dos "candangos", operários da capital do Brasil renegados às cidades-satélites, como também aproveita para esboçar uma crítica social à polêmica questão imigratória de seu próprio país.

Este exemplo dialoga bem com a ideia de Gannier (2016, p. 8) de que o escritor-viajante, no papel de intermediário entre duas civilizações, só conseguirá representar a civilização estrangeira através de um esforço de conciliação e adaptação do sistema dessa primeira para sua civilização de origem.

A partir desse pensamento é possível contemplar a noção de que o escritor da literatura de viagem também realiza um trabalho de tradução, tendo em mente que ele efetua a transposição para seu público-alvo das imagens que observa e das sensações que experimenta.

Por fim, o escritor-viajante, além de bem ponderar sobre o conhecimento de seu leitor e de como a mensagem deve ser transmitida de modo a ser compreendida, também pode assumir a responsabilidade de corrigir eventuais erros de interpretação provenientes de convicções preconcebidas sobre um determinado lugar.

J. Y. Loude, por exemplo, ao responder a indagação do porquê de conhecer Brasília, recorre ao clichê europeu do Brasil para imediatamente desconstruí-lo:

> C'était une ville que l'opinion commune en Europe avait classée à l'inventaire des choses froides et peu animées, vissée artificiellement au centre d'un pays dont on persistait à admirer la façade atlantique. (LOUDE, 2008, p. 7).

É fato, segundo o autor, que a Europa considera Brasília como uma cidade desprovida de atrações interessantes, todavia, ele não deixa de manifestar ao leitor sua contrariedade sobre a inadequação de se admirar o Brasil a partir de uma suposta fachada atlântica.

1.2.3 A TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO

A literatura de viagem fornece a seu leitor a sensação de estar distante de casa, em um lugar muitas vezes deveras distinto da sua realidade cotidiana e por que não maçante. O momento da leitura de um enredo passado alhures suscita o sonho e a fantasia, aguçando a curiosidade e o gosto das aventuras sem risco. É inegável o papel hedonista deste gênero. Entretanto, conforme indica Gannier (2016, p. 10) esse tipo de literatura também pode servir a uma outra causa, a obtenção de conhecimento ou a verificação daquilo que já conhecemos.

Para Le Huenen, a literatura de viagem também constitui um texto didático à medida que realiza um inventário de um local distinto e visa à divulgação do conhecimento recolhido (2015, p. 30). Para o professor, duas ambições animam tradicionalmente essa literatura: a motivação didática, que se baseia na aquisição e transmissão de um saber, e a inserção do pitoresco, daquele detalhe curioso e exótico (2015, p. 301).

O leitor francófono menos implicado na história do Brasil concluirá a leitura de *Planète Brasília*, em sua versão original, menos ingênuo em relação à formação do país. O leitor brasileiro da tradução, contudo, terá a chance de justamente "verificar" aquilo que já conhece de sua capital e de igualmente obter informações que antes lhe podiam ser

desconhecidas. Ainda mais, este leitor ao ler a narrativa de um escritor estrangeiro que se empenha em compreender aquilo que vê do Brasil acaba por acompanhar a singularidade da visão daquele que desconhece por falta da vivência enraizada do primeiro a pretensa realidade que o nativo julga dominar.

No que se refere à verificação dos fatos vivenciada pelo autor do enredo, Théophile Gautier (2012, p. 73) aborda que o escritor encontra na viagem a oportunidade de atestar aquilo que leu, viu em gravuras ou cartas geográficas, a respeito da cidade que se lhe tornou cara e começou a habitar seus sonhos.

J. Y. Loude, por exemplo, alimenta o desejo de um dia conhecer a capital do Brasil muito antes em razão do burburinho de sua inauguração nos anos 60 e das imagens fantásticas criadas em sua mente infantil e, posteriormente, estimulado por saber o destino daqueles brasileiros que deixaram suas terras natais para iniciar uma nova vida em um território desconhecido, duvidoso quanto ao seu porvir e até então desabitado e, por isso, carente de infraestruturas que abrangem tanto o campo urbanístico, como sobretudo o social. Na entrevista aqui concedida, o autor lança os seguintes questionamentos:

> Est-ce que Brasília existe ? [...] Est-ce qu'elle a une vie ? Est-ce qu'elle a une réalité ? Est-ce qu'elle est au-delà du reportage de Paris Match ? Est-ce qu'elle signifie quelque chose ? Est-ce que finalement les Brésiliens l'on a acceptée ? Ou est-ce que finalement il y a que les *brasilienses*, ceux qui y vivent, qui la revendiquent ? Voilà. Est-ce qu'il y a la vie humaine dans les intervalles ?[7]

Na memória do autor, a imagem de Brasília se sustentou, além das leituras realizadas, através de uma foto que lhe produziu grande encantamento:

> Brasília restait figée en noir et blanc dans ma mémoire à cause de la fabuleuse photo d'un arbre nu à la ramure convulsive et d'un couple planté sur la ligne d'horizon vide, observant sous un parapluie un immeuble ministériel surgi du néant. (LOUDE, 2008, p. 9).

No entanto, conforme afirma Roland Le Huenen (2015, p. 119), apesar de a cultura livresca ser o objeto que desperta o interesse da viagem, assim como suscita um certo horizonte de expectativa, apenas a visão e presença concretas no local são capazes de promover a atualização e confirmação:

> Confronté sur place à l'objet, ce qui compte à ses yeux c'est avant tout la qualité de cette première expérience, l'originalité et la force de la sensation qui l'envahit dans l'instant où il contemple le monument, l'œuvre d'art ou le

[7] Entrevista localizada na seção Anexos.

> spectacle de la nature. Quelle que soit la célébrité de l'objet observé, ce qui domine en fin de compte c'est l'expérience des sens vécue dans sa singularité. (2015, p. 119).

Ao primeiro contato com a cidade e diante dos monumentos, J. Y. Loude concretiza as imagens conhecidas apenas por fotos e conquista o estímulo necessário para escrever de forma mais farta e profunda a experiência vivida. A força do concreto em uma narração que visa pincelar as cores da realidade se torna aqui imprescindível. E o leitor sai ganhando ao apreender informações novas e dotadas da capacidade de formar a base de seus futuros conhecimentos (GANNIER, 2016, p. 12) e, por conseguinte, de ampliar sua visão de mundo.

1.2.4 O NARRADOR

François-René de Chateaubriand é enfático quanto à figura do narrador-viajante:

> Un voyageur est une espèce d'historien : son devoir est de raconter fidèlement ce qu'il a vu ou ce qu'il a entendu dire ; il ne doit rien inventer, mais aussi il ne doit rien omettre ; et quelles que soient ses opinions particulières, elles ne doivent jamais l'aveugler au point de taire ou de dénaturer la vérité. (2011, p. 139).

Para o escritor e político francês, o viajante, no papel de historiador, precisa ser fiel, imparcial e nada omitir. Todavia, neste ponto do desenvolvimento do trabalho, já percebemos que a literatura de viagem evoluiu ao longo do tempo e está longe de ser um retrato exato do real, servindo-se constantemente de recursos de ficção para elaborar suas narrativas.

Daniel-Henri Pageaux, contemporâneo de nossa época, mostra-se mais razoável em relação à produção atual afirmando que nessa literatura, o escritor-viajante, além de criador da história, é o objeto privilegiado dela, seu organizador e diretor. Ele desempenha os papeis de narrador, autor, experimentador e objeto de experimentação, memorialista de seus próprios feitos e gestos, herói de sua própria história em um teatro estrangeiro no qual se torna um privilegiado analista, cronista e topógrafo (1989, p. 156).

Em *Planète Brasília*, Jean-Yves Loude reutiliza seu pseudônimo Lion para narrar os acontecimentos a partir de um ponto de vista mais ficcional, permitindo-se assim cronologias e desenvolvimentos situacionais que não correspondem exatamente ao que aconteceu na exploração verídica. Desse modo, o autor emite com mais liberdade

opiniões ousadas que de outra forma poderiam pôr em risco sua persona real e estimular julgamentos aos quais quer se esquivar.

Há de se notar, no entanto, que na literatura de viagem a personalidade do autor está presente e é preponderante (GANNIER, 2016, p. 51).

> Il apparaît comme organisateur du récit, commentateur, garant de sa véracité. En effet, il doit assumer deux types de discours bien différents : évoquer une expérience individuelle et rendre compte d'un réalité objective extérieure. Il doit en outre maintenir ouvert le dialogue avec le lecteur, pour l'assurer qu'il s'acquitte bien de ces deux tâches. (GANNIER, 2016, p. 51).

Portanto, mesmo sob a vestimenta de um narrador-personagem, é difícil desassociar na leitura da narrativa a figura real do escritor, que viveu a experiência concreta da viagem e foi diversas vezes pego de surpresa com pensamentos e reações que de alguma forma foram exteriorizados pelo personagem por ele criado.

Não se pode, logo, esperar que a literatura de viagem, mesmo quando escrita de boa-fé, seja completamente inocente e apresente a neutralidade e transparência que idealmente o escritor busca.

Para Le Huenen (2015, p. 28-29), essa literatura é, acima de tudo, uma construção, fruto de um trabalho influenciado por valores culturais e ideológicos preexistentes, que determinam necessariamente qualquer apreensão da realidade.

1.2.5 O TEMPO

O tempo em *Planète Brasília* não é descrito claramente. Perpetua-se a impressão de que a viagem durou muito pouco, cerca de três a quatro dias. O ano é desconhecido, e o mês é outubro. Primavera brasileira.

Odile Gannier (2016, p. 43) evidencia que na literatura de viagem existem frequentemente dois tempos distintos, aquele da viagem e aquele da história. No caso do diário ou da carta, o tempo da história é semelhante ao da viagem, entretanto, é preciso acrescentar o tempo da recepção, do amadurecimento ou da espera da ocasião favorável.

Também não sabemos ao certo o tempo real em que J. Y. Loude permaneceu na cidade para explorá-la e redigir sua obra. Na entrevista concedida, temos apenas a impressão de que tudo foi muito rápido em virtude de demandas da editora.

O fator do tempo diminuto pode gerar controvérsia ao tentarmos associar o livro também ao gênero de estudos etnológicos, que normalmente exigem uma grande duração

para se configurarem como uma análise séria e aprofundada de uma determinada localização. Discutiremos isso mais a fundo na seção destinada à etnologia.

De qualquer forma, tendo como base as palavras de Odile Gannier (2016, p. 43), que afirma que o tratamento do tempo é variável e depende do tempo disponível para escritura, escolha dos assuntos, do destinatário e do grau de precisão que ele deseja satisfazer, já nos é possível induzir que J. Y. Loude não tencionou para este trabalho a elaboração de um estudo extensivo sobre Brasília.

A autora de *La Littérature de Voyage* também enfatiza (2016, p. 43) que o viajante logo se dá conta que está reduzido a uma temporalidade que não é a mesma do sedentário. Ao partir em viagem, ele pode renunciar a contar o tempo decorrido com a mesma agudeza que o costuma fazer e deve, com frequência, adotar a virtude da paciência.

O que sabemos ao certo é que J. Y. Loude, seja no papel real de viajante ou na figura de seu pseudônimo Lion, dá-se conta de que nas viagens agradáveis o tempo passa depressa, o que pode ser um fator de inquietude e frustação (Gannier, 2016, p. 43).

> Drôle d'endroit pour une dernière samba à Brasília. J'y suis allé hier pour tuer la nostalgie du dernier jour. Je n'aime pas les veilles de départ. Et Brasília me plaît. (LOUDE, 2008, p. 72).

1.2.6 A DESCRIÇÃO

A descrição é a força motriz que impulsiona a literatura de viagem, afinal, em um gênero que pretende revelar o desconhecido ao outro, é fundamental que suas manifestações, tanto exteriores quanto interiores, sejam transmitidas de forma copiosa.

É pela descrição que o conhecimento circula no texto. Longe de se limitar a uma simples função ornamental, [...] a descrição desempenha um papel de primeiro plano na viagem (LE HOUENEN, 2015, p. 95).

J. Y. Loude não poupa esforços ao descrever Brasília. O cerrado que a emoldura é pintado com fascínio, sendo capaz mesmo de influenciar a personalidade de seus habitantes.

> Les gens qui ont fait le choix de s'arrimer à cette aire centrale du Brésil évoquent l'influence du cerrado sur les êtres : sérieux et profondeur sont les qualités revendiquées du Brasiliense. (LOUDE, 2008, p. 16-17).

O narrador de *Planète Brasília* também tem como predileção ornamentar suas descrições com analogias que se aproximam de uma apreciação estética própria do lirismo. Desse modo, o trajeto do eixo monumental que à primeira vista nada tem de poético em decorrência da função trivial de servir de corredor de automóveis é comparado a uma nota musical repetitiva e melodiosa:

> J'aime remonter l'axe monumental de la gare routière à la place des trois Pouvoirs en longeant les ministères. **Leur alignement a quelque chose de musical, comme une note répétitive et mélodieuse sur la portée de l'avenue**. (LOUDE, 2008, p. 62, grifo nosso).

Essa tendência de apostar em uma linguagem poética se segue durante toda a narrativa, o que acreditamos que no leitor poderá gerar uma apreciação pela beleza das imagens produzidas e uma atração pela originalidade da elaboração de efeitos comparativos criativos, como é o caso do trecho abaixo:

> TT et moi entamons **la litanie des jus de fruits proposés comme une prière au génie de la nature brésilienne** : abacaxi, açaï, acerola, caju, cacau, goiaba, graviola, manga, maracuja, morango, siriguela, umbu, laranja, cupuaçu... (LOUDE, 2008, p. 107, grifo nosso).

A associação do consumo de sucos de frutas a uma ilustração religiosa, formado por termos como "litanie" e "prière", para demonstrar o apreço do narrador pelas frutas brasileiras, revela mais uma vez um tema persistente nesta obra de Loude: associar imagens do Brasil a motes místicos. Ele faz isso muitas vezes, como ao nomear como uma trindade as figuras de JK, Niemeyer e Lucio Costa ou ao utilizar trechos da bíblia em determinadas partes da narrativa. O escritor francês inclusive defende-se dizendo que o abuso que faz do misticismo se dá em razão da força que essa característica teve na própria formação de Brasília.

> Ils sont en fait trois indissociables compositeurs à avoir donné forme au rêve de Brasília : le président Juscelino Kubitschek, l'urbaniste Lucio Costa et Niemeyer l'artiste. **Une trinité. Ne m'accuse pas d'abus d'image sainte, Brasília a été conçue à grand renfort de sacré sur la terre (presque) immaculée du Plateau Central**. [...] **Il fallut bien plus des six jours bibliques** pour achever la création de cette oeuvre idéale mais vu l'ampleur de l'effort humain, les trois ans et sept mois de chantiers initiaux valent bien une semaine divine. (LOUDE, 2008, p. 5-6, grifo nosso).

Outro ponto curioso nas descrições oferecidas por J. Y. Loude pode ser verificado na grafia incorreta de nomenclaturas de frutas, objetos e, mesmo, de slogans políticos. O

leitor francófono interessado em pesquisar um pouco mais sobre as frutas 'exóticas' apresentadas no livro terá uma certa dificuldade em encontrar as espécies "jabu de cabo" e "piki"[8].

> Les marchands des quatre saisons (réduites à deux au Brésil) exposent sur le plateau de leurs carrioles à deux roues : cajou, tamarin, ***jabu de cabo***, ***piki***, des fruits de formes et couleurs inconnues pour moi et qui trahissent une origine amazonienne. (LOUDE, 2008, p. 23-24).

A mesma dificuldade de entendimento será verificada diante da grafia incorreta do importante movimento político Diretas Já, responsável pelo reestabelecimento de eleições presidenciais diretas em um Brasil que se libertava dos 21 anos de ditadura militar.

> - Um... dois... três... já... um, dois, **direitas** já já já já janelas abertas já já já jazidas pro jeca, já, já, já, jázigo pros juros... (LOUDE, 2008, p. 102, grifo nosso).

A impressão permanente é de que o autor grafou as palavras a partir da pronúncia escutada ao longo da viagem. Odile Gannier revela (2016, p. 78) ser comum que os viajantes incluam em suas narrações os termos apreendidos no local, tanto por seu gosto particular pela sonoridade, quanto pela incapacidade de nomeação por falta de equivalência na língua de redação.

A autora salienta (2016, p. 82) que este tipo de introdução de palavras estrangeiras com o mínimo de adaptação é chamado de xenismo ou peregrinismo e que, por vezes, devido à incompreensão do leitor, o emprego nominal que visava à instrução acaba por se tornar um "branco denotativo".

Ao longo da história da literatura de viagem, no entanto, essas inserções enriqueceram muitas línguas em virtude da posterior frequência de seus empregos:

> [...] ces néologismes en français ou dans les autres langues européennes sont donc issus directement des récits des voyageurs, qui ont ainsi enrichi

[8] O certo seria "jaboticaba" e "pequi".

> notablement les lexiques existants. Ils semblent s'imposer alors tout naturellement. (GANNIER, 2016, p. 83).

Nas descrições de viagem, os adjetivos de deslumbramento são presença constante para legitimar o espanto diante daquilo que se contempla e transmitir ao leitor o desejo de se regalar com o exposto. Odile Gannier (2016, p. 70) chega a afirmar que o termo "merveille" é um dos mais constantes em escritores do gênero, a fim de valorizar e distinguir o local visitado.

> Je ne peux pas vous décrire cette **merveille** de la nature. C'est le miracle du cerrado ! (LOUDE, 2008, p. 16).

Ainda no campo da descrição, as analogias são muitas vezes responsáveis por favorecer um lirismo à obra. Em *Planète Brasília*, vários são os exemplos de comparações com entoação poética que quebram a tecnicidade dos planos projetados por Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Assim, o autor vislumbra tanto no plano do urbanista um beija-flor gigante como no projeto do arquiteto dois trens que correm em paralelo em uma curva.

> Par pure poésie, je préfère vois dans les plans anciens de la ville la forme d'un colibri géant, tracé à la manière des mystérieuses figures d'oiseaux que la civilisation disparue des Nazcas laissa gravées dans le sol de la pampa aride au sud du Pérou. Les premières esquisses que Costa eut l'audace de présenter face aux maquettes de la concurrence avaient cette légèreté volatile. Brasília : la ville du Colibri sacré. Je te livre mon mythe personnel. (LOUDE, 2008, p. 26).

> C'est par ce petit nom, *minhocão*, que Brasília désigne sa grande université publique. Encore une œuvre d'Oscar Niemeyer et pas la moins originale ! Vue du ciel, on dirait deux trains de sept cent vingt mètres qui font la course en parallèle dans une courbe. (LOUDE, 2008, p. 101).

Por fim, na descrição das cidades nos é possível observar aquilo que no campo se passa desapercebido: as "marcas da civilização". Odile Gannier (2016, p. 114) ressalta que a cidade é o ponto de encontro e difusão dessas marcas em um momento determinado. Sua arquitetura permite conhecer uma espessura histórica da vida artística e política de um país.

Tendo isto em vista, Brasília, cidade já marcada na história de um país, mas ainda pouco explorada apesar de sua predisposição a estudos heterogêneos, serviu de material rico para as explorações e análises de J. Y. Loude.

1.2.7 O OBJETIVO

O leitor da literatura de viagem quer se instruir, se edificar, mas também se divertir e sonhar. Trata-se de um público exigente (GANNIER, 2016, p. 45).

No campo da transmissão de conhecimento, já discutido anteriormente neste trabalho, é inegável que o viajante é detentor de um saber pelo simples motivo de estar em uma terra estrangeira e por vezes desconhecida do leitor.

J. Y. Loude traz ao seu leitor francófono o saber sobre a história da formação de Brasília, apresenta uma nova possibilidade de interpretação dos acontecimentos por meio de uma armação complexa de símbolos inspirada no artigo de Laurent Vidal[9], destrói de imediato clichês simplistas e eurocêntricos sobre o Brasil e relê o país através de seus olhos franceses.

No caso da análise formulada por Laurent Vidal e apresentada por J. Y. Loude na obra, o leitor entra em contato com um estudo que intenta demonstrar como Juscelino Kubitschek se utilizou de várias imagens míticas para fundamentar a magnitude da nova capital:

> Petit à petit, par touches successives, Juscelino Kubitschek enveloppe la construction de la nouvelle capitale dans un cocon mythologique qui la rend imperméable à toute attaque et qui en fait le point de convergence de tous les espoirs brésiliens et de toutes les aspirations nationales.
> [...] Kubitschek utilise toutes les potentialités de la construction d'une ville-nouvelle. Tel un fondateur de ville antique, il reproduit scrupuleusement les principaux rites de fondation afin de conférer à la ville et au site, une dimension mythico-religieuse. Il décontextualise la construction de Brasilia. Chaque argument scientifique ou technique, chaque étape nouvelle dans la construction de la nouvelle capitale sont réinterprétés en termes mythiques. (VIDAL, 2001, p. 49-50).

Este estudo de Laurent Vidal foi relatado em *Planète Brasília*, dando à J. Y. Loude a possibilidade de costurar sua narrativa, que muitas vezes exterioriza esse caráter mítico da capital, e demonstrar como essas justificativas alegóricas estimuladas por JK instituíram um imaginário brasiliense que persiste até hoje.

Outro ponto interessante que condiz com o tema de transmissão de conhecimento é verificado na seção sobre a decisão do dia da inauguração de Brasília narrada pelo autor.

---

[9] VIDAL, Laurent. La Fondation de Brasilia ou la Refondation du Brésil (1956-1960). *In* : LAPLANTINE, François, MARTIN, Jean-Baptiste, PORDEUS, Ismael (dir.) : **Usages Sociaux de la Mémoire et de l'Imaginaire au Brésil et en France**. Lyon : Presses Universitaires de Lyon. 2001. p. 49-72.

Nela duas máximas do gênero que visa à elucidação de fatos na obra são atendidas: 1. ao mesmo tempo que informa, entretém; 2. aguça a curiosidade, mas faz ecoar a voz da dúvida no leitor mais ressabiado em relação à veracidade e exatidão das informações apresentadas.

> Pourquoi le 21 avril 1960 ? La réponse est bizarre : parce que le 21 avril est la veille du jour où Cabral et ses marins apercevront la terre de Vera Cruz. Alors pourquoi pas le 22, jour de certitude ? Non, Kubitschek tient au 21. On dira donc que le 21 figure le jour où Cabral et son équipage perçurent les premiers signes d'un rivage proche. Jour d'espérance. C'est le 21 avril que le Brésil honore la mémoire de l'indépendance, le 21 avril 1792. Inaugurée un tel jour, Brasília serait associée à la lutte pour l'indépendance et à la liberté. Et puis, raison ultime et épique : c'est le 21 avril 753 avant JC que Rome fut fondée. On ne peut pas être plus clair : c'est l'éternité que visait Jota K. pour sa ville. (LOUDE, 2008, p. 54-55).

Nota-se também a preocupação com a linguagem na literatura de viagem. Para se tornar informativa ou didática, o tom raramente é neutro (GANNIER, 2006, p. 47). É preciso buscar um diálogo constante com o leitor e trazê-lo o mais perto possível das paisagens contempladas, preocupando-se sempre em gerar emoções que reforcem a comunhão escritor-leitor.

A arte da sedução também é constante e o autor busca suscitar os desejos, excitando os sentidos. Em *Planète Brasília*, são muitos os trechos em que J. Y. Loude trata da riqueza de sabores das carnes, frutas, comidas de rua, da beleza dos monumentos e da propriedade meditativa da natureza à volta.

> Dans ce cas, d'un délicat coup de sabre, ils coupent et font glisser dans l'assiette de la bosse de zébu, du filet mignon, du baby beef, du cochon de lait... Chaque bouchée est une **merveille de tendresse et de goût**. (LOUDE, 2008, p. 69).

Na obra, Leuk representa a coletividade dos leitores e Lion estabelece constantemente com ela um diálogo íntimo e carinhoso. De certa maneira, a destinatária da carta participa de todos os passos do narrador tendo em vista que sua menção e direcionamento são uma constante da narração.

> Je **te** donne la position précise de cet îlot du salut ; car je finis par me sentir comme un pêcheur perdu en cette mer d'absolu, alors que les Brasilienses, eux, cabotent sans problème de rivages prosélytes en phares de lumineuse promesse... (LOUDE, 2008, p. 116, grifo nosso).
>
> Une pluie de bonnes nouvelles de Brasília et de moi. Je t'embrasse, petite **Leuk**, linda flor do meu cerrado. (LOUDE, 2008, p. 122, grifo nosso).

Outro aspecto importante é o estabelecimento da autenticidade. A busca pelo real pode ser concretizada mediante a personalidade do autor e a qualidade dos testemunhos. A personalidade do autor, inclusive, funciona como organizadora da narração, promovendo através de seus comentários a veracidade (GANNIER, 2016, p. 51, 53).

Os testemunhos, outro vetor de autenticidade, são os recursos utilizados pelo autor, que por si próprio não é capaz de tudo apreender pela simples observação, para informar a partir da palavra do outro a realidade da localidade explorada. Esta solução, porém, traz consigo a gravidade do relato falso ou baseado em dados dúbios, muitas vezes próprios da experiência particular e carente de análise.

É imprescindível para a imparcialidade desta análise mencionar que em *Planète Brasília* muitas das opiniões e teorias sobre a capital do Brasil são proferidas por personagens-testemunhos, que sob o papel de cidadãos brasilienses explicam as questões da cidade, sejam elas controversas ou não, ao narrador-viajante.

Na entrevista aqui publicada, Jean Yves Loude defende o método de dar voz aos personagens-testemunhos sustentando que eles foram interpelados em encontros reais e que, ignorante que é sobre a complexidade de Brasília, foi-lhe necessário ouvir esses indivíduos para formar suas próprias opiniões, sempre consciente, no entanto, que cada qual portava tendências que diferiam das de outros.

Odile Gannier (2016, p. 58) neutraliza a questão da procura implacável pela veracidade, afirmando que não podemos negar que o interesse do relato individual é por si só interessante em virtude do seu ponto de vista particular e original. E a autora enfatiza que "l'intérêt d'une relation de voyage est de proposer la voix d'un homme [ou d'une femme] dans le tumulte du monde [...]".

Entretanto, talvez mais do que a promoção da veracidade, J. Y. Loude preocupou-se com a originalidade; inquietação esta muito frequente nos escritores-viajantes. Também na entrevista, ele relata o quão original era escrever sobre Brasília, cidade pouco

afamada nas discussões europeias, que mais se preocupavam com Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Brasília, para J. Y. Loude, ultrapassava o entendimento europeu do Brasil e se revelava algo de natureza totalmente distinta.

Por fim, o grande objetivo da literatura de viagem é para Odile Gannier (2016, p. 49) de se distanciar da forma de guias turísticos e marcar seu discurso com base na afetividade, a fim de dar ao leitor a impressão de que o autor lhe conta pessoalmente as aventuras. O leitor, assim, se tornaria o próprio viajante, ou, como melhor diz Gannier, um "viajante por procuração".

1.3 ETNOLOGIA

J. Y. Loude se define como um investigador de temas relacionados a culturas desprivilegiadas, o que o particulariza em algumas de suas obras como um verdadeiro etnólogo. Tendo assim em mente esta especialidade do autor e a possível relação de *Planète Brasília* com os estudos etnológicos, discutiremos a seguir este campo do saber.

A etnologia, aliás, é o grande campo de formação do autor, que passa a se interessar por ela após sua vivência no Paquistão e as posteriores viagens investigativas pela África lusófona, Portugal e Brasil. Em 1990, o título de etnólogo lhe é concedido com a conclusão e defesa de sua tese de doutorado na Universidade Paris X-Nanterre.

Mas, afinal, do que trata a etnologia?

Jacques Lombard, professor de antropologia e ex-presidente da Université de Lille-I, afirma em seu livro *Introduction à l'Ethnologie* (1998, p. 8) que a definição de etnologia varia de acordo com o país, as escolas de pensamento e, até mesmo, das especialidades.

Já Sylvaine Camelin e Sophie Houdart no livro *l'Ethonologie* sintetizam que a ambição da etnologia é tanto conhecer, compreender e fazer conhecer as sociedades humanas quanto analisar sua diversidade. Trata-se da "**science de l'autre** – des autres" (2010, p. 3-4).

De qualquer forma, ainda é difícil delimitar a etnologia conforme um entendimento específico. Outrora, ela foi associada ao estudo de sociedades sem escrita ou maquinário, para não dizer "primitivas" (LOMBARD, 1998, p. 8). Essa caracterização, contudo, já foi superada, principalmente em decorrência da depreciação do termo "primitivo". Na atualidade, a etnologia se aproxima mais do estudo de

civilizações e culturas estrangeiras, posicionando-se como uma análise final de um processo que envolve antes a etnografia e a antropologia.

O "selvagem" que povoava as mentes eurocêntricas já não existe mais e seus filhos, hoje muitas vezes descendentes de uma sociedade miscigenada, é o que há de mais interessante ao etnólogo. Assim,

> Dans ces nouvelles conditions, l'ethnologie se réaffirme comme science qui capture les dynamiques à l'oeuvre dans les changements sociaux. De l'étude des "sociétés sans histoire", elle devient l'étude des sociétés en mouvement [...] (CAMELIN e HOUDART, 2010, p. 43).

Martine Segalen, autora de *Ethnologie : Concepts et Aires Culturelles*, destaca bem essa evolução dos estudos etnológicos, dizendo que

> [...] l'ethnologie peut aider à comprendre les mutations d'un monde qui se globalise et les changements culturels et sociaux qui touchent toutes les sociètes, et en tout premier chef, **celles dont l'ethnologie avait fait son miel**. (SEGALEN, 2004, p. 9, grifo nosso).

Este conceito definido por Segalen de que a etnologia hoje está voltada aos resultados das sociedades que antes eram o foco dos estudos (isto é, aquelas de que a etnologia fez seu mel) pode ser exemplificado por meio da comparação entre os primeiros relatos europeus do povo brasileiro e os relatos mais atuais. Logo, o Brasil contemplado por Lévi-Strauss, ou mesmo por J. Y. Loude, pouca relação tem com aquele de Jean de Léry. A verdade é que este mundo a partir do qual a etnologia fundou seus conceitos e se constituiu como domínio científico já não existe mais (SEGALEN, 2004, p. 7).

Para Jacques Lombard, a etnologia atual é mais uma disciplina do que um processo, e se interessa por grupos ou sociedades de pequenas dimensões, utilizando métodos e técnicas fundados preferencialmente sobre a oralidade, a observação e a entrevista, do que sobre estatísticas ou enquetes aprofundadas (1998, p. 9). No entanto, também é preciso acrescentar a ideia de **etnologia urbana**, apresentada por Sylvaine Camelin e Sophie Houdart, para a qual o objeto ideal dos estudos etnológicos hoje em dia é a cidade dada sua estrutura complexa que pode articular uma variedade de processos importantes de uma época (2010, p. 50).

Assim sendo, *Planète Brasília* também pode ser considerada uma obra com linhas etnológicas na medida em que promove a análise de uma sociedade menor (a cidade de Brasília e os brasilienses) dentro de um país continental, mas, que sobretudo, mantém

atributos específicos por força de sua recente formação e sua localização ainda longínqua dentro da configuração do território brasileiro.

Sendo J. Y. Loude um escritor de origem francesa, formado culturalmente em seu país de origem, sua posição de etnólogo se destaca no momento em que analisa e investiga "um grupo ou uma sociedade cuja cultura, mentalidade e práticas são diferentes das suas" (LOMBARD, 1998, p. 14). Segundo Lombard, a etnologia, portanto, implica a compreensão de uma cultura estrangeira, daí a necessidade de penetrar no grupo e compreender seus comportamentos, instituições, valores, aos quais deve ser dado um sentido (1998, p. 14). Assim, não é preciso que J. Y. Loude acesse as recônditas montanhas do Himalaia para que exerça a etnologia; em Brasília mesmo, dentro de uma comunidade com práticas díspares às suas, o estudo etnológico já consegue render frutos.

Vários são os exemplos no livro em que essas distinções culturais são evidenciadas. Destacamos aqui um trecho anedótico em que o autor se surpreende com o ponto excessivamente cozido das carnes brasileiras:

> Là, des serveurs toqués et masqués règlent votre faim à coups de couteaux en tranchant dans les assortiments de viandes (toujours trop cuites pour un amateur de saignant mais, parait-il, c'est à cause d'une peur des larves héritée des temps anciens). (LOUDE, 2008, p. 67-68).

Por meio dessa comparação com o outro e subsequente conhecimento adquirido, o etnólogo consegue adotar um olhar mais crítico sobre sua própria sociedade ou passa mesmo a melhor compreender o passado de sua própria cultura (LOMBARD, 1998, p. 21). Gérard Lenclud, antropólogo e diretor de pesquisa no CNRS[10], discute esse tema através do conceito de "distanciamento do olhar" – em que o etnólogo pratica o estudo de grupos humanos situados fora de seu próprio universo de civilização, de mundos sociais aos quais ele não pertence e de configurações culturais cujos valores lhe são estrangeiros:

> L'essentiel de la méthode ethnologique, en donnant au connaissance, résiderait dans **l'éloignement du regard**. Cette distance entre l'ethnologue et son objet lui permettrait d'atteindre ce que M. Mauss appelait les « faits de fonctionnement général » et C. Lévis-Strauss les « propriétes générales » qui rendent intelligible l'état de société où qu'il soit trouvé. (1995, p. 9, grifo nosso).

J. Y. Loude, portanto, não regressa à França acompanhado das mesmas ideias do momento de partida. As reflexões por ele realizadas diante da complexidade de uma nova

[10] Centre National de la Recherche Scientifique, Laboratoire d'Antropologie Sociale, Paris.

capital política provavelmente transformaram, mesmo que de maneira mínima, sua percepção da organização administrativa e social de seu próprio país.

> Je m'apprête à quitter Brasília et je ne sais toujours pas ce qui est le plus beau pour moi : la ville ou son histoire, les monuments érigés ou l'épopée de leur construction. Je reste étonné. (LOUDE, 2008, p. 5).

Um retorno sem tais transformações e expansão de espírito configura, segundo Bronislaw Malinowski[11], uma viagem inútil e um trabalho fracassado:

> Si un homme s'embarque pour une expédition, décidé à prouver certaines hypothèses, et qu'il se montre incapable de modifier sans cesse ses vues ou de les quitter de bonne grâce sous l'effet des témoignages, inutile de dire que son travail sera sans aucune valeur. [...] Les opinions préfabriquées sont néfastes à toute oeuvre scientifique. (MALINOWSKI, 1963, p. 62).

De fato, como afirma Gérard Lenclud,

> En étudiant les autres, l'ethnologue serait comme d'emblée vacciné contre les illusions du savoir imédiat et de la transparence du social. Il est, en effet, contraint de rechercher la signification de ce qu'il observe au-delà des apparences que ne lui apprennent rien, au de-là des enseignements de son propre sens commun culturel, continuellement dérouté. (1995, p. 9).

Outro ponto pelo qual a etnologia se interessa é a aquisição de línguas pelo etnólogo. É verdade que um trabalho realmente sério exige que o estudioso tenha uma ampla compreensão da comunidade que investiga, sendo assim necessário um diálogo constante entre o observador e os observados. Logo faz parte também da investigação etnológica uma compreensão quase perfeita da língua do local de estudo, uma vez que se trata de acessar o nível das mentalidades e das crenças e não mais das organizações (LOMBARD, 1998, p. 89).

J. Y. Loude em seu primeiro empreendimento etnológico no Paquistão, onde viveu entre idas e vindas por muitos anos com o povo Kalash, se consagrou à aprendizagem da língua nativa para melhor compreender o funcionamento dessa sociedade montanhesa. Não foi diferente quando o autor decidiu seguir a trajetória lusófona, começando pela África e se lançando posteriormente rumo a Portugal e ao Brasil. A aprendizagem do português foi essencial.

[11] Antropólogo polaco e um dos fundadores da antropologia social.

> C’est pourquoi on parle ici le brésilien le plus joli. J’entends bien, mais mon oreille habituée aux tonalités de Lisbonne peine quand même à se régler sur son accent persistant du Nordeste. (LOUDE, 2008, p. 14).

Eis assim a resposta a uma possível indagação do leitor de *Planète Brasilia* sobre como foi possível a comunicação com os personagens encontrados ao longo da viagem.

A etnologia, portanto, e o resultante conhecimento de sociedades diferentes são o melhor remédio contra o etnocentrismo, modificando o olhar que portamos sobre nós mesmos. No entanto, para um melhor entendimento da etnologia é preciso fazer uma diferenciação precisa entre etnografia e antropologia.

Segundo Jacques Lombard (1998, p. 9), a etnografia é a parte descritiva da etnologia, isto é, apresentada frequentemente sob a forma monográfica de um grupo social ou uma instituição relacionada a vários grupos (técnicos, casamento, culto religioso, etc.). O professor se utiliza da análise de Lévi-Strauss sobre o tema, dizendo que o antropólogo francês considera a etnografia como o primeiro estado do trabalho, isto é, aquele de coleta de dados, que exige geralmente uma pesquisa sobre o terreno a partir de uma observação direta, o que os anglo-saxões chamam de *fieldwork*. “Dans tous les cas, l’ethnologie comprend l’ethnographie comme sa démarche préliminaire et elle en constitue le prolongement.” (STRAUSS, 2003, p. 412-413)

Em outras palavras e resgatando o pensamento de Lévi-Strauss, a etnografia constitui a primeira etapa da pesquisa e a parte pragmática do trabalho, organizando a sociedade a partir dos critérios estabelecidos pelo indivíduo que a estuda. Já a etnologia seria o desenvolvimento de uma análise mais reflexiva e formal obtida a partir dos dados recolhidos no trabalho etnográfico. Vale ressaltar, todavia, que as definições aqui atribuídas à etnologia e etnografia se baseiam na corrente francesa, principalmente aquela fundada por Lévi-Strauss, tendo em vista que outros países, nomeadamente a Inglaterra e os Estados Unidos, entendem de outra forma a definição destes termos, elaborando seus próprios vocábulos que definem melhor suas interpretações.

No que se refere à antropologia, seguindo ainda a análise de Lévi-Strauss (2003, p. 413), ela seria a compreensão do conhecimento global do homem, em toda sua extensão histórica e geográfica, visando a um conhecimento aplicável a todo o desenvolvimento humano, desde os hominídeos até as raças modernas. O objetivo final deste estudo seria, portanto, obter conclusões, sejam elas positivas ou não, mas, de qualquer forma, válidas para todas as sociedades humanas, desde aquela pertencente a uma grande cidade àquela proveniente de uma pequena tribo.

O antropólogo norte americano Alfred Louis Kroeber condensa de forma pertinente o objetivo da antropologia, dizendo que

> [...] o tema da antropologia se limita ao homem. [...] Ela [a antropologia] não se restringe a regiões, seu alcance é mundial. [...] Preocupa-se com o físico dos homens, suas sociedades, comunicações e produtos – as línguas e culturas – dessas sociedades. Interessa-se por línguas e falas específicas, a fim de avaliar o alcance e a variedade da fala humana e da civilização. (1953, p. XIII-XIV, tradução nossa)[12].

Por fim, a etnologia, segundo Lévi-Strauss, representaria um primeiro passo rumo à síntese, que pode ser tanto geográfica, caso se queira integrar conhecimentos a respeito de grupos vizinhos; histórica, caso a meta seja reconstituir o passado de uma ou várias populações; ou sistemática, quando se pretende isolar um determinado tipo de técnica, costume ou iniciação. (2003, p. 412)

O autor de *Tristes Tropiques* sintetiza bem as distinções entre esses três termos (etnografia, etnologia e antropologia), ao destacar, como já mencionado acima, que as etapas de cada qual é o que determina sua significação:

> Ethnographie, ethnologie et anthropologie ne constituent pas trois disciplines différentes, ou trois conceptions différentes des mêmes études. Ce sont, en fait, trois étapes ou trois moments d'une même recherche, et la préférence pour tel ou tel de ces termes exprime seulement une attention predominante tournée vers un type de recherche, qui ne saurait jamais être exclusif des deux autres. (2003, p. 413).

1.4 *PLANÈTE BRASÍLIA*: LIVRO DE VIAGEM OU ETNÓLOGICO?

Considerando o que foi exposto sobre estes dois temas, isto é, literatura de viagem e etnologia, além das características intrínsecas da obra, parece simples concluir que *Planète Brasília* se situa mais no campo da literatura de viagem do que propriamente naquele da etnologia.

O tempo de estadia do autor é diminuto para a realização de uma análise genuína e integralmente etnológica, além de lhe faltarem dados e investigações mais aprofundadas sobre as questões próprias deste campo de estudo. Todavia, vale ressaltar que tendo em

[12] [...] subjects of anthropology is limited only by man. [...] It is not restricted by region but is world-wide in scope. [...] It concerns itself with men's physiques, with their societies, with the communications and products – the languages and cultures – of these societies. It wants to know about particular languages and particular cultures in order to apraise the range and variety of human speech and civilization.

vista que aspectos políticos, econômicos e culturais são destacados no livro, é possível perceber a presença de traços etnológicos ao longo da narração.

O fato, entretanto, é que J. Y. Loude se serviu neste livro mais da pluma de escritor literário do que do estudo etnológico propriamente dito. Ao empregar a ficção e adotar o gênero carta como base para sua redação, ele seguiu o exemplo de seus viajantes conterrâneos que há séculos têm se fascinado com as singularidades do Brasil. No entanto, junto aos livros de viagem, acompanharam-no também as obras de etnologia que aguçaram seu olhar a temáticas típicas deste gênero.

Assim, mesmo carente de exatidão temporal, mas preciso quanto ao espaço, *Planète Brasília* consegue trazer à tona problemáticas próprias dos estudos etnológicos, como a irrefutável desigualdade social brasileira e o emprego do discurso religioso e simbológico para se explicar decisões escusas.

Planète Brasília é, portanto, a nosso entender uma narrativa de viagem redigida por um escritor de formação etnológica que, vista disso, não se isentou de praticar em Brasília sua vocação investigativa literária para não apenas conhecer uma sociedade que idealizara desde sua fundação nos anos 60, mas sobretudo para melhor compreender o Brasil em sua organização.

CAPÍTULO II

2.1 A QUESTÃO DOS CANDANGOS

> Mais je me promets sur le champ que je n'admirerai aucun monument de cette ville sans rendre hommage aux aventuriers sans nom qui l'ont dressée. Brasília doit son âme aux *candangos*. (LOUDE, 2008, p. 33).

> J'avais mis à part un mot à définir car sa traduction n'apparaissait pas dans les dictionnaires indiquant par là son importance dans la construction de l'originalité de Brasília : CANDANGO, un terme de sueur et de gloire qui collait à la chemise des bâtisseurs anonymes de la ville. (LOUDE, 2008, p. 11-12).

Conforme evidencia J. Y. Loude são três as principais cabeças pensantes da construção de Brasília: o presidente Juscelino Kubitschek, o urbanista Lucio Costa e o arquiteto Oscar Niemeyer – sua "trindade" segundo as palavras anedóticas do autor.

Não quisemos igualmente para este capítulo que tratará da questão candanga nos olvidar do concurso definido pelo governo para eleição do Plano Piloto que melhor correspondesse à construção de uma capital arquetípica.

O objetivo deste capítulo, portanto, é tratar de um tema que nos pareceu fundamentar a obra de J. Y. Loude: a falta de interesse por parte dos grandes espíritos de Brasília a respeito do porvir dos operários que deixaram suas regiões, muitas vezes miseráveis, insuflados pelo sonho de na capital encontrar não somente trabalho, mas sobretudo a perspectiva de uma vida melhor e mais justa.

Certa feita, já desfeito do impacto inicial proveniente da excitação da descoberta de um lugar instigante, J. Y. Loude se dá conta que a sumptuosidade dos monumentos e do urbanismo da cidade exigiu uma mão-de-obra pouco aprendida nos guias turísticos e percebida tão somente nos relatos, às vezes sombrios, dos filhos daqueles que dedicaram suas vidas, pondo-as de quando em quando em risco, para a concretização da aspiração oriunda do pensamento abstrato ou do papel inerte dos idealizadores de Brasília.

Aqui, portanto, trataremos de abordar como foi pensada (ou não) a questão da instalação dos candangos na capital recém-construída por parte dos pensadores já acima mencionados (isto é, JK, Lucio Costa, Niemeyer e os autores dos projetos vencedores do Plano Piloto).

2.1.1 JUSCELINO KUBITSCHEK

Em seu livro *Por que construí Brasília* (OLIVEIRA, 2000), Juscelino Kubitschek exterioriza suas memórias de maneira clara, permitindo-nos, entre outras coisas, compreender a relação do então presidente com os operários da capital.

Na obra, lemos um JK verborrágico, orgulhoso de seus feitos e acometido muitas vezes de emoções hiperbólicas e que chegam a constranger o leitor atual. A visão utópica do presidente, aliada a uma base mítica e mística para justificativa de Brasília, permeia toda a obra.

Um trecho que vale a menção para confirmar o caráter místico e entusiástico de um sentimentalismo copioso trata justamente da interpretação de JK da famosa visão de Dom Bosco, empregada em demasia para a justificativa da implantação da nova capital:

> Quando li essas palavras nas suas *Memórias Biográficas*, não deixei de me emocionar. Meditei sobre a Grande Civilização que iria surgir entre os paralelos 15º e 20º - justamente a área em que estava construindo, naquele momento Brasília. O lago, da visão do santo, já figurava no Plano Piloto do urbanista Lucio Costa. E a Terra Prometida, anunciada repetidamente pela misteriosa voz, ainda existia de fato, mas já se configurava através de um anseio coletivo, que passara a constituir uma aspiração nacional. Ali, "correria leite e mel". (OLIVEIRA, 2000, p. 18).

Aliás, essa tendência a recorrer a fundamentos místicos, metafóricos e megalômano é uma máxima utilizada por alguns dos promotores de Brasília, principalmente JK, para uma defesa melindrosa da edificação da cidade.

JK empenha-se em revelar com a construção da nova capital sua preocupação em proporcionar aos "filhos da nação" um país cujo futuro seria mais justo e igualitário.

Suas menções durante o livro a respeito dos candangos quase sempre são muito elogiosas, classificando-os como um povo forte, resiliente e com alta capacidade de aprendizado, mesmo tendo eles pouco ou nenhum conhecimento em construção civil.

Logo no décimo primeiro parágrafo do livro, onde o presidente tece seus agradecimentos aos envolvidos, encontramos a primeira menção aos candangos:

> Há ainda uma explicação para este livro: é que ele constitui também um pretexto para agradecer. Agradecer a Oscar Niemeyer, a Lucio Costa e a Israel Pinheiro, intérpretes imediatos de uma aspiração nacional que eu lhes transmiti. Aos membros das duas Casas do Congresso que me proporcionaram os instrumentos legais que eu necessitava para materializar Brasília. **Aos candangos que amassaram com o suor de seu rosto o cimento e a areia dos edifícios**. Ao entusiasmo do povo, que nunca me faltou com o seu aplauso [...]. (OLIVEIRA, 2000, p. 2, grifo nosso).

Em seguida, em um arrojo próximo do egocentrismo, JK cita o monumento situado em frente ao Palácio do Planalto, o famoso Museu da Cidade, onde se lê a gratidão dos candangos pela figura do presidente que, inegavelmente, sempre depositaram nele o sentimento de pertencimento a um empreendimento gerador de orgulho e satisfação:

> A Juscelino Kubistchek de Oliveira, que desbravou o sertão e ergueu Brasília, com ajuda e energia e confiança, a homenagem dos pioneiros que o ajudaram na realização da grande aventura. (OLIVEIRA, 2000, p. 14).

A palavra "candango", conforme Márcio de Oliveira, autor de *Brasília: O Mito na Trajetória da Nação*, se originaria da África, sendo empregada para se referir aos portugueses que ali aportavam:

> No Brasil de Brasília, guardou-se este sentido original dos que chegam, embora lhe tenha sido acrescentado um ligeiro traço pejorativo. Aos poucos, porém, o sentido foi se transformando e todos os operários que construíram Brasília passaram a ser assim chamados. Com o passar do tempo, eles próprios se orgulharam do apelido e passaram a gostar de ser chamados de candangos. Contudo, hoje, resgatando o velho e pejorativo sentido, candango são os trabalhadores da construção civil, os peões de obra, enfim, os mais humildes habitantes da cidade. (OLIVEIRA, 2005, p. 145).

Em seu livro JK também se importa em explicar a etimologia do termo na tentativa de não apenas trazer um certo protagonismo aos operários, mas igualmente de prestar consideração e respeito a eles. Aliás, apesar das críticas que aqui serão feitas a um desamparo futuro por parte do presidente, não se pode negar a admiração por ele sempre dispensada a esses indivíduos, que, no entanto, se mostrará na história por vezes problemática.

> Essa expressão havia sido aplicada, a princípio, ao grupo inicial de trabalhadores que, indiferentes a qualquer preocupação de conforto e bem-estar, foram contratados pela Novacap. A designação tinha um sentido pejorativo, significando um homem sem qualidade, analfabeto, enfim, um pária da sociedade. O vocábulo havia vindo da África, por ser com ele que os nativos daquele continente indicavam os portugueses. Tratava-se de uma corruptela de *candando*, palavra quimbundo, língua banto de Angola. Em Brasília, já que esses migrantes procediam, em sua maioria do Norte e do Nordeste, passaram a ter, pouco depois, uma designação que correspondia a pau-de-arara. Por fim, a palavra perdeu seu sentido ofensivo e se transformou em significado de bandeirante moderno, dotado de espírito de luta, tenaz, resistente, enfim, do homem pioneiro de Brasília. (OLIVEIRA, 2000, p. 212).

Juscelino, contudo, estava a par da situação deplorável dos candangos, que chegavam ao canteiro de obras em situação de desamparo total. O presidente se mostra de início solidário à mazela humana estampada nos corpos desses indivíduos, fornecendo amparo àqueles que seriam fundamentais para a concretização do seu sonho de cidade. Há mesmo nas palavras do presidente a interpretação de que o empreendimento Brasília se mostrava como a salvação para estes brasileiros que antes sofriam a ameaça da morte iminente dada a situação que se encontravam em suas regiões de origem.

> Operários chegavam de todas as regiões do país em busca de trabalho. Eram os candangos, que derivavam do Nordeste, do interior de Goiás e dos municípios das fronteiras de Minas e Mato Grosso, a fim de "dar uma mão" na obra de desbravamento do Planalto. Surgiam sem bagagem, apenas com roupa do corpo. Acertavam as condições com os mestres-de-obra e, depois de alojados num barracão de madeira, faziam sua aparição nas frentes de trabalho. [...] O candango, que antes corria o risco de morrer de fome ou ser dizimado por enfermidades nas zonas de onde havia vindo, já tinha assistência médica e frequentava sua cantina. (OLIVEIRA, 2000, p. 90).

A controvérsia é despertada no tratamento persuasivo e sedutor do presidente para com os operários, incutindo neles um sentimento de indispensabilidade que, como demonstrou a história, gerou resultados nefastos: exploração do trabalho, obrigando-os a trabalhar horas a fio; acidentes mil e mortes incalculáveis devido sua anonimidade; assassinatos acobertados (a exemplo do Massacre da Pacheco Pontes), etc.

> Conversava com os operários, lembrando-lhes a necessidade de que a cidade ficasse pronta no prazo prefixado. A advertência era positiva, mas cordial, e quase sempre levava a efeito através deste diálogo: "Como é, meu velho, vai me dar esta obra na data marcada?" Um largo sorriso iluminava o rosto do operário. E a resposta vinha pronta, como se já estivesse desde muito na ponta da língua: "É claro, presidente. Pra que a gente 'tá dando esse duro'?" Batia-lhe nas costas e fazia o teste, que era uma **doutrinação de extraordinária eficiência**: "Então dá nova olhadela na tabuleta." O candango olhava desconfiado e eu contemplava o seu olhar, para verificar se se dirigia, de fato, para aquele tosco quadrado de madeira. Em seguida, encerrava o teste, pedindo-lhe que repetisse a data, para ver se ela estava decorada.
> E vinha a resposta: "15 de setembro de 1957!" Sorria, batendo-lhe de novo nas costas: "Isso, meu velho. Nesse dia, virei aqui para lhe dar um abraço". (OLIVEIRA, 2000, p. 93, grifo nosso).

O termo doutrinação empregado por Juscelino Kubitschek nos parece bastante transparente de sua ânsia de terminar Brasília no prazo estipulado, por motivos políticos e pessoais, assim como de sua omissão às consequências que isso poderia causar.

A confraternidade do presidente, porém, alcançou os efeitos desejados, formando operários dedicados à causa e orgulhosos de servir a pátria e de ser reconhecidos por uma

figura de tão alta hierarquia que, a despeito de sua posição, lhes dedicava a maior consideração.

James Holston, em *A Cidade Modernista*, traz uma observação interessante ao mencionar (1993, p. 212) que embora grande parte dos operários na época de sua pesquisa nutrisse uma grande amargura em relação ao seu afastamento da cidade, nenhum deles, sem exceção, jamais execravam o presidente JK ou a Novacap. E Edson Béu, autor de *Os Filhos dos Candangos* acrescenta (2013, p. 42) que:

> até hoje os candangos referem-se a JK como uma figura emblemática, dono de profundo carisma, de cunho quase mitológico. Segundo depoimento de alguns deles, sem tais atributos o presidente dificilmente conseguiria executar seu projeto no prazo estabelecido. (2013, p. 42).

Sem embargo, a exploração que o governo JK cometeu a título de apressar a obra exaltando assim as qualidades dos operários nos é revelada por Nair Heloisa Bicalho de Sousa, autora do capítulo 3 do livro *Brasília: Diferentes Olhares sobre a Cidade*:

> Depoimentos de operários registram jornadas de trabalho de 14 a 18 horas diárias, num ritmo incansável de turmas que se revezavam de dia e de noite. Havia também a prática de "viradas"[13] e "serão"[14] que se somavam aos domingos e feriados, ocasião em que os trabalhadores faziam horas extras. (2018, p. 87).

Já Marcio de Oliveira acrescenta (2005, p. 250) que apesar da ilegalidade desse sistema de viradas, nada era devidamente regulamentado, tendo em conta que até a justiça de Goiás estava impedida de atuar na região. Segundo Oliveira, "[...] para o governo JK sem dúvida, as questões de segurança ou de legislação trabalhista poderiam implicar em acréscimo no tempo de realização das obras e o mito [construção da capital] não podia esperar." (2005, p. 251).

Na construção do Congresso Nacional, conhecido como o 28 pelos operários em virtude do seu número de andares, podemos verificar em várias publicações que a quantidade de acidentes fatais era descomunal. A este respeito, Gustavo Lins Ribeiro, em *O Capital da Esperança*, informa que ao caírem deste prédio, os trabalhadores "eram

[13] Viradas: trabalho durante o dia à que alcançava um total de jornada de 24 horas durante três dias da semana.
[14] Serão: trabalho durante todo o dia e até à meia-noite.

imediatamente cobertos com lonas e retirados apressadamente do local para não criar um ambiente de comoção entre os operários". (2008, p. 167).

Marcio de Oliveira confirma a afirmação de Gustava Lins Ribeiro, acrescentando que:

> Embora não se tenha registro do número de óbitos, o operário responsável pelo fabrico de caixões relatou que, frequentemente, era acordado no meio da noite por homens da Novacap e instado a fabricar um certo número deles. Não raro fabricava 30 caixões num só dia! Para evitar que as mortes abalassem o moral dos operários, tão logo soado o alarme dos acidentes, os corpos eram cobertos e enterrados no cemitério de Luziânia, sem mesmo serem avisadas as famílias. (2005, p. 251).

Por essas e outras razões, fica claro que a pressa obsessiva em se construir a capital dentro de um tempo incabível, visando, como sabemos, motivos estritamente políticos e, por isso, insensíveis à vida dos operários, trouxe à Brasília uma mácula que atravessa o tempo.

A figura do presidente, que longe de neste trabalho ser traçado como um macrômano egocêntrico, e mais como uma ilustração apaixonada pela ideia imediata e idílica da construção de uma cidade a exemplo dos imperadores romanos de quem era admirador, torna-se complexa tendo em vista o infortúnio que as ações do seu governo causaram aos candangos. Todavia, julgamos que JK aparentava de fato uma genuína preocupação com os operários, mas se deixava iludir por uma ingenuidade inescusável a respeito do futuro destes homens.

Na citação a seguir constatamos a vontade por parte de Juscelino de construir uma cidade igualitária e de uso de todos, mas que o tempo tratou de nos mostrar que quando fundamentada no entusiasmo preso ao agora e sem estudo profundo e abrangente acaba por criar mais desigualdade e desamparo.

> Em Brasília, o que eu desejava era transformar todos aqueles candangos em "construtores de catedral". E, aos poucos, o consegui. A cidade, que se erguia no Planalto, não era minha. Não era do governo. Nem mesmo do Brasil. Era a cidade do humilde operário. Tratava-se de uma capital que ele – igual a milhares de outros, também chicoteados pelo sol e cobertos de poeira – construía como se fosse para o seu uso exclusivo. (OLIVEIRA, 2000, p. 94).

A Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirantes) foi a zona criada para abrigar os candangos que, contudo, logo se mostrou insuficiente tendo em conta a leva de pessoas que chegavam diariamente à região.

> Eu dera ordens à Novacap para realizar ali um alinhamento provisório de ruas, **a fim de evitar que a cidade se convertesse em favela**. Assim, existiam praças, bairros residenciais e setores comerciais. Em princípios de 1957, seis meses após o início do desbravamento do cerrado, a população da Cidade Livre já era de cinco mil habitantes. (OLIVEIRA, 2000, p. 87, grifo nosso).

Constituída de um ambiente vivaz, lá se encontravam comércios, hotéis, pensões, escolas, mas ao mesmo tempo uma condição habitacional penosa, com barracos intricados e com o mínimo de saneamento básico. Estas péssimas condições de alojamento dos candangos pareciam ser ignoradas pelo presidente que mantinha sempre por hábito uma contemplação otimista e idealizada da empreitada à qual se dedicava sem fraquejar. Nas palavras do próprio, lemos uma positividade que faz crer que aos candangos toda assistência lhes era oferecida e que seu porvir lhes era esperançoso:

> Uma das minhas preocupações, desde o início das obras, era a de dar assistência escolar aos filhos dos candangos. Brasília, embora ainda um imenso canteiro de obras, já requeria serviços assistenciais no que dizia respeito à instrução e à saúde. Em 1957, no rastro dos candangos, que haviam chegado apenas com a roupa do corpo, começaram a surgir os integrantes de suas respectivas famílias. Eram famílias do povo, e, como tal, sempre numerosas. Em face da crescente avalancha de migrantes, fundaram-se na Cidade Livre duas escolas particulares – uma funcionando num barraco de madeira e a outra tendo por sede e sombra de frondosa árvore, com as aulas ao ar livre; quando chovia, suspendia-se temporariamente o ensino.
> [...] Entretanto, o que desejava naquele momento era assistência educacional aos filhos dos operários, de forma a evitar que eles crescessem analfabetos, como os pais. (OLIVEIRA, 2000, P. 139).

No entanto, dada as circunstâncias de mau planejamento em relação à questão dos operários, o inevitável se deu: milhares de famílias chegando constantemente à região, a incapacidade de a Cidade Livre acolher todos e a formação da primeira cidade-satélite, Taguatinga, que, para o final dos anos 50, é mais do que um eufemismo para a primeira favela do DF.

> De fato, a cidade improvisada não iria parar. Pior ainda: iria se transformar num problema social, e que surgiu, **quando menos se esperava**, no dia 28 de maio de 1958. Foi uma situação dramática. Cerca de 5 mil flagelados, tangidos pela seca do Nordeste, chegaram a Brasília e invadiram a Cidade Livre. Concentraram-se, depois, ao longo da estrada de Brasília-Anápolis, à direita de quem se dirigia para a cidade goiana. Moravam da maneira mais precária possível – barracões de madeira velha, de lata, de folhas de zinco, de sacos de cimento. Não havia água e eram impressionantes a promiscuidade e a falta de higiene.
> **Formara-se, assim, a primeira favela de Brasília**.
> [...] A Novacap comprou madeira, prego, folhas de zinco, e os barracões, construídos em Taguatinga, apresentavam bom aspecto. Afinal, em dez dias, foram transferidos todos os invasores. (OLIVEIRA, 2000, p. 219, grifo nosso).

> A cidade-satélite organizou-se, pois, como Brasília. Saiu do nada, e abriu os olhos para a existência, contemplando o cenário desolado do Planalto Central. [...] **Em seis meses**, Taguatinga já era uma realidade. A cidade havia sido construída, e estavam em funcionamento a escola, o hospital, as casas para as professoras, os estabelecimentos comerciais pioneiros, e, em meados de 1959, inaugurou-se a Escola Industrial. **Surgira, assim, a primeira cidade-satélite de Brasília**. (OLIVEIRA, 2000, p. 220, grifo nosso).

Nas citações acima, é singular o espanto de JK em relação à chegada dos nordestinos em condições desvalidas, sobretudo pela frase "quando menos se esperava", denotando o foco dos idealizadores de Brasília apenas na construção da capital e de seus variados setores, mas totalmente displicentes com um problema que visto de hoje nos pareceu inevitável. Em ressonância às palavras de J. Y. Loude, não teriam realmente as mentes pensantes da capital refletido sobre a questão habitacional dos candangos? Acreditavam que após a finalização das obras, grande parte voltaria à penúria de suas regiões de origem?

Taguatinga, pronta em seis meses, é mais um símbolo da precipitação de se resolver em um curto espaço de tempo um problema brasileiro oriundo desde os primórdios da formação do país.

2.1.2 LUCIO COSTA

Lucio Costa é o grande vencedor do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital. Com um plano relativamente simples, sintético e uma linguagem que beira ao lirismo, o urbanista conseguiu arrematar a predileção do júri. No livro *O Concurso de Brasília*, Milton Braga afirma que "resumir o seu relatório [Plano Piloto de Lucio Costa] é tarefa das mais difíceis, [...] pois ele não continha uma única palavra sem propósito, constituindo, antes de qualquer coisa, uma bela peça literária". (2010, p. 155).

Milton Braga ainda destaca (2010, p. 155) que foi Carlos Drummond de Andrade o responsável pela revisão do texto, sem que este, no entanto, precisasse apenas alterar a ortografia para o português correto, visto que o estilo lhe foi considerado perfeito.

Vale ressaltar, todavia, que conforme afirma Braga (2010, p. 197), apesar de o plano parecer menos consistente e modesto em relação aos dos outros concorrentes, sua composição era das mais definidas no que se refere à configuração da cidade.

O autor de *O Concurso de Brasília* continua sua defesa ao plano de Lucio Costa mencionando (2010, p. 142) que um dos fatores que certamente agradou ao júri foi o tempo para a concretização da obra.

Conforme vimos acima, na seção sobre Juscelino Kubitschek, era sabido que o tempo diminuto era a grande adversidade na construção da capital, considerando que o presidente queria a todo custo concluí-la antes do final do seu mandato, para, assim, não correr o risco de deixar sua inauguração e eventuais desenvolvimentos excêntricos para o seu sucessor. Sem contar, evidentemente, da glória que JK almejava com a entrega da nova capital. Desta forma, quando Lucio menciona que seu plano era de "fácil execução", isso provavelmente deve ter sido um argumento vigoroso para o seu triunfo.

Milton Braga não se omite em reportar (2010, p. 198) que o grande problema do plano piloto de Lucio Costa foi a ausência de uma previsão quanto ao crescimento futuro da cidade, isentando-se, em um primeiro momento, de sugerir novos núcleos urbanos caso a população ultrapassasse o limite estabelecido no Edital. Num futuro, mais precisamente em 1985, o urbanista teve que reformular suas ideias, envolvendo-se no projeto das *Quadras Econômicas*, destinado à periferia da cidade.

Consideramos, no entanto, que Milton Braga em um certo momento do texto adota como muitos autores, e, principalmente como o próprio Lucio Costa, a posição de que o problema da superpopulação periférica pouco se deve às inconsistências do Plano Piloto, mas sim à problemas intrínsecos do país. O autor chega a afirmar (2010, p. 198) que as complicações de Brasília são devido ao aumento da pobreza brasileira que se alastrou nas seguintes décadas, sendo a precariedade da capital muito pouco diferente daquela de outras cidades brasileiras a partir dos anos 1960.

Concordamos, em parte, com esta afirmação de Braga, entretanto, insistimos no fato de que os promotores de Brasília, e, nesta seção, principalmente a figura de Lucio Costa, perderam uma grande oportunidade de com um planejamento mais esquadrinhado propor soluções que se não resolvessem os problemas futuros, pelo menos não os levariam a conjunturas angustiantes de miséria.

Conforme noticiado recentemente (20 de março de 2023) no jornal *Correio Braziliense*[15], Sol Nascente, favela situada no Distrito Federal, é, de acordo com dados preliminares do IBGE de 2022, a maior favela do Brasil, superando outras já conhecidas como a Rocinha no Rio de Janeiro.

Desta forma, culpabilizar simplesmente o aumento da pobreza do Brasil como motivo para o descontrole social de Brasília parece-nos um argumento falho, tendo em vista que em uma cidade planejada houve a possibilidade de se projetar soluções prévias

[15] https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2023/03/5080449-sol-nascente-supera-rocinha-em-habitantes-e-se-torna-maior-favela-do-pais.html

para reveses que seriam evidentes. A sensação que fica é que em Brasília, dado o caráter de capital planejada do Brasil, esses problemas se tornam ainda mais insuportáveis à contemplação externa.

James Holston em *A Cidade Modernista* (1993, p. 69) destaca como o plano de Lucio deixa a desejar ao não fornecer uma descrição explícita à estrutura social que se pretendia instituir em Brasília. Segundo o autor:

> Não é insensato supor que um plano abrangente para uma nova cidade teria de incluir ao menos alguma discussão sobre sua organização social, sobretudo se esta é o produto a ser obtido pela mudança social planejada. Contudo, no plano, há poucas indicações sobre como Brasília deveria ser ocupada ou sobre que formas de organização social corresponderiam às profundamente diferentes formas de organização urbana apresentadas no projeto. (1993, p. 69).

O descuido, no entanto, já começa no próprio Edital que, como discorre Márcio de Oliveira em *Brasília: O Mito na Trajetória da Nação* (2005, p. 150), "não há nenhuma menção ao tipo de moradia, presença de igrejas ou clubes, nem mesmo uma estimativa das demandas por vagas nos diversos níveis de ensino".

Oliveira segue sua análise evidenciando as omissões do Edital do concurso:

> Estipular o valor dos terrenos, **evitar estratificação social** ou uma divisão de classes brutal, acomodar decentemente a população, imaginar processos de socialização – igreja, escola, clube – e de sociabilidade no interior das superquadras – parquinhos, área verde -, **nada disso foi exigência do Edital**. Além disso, para um país capitalista e periférico, é de se supor que o preciosismo de Lucio Costa poderia inviabilizar economicamente a obra ou ainda desagradar aos membros do júri. Talvez por isso estes fatos não foram sequer comentados pelos membros do júri. Ao contrário, o júri deu importância apenas à capital esboçada pelo projeto, esquecendo as referências feitas por Lucio Costa à sociedade que lhe seguiria. (2005, p. 150, grifo nosso).

Neste trecho, inclusive, podemos constatar que Lucio Costa não se manteve assim tão distraído às questões de estratificação social que estariam por vir. O urbanista chegou a apresentar "referências", mesmo que demasiado sintéticas, à sociedade futura. O problema, no entanto, e que pode ser constatado claramente em seu Plano Piloto, é ter incumbido totalmente à Novacap a responsabilidade de prover "acomodações decentes e econômicas para a totalidade da população". Em *Registro de uma Vivência*, livro de Lucio Costa, há uma cópia do Plano Piloto, da qual destacamos essa passagem importante:

> No outro lado do eixo rodoviário-residencial, as quadras contíguas à rodovia serão naturalmente mais valorizadas que as quadras internas, o que permitirá as gradações próprias do regime vigente; contudo, **o agrupamento delas, de**

> **quatro em quatro, propicia num certo grau a coexistência social, evitando-se assim uma indevida e indesejável estratificação**. E, seja como for, as diferenças de padrão de uma quadra a outra serão neutralizadas pelo próprio agenciamento urbanístico proposto, **e não serão de natureza a afetar o conforto social a que todos têm direito**. Elas decorrerão apenas de uma maior ou menor densidade, do maior ou menor espaço atribuído a cada indivíduo e a cada família, da escolha dos materiais e do grau de requinte de acabamento. **Neste sentido deve-se impedir a enquistação de favelas tanto na periferia urbana quanto na rural. Cabe à Companhia Urbanizadora prover dentro do esquema proposto acomodações decentes e econômicas para a totalidade da população**. (2018, p. 293, grifo nosso).

Neste trecho do Plano Piloto, que faz parte do item 17, é possível destacar alguns pontos relevantes que traçam bem o juízo de Lucio Costa quanto à construção de Brasília: 1. Sua total contrariedade à estratificação social e formação de favelas; 2. Seu desejo de igualdade ao ansiar o conforto social do qual todos os indivíduos são merecedores; e 3. Sua isenção a respeito de como as acomodações deveriam ser fornecidas.

Poderemos constatar essas três máximas de Lucio Costa em relação à Brasília ao longo de sua vida. Nesta seção as apresentaremos a fim sobretudo de desvelar as complexidades do espírito humano, que muitas vezes ao desejar o ideal, se desilude com a impossibilidade de sua concretização e passa a culpabilizar outros meios, que apesar de dignos de acusação, não são seus únicos causadores.

Ainda no que se refere ao trecho acima citado, mais particularmente a parte que que trata das acomodações para a população de baixa renda, Luiz Alberto de Campos Gouvêa em *Brasília: A Capital da Segregação e do Controle Social* (1995, p. 69) revela um aspecto significativo deste ponto, isto é, a evidência de que na expressão 'acomodação decentes e econômicas', a intenção era criar núcleos residenciais de padrão inferior ao do Plano Piloto para a população de menor renda.

A elitização no Plano Piloto apresentado por Lucio Costa atinge seu auge ao propor uma cidade hostil ao pedestre, como bem repara Jean-Yves Loude, e voltada incondicionalmente ao automóvel.

> Mais pourquoi Lucio Costa a-t-il à ce point traité le flâneur par le mépris ? Oui, je sais, les années 50 sentaient bon l'essence ; la bagnole made in Brésil, la Fusca, la Simca, s'intégraient allègrement au patrimoine national. Alors foncez ! Le promeneur de Brasília est né vieux jeu, hors-jeu. (LOUDE, 2008, p. 56-57).

É evidente que não podemos deixar de considerar a força do seu tempo, isto é, em como no final dos anos 50 a presença do carro parecia algo irrevogável (e realmente foi ao longo da história), além da questão de as próprias metas do governo JK instituir o

desenvolvimento da indústria automobilística como essencial no país; no entanto, é igualmente inegável a ideia de que este meio de transporte pertenceria por longo tempo apenas às classes com alto poder aquisitivo, promovendo, mais uma vez, a desigualdade social e confirmando que Brasília era uma cidade construída tendo em mente a elite.

Conforme propriamente afirma Edson Béu em *Os Filhos dos Candangos* (2013, p. 80), Brasília nunca teve como denominador comum a população de candangos e demais habitantes de baixa renda tendo em vista as vias de acesso às quadras, que priorizavam o automóvel. O autor nos revela inclusive (p. 119) que em nenhum momento, a proposta de Lucio Costa menciona o transporte coletivo. Fica claro que a valorização do automóvel, bem de acesso restrito à minoria da população, principalmente do início dos anos sessenta, contribuiu para aumentar a distância socioeconômica entre os operários e os moradores do Plano Piloto.

Julgamos, por consequência, que por mais moderna que possa parecer à época a ideia de se projetar uma cidade para automóveis, a indiferença quanto àqueles que não teriam condições financeiras de adquiri-los e que dependeriam do transporte público, inexistente no Plano de Lucio Costa, é, no mínimo, um grande descaso à população construtora. Isso tudo só pode nos levar a crer que Brasília realmente nascia para ser rica e servir aos ricos, conferindo aos pobres a servitude e a moradia o quão mais distante possível da capital.

No livro *Registro de uma Vivência* que traz diversos textos, cartas e transcrições de Lucio Costa, é possível verificar o caráter culpabilizante que mencionamos anteriormente. Reunimos aqui alguns trechos que se mostram pertinentes para essa nossa análise que visa demonstrar como o urbanista tenta sempre se isentar das problemáticas da capital, ora culpando o governo, a "mentalidade imobiliária" ou o regime capitalista em geral.

Vale lembrar que os trechos que serão examinados partem cada qual de uma época diferente e, portanto, fundados em uma mentalidade em evolução de Costa.

No texto intitulado *O urbanista defende sua cidade* de 1967, encontramos um Lucio desiludido com o que Brasília se tornou – sem aquele aspecto de reunião das várias classes sociais em um só lugar. A justificativa dele é, em primeiro lugar, a "mentalidade imobiliária" que colocou a cidade à venda para se autofinanciar; e, em segundo lugar, a utopia dos promotores da capital que aspiravam que todos os apartamentos tivessem o mesmo padrão, menosprezando totalmente o fato que não importam onde estejam as

sociedades, elas são sempre divididas por classes. Lucio assume a frustração de se ter no Distrito Federal cidades-satélites que ficam a 20 km de distância do Plano Piloto.

> Propunha o plano piloto - esta era a sua característica mais importante do ponto de vista social - reunir em cada uma dessas áreas de vizinhança as várias categorias econômicas que constituem, no regime vigente, a sociedade, a fim de evitar a estratificação da cidade em bairros ricos e bairros pobres. Lamentavelmente, esse aspecto fundamental da concepção urbanística de Brasília não pôde ser realizado. De uma parte, o "falso realismo" da mentalidade imobiliária insistiu em vender todas as quadras a pretexto de tornar o empreendimento autofinanciável; de outra parte, a abstração utópica só admitia um mesmo padrão de apartamentos, como se a sociedade atual já fosse sem classes. E, assim, a oportunidade de uma solução verdadeiramente racional e humana, para época, se perdeu. A feliz criação do Banco Nacional da Habitação pareceu, a princípio, iniciativa capaz de corrigir esta falta de visão, mas até hoje nada se fez; muito pelo contrário, persistem a incompreensão e, como consequência, a dispersão periférica em detrimento do plano original. Quem trabalha em Brasília deve morar *em Brasília* e não a 20 km de distância nas "pseudocidades-satélites". As verdadeiras cidades-satélites deveriam vir depois de completa a área metropolitana e não assim, antes, numa antecipação irracional. (2018, p. 302).

Apesar da natureza culpabilizante deste trecho, o urbanista reconhece os erros do passado, atestando que o fato de as cidades-satélites terem sido projetadas após a área metropolitana trouxe apenas uma antecipação irracional que, como sabemos, resultou em cidades com planejamento desastrado e, no princípio, com escassa infraestrutura.

Em *Brasília: A Capital da Segregação e do Controle Social*, Luiz Alberto de Campos Gouvêa discute esta questão das grandes distâncias das cidades-satélites em relação ao plano piloto, afirmando que (1995, p. 69) essas longitudes causaram nas famílias uma redução drástica de suas rendas, sobretudo quanto ao preço do transporte, o que impedia, por exemplo, a participação de filhos melhores e da mulher na composição da renda familiar. Ainda, no caso das mulheres, a principal fonte de renda provinha do trabalho de lavadeiras que, nas paupérrimas cidades-satélites, muitas vezes desprovidas de água, a realização dessa atividade era inviável.

Ainda sobre essa questão das distâncias, Edson Beú cita Brasilmar Ferreira Nunes (2013, p. 87) que destaca que "a distância entre o Plano Piloto e as cidades-satélites vai além da medida calculada em quilômetros. Para o sociólogo, o "tão decantado planejamento urbano de Brasília", não só impede, como contribui para a segregação social. A própria concepção do plano urbanístico de Brasília cria um espaço social marginal, que o autor chega a chamar de *apartheid* tupiniquim. No mesmo parágrafo, Edson também cita Aldo Paviani a este respeito, que "identifica a ocorrência de um

processo de periferização e ‘apartação socioeconômica’, que jogou por terra o mito da cidade igualitária”.

Em 1972, em um artigo para a revista *Realidade*, Lucio mais uma vez assume as carências do seu plano que não pensou na população pobre do Brasil; contudo, isenta a culpa do urbanista, afirmando que o problema da miséria está ligado ao “fundo histórico, econômico e social”, isto é, a uma questão de “governo e de ideologia política”.

> O “plano” de Brasília não levou em conta a metade da população que, no Brasil, vive miseravelmente. De acordo, mas a crítica, conforme afirmei, se destina ao próprio país e não ao urbanista, com ou sem aspas. Se os “expertos” de *Realidade* pensam que esse problema pode ser resolvido num passe de mágica pelo estudo paciente de um planejamento urbano “integrado” etc., etc., estão muito enganados. O problema é de fundo histórico, econômico e social - portanto de governo e de ideologia política. (2018, p. 319).

Dez anos depois, em resposta a Alberto Petrina, na revista *Summa* (1982), o pessimismo toma conta do urbanista, que culpa a insatisfação do capitalismo e a falta de dinamismo do socialismo como os responsáveis por desprezar o coletivo e favorecer o individual.

Vemos, portanto, nestas três passagens uma tendência de Lucio Costa de eximir a figura do urbanista como peça significativa para as mudanças em nível social. De certo modo, não nos é possível discordar que seus argumentos são legítimos, dada a dificuldade de se lutar contra o capitalismo titânico; porém, sentimos falta de uma atitude mais confessa de Lucio Costa, que pouco manifesta sua omissão em relação à projeção de um plano piloto e seus desenvolvimentos que buscassem integrar de alguma forma a população desfavorecida que inegavelmente precisaria de acolhimento durante e após a construção da capital.

Mais impróprio, porém, será a contemplação do arquiteto para essa população, que em todas as publicações que encontramos, afirma que ela se encontra feliz, muito melhor do que chegou, inclusive, em determinados casos, enriquecida:

> É preciso, portanto, levar em conta essas circunstâncias todas e reconhecer que pelo menos cada um tem a sua terra e a sua casa, o que não acontecia antes. Muitos chegaram mesmo a enriquecer. Todas as crianças vão à escola, e existem clubes esportivos. O hospital de Taguatinga é um dos melhores. (2018, p. 315).

Chegamos a considerar mesmo ultrajantes estas afirmações, levando em conta que essas populações foram renegadas a lotes distantes da capital, sem nenhuma infraestrutura

no início, tendo que arcar com dívidas infindáveis dada a forma como os lotes eram comercializados e passando as maiores dificuldades para uma sobrevivência digna.

Em *Os Filhos dos Candangos*, Edson Beú transcreve o depoimento de um dos moradores da cidade-satélite Ceilândia, que vai totalmente fora de encontro às ideais otimistas e irreais de Lucio:

> Quando era chuva, era lama de mais. Quando era seca, era poeira de mais. Às vezes, eu levantava à noite – os barracos eram malfeitos, cheios de buracos – e sacudia os cobertores para espanar um pouco a poeira de cima da cama. Mas, mesmo assim, eu preferia a chuva, porque não faltava água, a gente podia pegar a água da telha com a vasilha. Outra coisa: Ceilândia não tinha carro. Era todo mundo a pé. As pessoas eram muito pobres. A maioria dos barracos aqui foi construída com resto de material das obras. Os peões pegavam até prego, traziam nas marmitas vazias, que levavam a comida. Ninguém tinha dinheiro para comprar, então iam para as obras trabalhar e voltavam com as marmitinhas cheias de prego pra construir os barracos. Era tudo de madeira velha, que tinha sobrado da mudança. As condições eram muito precárias. Se na Vila do IAPI o barraco tinha três cômodos, quando desmanchava, só dava para fazer dois. Um quarto e uma cozinha. Seis pessoas. Banheiro era um barquinho no quintal com um buraco no meio, coberto com duas telhas de zinco. A nossa luz vinha de um lampião num bujão de gás. Quem não tinha bujão, usava vela. Por isso, tinha muito incêndio, muita morte. O caminhão do Corpo de Bombeiro vinha de Taguatinga. Acontecia um incêndio, o barraco todo cheio de tábua velha, ressecada de sol, pegava fogo rapidinho. Quando eles chegavam, só achavam cinza. (2013, p. 72-73).

As inverdades se seguem, com Lucio chegando a dizer que os lotes foram dados gratuitamente e além de não apresentarem nenhuma limitação, se beneficiavam de muitas facilidades.

> **Mas se eles estavam mal em Brasília, estavam lá muito melhor que alhures. Ninguém quis voltar** [...]. A NOVACAP escolheu então locais na periferia e, em implantações sumárias [...] deu lotes de terreno às famílias transferidas, e esses núcleos - esses assentamentos improvisados - **livres de limitações e beneficiando de toda sorte de facilidades**, se desenvolveram rapidamente [...]. (2018, p. 315, grifo nosso).

No capítulo *Taguantinga: Uma História Candanga,* do livro *Brasília: Moradia e Exclusão*, as autoras Nair Helóisa Bicalho, Maria Salete Machado e Luciana de Barros comprovam (1996, p. 62) que

> Os critérios utilizados na seleção dos pretendentes espelham essa situação: seria uma venda com objetivo de constituir uma propriedade familiar, não podendo esta ser vendida, mesmo porque não havia possibilidade de compra definitiva do lote. Nesse caso, a família contemplada deveria ter em mente uma dívida que se prolongaria por anos até que alguma gestão governamental definisse as condições de compra final. Para isso, era preciso levar em conta a

> necessidade de certa estabilidade econômico-financeira da célula familiar, de modo que não se perdesse a situação de promitente comprador, ou seja, mantendo em dia o pagamento das prestações. Havia também uma previsão de distribuição de lotes comerciais para pretendentes com poucos recursos financeiros, na base de um para cada solicitante, o que de fato exigia uma averiguação empírica para avaliar se essa medida tinha sido devidamente observada na prática.

Logo, nada em Taguatinga, por exemplo, cidade-satélite muito mencionada por Lucio Costa foi doado; pelo contrário, aqueles que receberam os lotes adquiriram dívidas cujo término era indefinido. Ademais, visto que era exigido dos futuros moradores uma estabilidade econômico-financeira, não é de se surpreender o número de pessoas que não conseguiram arcar com as dívidas, chegando mesmo a perder o lote oferecido.

No livro *Brasília - Diferentes Olhares sobre a Cidade* (2015), no capítulo 8 escrito por Magda de Lima Lúcio, a autora transcreve um trecho de uma entrevista concedida por Lucio em 1992. A declaração dispensada por Lucio Costa nessa ocasião é revoltante; o urbanista a certo ponto coloca os operários em uma situação de favorecimento em relação à população rica de Brasília, dizendo que os primeiros se beneficiaram das facilidades proporcionadas, enriqueceram e vivem "dentro dos seus limites" felizes.

> Ao contrário do que andaram dizendo, os operários que construíram Brasília não foram abandonados, eles se transformaram da noite para o dia em proprietários, em detrimento de Brasília, que teve muita despesa para levar estradas de acesso, luz e todas essas facilidades para cada um daqueles núcleos. Esses operários instalaram-se e cresceram porque não tinham nenhuma restrição, ao contrário dos residentes em Brasília, que tinham que obedecer a uma série de critérios para manter a unidade da cidade, nestas cidades-satélites não havia nada disso e surgiram milionários de lá, enriqueceram. As favelas que foram surgindo eram formadas por gente nova que vinha atraída por aquela miragem da capital. Talvez não fosse uma solução civilizada em termos europeus, mas uma solução que deu certo. Essa gente mora lá, dentro dos seus limites é feliz. (2015, p. 203-204).

Por fim, em entrevista ao *Jornal do Brasil* em novembro de 1984, Lucio insiste na ideia da felicidade compartilhada pelos habitantes das cidades-satélites, comparando-as às cidades comuns do interior do Brasil e chegando mesmo a citar uma anedota sobre o vencedor de Taguatinga da única medalha de ouro das Olímpiadas. Parece-nos, que o urbanista deixou de lado à ideologia igualitária e adotou a superficialidade argumentativa.

> Eu estava com aquela impressão, que recebia pelos jornais e pelos arquitetos, o Oscar inclusive sempre lamentando que os operários que construíram Brasília foram jogados fora e vivem miseravelmente. Isso é uma espécie de demagogia, de oposição sistemática, e que é, em parte, verdadeira, mas as satélites não são esse quadro de miseráveis favelados que vivem mal. Não são,

> absolutamente. Eu vi, e fiquei muito satisfeito. **São cidades normais do interior do Brasil que têm de tudo e onde se vive de forma bem brasileira**. E, como eu repito sempre, a única medalha de ouro nas Olimpíadas veio de um brasiliense de Taguatinga. O que é que vocês querem mais? (2018, p. 327).

A resposta à pergunta final de Lucio Costa, "O que é que vocês querem mais?", após os estudos aqui mencionados sobre o estado deplorável que os habitantes dessas cidades viviam chega a ser constrangedora.

As autoras já mencionadas de *Taguatinga: Uma História Candanga* resumem bem as condições de vida dos moradores dessa cidade-satélite que, segundo Lucio Costa, vivem bem e usufruem "de tudo":

> Em Taguatinga, além da falta de água, luz e esgoto, havia lotes entregues que ficavam distantes do centro, e não existia transporte ligando essa área urbana ao Núcleo Bandeirante, onde se concentrava o comércio. Também o processo de venda se tornava um problema, havendo questionamento a respeito dos critérios de transferência e entrega de lotes. (1996, p. 66).

Muitos são os depoimentos indecorosos tecidos por Lucio que encontramos ao longo da pesquisa para esta dissertação, mas cuja inserção a tornaria demasiada extensa. O intuito, no entanto, desta seção não foi infamar a figura do urbanista responsável por um Plano ímpar na história mundial, mas expor um pensamento que nos pareceu controverso e displicente em relação à problemática da população candanga. Pensamento este que talvez traduza a percepção compartilhada pelos idealizadores de Brasília para com sua peça-chave, os operários que a ergueram.

2.1.3 OSCAR NIEMEYER

Assim como os Candangos, Oscar Niemeyer, o célebre arquiteto de Brasília, nutriu sempre grande admiração pela figura do presidente Juscelino Kubitschek. A história dos dois, inclusive, não começa em Brasília. Niemeyer foi apresentado a JK no início dos anos 1940, quando este ainda era prefeito de Belo Horizonte, para se ocupar das obras do Conjunto Arquitetônico da Pampulha. Desde então, ambos criaram uma grande amizade apesar das posições políticas distintas.

Niemeyer também se encantou com o entusiasmo de Juscelino que buscava, segundo o autor, revolucionar genuinamente a sociedade brasileira. O projeto de Brasília, portanto, era a oportunidade de o arquiteto materializar seus ideais de uma construção arrojada, mas com fundo social.

Em entrevista ao programa televisivo francês *Cinq Colonnes à la Une*, de 1961, Niemeyer dá a seguinte resposta ao entrevistador:

> "- Et vous avez l'intention de faire de Brasília la ville la plus moderne du monde ? – Non, je suis modeste. Je veux faire une ville si possible jolie ; si possible fonctionnelle ; et principalement si possible pour une société différente, pas pour une société capitaliste, une société socialiste, où tous les hommes ont la même possibilité et le même système de vie."[16]

Os encantos daquela "era de ouro" e do prenúncio de um Brasil mais justo, provavelmente fez Niemeyer se arrebatar com o espírito da época e, sobretudo, com a inspiração que a figura de Juscelino suscitava.

Em seu livro *Minha Experiência em Brasília* (2006, p. 8), Oscar Niemeyer recorda-se de como o entusiasmo de JK rompia qualquer sentimento de desânimo, "fazendo com que cada um se desdobrasse nas tarefas dele recebidas". O arquiteto acrescenta que o espírito que prevalecia em todos os envolvidos em Brasília, fossem eles engenheiros ou operários, era de adaptação e sacrifício para a construção de um bem maior.

> Mas o que mais impressionava em Juscelino Kubitschek era o seu entusiasmo permanente. Lembro-me, por exemplo, do que me disse certa manhã, com maior simplicidade: 'Ontem, não consegui dormir, pensando no projeto do Palácio.' **Isto, dito por um presidente absorvido por tantos problemas e responsabilidade, basta para caracterizá-lo como um homem diferente, sensível às coisas de espírito, da beleza e da poesia**. E, para um arquiteto, impressionava, ainda, observar como Juscelino Kubitschek tinha a visão clara dos problemas de arquitetura e urbanismo; com que simplicidade e coragem aceitava as soluções mais difíceis de realização, soluções que não raro agravavam questões econômicas, comprometiam prazos, etc., lutando por ela como se fosse o próprio arquiteto, seguro de que eram justas e indispensáveis. (2006, p. 18 – 19, grifo nosso).

Juscelino era, pois, para a Niemeyer o presidente que afastado de um pensamento puramente racional e concreto, que visava apenas à frieza da política capitalista, era capaz de vislumbrar a beleza e a poesia das coisas, exteriorizando empatia às questões alheias a seus encargos.

É interessante analisar o testemunho de Niemeyer neste mesmo livro, em que o arquiteto confessa (2006, p. 19-20) que raramente falava de política com o presidente, sabendo ser este um homem indiferente às suas opiniões de esquerda e temendo não

---

[16] **Brasilia, la capitale sortie de terre**. Cinq Colonnes à la Une. RTF. Archive INA. YouTube, 05/05/1961. Disponível em: < https:// www.youtube.com/watch?v=sKT2q8N6fgw>. Acesso em: 22 de março de 2023.

encontrar neste tópico a receptividade sempre dispensada por JK. Para isso, portanto, o Oscar limitava-se, na função de amigo, a acatar suas decisões políticas, que, em sua maioria, estavam cercadas de obstáculos de toda espécie.

O convívio harmonioso entre esses dois homens era possível talvez não em razão da subjugação de Niemeyer em relação às ideologias distintas do presidente, mas sobretudo em virtude do desejo comum de realizar algo que àquela altura despertava a esperança de se mudar a ordem das coisas e dar início a um país mais igualitário.

Esse otimismo, moldurado por uma utopia admissível à época, perseguiria o arquiteto durante todo o período de construção da capital.

> [...] prevaleceram, surpresa, um entusiasmo, uma determinação e um espírito esportivo que afastaram todas as dificuldades. Sentíamos, por outro lado, que colaborávamos numa obra importante; uma cidade que surgia como uma flor naquela terra agreste e deserta. (2006, p. 12).

Brasília, portanto, era para Niemeyer o modelo da sociedade que ele buscava ver na integridade do país; a chance de através do exemplo da edificação da capital mostrar que era possível a evolução de um Brasil que se desvencilhava do seu passado trágico e se abria às possibilidades de construção de uma sociedade cuja paridade entre os indivíduos era a força motriz.

Márcio de Oliveira, em *Brasília: O Mito na Trajetória da Nação* resume bem esse sentimento do arquiteto em relação ao mundo daquela época:

> Uma vida mais justa para todos talvez tenha sido o maior sonho acalentado por este carioca, que ainda hoje, quase centenário, acalenta ideais socialistas. Criar um mundo novo, não apenas a partir da arquitetura, como se pode deduzir do texto de Lucio Costa, mas a partir de uma mudança profunda e radical. Comunista desde sua juventude, nunca escondeu seu desejo de transformação, de revolução. Seu projeto para o edifício do Congresso Nacional, com a Câmara dos Deputados "aberta" ao povo e com o plenário emoldurado por galerias, também revela esta mesma preocupação com um mundo livre e participativo. (2005, p. 159).

O otimismo de Niemeyer, contudo, perde a força após a inauguração da cidade e a apresentação de suas vicissitudes, tão semelhantes àquelas de qualquer outra cidade brasileira.

Gostaríamos, assim, de comentar uma citação muito instigante retirada do livro *Minha experiência em Brasília*:

> Constrangia-nos apenas verificar que, para os operários, seria impraticável manter as condições de vida que o Plano Piloto fixara, situando-os, como seria justo, dentro das áreas de habitação coletiva e permitindo que ali seus filhos crescessem fraternalmente com as crianças de Brasília, sem complexos, aptos às reivindicações que o tempo lhes irá proporcionar. Víamos, com pesar, que as condições vigentes colidiam nesse ponto com o espírito do Plano Piloto, criando problemas impossíveis de se resolver na prancheta, mesmo apelando-se – como alguns mais ingênuos sugerem – para uma arquitetura social e que nada conduz sem uma base socialista.
>
> Compreendíamos, assim, que a única solução que nos restava era continuar apoiando os movimentos progressistas que visam a criar um mundo melhor e mais feliz. (NIEMEYER, 2006, p. 32).

Esta citação nos instiga justamente porque de certa forma nos provoca. Niemeyer assume claramente sua frustração e até ingenuidade diante daquele tempo em que tudo parecia estar mudando. Somos, portanto, nós também os "ingênuos" que o arquiteto ilustra, isto é, aqueles que se indignam por não ter havido uma preocupação em se criar um projeto que visasse à igualdade. Niemeyer se defende afirmando que isso não seria suficiente, visto que para uma mudança significativa da ordem das coisas, seria preciso antes que o país, em sua totalidade, adotasse um ideal progressista, fundamentando-se no socialismo.

Não discordamos desse pensamento, todavia, nos parece sempre inconsolável que pelo menos não se tenha aproveitado essa grande oportunidade de se projetar uma cidade do zero, aplicando-lhe o quanto possível os conceitos de justiça e igualdade. Seria certamente a chance de concretizar a teoria, de dar forma aos ideais, para, assim, saindo do papel, conquistarmos uma capital que serviria de exemplo saudável para o resto do Brasil.

A possibilidade de concretização da teoria seria, a nosso ver, imprescindível como peso argumentativo de que se é possível criar uma sociedade igualitária tendo em vista o bom funcionamento da sua tentativa, mesmo que micro em relação à imensidão do país. Exímios dessa preocupação de se empenhar em criar um projeto mais igualitário, o que vimos no final, foi a projeção de cidades-satélites, totalmente ultrapassadas no campo urbanístico, que só conseguiram escancarar ainda mais a desigualdade social que assola as grandes cidades brasileiras.

O próprio Niemeyer atesta em seu outro livro, *As Curvas do Tempo – Memórias* (1998, p. 205), que passou "a compreender, então, como nós arquitetos estávamos enganados quando pensávamos nos grandes complexos populares, nas casas pré-fabricadas, moduladas e econômicas, que a técnica atual oferece".

Oscar Niemeyer, entretanto, ao contrário da relutância insistente de Lucio Costa observada na seção anterior ao não assumir as falhas de seu projeto, é de um despojamento ímpar ao reconhecer mais adiante que os tempos da construção de Brasília eram enuviados por uma utopia que cegava:

> Com a mudança da Capital, Brasília mudou muito. Vemos com pesar que o ambiente se transformou por completo, perdendo aquela solidariedade humana que antes o distinguia, que nos dava a impressão de viver num mundo diferente, no mundo novo e justo que sempre desejamos. Vivíamos naquela época como uma grande família, sem preconceitos e desigualdades. Morávamos em casas iguais, comíamos nos mesmos restaurantes, frequentávamos os mesmos locais de diversão.
>
> Até nossas roupas eram semelhantes. Unia-nos um clima de confraternização proveniente de idênticos desconfortos. Agora, tudo mudou, e sentimos que a vaidade e o egoísmo aqui estão presentes e que nós mesmos estamos voltando, pouco a pouco, aos hábitos e preconceitos da burguesia que tanto detestamos.
>
> Passamos a nos preocupar com a indumentária e a frequentar locais de luxo e discriminação. Vemos os nossos companheiros – os mais humildes – apenas de passagem e sentimos que uma barreira de classe nos separa novamente. Nossas casas perderam aquele aspecto proletário que antes nos atraía, como se fossem as suas próprias casas, ou um prolongamento do nosso escritório, e o conforto que hoje desfrutamos – embora modesto – os assusta e intimida, retendo-os à nossa porta, como se aguardando um convite indispensável.
>
> A conversa perdeu aquele calor humano – simples e inocente – que nos refazia, conduzida agora pelos que chegam – com nossa repulsa – para assuntos de lucros e especulações. Apenas aqueles companheiros não mudaram, com as misérias e reivindicações de sempre. (2006, p. 35 – 36).

Aqui não há a hipocrisia das grandes mentes políticas do Brasil, mas tão somente a honestidade de admitir que tudo mudou: os operários retornaram às suas vidas regadas pela injustiça e os afortunados, aos hábitos burgueses que, na ideologia particular, tanto detestavam. Aqui, o arquiteto não fala só dele, mas de muitos de nós, que imbuídos no ideal de igualdade e baseados na superfície das teorias, nos confrontamos muitas vezes com o constrangimento de ocupar uma posição privilegiada diante de uma sociedade majoritariamente desigual e ofegante. Niemeyer consegue traduzir nosso sentimento e igualmente nossa indignação por certas figuras que ao longo do tempo vimos abandonar a tentativa de concretização da causa, deixando-se seduzir pelo conforto da vida capitalista, mas, ainda assim, nutrindo ideais de equidade que pouco condizem com a vida que levam.

Conforme reforça Márcio de Oliveira em *Brasília: O Mito na Trajetória da Nação* (205, p. 161), “Niemeyer exprime-se com uma franqueza que desarma os espíritos mais reticentes”. Para o autor, a solidariedade compartilhada entre os pioneiros, a

camaradagem entre chefe, políticos e operários, juntamente com as habitações que serviam tanto para pobres como para ricos, não tinham passado de um sonho, de uma realidade que se fez verdade somente durante os anos da construção. "[...] Com a inauguração da cidade, a versão Brasília do mito da nação chegava ao seu fim" (205, p. 161).

2.1.4 OUTROS PLANOS PILOTOS

O Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil que deu a Lucio Costa o primeiro lugar e a possibilidade de o urbanista concretizar seu planejamento ocorreu entre 1956 e 1957 e teve como premiados mais outros sete projetos. Aqui, abordaremos como três destes outros vencedores trataram (ou não) a questão dos candangos em suas propostas, não nos atentando a questões divergentes ao assunto, mas muito presentes nos planos, como as programações de ordem arquitetônica, de tráfego, de urbanismo, etc.

A escolha por analisar apenas três dos 7 premiados (já excetuando o plano de Lucio Costa tratado anteriormente neste trabalho) se deve ao fato de não haver neles qualquer menção à população operária e, por consequência, uma solução para o seu destino.

No livro O Concurso de Brasília (2010), seu autor, Milton Braga, descreve e faz uma análise minuciosa dos projetos premiados, permitindo-nos entender as visões e pretensões diversas dos urbanistas da época para a futura capital.

Milton Braga frisa (2010, p. 7) que àquela altura o país já contava com uma grande maturidade no que diz respeito à produção arquitetônica, aliada a um otimismo desenvolvimentista e à aspiração por uma modernização. Em nossas palavras, os "anos dourados de JK".

O motivo de um concurso é bem explicado por Júlio Katinsky em sua tese de livre-docência *Leituras de Arquitetura, Viagens, Projetos* (1990, p. 9) que destaca que sua instauração se deu por uma soma de motivos: - o pedido de arquitetos pertencentes ao Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) que se colocavam contra o convite feito a Le Corbusier; - o convite de Juscelino Kubitschek a Oscar Niemeyer para a elaboração do projeto; - a indicação de Lucio Costa feita pelo próprio Niemeyer como pessoa mais indicada à elaboração do plano; - e por fim a possível sugestão de Lucio Costa da criação

do concurso, com o patrocínio do IAB, com o intuito de democratizar a escolha do plano piloto.

Seja como for, o concurso foi realizado, 26 projetos foram apresentados e os sete seguintes foram premiados:

1º colocado: Lucio Costa;

2º colocado: Boruch Milman e equipe;

3º e 4º colocados reunidos: M. M. M. Roberto e equipe; Rino Levi e equipe;

5º colocados reunidos: Milton Ghiraldini e equipe; Vilanova Artigas e equipe; Henrique Mindlin e Giancarlo Palanti.

Não se pode deixar de se observar aqui o teor do edital do concurso que exigia, entre em outras coisas de caráter bastante sumário, uma população máxima de 500 mil habitantes para o Distrito Federal. Até a data da redação dessa dissertação, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) calcula uma população estimada em 3.094.325 pessoas[17]; o que, por si só, já demonstra um abismo imenso entre as perspectivas do final dos anos 1950 e a realidade do momento presente.

A parcimônia do edital quanto a um esquadrinhamento rigoroso por parte dos planos pilotos, que exigia apenas aquilo que considerava relevante, excluindo tudo o que acreditava sem propósito, é, em nossa análise, uma imperfeição que denota total falta de cuidado e mesmo prevenção com a população que habitaria a capital. Deste modo, não exigir dos inscritos soluções aprofundadas para a questão da densidade populacional nos é uma grande falha. O edital, seguindo o desejo da síntese e impondo um prazo de 5 meses para a entrega dos projetos concorrentes, só pode nos mostrar mais uma vez o descaso do governo brasileiro com o estudo minucioso que aspira a combater as desigualdades sociais.

Milton Braga destaca este problema ao afirmar que

> O prazo de menos de cinco meses para o desenvolvimento dos trabalhos parece ter se colocado como uma grande limitação para que fossem obtidos, a partir de uma avaliação científica dos problemas, estudos abrangentes, detalhados, consistentes e coordenados com o plano físico-espacial urbano, como acreditava-se que deveriam ser os procedimentos do urbanismo. (2010, p. 199).

Tendo em conta a questão por Braga mencionada, nos é impraticável deixar de considerar o quão danoso foi para a construção de Brasília a pressa do governo de Juscelino Kubitschek, baseada em suas razões políticas egocêntricas, de se concluir a

[17] https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/df/brasilia.html. Acesso em: 23 fev. 2023.

capital em um tempo diminuto por ele instituído, gerando não somente um planejamento insuficiente, visto que a excelência exige tempo, mas sobretudo fatalidades das mais variadas, como a morte de inúmeros candangos no canteiro de obra em razão das poucas ações de segurança do trabalho, e, no caso do tema deste capítulo, a negligência quanto a soluções de incorporação destes indivíduos após o fim das obras.

Apesar de tudo, segundo Milton Braga (2010, p. 36), os 26 trabalhos apresentados pouco se abstraíram às imprecisões do edital e apresentaram projetos com diversos graus de desenvolvimento, competência e engenhosidade. Mais uma vez, era possível destacar um comprometimento com a modernidade, com soluções bem elaboradas e engenhosas, mas ainda muito semelhantes umas às outras.

> As diversas equipes premiadas elegeram diferentes problemas e modos de enfrentá-los. Algumas tiveram suas equipes limitadas aos profissionais envolvidos com a arquitetura e o urbanismo. Outras montaram grandes times multidisciplinares e foram muito além da definição do plano piloto, como era facultado pelo edital. Estenderam os estudos à escala regional e levantaram exaustivos dados sobre sistemas específicos da cidade, e sobre a hipotética economia e sociedade de Brasília e do Distrito Federal. Esse é, sobretudo, o caso das equipes dos irmãos Roberto e Vilanova Artigas. Cabe lembrar que Marcelo Roberto já havia declarado, às vésperas do concurso, que considerava esses estudos imprescindíveis. (BRAGA, 2010, p. 198).

Outro fato importante salientado por Braga (2010, p. 36) é um total descaso por parte do governo brasileiro na conservação de todas as propostas apresentadas, mesmo tendo em vista ter sido aquele período a expressão de um momento privilegiado da produção urbanística nacional. Assim, pouco se sabe do paradeiro destes projetos, não havendo quase acervo sobre o concurso. Grosso modo, resta-nos atualmente apenas informações sobre os projetos premiados.

Mesmo em 1986, ocasião do décimo aniversário da morte de Juscelino Kubitschek, Braga afirma (2010, p. 38) que apesar da preparação de uma homenagem ao presidente (a exposição *Brasília Trilha Aberta*), as dificuldades para reunir material sobre dezesseis dos 26 projetos foi desmesurada.

> Não havia acervo no Distrito Federal sobre o concurso e pouco ou nada se sabia dele [...], originais de alguns projetos e cópias de outros fomos encontrar junto a seus autores [...] Extravios e deteriorações ao longo do tempo impediram a recuperação integral das peças dos projetos. (PINHEIRO, 1986, p. 14).

Sobre o Edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital[18], publicado em 1956, acreditamos ser importante ressaltar os seguintes pontos para análise posterior tanto do edital em si como dos planos pilotos que aqui serão analisados com foco na problemática dos candangos.

No item I referente à Inscrição, temos na categoria "f" e "h" a seguinte exigência:

> f) equilíbrio e estabilidade econômica da região, sendo previstas oportunidades de trabalho para toda a população e remuneração para os investimentos planejados; (Brasília, 1956).
>
> h) distribuição conveniente da população nas aglomerações urbanas e nas zonas de produção agrícola, de modo a criar condições adequadas de convivência social; (Brasília, 1956).

Mais adiante, outro ponto significativo no Edital se encontra no item 8, Densidade: "Provisão para 500 mil habitantes no máximo". (Brasília, 1956).

É inegável o sintetismo do texto publicado no Edital, contudo, ainda é possível ver uma possível preocupação igualitária, traduzida na atenção às oportunidades de trabalho e à distribuição da população. Todavia, o laconismo do texto pouco se permite inferir à qual população o Edital se refere; chamando-nos máxima atenção à previsão hoje irrealista da construção de uma capital ideal onde habitariam tão somente 500 mil habitantes. A desconfiança sobre um planejamento feito às pressas e sem a devida atenção às óbvias consequências porvindouras ainda persiste em nossa pesquisa.

Seguimos, assim, a análise de três dos projetos premiados sempre considerando como foi pensada a questão da integração dos candangos.

I. Plano Piloto de Milton Ghiraldini e equipe (5º colocado):

Construtécnica era a empresa responsável por esse projeto de 55 páginas – duas vezes mais extenso que aquele apresentado por Lucio Costa. No plano físico, foram apresentadas dezenove pranchas e três maquetes que abrangiam o esquema básico da cidade, outra do centro urbano e a última do centro cooperativo rural (BRAGA, 2010, p. 45).

Braga sublinha (2010, p. 46) que os autores deste projeto se preocupavam em ressaltar sua preocupação pelos valores humanos e democráticos, afirmando que a cidade deveria ser planejada para todos.

---

[18] BRAZILIA. **Edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil**, publicado no Diário Oficial da União de 30 de setembro de 1956. Disponível em: http://doc.brazilia.jor.br/plano-piloto-Brasilia/edital-Concurso-Plano-Piloto.shtml. Acesso em: 23 fev. 2023.

A pergunta que, no entanto, nos obstina é: "quem seriam esses todos?". A resposta, porém, nos será parcialmente dada com a evolução da apresentação de Milton Braga sobre o projeto.

Chamou-nos a atenção um caráter bastante polêmico referente à densidade proposta pelos autores do plano. Segundo Braga (2010, p.46), esses urbanistas defendiam que Brasília não deveria ultrapassar uma população máxima de 150 mil habitantes (em última análise, podendo no máximo atingir a marca de 200 mil), o que se orientava de total desencontro com a proposta de 500 mil habitantes do Edital. Essa delineação dos responsáveis do projeto visava sobretudo frear o crescimento desordenado da capital, evitando ao máximo a aglomeração de pessoas (2010, p. 46).

O desfecho problemático dessa concepção, a nosso ver, é ignorar a evolução inevitável de seja qual for o território populado, ainda mais quando este se trata da capital de um país, crendo ser possível limitar num ímpeto próximo do idealismo quimérico e insustentável o crescimento populacional, independente da categoria hierárquica a qual essa população pertence.

Os autores chegam a defender essa limitação no campo populacional como uma forma de promover o sentido cívico e o sentimento comunitário em Brasília (2010, p. 46). É evidente, portanto, que a evitação da "aglomeração de pessoas" e a "limitação populacional de 200 mil habitantes" não poderia de forma alguma acolher a imensa legião de operários responsáveis pela construção da cidade.

Este plano piloto chegar a propor, conforme explicita Milton Braga (2010, p. 47-48), aquilo que nomeia de unidade de vizinhança, onde seria permitido o restabelecimento de uma existência plena e a promoção do convívio social, ambos perdidos nas grandes metrópoles. Tendo como objetivo eliminar a superficialidade dos contatos sociais, que inclusive seria o estopim do aumento de vícios e crimes, os autores defendiam a volta de uma base social fundada na unidade de vizinhança, onde todos se conheceriam, tal qual se via em aldeias e vilas.

> E por fim, para que os objetivos do princípio da vizinhança não fossem frustrados, **não deveriam ser criadas unidades destinadas a uma só das classes sociais da cidade**. Para uma vida comunitária mais rica, **as diversas categorias de cidadãos deveriam ser misturadas nos ambientes da vida cotidiana**. (Braga, 2010, p. 48, grifo nosso).

Sem embargo, apesar da pretensa benevolência do projeto, que procurava restaurar um provincianismo perdido, não sem isso criar limitações infactíveis e

simplórias do ponto de vista de um planejamento voltado à posteridade, é notória a desatenção à população candanga, que jamais se afinaria a essas "diversas categorias de cidadãos" não somente tendo em vista as limitações veementemente impostas no projeto, mas, sobretudo, em virtude do caráter exclusivista de uma população que aqui nos parece mais constituída de servidores públicos de níveis hierárquicos distintos.

II. Plano Piloto de Vila Nova Artigas e equipe (5º colocado):

Vila Nova Artigas e equipe apresentaram um plano bastante extenso, estruturado em um documento de mais de 100 páginas, uma maquete burilada e mais de 15 pranchas com informações e projeções muitíssimo detalhadas e abrangentes. Milton Braga (2010, p. 65), entretanto, aponta no projeto várias incongruências e redundâncias.

Verificamos, entretanto, algo instigante e totalmente particular em relação a todos os outros projetos aqui mencionados: a primeira e única menção à população operária, os candangos.

No plano de Vila Nova Artigas e equipe a diligência quanto à questão dos candangos é explícita e planejada, mesmo que a planificação em si seja de certo modo exígua tendo em vista a banalidade das previsões. Pareceu-nos que houve demasiada confiança em um horizonte fundamentado em convicções mais baseadas em suposições não verificadas e menos abertas a possibilidades diversificadas próprias da expansão populacional que pouco obedece a princípios concludentes.

De qualquer forma, é indiscutível o ineditismo do projeto quanto à preocupação de estudar as diferentes populações que habitariam a capital, não somente avaliando suas características, mas oferecendo soluções às suas problemáticas.

Ademais, este projeto, diferentemente do anterior aqui estudado (Plano Piloto de Milton Ghiraldini e equipe) sustenta a ideia de que Brasília deveria atingir uma população de 550 mil habitantes, aproximando-se, portanto, do que foi estabelecido no edital.

Milton Braga destaca (2010, p. 66) que os responsáveis do projeto eram contra a transformação da capital em um centro demográfico, comercial, industrial, cultural e turístico brasileiro, à maneira do Rio de Janeiro, já que isso provocaria um deslocamento em massa de recursos econômicos retirados de outros pontos do Brasil e perturbaria o desenvolvimento equilibrado do território nacional.

Há, em razão disso, um grande foco neste plano piloto no desenvolvimento agrícola e pecuário do território em torno da capital, o que nos fez cogitar que essa poderia ser uma solução empregatícia aos candangos após o término das obras. Não nos é possível

afirmar que os responsáveis pelo projeto teriam considerado a ocupação pelos candangos desses territórios, todavia, há evidências no estudo de Milton Braga da integração de uma parte da população operária no meio rural:

> No entanto, boa parte dessa população (os candangos) poderia permanecer, e, em relação ao destino dos que ficassem, **trataram das possibilidades de transferência desse contingente para outras atividades operárias, rurais ou urbanas**, concluindo que os estimados 30 mil trabalhadores da construção civil poderiam ser futuramente absorvidos pela economia do Distrito Federal. (2010, p. 70, grifo nosso).

As previsões do plano de Vila Nova Artigas e equipe, no entanto, equivocam-se, como já mencionado acima quando buscam fornecer números aproximados, incompatíveis com a realidade de um território que atrairia dada a magnitude de seu empreendimento milhares de indivíduos em busca de melhores condições de vida.

> Previram que 5 mil permaneceriam na própria construção civil, conforme o índice normal dessa ocupação numa cidade qualquer, 2.500 deixariam a nova capital e os demais 22.500 seriam absorvidos em diversos campos de trabalho operário. (BRAGA, 2010, p. 70).

O alojamento e a futura habitação para os candangos também foram temas tratados neste plano piloto e que, mais uma vez, trazem originalidade às suas propostas, posto que nos outros planos estes tópicos não foram de forma alguma considerados.

Seus idealizadores chegaram mesmo a projetar uma zona residencial (ZR3) destinada à população candanga, que a habitaria tanto de forma temporária, antes do início das obras, quanto permanente tão logo as obras da capital fossem concluídas.

> A ZR3, contígua à zona industrial e com capacidade para 42 mil pessoas, seria destinada principalmente aos operários, às classes de menores recursos e, durante a fase de construção da cidade, à população construtora. (BRAGA, 2010, p. 80).

Fica-nos claro que a preocupação com este tema se origina do receio da criação de outras cidades (satélites) ou de aglomerações descontroladas e desvalidas. O caráter de assistência às populações menos favorecidas, conforme indica Milton Braga (2010, p. 68) é persistente no texto do projeto, que condena qualquer tipo de "rarefação demográfica, tão prejudicial ao convívio social e ao desenvolvimento educacional e sanitário da população" e prevê a "instalação, nos núcleos coloniais, de centros sociais

[...] que deveriam servir de centros de encontro, de ensino e de assistência social, técnica, comercial e higiênica".

Por fim, uma especificidade significativa do projeto e que demonstra seu traço justo quanto à população candanga é o comprometimento relatado por Braga (2010, p. 84) com a construção da zona residencial industrial, antes do início das obras da capital, com o intuito de acomodar a população construtora.

Esse respeito das etapas de construção, privilegiando antes a acomodação daqueles que seriam os principais responsáveis pelo erguimento da capital, sem a exclusão já habitual destes indivíduos nos outros planos, nos motivou a adotar neste um posicionamento mais positivo.

III. Plano Piloto de Henrique Mindlin e Giancarlo Palanti (5º colocado):

Os autores deste plano apresentaram um projeto com sete pranchas de desenho, um relatório bastante curto (menor do que aquele apresentado por Lucio Costa), além de um manuscrito com dados que não foram incluídos no relatório apresentado (BRAGA, 2010, P. 86).

No que se refere ao ponto que nos interessa, a questão dos candangos, não encontramos qualquer menção deste tema no projeto; o que se observa, no entanto, é o respeito à densidade de 500 mil habitantes exigida no Edital do concurso e uma preocupação em se definir qual seria a população do futuro Distrito Federal.

Percebemos também, que diferentemente dos outros projetos, neste existe o anseio em se estabelecer uma grande zona industrial e agrícola, o que, à princípio, parece-nos uma alternativa de empregos aos candangos pioneiros, isto é, aqueles que chegaram em condições extremamente desfavorecidas ao Distrito Federal.

Segundo Milton Braga (2010, p. 87), Henrique Mindlin e Giancarlo Palanti organizaram a população da seguinte maneira: 35% (ou 175 mil) dos habitantes de Brasília seriam empregados em ocupações remuneradas, em que 40% ocupariam os cargos de funcionários públicos, 30% ficariam no comércio, na administração de empresas, nas profissões liberais, nos negócios, etc., 10% na indústria e 20% nos transportes, agricultura e serviços auxiliares.

Vê-se, com clareza, que o objetivo deste projeto era realmente construir uma cidade com uma alta proporção de funcionários públicos em relação àqueles envolvidos na produção industrial (BRAGA, 2010, p. 87); o que nos leva a crer que poucas seriam as oportunidades de incorporação dos candangos no mercado de trabalho de Brasília.

Este plano, todavia, era favorável à expansão da densidade populacional de 500 mil habitantes para, assim, evitar as cidades-satélites (ou conforme definido no plano, as cidades-dormitório), o que acarretaria grandes distâncias entre o local de habitação e trabalho (BRAGA, 2010, p. 88).

Vemos esse cuidado da expansão populacional com o intuito de evitar as cidades-satélites como algo problemático, à medida que a argumentação dos autores é superficial e não alcança a amplitude da questão relacionada ao motivo pelo qual essas cidades-satélites poderiam surgir. A nosso ver, não se trata aqui de simplesmente possibilitar o aumento populacional, mas sim de se pensar quem seriam os indivíduos que caracterizariam o crescimento dessa população. Mais uma vez, a pergunta que nos persegue é: não teriam esses idealizadores refletido na questão da integração dos operários da capital, ou mesmo da população pobre que chegaria ao local crédula em um futuro mais digno?

Por fim, a polêmica ganha mais intensidade quando, segundo Milton Braga (2010, p. 96), Giancarlo Palanti defendia que no tocante às zonas residenciais, cada uma deveria contar com diversos tipos de habitação, evitando, assim, a separação drástica das diferentes categorias sociais e permitindo aos cidadãos a escolha do tipo habitacional mais adequado às suas preferências individuais.

A partir disso, nos questionamos de maneira insistente se estes indivíduos pertencentes a diferentes categorias sociais, e aqui incluímos a parcela com menos poder aquisitivo, como operários, camponeses, funcionários de baixo nível hierárquico, etc., poderiam realmente "escolher" as habitações que preferissem, independentemente do valor locativo ou aquisito que elas viriam a ter.

Mais uma vez, portanto, observamos uma desconsideração com aqueles mais vulneráveis (aqui os candangos) que pouco ou quase nada participaram do objeto de estudo deste e de outros planos pilotos.

Resta-nos, assim, o inconveniente questionamento de Jean-Yves Loude:

> **Les promoteurs de Brasília étaient-ils naïfs au point de penser que les manœuvres, gens de peine, candangos, repartiraient vers leur passé obscur ?** Oui, sans doute autant que les responsables de notre histoire de France qui espéraient que les émigrés d'Afrique du Nord regagneraient le Maghreb une fois le pays reconstruit et modernisé.
> Ce qui arriva chez nous, se produisit ici : les candangos restèrent car eux aussi avaient entendu que Brasília serait la capitale de l'espérance. Ils voulaient en palper quelques miettes. Si ce n'était pas pour eux, ce serait pour leurs enfants. (LOUDE, 2008, p. 39-40)

TRADUÇÃO DA OBRA

PLANETA BRASÍLIA

JEAN-YVES LOUDE

Em homenagem a Oscar Niemeyer pelo seu centenário

Outubro em Brasília,

Minha querida Leuk,

Estou me preparando para deixar Brasília e ainda não sei dizer o que achei mais bonito: a cidade ou sua história, os monumentos erguidos ou a epopeia de sua construção. Sigo maravilhado.

- Você pode ir a Brasília, gostar ou não da cidade, mas nunca poderá dizer que já viu algo assim!

Esta é a opinião de Oscar Niemeyer, o arquiteto herói da cidade, e da qual compartilho: sim, nunca vi nada igual.

Falarei muito sobre ele em minha carta e, por um bom motivo, os brasilienses acreditam morar no sonho de Oscar. Mas não é bem assim. São na verdade três os inseparáveis autores que deram forma ao sonho de Brasília: o presidente Juscelino Kubitschek, o urbanista Lúcio Costa e o artista Niemeyer. Uma trindade. Não me acuse de abusar de imagens santas, Brasília foi concebida com grande influência do sagrado na terra (quase) imaculada do Planalto Central. Um Pai presidente, um Filho arquiteto e um urbanista que impôs o Espírito da cidade. Foram necessários muito mais do que os seis dias bíblicos para concluir a criação desta obra ideal, mas dada a magnitude do esforço humano, os três primeiros anos e sete meses de construção inicial correspondem muito bem a uma semana divina. Decidida em 1956, Brasília foi devidamente batizada em 21 de abril de 1960. Será

que ela desempenharia seu papel de paraíso projetado? E para quem? A história da humanidade nos ensinou que os subúrbios do paraíso eram povoados por excluídos e que o acesso às terras que emanam leite e mel[19] não era mais largo do que o fundo de uma agulha[20]. Será que essa metáfora cabia a Brasília, cidade recém-nascida e já canonizada pela Unesco? Seria sua beleza ou a qualidade exemplar de sua experiência que lhe fazia digna dessa distinção inédita?

Queria saber.

Sempre o quis.

Por muito tempo lhe disse que um dia iria a Brasília. Você duvidava. Mas por que Brasília? Era uma cidade que a opinião comum na Europa havia colocado na lista de coisas frias e sem graça, fincada artificialmente no centro de um país cuja fachada atlântica insistíamos em admirar. E se essa fachada encobrisse uma profundidade interior? Brasília despertou a curiosidade internacional de imediato, mas, com o tempo, as mídias perderam o interesse em acompanhar sua evolução.

Eu, no entanto, nunca a esqueci.

Embora criança no dia de sua inauguração, ainda me recordo. Na época, imaginava as cidades como velhas senhoras desgastadas pelo tempo, mas que se sentiam lisonjeadas ao revelarmos sua idade. Quanto mais séculos contavam, mais os guias turísticos lhes conferiam estrelas e as enalteciam. Eu tinha dez anos em 1960 e o Paris-Match nº 581 de 28 de maio dedicava dez páginas à "Capital que o Brasil acaba de se presentear no coração de sua imensidão". Percebi, de repente, que uma cidade poderia ser mais jovem do que eu. Isso me fascinou. Roubei a revista da pilha da família e a guardei com esmero entre meus tesouros de infância. Na capa, Jeanne Moreau triunfava em Cannes. Seu filho acabara de sofrer um acidente de automóvel em Dauphine Gordini, conduzido por um tal Jean-Paul Belmondo, futuro Homem do Rio[21] e, pelo mesmo ingresso e filme, o homem que corre por Brasília. A Nestlé lançava um café em pó "sabor Brasil" e exclamava em espanhol: ¡Qué café!. Khrushchov[22], o russo, desenterrava o machado de guerra em plena

[19] Êxodo, 3:8
[20] Mateus 19:24
[21] Filme de Philippe de Broca, 1964, estrelado por Jean-Paul Belmondo
[22] Nikita Serguêievitch Khrushchov (grafado também como Khrushchev ou Cruschev)

Paris e se recusava a apertar a mão de Ike, o americano, para o desespero do General De Gaulle. As relações leste-oeste esfriavam subitamente, a guerra se tornava mais fria, o coração do planeta batia ao ritmo do Pam-Pam (o suco de frutas na moda), temíamos uma explosão tipo Pschitt-citron (o refrigerante do momento), mas, vestido de Tergal e usando um Elaslip, o pai de família moderno dizia como nos comerciais de TV que a vida era boa.

Eu iria a Brasília.

A revista bem guardada acompanhou as etapas da minha vida. Brasília permanecia congelada em preto e branco na minha memória devido à fabulosa foto de uma árvore nua com galhos contorcidos e de um casal parado na linha do horizonte vazio, observando sob um guarda-chuva um prédio ministerial surgindo do nada. Cresci, envelheci. Brasília, ao mesmo tempo, cresceu, envelheceu. Como conseguiu chegar até aqui? Raymond Cartier, o grande jornalista, listava em seu artigo de 1960 os perigos que ameaçavam a pueril capital, susceptível à vingança de funcionários convocados a habitá-la, ao ódio dos cariocas transformados novamente em provincianos por sua culpa, às zombarias de seus detratores incrédulos. Uma sabotagem podia acontecer a qualquer momento. Ela sobreviveria?

Fica mais que evidente que eu realmente precisava ir a Brasília.

Agora já fui, a conheci, matei a curiosidade. Estou voltando. Espero que esta carta chegue antes de meu retorno. Mas não é garantido. A carta ainda passará pelo Rio, onde será separada e redirecionada. O Aeroporto Internacional de Brasília, desprovido de conexões diretas com o exterior, só recebe voos domésticos. O Rio defende seus privilégios. A guerra fria entre a segunda e a terceira capital do Brasil continua atualíssima.

6

Você me conhece, não sou do tipo que sai apressado, sentando-se em cima da mala no último minuto para tentar espremer os efeitos amontoados dentro dela. Minhas malas já estavam prontas, meticulosamente cheias de palavras, tudo dobrado sob a noção de

SINGULARIDADE, impressão com a qual precisava contar ao desembarcar em Brasília. Eu havia me preparado para a viagem classificando as qualidades e defeitos geralmente atribuídos a esta cidade UTÓPICA. De difícil definição, a identidade de Brasília suscitava o uso de qualificativos antônimos. Os comentaristas céticos ou cautelosos diante de tal experimento em curso posicionavam seus julgamentos em dois polos. O Projeto IDEAL era contestado pelo quotidiano MONÓTONO. Era possível PLANEJAR a ESPERANÇA? Realizar um sonho sem EXCLUSÕES? Impor tal DISCIPLINA na alma brasileira sem esperar TRANSGRESSÕES? E assim por diante. O PLANO PILOTO era posto em contraste com as cidades SATÉLITES: o centro privilegiado versus suas periferias. Note que em Brasília não se diz favelas, mas satélites, para descrever o resultado de uma INVASÃO espontânea. Mas preste atenção às nuances: é preciso distinguir uma invasão chique de terrenos abastados praticada pelos ricos, de uma invasão pobre que, como em outras partes do Brasil, supõe um agrupamento de misérias.

Eu também guardava no bolso algumas palavras agradáveis e sem correlação, como ORGULHO, RECORDE, CORAÇÃO, CULTO, esta última associada a JK, o diminutivo de Juscelino Kubitschek, o estimado presidente. Levava comigo uma palavra insistente, MÍSTICA, presente desde análises sérias a colunas de artigos sensacionalistas: “Brasília, a nova Meca do esoterismo”. Coloquei de lado uma palavra que ainda exigia definição, pois sua tradução não constava nos dicionários de língua francesa, indicando, portanto, sua importância na construção da originalidade de Brasília: CANDANGO, um termo de suor e glória estampado na camisa dos anônimos operários da cidade. E me restava ainda uma palavra de peso, CÉU, que gerava tanta unanimidade ao seu redor que me impossibilitava de não reconhecer a afirmação: o céu de Brasília é tão lindo que merece ser tombado. O céu de Brasília é tombado: não traduzir para o francês por “tombé” (caído), mas por “classé”.

Levando assim comigo tantas palavras preciosas, caí do céu e despenquei no Planalto Central.

6

As estatísticas comprovam: uma viagem tem fortes chances de começar em um táxi. Em Brasília, isso é inevitável. A associação de taxistas representa uma espécie de SAMU para o pedestre sufocado pela imensidão. O recém-chegado sabe que não poderá explorar esta cidade sem a ajuda deles, assim como um alpinista não poderá se esquivar dos Sherpas para conseguir atingir o topo a uns 8 mil metros de altitude. Esses homens, portanto, gozam da serena segurança dos seres indispensáveis. Dispõem de confortáveis salas de espera. Alguns pontos de táxi chegam a ser equipados com sofás, poltronas; em outros, porém, a simples sombra de uma árvore florida já serve para abrigar uma mesa de jogo. As cartas caem, os dominós estalam. Ficamos até constrangidos de interromper uma partida acalorada pelo fútil pretexto de uma corrida: muitas vezes nos sentimos tentados a nos desculparmos diante do motorista chamado à tarefa por seus colegas:

- O primeiro da fila!

O primeiro humano que encontro nesta terra se chama Holande. Nasceu em Pernambuco.

- Brasília é mesmo o coração do Brasil, me confidencia ele ao engatar a segunda. Muitas foram as famílias que enviaram um filho para a capital na busca por trabalho, esperando se juntarem a ele mais tarde. De Goiás ou de Minas, ao nosso sofrido sertão, sotaques de toda parte se mesclam por aqui. Essa gente, tal qual os carros, pegou os trevos rodoviários, se misturou no trânsito e acabou perdendo suas peculiaridades regionais. Não tinha outro jeito. É por isso que falamos o português mais bonito.

Ouço bem, mas meu ouvido acostumado aos tons de Lisboa ainda sofre para se adaptar ao seu persistente sotaque nordestino. Ao sair do aeroporto “Presidente Juscelino Kubitschek”, Holande se lança em um tráfego que eu não imaginava tão intenso. Desde a primeira acelerada, resgato minhas memórias de arquivo: não há mais avenidas desertas em preto e branco, as seis linhas de cada eixo rodoviário passam a existir concretamente.

- Brasília é a cidade do mundo com mais carros por habitante, continua Holande. Para cada habitante, um carro.

Eis aqui um primeiro recorde que se apresenta.

Brasília, cidade ainda em formação, recorre prontamente a esses recordes para se destacar. Isso vai desde a cidade do mundo que detém o maior número de piscinas particulares até a vã afirmação de que a área do lago artificial Paranoá ultrapassa a da baía de Guanabara.

Mais uma chacota a ser acrescentada à lista de zombarias e rixas que as duas rivais persistem em manter. Prefiro para Brasília o título de cidade mais arborizada do planeta. E não é difícil acreditar nisso. São as flores que imediatamente chamam a atenção. Flores roxas dos jacarandás, flores amarelas dos ipês, flores nobres das plumérias, flores opulentas em galhos secos agarrados a árvores esqueléticas que esperam a chuva para se metamorfosearem. Holande acompanhou meu olhar e solta a frase mais desagradável para o visitante que chega na hora errada:

- Você não escolheu a melhor época. Além disso, a estação seca está se prolongando este ano. Não há previsão de chuva até meados de outubro. Se chovesse, você não reconheceria a cidade. Tudo o que agora lhe parece triste, desvalido e devastado para sempre, torna-se em 48 horas um verdejante tapete. Nossa grama não morre, hiberna, e desperta instantaneamente sob o efeito da água. As árvores se cobrem de folhas. Não há como descrever esta maravilha da natureza. É o milagre do cerrado!

Cerrado: outra palavra intraduzível para o francês.

Brasília foi construída em pleno cerrado, uma savana de gramíneas, arbustos e árvores de tamanho modesto, mas de essência original, de troncos rústicos e retorcidos, com cascas grossas e flores delicadas. Ouço falar que a parte oculta dessas árvores é mais importante do que aquela que emerge; suas raízes cavam tão obstinadamente nas entranhas da terra que os incêndios repetidos as devastam sem matá-las. É possível ver suas flores perfurando os galhos carbonizados após o desastre. Milagre da natureza e testemunho de profundidade. Aqueles que fizeram a escolha de se instalar nesta região central do Brasil evocam a influência do cerrado sobre os seres: seriedade e profundidade são as qualidades que o brasiliense reivindica para si. Brasília acrescenta à sua natureza a particularidade de ser um lugar único no mundo. A flora e a fauna do cerrado não são encontradas em nenhuma outra parte da superfície do globo.

Não vou mentir dizendo-lhe que o cerrado continua em seu pleno vigor desde que o homem aqui chegou com suas escavadeiras e ambições. Por muito tempo o vazio silencioso regia essa região. A vida indígena também não era muito abrangente. O cerrado era atravessado por bandos de migrantes que corriam em busca de ouro, mas esses

aventureiros conhecidos como “bandeirantes” tinham demasiada cobiça nos olhos para se demorarem nesta zona que, todavia, lhes oferecia água, frutas e caça à vontade. Sorte das capivaras locais, esses ratos dóceis e grandes como filhotes de urso, que se mostram tão bons para comer como confiantes nos humanos: elas ganharam algumas décadas de paz.

Há algo que não se pode negar: o local para Brasília foi bem escolhido. Duas expedições científicas, dignas dos romances de Júlio Verne, comprovaram desde o final do século XIX a excelência climática e hidrográfica do Planalto Central caso o projeto de transferência da capital saísse do papel. Isso, no entanto, só aconteceu sessenta anos mais tarde. Hoje Brasília está se expandindo, o cerrado, encolhendo. Seria preciso considerar seu tombamento.

Holande, de repente, me adverte em um tom imperioso:

- Não se esqueça de se hidratar!

Ensaio uma piada:

- Com cachaça? Álcool de cana três vezes ao dia antes de cada refeição? Nada mal!

Holande se mostra contrariado com minha molecagem.

- O senhor não sabe que o ar de Brasília é tão seco quanto o do Saara. Se quiser aproveitar a cidade, beba água.

Meu motorista não queria perder um bom cliente durante a minha estadia; melhor para ele que eu dure. Vê-se bem que a luz deste setembro é branca e poeirenta, sinal de secura. Esta palavra é um falso amigo em francês que de modo algum garante segurança, mas sim uma aridez extenuante ao organismo quando atinge seus picos. Aqui se fala de alertas de ar seco como em outros lugares se fala de poluição. Abaixo de um certo limite de umidade (10%), o nariz pode sangrar, os lábios racharem, escolas fecharem, esforços físicos são desaconselhados e o umidificador se torna acessório indispensável. Brasília decididamente não é para os fracos.

Holande insiste em cuidar de mim.

- O senhor tem certeza de que não quer ir primeiro ao hotel?

- Não. Estou com poucas malas. Quero ir direto ao Marco Zero.

6

Como tenho que manter a secura à distância, melhor é tomar uma *long neck* no pátio do Conjunto Nacional, um dos dois shoppings que cercam o Marco Zero. E repito a cada gole para me convencer:

- Cinquenta anos atrás, neste mesmo lugar onde bebo minha Skol gelada servida em seu porta garrafa de isopor, não havia nada além da calmaria primitiva do cerrado.

Sonhei em viver esse momento.

Agora que cheguei ao Marco Zero, estou livre para visitar a cidade e descrevê-la, investigando os que aqui vivem e como a habitam. Tiro da minha carteira a foto que constitui a prova. É uma famosa foto de Mário Fontenelle, a testemunha oficial da construção, a quem o próprio presidente Kubitschek confiou uma câmera Leica M3, aparelho digno de sua missão. Imagine a cruz formada em 1956 por duas pistas traçadas no nada de um planalto ponteado por tufos secos. É difícil de acreditar, mas a exorbitância do projeto de Brasília aparece nesses dois traços imperiosos que se cruzam em ângulos retos para encontrar os quatro pontos cardeais. Antes de nascer, Brasília foi um arranhão na pele do Planalto, uma tatuagem irreparável, a marca da posse. O símbolo era desejado. Não pense na projeção da cruz de Cristo no solo, não, aqui se tratava da assinatura de um contrato: aquele que o Poder queria estabelecer entre todo o país e ele ao se instalar no centro do território. O Brasil confirmava assim a sua independência de 1822, libertando-se finalmente da costa e das fáceis transações atlânticas ligadas à era europeia. Graças a Brasília, o país adentrava em todos os seus estados, era um gigante que acordava.

Visualmente, o Marco Zero é hoje em dia um fosso imenso no fundo do qual os dois eixos rodoviários principais se sobrepõem. Atenção: não há cruzamentos em Brasília. O urbanista Lúcio Costa proibiu o encontro direto de vias e tudo que pudesse restringir a fluidez do tráfego. Ele inventou uma trama hábil de alças de acesso e trevos que dá ao motorista a impressão de dirigir em um parque de diversões. O carro percorre anel após

anel, uma vez por cima, outra por baixo, a fim de se encontrar na direção desejada. Os pneus cantam ao fazer a curva no asfalto polido. O recém-chegado sofre de tonturas, mas a opinião geral é favorável a essa lógica do fluxo automobilístico sem paralisações, e sem semáforos. O aparecimento destes últimos é um acontecimento recente na cidade que tinha acrescentado sua proibição à lista de seus valores. Parece que sua implantação é uma concessão feita à sobrevivência do pedestre, animal raro no qual todo brasiliense, vez ou outra, se transforma por breves instantes, mesmo que ele admita que aqui o corpo sofre uma mutação: uma cabeça, um tronco e quatro rodas. Voltarei ao destino reservado a este bípede desprezado quando minha experiência de acrobata maluco tiver sido obtida por vários cruzamentos de avenidas.

Por enquanto, estou debruçado sobre o fosso dos ônibus.

A rodoviária ocupa o primeiro plano inferior desse poço urbano. É o ponto nevrálgico pelo qual os "trabalhadores diurnos" se juntam ao Plano Piloto pela manhã e o deixam à noite para seguirem a seus distantes subúrbios: Guarás, Ceilândia, Taguatinga, Sobradinho, Samambaia, Planaltina... As imagens dos tempos primitivos mostram uma cava de concreto clara e deserta de onde se vê um ou dois ônibus Mercedes redondos e bonachões, cercados de algumas Kombis VW. Neste momento, tenho a visão aérea do teclado de um piano cujas teclas seriam os tetos brancos de dezenas de ônibus espremidos. Aqui, todo dia toca-se a mesma melodia, o concerto dos destinos apressados pelas horas dos trabalhos administrativos ou domésticos. Continuamente uma multidão emerge à superfície ou mergulha no poço. Não é de se espantar que um excêntrico conjunto de lojas tenha se formado sobre a plataforma arejada deste coração enterrado. Estaria a vida informal em Brasília reivindicando seus direitos? A resposta é imediata. Passo através de um fila de quiosques improvisados que vendem óculos, relógios, calcinhas, calçados, toalhas, roupas ou capas de celular: coisas minúsculas e a preços reduzidos. Os vendedores ambulantes exibem no tabuleiro de seus carrinhos de duas rodas: caju, tamarindo, jabuticaba, pequi, frutas cujas formas e cores desconheço e que denunciam uma origem amazônica. Um vendedor, instalado sobre a faixa de pedestre, rega sua montanha de camarões secos. O próprio coração de Brasília é popular e funciona como uma válvula, aspirando e expulsando os agentes laboriosos do dia a dia. Estes personagens coadjuvantes da capital estão apenas de passagem, mal tendo tempo de desviar o olhar e contemplar o corpo monumental da cidade. Sua obstinação em sobreviver os mantém à

parte destes santuários audaciosos de concreto através dos quais Niemeyer tentou renovar o pacto entre a beleza e a funcionalidade. A aposta bem-sucedida de Brasília.

Eu, por outro lado, tenho a sorte de poder elevar o olhar. Estou aqui para isso. Deixo uma gorjeta em reais (para matar a secura) ao ascensorista da torre de TV e levito até a plataforma panorâmica desta irmãzinha da Torre Eiffel que atinge duzentos e dezoito metros de altura. Lá, surpreendo o sol no horizonte brincando de semáforo. É sabido e repetido que Lúcio Costa deu ao Plano Piloto o formato de um avião. Mas é preciso subir até a metade desta torre de controle para visualizar o projeto e entender seu propósito. O eixo monumental, cercado pelos ministérios, realçado pelo teatro e pela catedral e, em breve, provido de uma grande biblioteca, forma a cabine de pilotagem. Ela aponta para o leste em direção ao Lago Paranoá: é lá que fica a praça dos Três Poderes, onde o Executivo, o Legislativo e o Judiciário buscam o alvorecer para trabalhar na decolagem do país. O palácio presidencial da Alvorada, isolado muito à frente, parece escapar da cabine, a menos que adornemos nosso avião com um nariz de Concorde. As asas, soldadas à fuselagem pelos setores bancários e hoteleiros, norte e sul, integram as áreas habitáveis, rigorosamente simétricas e atravessadas por corredores automobilísticos retilíneos. Minha torre de observação se situaria na parte de trás da aeronave, cuja cauda engloba o memorial JK, erguido em homenagem ao Presidente Kubitschek. Nomearei este importante lugar de culto como o depósito da memória.

Por pura poesia, prefiro ver nos planos antigos da cidade a forma de um beija-flor gigante, traçado à maneira das misteriosas figuras de pássaros que a civilização desaparecida dos Nazcas deixou gravada no solo dos pampas áridos do sul do Peru. Os primeiros esboços que Costa teve a audácia de apresentar diante das maquetes dos concorrentes tinham esta leveza volátil. Brasília: a cidade do beija-flor sagrado. Eis aqui meu mito pessoal, querida Leuk.

Quanto a Lúcio Costa, se ele ganhou o concurso do Plano Piloto, contra outras vinte e três propostas, foi porque soube trazer com muito esforço a modéstia calculada de um projeto simples, não de uma cidade pomposa, mas de uma capital lisonjeadora para os Césares da história contemporânea e futura. Note que Brasília escolheu Roma como sua irmã mais velha. Não é por acaso que uma réplica de bronze da loba que amamenta Rômulo e Remo guarda a entrada do Palácio do Buriti, sede do governo federal. Os

incentivadores de Brasília pretendiam comunicar ao povo brasileiro a validade de sua fundação, circundando-a com os sinais de uma eleição sagrada, como na antiguidade. Vou lhe contar sobre a cuidadosa construção mítica de Brasília; considero-a uma obra-prima. Nesta lógica demonstrativa, o urbanista Costa a planejou grande, ampla e imperial. O eixo monumental é um espaço ideal para os triunfos e para a recepção de chefes de estado estrangeiros, para desfiles militares e demonstrações de força. O eixo, após a chuva, também pode ser considerado como um generoso tapete verde oferecido aos esforços da diplomacia. Não é de forma alguma um corredor vegetal que inspira o lazer ou o passeio; o homem comum não tem lugar neste Campo de Marte. O carro, por sua vez, tem menos escrúpulos. Quatro vias o margeiam ou cortam seus gramados através de graciosos números oito que se assemelham às proezas dos patinadores no gelo.

Não vou negar que este eixo causa um grande impacto na cidade. É um vazio imperativo que se impõe. Ele coroa o reinado do espaço e garante a preservação desta regra fundamental do bem-estar em Brasília. Imobiliários gananciosos, *go and stay home*! Os espaços livres não estão disponíveis, eles são tombados da mesma forma que os edifícios.

Nas asas do Plano Piloto, Costa também previu a amplitude, condição favorável ao prazer de viver e à eclosão de uma criatividade cultural "luminosa e sensível" (conforme seus desejos) à margem da atividade política. Eu lhe prometo uma expedição para uma *superquadra* a fim de se permitir uma avaliação da harmonia da amplitude. Traduza "quadra" por ilhotas quadradas de habitações. Já até previ a visita à quadra 308 Sul, a primeira construída e apresentada à imprensa na época de sua inauguração.

Mas não vou deixar meu vertiginoso poleiro metálico sem antes travar uma batalha com este céu. Será que acabamos ficando com a cabeça no mundo da lua em Brasília por causa de uma atração irresistível por ele? Os edifícios são limitados a seis andares para não estragar a vista. Somente os bancos e os hotéis têm o direito de ultrapassar esse limite; mas é claro que há sempre o risco de se avistar alguns prédios egoístas rasgando a abóbada celeste. Este é o dilema que constantemente faz ranger os dentes em Brasília: devemos privilegiar a rigidez dos regulamentos de tombamento ou a liberdade muitas vezes insolente da vida? A pergunta permanece sem resposta. Voltemos ao céu. Lúcio Costa dizia que se tratava do mar de Brasília. Acredito que, na época pioneira, o argumento se

destinava aos cariocas, a fim de incitá-los a deixar o Rio e sua baía em favor do Planalto. Na verdade, Costa tem razão, este céu é destinado aos sonhadores que gostam de navegar em barquinhos de papel ou em pipas. Ele revela paisagens que mudam de acordo com a ondulação e as estações, e logra de grandes marés de nuvens e de artifícios no crepúsculo. E tendo em vista que Niemeyer se permitiu voluptuosas audácias de concreto no solo, o céu se ocupa em construir edifícios nebulosos com curvas extravagantes para desafiar o arquiteto. A disputa entre céu e concreto é uma verdadeira beleza. Somente a foto prolonga estes efêmeros duelos. Estou exagerando: já faz muito tempo que as virtudes deste céu foram notadas. Cruls, o astrônomo que dirigia as identificações do local da futura capital em 1895, elogiava sua limpidez: do Planalto Central, a noite conversa com os astros, dizia ele, chega-se a eles com instrumentos menos sofisticados do que em outros lugares. Esta é sem dúvida uma das razões da reputação mística de Brasília: parece que aqui entramos em contato com o mundo celestial com facilidade, sem toda a parafernália religiosa empregada em outros lugares para penetrar nos mistérios do além. Este será um outro tema de investigação. Não se esqueça de que só estou terminando meu primeiro dia e não tenho medo de perder uma segunda noite de sono. Estou em meu habitual estado febril de recém-chegado pronto a devorar tudo.

O hotel se chama Byblos. Uma cafonice de dois andares, dos anos 70. Brasília já tem idade suficiente para contar com “bibelôs” de arquitetura ultrapassada. O proprietário libanês queria um pórtico que parecesse um chapéu de dervixes rodopiantes ou um chapéu de mago. Eis uma surpresa oriental em pleno ocidente que se mostra perfeita para residências de artistas que apreciam anacronismos.

Minha anfitriã tem quarenta anos e nasceu em Brasília ao mesmo tempo que a cidade. Como sei disso tão rápido? Basta perguntar:

- Você vive aqui há muito tempo?

Vim para cá para fazer essas perguntas:

- Gosta daqui?

É uma mulher morena, alta. Seu rosto ostenta belezas de origens múltiplas. Seu pai veio de Minas Gerais. Foi o próprio presidente que o convidou para participar da construção de Brasília. Os dois homens se conheceram por terem militado juntos.

- Juscelino Kubitschek era uma criatura cordial, diz ela, gentil com todos. As pessoas acreditavam nele. E meu pai acreditou na história de Juscelino. Era difícil, porém, manter a fé no meio desta terra vermelha.

Um sonho rubro e poeirento.

- Minha mãe só se juntou a ele depois de um ano. As mulheres se preocupavam com a perspectiva de uma vida resumida a poeira em um lugar desprovido de tudo. Meus pais se instalaram na Vila Candangolândia, a cidade dos Candangos, em uma casa simplesinha de madeira e materiais recuperados. A vida era dura; a alimentação, uma preocupação constante. Mamãe chorava muito. Para ela, deste solo não poderia emergir a esperança. Só quando viu os primeiros prédios saírem do chão que ela percebeu que Brasília não era apenas um sonho de papel ou de um homem de conversa fiada. Assim, ela deu à luz minha irmã mais velha, alguns meses depois da inauguração da cidade. Este nascimento foi para os meus pais uma certidão de instalação em Brasília.

Ela lamenta que seu pai nunca tenha recebido o mínimo de gratidão por sua participação em uma obra de tamanha grandeza. Com o término das construções, ele teve o mesmo destino de milhares de trabalhadores, descartados na periferia.

- Mesmo tendo conseguido um cargozinho no Ministério da Saúde, muitas vezes não jantávamos no fim do mês. A vida era cara, os suprimentos vinham de fora. Éramos seis em casa.

A sobrevivência da família exigiu a partida do nosso pai para São Paulo, o segundo exílio daquele homem que tinha vindo para Brasília na esperança de melhorar a sorte dos seus.

- Quando meu pai voltou após dezessete anos, nada havia mudado para nós.

Com outros clientes interrompendo a narradora, não vou saber a continuação da história. Mas a partir de agora prometo que não mais admirarei nenhum monumento desta cidade sem antes prestar homenagem aos aventureiros sem nome que a construíram. Brasília deve sua alma aos candangos.

Bem, a esta altura, seria uma desconsideração de minha parte ir dormir sem saber como Brasília, a cidade planejada, passa suas noites. Então, Holande, por favor, vamos para o Beirute, SCLS 109!

- Setor Comercial Sul 109, sim, sei bem. O Beirute é um lugar famoso, um dos primeiros a ter trazido luz à noite obscura de Brasília, sabendo se manter iluminado por três décadas sem interrupção. Ele atrai todas as mariposas em busca de agitação. Note bem: é o único bar que obedece a sua hora de encerramento, mas que nem por isso os clientes vão embora. Às duas horas da manhã, as luzes se apagam, mas os fregueses boêmios permanecem no escuro até a sua franca expulsão, já bem tarde. Boa noite! Quando o senhor precisar de mim, é só chamar.

Obrigado, Holande. Acho que não vou voltar ao Byblos tão cedo.

Instalo-me perto de dois casais que são presas de repentistas. Adoro a cena e este nome de repentistas, que não designa os penitentes, mas os improvisadores de rua, cronistas poetas e mentirosos profissionais. Eles inventaram versos rimados para relatar as provas da vida no Nordeste e dispensar conselhos. Estes dois ali, emigrados na capital, vestindo chapéus de aba larga e munidos de violões de dez cordas, se dedicam a elogios remunerados. Cada um deles cria versos para elogiar os olhares que os homens da mesa dirigem às belas mulheres que os acompanham. Um diz: “Ah, este homem parece ter dinheiro e a capacidade de satisfazer os mais ínfimos desejos da eleita!” O outro o interrompe: “Mas aquele ali alimenta há muito tempo uma paixão por sua musa...” Duas estrofes por dois trocados, todo mundo fica contente.

Um de meus vizinhos de mesa me vê rabiscando as fórmulas poéticas. Ele me interpela sem cerimônias:

- Se pretende escrever, terá que traduzir a força atrativa deste lugar. Dizer por que somos tão apegados a ele. Aqui parece uma garagem. Nada distingue sua fachada da loja de eletrodomésticos do outro lado da rua. O corpo do edifício é estreito, com uma sala no andar de cima que, de baixo, parece uma cabine de pilotagem de um navio de carga. Deve haver telhas onduladas nos terraços, mas da borda de nosso copo não podemos vê-las. O Beirute foi o único lugar aberto além do cinema nos dias heroicos. Um lugar de provocação, de comentários políticos, de declarações. Lutávamos por intermédio de

golpes de palavras. Testemunhei aqui durante uma discussão acalorada um rapaz subir na mesa e abaixar suas calças: foi assim que ele buscou responder a uma decisão política questionável. O Beirute não é um gueto. Os intelectuais, os paqueradores, o povão, todos se misturam aqui. Temos divertimento a baixo custo. Na quinta, aqui lota. Assim, como faltava espaço e a extensão na calçada era limitada por causa da lei de tombamento, os clientes se apropriaram de um espaço vazio fora do recinto e impuseram este prolongamento selvagem. Ela é comumente conhecida como “a praia”. Dizemos assim: “Vamos à praia!”

Perfeito. Estou apenas na minha primeira caipirinha e uma conversa inesperada me leva diretamente ao ponto: as brechas no plano ideal através das quais a vida consegue se infiltrar.

Meus companheiros amam sua cidade. Uma das jovens mulheres nasceu aqui. Assisto a uma aula intensiva de Brasília com um tom forte e crítico. Um deles montou uma empresa de interpretação, a outra trabalha em comunicação. Estão habituados a viver com os blocos de Lúcio Costa. Alimentam pelas quadras um sentimento “gráfico-afetivo”. Dizem:

- Aqui você é o pedreiro de sua própria cidade. Em nenhum outro lugar você pode encontrar um campo tão criativo para atender as suas necessidades. Ainda somos os pioneiros. A cidade é aquilo que fazemos dela. Por muito tempo, Brasília foi povoada por pessoas desenraizadas, funcionários públicos obrigados a morar aqui ou trabalhadores carentes seduzidos pela possibilidade de ganhos. Os segundos não tiveram escolha, os primeiros apenas suportavam Brasília, já que no começo o Estado lhes oferecia a possibilidade de “voltar ao mundo civilizado”. Uma vez por mês, eles recebiam um bilhete gratuito para retornar ao Rio ou a São Paulo em um avião do exército. Eles mantiveram o lema “Coragem, fujamos!” Eles carregaram a nostalgia de suas origens até a adolescência de seus filhos. E foram os primeiros a se surpreenderem com o fato de que seus descendentes desenvolveram um forte sentimento de pertencimento a Brasília. Assistia-se, assim, ao nascimento do orgulho brasiliense!

- Antes, ninguém ficava em Brasília para as férias, a cidade se esvaziava, era o êxodo para as praias.

- Hoje isso acabou. A região é o berço das águas, a fonte dos grandes rios, desfrutamos das cachoeiras mágicas do cerrado...

- E de piscinas com ondas que substituem o mar.

As opiniões vão se misturando e mais pessoas participam da conversa:

- Para mim, insiste a nativa do Plano Piloto, o resto do país é exótico. Representamos um Brasil viável e civilizado.

- Os cariocas tiram sarro da gente, dizendo que vivemos na Ilha da Fantasia, fora da realidade, em uma espécie de cenário improvável onde tudo funciona bem, como no seriado americano do mesmo título.

Não é verdade. Nem tudo está às mil maravilhas.

A insegurança vem aumentando por causa da tensão das cidades-satélites: elas estão se dilatando. As "invasões" persistem e são até mesmo estimuladas: um terreno para construir oferecido aos desprovidos da parte norte sob condição de um voto subserviente para garantir uma reeleição. É a denúncia de um populismo arriscado que ouvirei repetir com uma amargura constante. O resultado: a violência cresce no solo da miséria periférica descontrolada. Isto não fazia parte do plano. O que foi previsto em 1957? Uma cidade de 300.000 habitantes, 500.000 no início do século XXI, servos da nação bem instalados no Plano Piloto, munidos de um manual com as regras da vida. Basta! O laboratório, em seguida, fecharia suas portas.

Não foi o que aconteceu.

Esta previsão arbitrária me parece muito estranha: como se pode fixar antecipadamente o número de pessoas que devem habitar uma nova cidade repleta de qualidades? Os incentivadores de Brasília foram tão ingênuos a ponto de pensar que a mão de obra, o povo sofrido, os candangos, voltariam ao seu passado sombrio? Sim, provavelmente tanto quanto os responsáveis por nossa história francesa que esperavam que os imigrantes do norte da África retornassem ao Magrebe assim que o país tivesse sido reconstruído e modernizado. O que aconteceu conosco na França se produziu aqui: os candangos ficaram porque também tinham ouvido dizer que Brasília seria a capital da esperança. Contentavam-se em receber algumas migalhas. Se não fossem para eles, seriam para os filhos. Perto do Poder, fica evidente que ali a sorte sopra mais forte.

Brasília ultrapassa hoje em dia dois milhões de habitantes, espalhados por dois planetas. Não é por acaso que se utiliza o termo "satélite" para se referir aos anéis do Plano Piloto. Há naves espaciais entre os dois universos? O metrô? Parece que ele liga a estação rodoviária à Taguatinga. Ele funciona?

- Nunca o pegamos.

Sério? Então eu o pegarei.

FOTOS

- Brasília é a cidade mais árdua de visitar, mas mais agradável de viver.

O tradutor espirituoso da noite do Beirute me lançou esta provocação, como um desafio, ao tomar uma última Antártica, a cerveja que se bebe abaixo de zero. Nada melhor para me lançar em busca da minha felicidade de visitante; ela passa pela beleza do edifício e pela experiência dos residentes que o acaso me oferece. Afinal, não são eles considerados também como "habitantes da utopia"? Disponho do tempo que os turistas de excursão não têm. Brasília é demasiado original para ser apreciada como uma cidade normal, com alguns deveres culturais visitados rapidamente. Ela ainda não foi recoberta pelos sedimentos dos séculos, mas já possui sua epopeia: o gesto de titãs do Planalto. Comecemos pelo fim. JK, o herói, morreu cedo demais. Seus fiéis agradecidos lhe ergueram um mausoléu em 1980. Seu túmulo, um bloco enorme de mármore branco, separa o eixo monumental a oeste, conforme a tradição mortuária: os mortos apreciam o pôr-do-sol. No entanto, a estátua de bronze do presidente, no topo de seu pedestal de concreto de 28 metros de altura, saúda o sol nascente. Kubitschek sempre fez referência ao amanhecer: "Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino." Uma de suas frases mais célebres. Esta fé moveu, não montanhas, mas uma capital.

No começo foi o sonho. Essa é uma palavra-chave da cidade.

Desde muito cedo, o sonho de Brasília se impôs aos homens convencidos de que a grandeza do Brasil se construiria em torno de uma capital central. O Rio oceânico não tinha as qualidades necessárias para ser o farol dos Estados Unidos brasileiros. Os primeiros separatistas, denominados Inconfidentes, aconselhavam a mudança de capital. O poder colonial não gostou muito desses conselhos. Um dos líderes do movimento, Tiradentes, foi morto em 1792 e esquartejado como bode expiatório por pregar a unidade de um Brasil livre. Após a independência em 1822, o plano de mudança da capital foi inscrito na Constituição. Expedições científicas determinaram no final do século XIX o ponto ideal de onde irradiariam as decisões do Estado para as cidades do interior e do litoral. Nota-se, desse modo, que já fazia tempo que o Planalto Central tinha sido encontrado. Mas faltava ainda coragem política. Na verdade, a ideia de trocar a elegância da vida carioca pelo nada de um faroeste associado a boiadeiros e criminosos não agradava muito. A teoria era bonita, mas não entusiasmava o bastante a ponto de sair do papel. Bastou um homem de convicção, Juscelino Kubitschek de Oliveira, para a história dar uma reviravolta. Como faço para transmitir a você meu sentimento de admiração por este homem? Seria a força de se banhar na atmosfera de Brasília que nunca nos deixa esquecer sua presença? Não acredito. Eu me dei conta ao chegar aqui de que havia ignorado uma das figuras marcantes do século XX. Não se pode negar que seu mandato durou pouco. Mas queria lhe dizer como estou feliz por conhecê-lo melhor. Poucos seres conseguiram, de maneira tão solar, realizar seu sonho, deixando à humanidade um presente que a engrandece. Uma amiga cineasta o descreveu com brilhos de afeto nos olhos:

- Ele era alto, falava com uma voz suave. Os políticos de hoje não sabem mais falar. Ele sabia. Era bom dançarino, não parava quieto. Era um médico de origem humilde. Cuidar de seus pacientes não lhe bastava, ele queria participar do crescimento de seu país.

JK, ainda governador de Minas Gerais, certa vez declarou:

- Como médico, buscava sempre o bem-estar do meu paciente, mas como governador tratarei as enfermidades urbanas.

Ele fez melhor.

Ele injetou no país uma poção mágica com base no entusiasmo que o fez progredir cinquenta anos em cinco. Conta-se que ele lançou o Brasil sobre quatro rodas ao promover a implantação da indústria automobilística. Energia e transporte eram a dupla principal

de suas ambições. Ele impôs um ritmo frenético à nação, tonteando a economia que era levada pela valsa da inflação. Ficou conhecido como presidente bossa-nova. Dinâmico e sedutor, imprimiu na sua época um otimismo sem precedentes e no Brasil a confiança que lhe faltava. E, qualidade rara, começou e terminou seu mandato nos dias estipulados pela Constituição. Não tendo o direito de suceder a si mesmo, com certeza considerou reassumir a presidência após seu sucessor para finalizar sua obra, em particular Brasília que inaugurou na véspera de sua partida. Infelizmente em 1964, a história assumiu sua face mais autoritária e a ditadura militar impediu a possibilidade de seu retorno. Exilou-se em Paris já que sua popularidade e honestidade incomodavam os líderes militares que apreciavam menos o samba do que ele.

- Quando morreu, me contou a amiga cineasta, Juscelino tinha um apartamento no Rio, uma pequena fazenda em Brasília, paga com a ajuda de um empréstimo bancário. Era tudo.

Sua última morada é mais solene.

Juscelino Kubitschek, o fundador da cidade, o faraó moderno, repousa em um túmulo em forma de pirâmide cortada. Uma cápsula ovoide de mármore está instalada acima do telhado, uma nave espacial para uma alma que parte. Enquanto o exterior do mausoléu é branco e sereno, o interior é escuro e dramático. No primeiro andar, um anjo paira sobre o sepulcro, estendendo uma trança de louros através do crepúsculo vermelho de um céu artificial. Neste ambiente intencionalmente pesado, não encontro a simplicidade do líder popular que visitava os canteiros de obras de Brasília sem nenhuma proteção além de um capacete e que os trabalhadores cumprimentavam entusiasmadamente, deixando seus postos para vir abraçá-lo. Prefiro buscar sua presença em seu escritório reconstruído. Um mordomo cerimonioso vestindo uniforme e sapatos brancos cuida de sua biblioteca. Dois funcionários trabalham em frente ao público na conservação dos livros. Nas prateleiras, Molière e Balzac estão ao lado de volumes de patologia cirúrgica e pediatria. A Legião de Honra, a foto de Eisenhower, outra da família Kennedy... Aqui, mais uma vez, a reprodução da loba amamentando os gêmeos romanos.

Por falar na loba, lembro-me de lhe ter prometido contar sobre a eleição sobrenatural de Brasília. Mas primeiro vamos sair daqui. Sinto-me melhor na parte externa, sob o mastro que sustenta a estátua de JK Ao ar livre, um C maiúsculo de concreto emoldura a estátua do presidente que abençoa o universo como um Lenin na Idade do Bronze com esperanças socialistas. A alusão à foice e ao martelo salta aos olhos. Oscar Niemeyer a enfiou debaixo dos narizes, barbas e óculos escuros dos generais que, diante do fervor popular, não conseguiram censurar esta provocação.

No grande gramado que liga o mausoléu ao Memorial dos Povos Indígenas, rolam sem se moverem enormes esferas metálicas, vazadas, coloridas e alegres. O Memorial dos Povos Indígenas é uma espiral de vidro, construída por Niemeyer de forma a permitir que o céu penetre de todos os lados e as obras sagradas dos primeiros filhos desta terra permaneçam em contato com ele. A cobertura do museu é uma língua de concreto distendida, como se fosse deformada por um botoque. Os xamãs vieram para sacralizar o espaço e clamar pela proteção dos espíritos no edifício.

Da mesma forma, Brasília foi fundada com muitos sonhos e sinais para que todos os cidadãos tivessem consciência de que sua capital estava sob a proteção do Grande Espírito.

Ouça bem: Brasília não poderia suportar um nascimento banal. Por isso, sua implantação foi profetizada. Todos em Brasília, crédulos ou não, repetem uma história que começaria assim: em setembro de 1893, o padre italiano Dom Bosco, fundador da congregação salesiana, teve em Turim um sonho determinante para o futuro da capital...

Resumo-lhe sua visão que parece ter durado uma noite.

Transportado para a América do Sul, Dom Bosco encontrou um anjo adolescente que lhe mostrou a extensão da missão evangélica reservada à sua ordem e, ao mesmo tempo, lhe revelou os recursos materiais do continente. A viagem noturna do futuro santo teve uma etapa marcante entre os paralelos 15 e 20[23], uma área descrita como a terra prometida,

[23] Estes paralelos, definidos por Dom Bosco, podem ser encontrados no livro *Memórias Biográficas de São João Bosco*, Volume IV, redigido pelo padre salesiano João Batista Lemoyne, que conviveu com Dom Bosco.

“de uma riqueza inconcebível”, “da qual fluirão leite e mel”. Neste mesmo momento, as missões científicas, contemporâneas do sonho de Dom Bosco designaram como o lugar ideal para a instalação da nova capital uma zona precisamente incluída entre estes dois paralelos. Será que o mundo erudito confirmava assim a indicação divina? Isso é o que era importante fazer crer. Mas, na realidade, foi o inverso que se produziu: a visão do santo só serviu para legitimar uma boa escolha humana. O artesão desta reviravolta sutil se chama Israel Pinheiro. Colocado por Juscelino Kubitschek à frente da Novacap, empresa responsável pela gigantesca obra, Pinheiro foi o homem de caráter firme que construiu Brasília e participou da criação de seu mito.

Eis sua tática.

Os trabalhos já haviam começado quando a Novacap tornou pública em seu diário a profecia de Dom Bosco na edição de dezembro de 1957. Israel Pinheiro tinha ouvido falar deste sonho. Ele percebeu imediatamente o impacto que sua revelação poderia ter na mente das pessoas. Mandou, então, buscar os traços disso nas memórias do padre italiano. Sua relação encontrava-se perdida no décimo sexto volume publicado em 1935. Foi assim que a partir do final de 1957, este sonho desconhecido participou da “propaganda governamental” que buscava provar que o Distrito Federal pertencia a um perímetro “sonhado”. Com isso, a ação do Presidente Kubitschek ganhou legitimidade. Não se esqueça que, na época, os inimigos da nova capital superavam em número os sambistas reunidos no carnaval carioca.

Saúdo mais que denuncio este recurso ao maravilhoso para atingir fins úteis e ainda incertos. Mas a astúcia não parou por aí. Em seu sonho, Dom Bosco detalhava que a bacia fértil começava no ponto “onde se formava um lago”. Mas lago não havia nenhum na bacia escolhida para radicar Brasília. No entanto, a missão Cruls havia sugerido em 1893 que um lago fosse criado para fins de umidificação, dando a impressão de obedecer à inspiração divina. Então “houve o lago” e a Novacap “viu que era bom o lago” e chamou ao lago artificial “Paranoá”! Espere, ainda não acabou.

Um pesquisador francês, Laurent Vidal, analisou minuciosamente os atos desta rigorosa encenação: “La fondation de Brasília ou la refondation du Brésil”. Seu estudo encontra-se em um bom lugar em minha bagagem, registrado com a palavra ESTRATÉGIA.

Em 3 de maio de 1957, uma missa foi celebrada no espaço nu do planalto central, no meio do cerrado ainda selvagem. Esta data corresponde a 3 de maio de 1500, dia da missa realizada por Pedro Álvares Cabral para celebrar a descoberta do Brasil, uma terra bela e selvagem povoada de seres nus. De todos os estados, por todos os meios de transporte, charretes, mobiletes, vieram crédulos e curiosos, alertados pelo anúncio de um milagre que estava acontecendo. Kubitschek, em seu discurso, não se privou de fixar na imaginação coletiva a ideia do nascimento de uma cidade e de uma nova era para a nação. Seria como o batismo de Brasília e da comunhão entre Deus e os brasileiros no próprio coração do território. A presença dos índios foi solicitada para que eles pudessem participar do ritual à maneira de seus ancestrais, que assistiram ao lado de Cabral a missa de 3 de maio de 1500. O Presidente JK queria acreditar na aproximação de seu povo, na agregação de culturas, na extinção das desigualdades sociais; ele colocava seus desejos sob a benevolência de Deus.

Algumas semanas mais tarde, a tocha do “fogo simbólico pela unidade nacional” foi acesa e, em 9 de agosto de 1957, ela deixou a região de Brasília para completar um tour pelo Brasil que deveria terminar no dia da inauguração, três anos e sete meses depois, em 21 de abril de 1961. Kubitschek e seus colaboradores tinham realmente pensado em tudo. Esta incrível maratona possuía as virtudes dos ritos antigos: a chama que deixava Brasília devia englobar em um mesmo círculo todos os estados, reunindo os vivos e os ancestrais, para o desafio do futuro. O nascimento do Brasil moderno implicava em um claro corte do cordão umbilical com o mar.

Chegou o momento da inauguração. Vidal trabalha cada detalhe da festa. Um ritual diferente da fundação vai ser praticado. A data foi escolhida desde a colocação da pedra fundamental, para que não fossem permitidos atrasos ou contratempos.

Por que 21 de abril de 1960?

A resposta é estranha: porque 21 de abril é a véspera do dia em que Cabral e seus marinheiros avistaram a terra de Vera Cruz. Então por que não o dia 22, o dia da certeza?

Não, Kubitschek insistia no 21. Pode-se dizer então que 21 é o dia em que Cabral e sua tripulação perceberam os primeiros sinais da proximidade de uma costa. Dia da esperança. É claro que esta razão encobre outra. É no dia 21 de abril que o Brasil comemora a memória da independência: 21 de abril de 1792. Inaugurada em tal dia, Brasília estaria associada à luta pela independência e liberdade. Além disso, razão última e épica: foi em 21 de abril de 753 a.C. que Roma foi fundada. Não se pode ser mais claro: é a eternidade que almejava JK para sua cidade. Ele convocou o povo brasileiro em 21 de abril para proclamar a aurora de uma nova civilização que irradiará de Brasília, a cidade mestre do século XXI. É de se tirar o chapéu aos fundadores: não só a cidade será construída e inaugurada a tempo, após quarenta e três meses de ritmo infernal e esforços sobre-humanos, como será coroada herdeira da Roma antiga e filha da Roma cristã, prometida à longevidade. Fica evidente que o presidente se preocupava com a perenidade de sua obra. Ele sabia que deixaria o posto de controle, que não estaria mais lá para proteger Brasília. Ele queria protegê-la com um seguro de vida; foi por isso que ele construiu todas essas muralhas simbólicas, para garanti-la contra os possíveis assaltos bárbaros do amanhã. A nova capital foi bem fundada, assim como seus medos.

Brasília poderia ter se tornado a bela adormecida do cerrado: fundada, inaugurada, deserta. Ela escapou por pouco deste destino. Vou lhe dizer como e por causa de quem. No momento, estou me dirigindo rumo à catedral. Lá acenderei uma vela em agradecimento à minha vida. Peguei um táxi sem pestanejar. O motorista fez uma careta ao parar ao longo da avenida de seis faixas que eu acabava de atravessar bem debaixo do seu nariz. Já tinha avisado: o pedestre em Brasília vive a cada vez que atravessa suas avenidas a prova da tourada francesa, cheia de touros mecânicos soltos em pistas tão largas quanto as de um aeroporto. Os carros parecem bestas, o pedestre é um inseto. E me garantem que as relações são acertadas entre as duas partes. Uma ardente campanha foi lançada em 1966 para obter um apaziguamento do tráfego. Brasília martirizava-se com o triste recorde de mortes no asfalto. Agora parece que pedestres e passageiros já não são mais vítimas dos carros. A civilidade ingressou no código de honra da cidade. Alguns veículos param nas faixas de pedestre. É verdade. Mas a vigilância é necessária em todos os outros lugares. Acelerar o passo, porém, continua sendo a melhor tática para garantir a sobrevivência. Mas por que Lúcio Costa tratou o andarilho com tanto desprezo? Sim, eu sei, os anos 50 cheiravam a gasolina; o carro *made in Brazil*, o Fusca, o Simca, se

integravam alegremente ao patrimônio nacional. O progresso acima de tudo! O caminhante de Brasília nasceu antiquado, deslocado. As passagens subterrâneas são abandonadas, distantes, pichadas, malcheirosas. E as passarelas? Como Niemeyer, um maníaco fervoroso da passarela, não impôs na paisagem belas rampas aéreas, curvilíneas e charmosamente integradas? É um mistério. Mas não é tarde para isso.

A pergunta que não quer calar: por que encontramos tantos vendedores de sapatos em uma cidade sem caminhantes?

A catedral sempre me pareceu imponente nas fotos. Vista pessoalmente, ela encolheu. A razão é simples. Oscar Niemeyer gosta de enterrar a atividade no subsolo. Com ele, não nos elevamos a Deus, descemos a Ele: das profundezas eu clamo a Ti, Senhor! Na praça, quatro evangelistas de três metros de altura acolhem o peregrino impressionado por esses colossos de Rodes vestidos com togas de bronze. João, o discípulo amado, está de frente aos outros três, com um pergaminho em sua mão. Um vendedor de filmes fotográficos para turistas desprevenidos aproveita a sombra de Lucas. Ele aponta gentilmente as bancadas dos vendedores de flores secas como o primeiro plano ideal para minhas fotos.

- É o melhor ângulo!

Confuso, mostro-lhe minha caneta. Sem ressentimento, ele começa a me contar sobre a beleza, ao mesmo tempo que faz malabarismos com duas caixas de filme: a beleza segundo Oscar.

- Niemeyer disse: “Os pobres são excluídos da arquitetura brasileira. Quando projeto um edifício público, quero que seja bonito porque sei que os pobres não vão desfrutar dele, mas poderão ainda assim parar e admirá-lo. É preciso que seja para eles um momento de prazer”.

Mas ele se equivocou. Constatarei em uma escola de Paranoá que a maioria das crianças pobres desta cidade de invasões, empoleiradas no alto do lago, nunca “desceram” até a cidade e não conhecem a silhueta dos famosos monumentos. Elogio, entretanto, o jovem pela citação. Ele responde:

- Desde que cheguei aqui, assimilei o que se diz sobre o arquiteto. Vejo os visitantes se surpreenderem que um ateu como ele tenha sido tantas vezes solicitado a construir igrejas e mesquitas. Então, o que esta catedral inspira em você? Sua forma? Hesito. Todo mundo deu sua opinião sobre a questão. Clarice Lispector, a grande escritora, imaginou que a

catedral rezava para Deus, que ela representava duas mãos unidas, prontas para recebê-Lo. Ao mesmo tempo, ela não se furtava de lembrar que desconfiava de Niemeyer e de sua ironia crônica. Eu respondo:

- Ela me faz evocar um ramalhete de trigo atado após a colheita, ou um buquê de sisal, ou mesmo um agave com grandes lâminas. Ou a coroa de espinhos.

- Você não entendeu nada.

O modesto vendedor me avalia para ver se mereço a confiança.

- JK, nosso presidente, insistiu para que Niemeyer construísse uma catedral. O arquiteto relutava. Faltava-lhe inspiração. Diz a lenda que um dia, andando pelo bairro dos Candangos do Núcleo Bandeirante, irritado por este projeto embaraçoso, ele chutou uma rede de pescador espalhada no chão. Sob o choque, ela tomou uma forma estranha que Niemeyer se apressou a desenhar e reproduzir. Nossa catedral, amigo, é uma rede de pesca para juntar os cristãos.

Em seu interior, vejo a catedral como uma gigantesca corola com pétalas de vidro. Voam pequenos pássaros e anjos muito grandes. Os primeiros piam, os segundos são sustentados em silêncio por seu cabo. Os vitrais são percorridos por echarpes fluidas como se o céu fosse um rio. Não posso me impedir de apreciá-la, mesmo que os detratores emitam críticas sobre este lugar de culto "concebido como um palácio esportivo mais apto a um ringue de boxe do que a um mistério divino". Digam o que quiserem. Prefiro a recomendação do singelo vendedor de filmes:

- Quando estiver lá dentro, pense em Juscelino.

E murmurou, vigiando para todas as direções como se os ouvidos policiais ainda estivessem à espreita:

- Em 1972, ainda mal visto por causa dos generais, o presidente entrou incógnito em Brasília e foi diretamente para a catedral, da qual só tinha visto as maquetes. Veja só, o monumento foi concluído em 1970, dez anos após a inauguração da cidade. E você sabe o que ele exclamou baixinho? Não? Ele exclamou maravilhado: "Se um gaulês do primeiro século da era cristã tivesse descoberto Roma e seus mármores deslumbrantes, ele não teria conhecido a emoção que eu sinto diante da catedral!"

Decididamente, Roma obcecava Kubitschek.

Adoro andar por Brasília. Ao contrário da opinião comum, não considero a extensão do espaço um empecilho.

Gosto de percorrer o eixo monumental desde a estação rodoviária até a Praça dos Três Poderes ao longo dos ministérios. Seu alinhamento tem algo de harmonioso, como uma nota repetitiva e melodiosa na pauta musical da avenida. Gosto da monocromia verde das janelas traseiras dos prédios ministeriais que lembram quebra-sóis de para-brisa.

Gosto da água de coco ou do caldo de cana que encontramos no terraço de quiosques fantasiosos que ocupam os espaços entre os prédios e humanizam essas áreas sérias.

E, inevitavelmente, admiro o Palácio do Itamaraty, o Ministério das Relações Exteriores, considerado um dos mais belos monumentos do século XX. Niemeyer criou nesta ocasião colunas de concreto de uma rara pureza cuja harmonia influenciaria a estética do tempo vindouro. Gosto de vaguear por este ministério, que se visita como um museu de arte contemporânea. Ali encontramos mulheres de bronze que se dão as mãos por trás dos ombros e um meteoro caído do céu sob um espelho d'água. Esta esfera de quatro toneladas de mármore Carrara reflete sua conjugação de curvas na água onde nadam carpas chinesas; ela se tornará o símbolo de Brasília.

Gosto incontestavelmente desse conjunto único no mundo que abrange o domo do Senado, a cúpula de cabeça para baixo da Assembleia Nacional e as torres gêmeas da administração. Vejo nele a interpretação magistral da complementaridade, a ilustração das oposições construtivas, de fora para dentro, do ouvido do Poder que sabe escutar e da boca da Assembleia que anuncia as medidas esperadas sob o comando de duas torres, regras verticais da ética e da igualdade, retas como o I maiúsculo da Integridade. Podemos sempre sonhar. Gostei de assistir, em um filme antigo, à escalada do seio branco do Senado pela parte rebelde da população, que cantava em seu cume o hino da liberdade, em um tempo em que esta se encontrava desmoralizada.

Adoro o aglomerado de palmeiras tombadas que abriga o vento nos galhos do buriti, uma variedade de palmeiras do cerrado.

Gosto do Ministério da Justiça, cuja fachada é uma fonte da qual às vezes corre a água da temperança. Inativas, as gárgulas de concreto voltam a se parecer com bocas de canhão.

Sinto-me bem na praça dos Três Poderes. Ela tem tudo para agradar. Costa e Niemeyer receberam plenos poderes para que ela rivalizasse claramente com as praças clássicas do velho mundo. Eles a projetaram vasta e cercada por dois palácios como é hábito: o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto. É uma grande feira de arte reluzente e ao ar livre. As obras são abundantes para a felicidade do visitante. No entanto, estou sozinho, com exceção de uma jovem que também espera vender filmes fotográficos sob o abrigo de uma árvore de concreto inclinada ou de uma chama vacilante sob efeito do vento. Gosto dos pombos que atravessam, de maneira incansável e autoconfiante, a fronteira entre a vida e a memória. Eles se empoleiram com o desrespeito próprio de sua espécie sobre a altiva estátua de uma Justiça sentada com os olhos vendados. Depois, sobre a testa de JK, cuja cabeça saliente desponta da parede onde está cravada a homenagem da cidade a seu criador. Somente a obra-prima da praça assusta esses pombos: dois gigantes de bronze se destacam, magros como os pastores Massais ou como a estátua dos "Três Homens Caminhando" de Giacometti. Intitulados "Os guerreiros" pelo autor Bruno Giorgi, eles são conhecidos atualmente como Candangos. A vontade popular impôs este reconhecimento aos magros titãs dos canteiros de obras. Pés fincados na terra, pernas afastadas, braços erguidos, mãos soldadas a lanças, ombros unidos, cabeça erguida oito metros acima do solo, os Candangos concentram um imenso patrimônio de orgulho. Eles são os ancestrais importados para a nova cidade. Os turistas brasileiros que finalmente chegam à praça não titubeiam; correm diretamente para eles para tirar a foto que atestará sua passagem por lá.

Gosto quando o pombo se transforma em colombo no frontão do Panteão e na própria forma deste monumento responsável por transmitir as mensagens de sabedoria do passado. Tiradentes, com seu busto quase idêntico ao de Cristo, está instalado na entrada da passarela de acesso, como um intermediário entre a vida e a morte. Aqueles que são reverenciados neste lugar obscuro colheram o ódio por terem insinuado a paz. Não morreram em vão. Neste antro de gratidão, me alegro de encontrar em um bom lugar o Zumbi dos Palmares. Zumbi foi o líder negro do mais famoso dos quilombos, zonas de resistência erguidas por escravos fugitivos no interior do país. Atacado vinte e cinco vezes em um século, o reino dos negros fugitivos de Palmares cairia em fevereiro de 1694 e a cabeça de Zumbi no ano seguinte. Zumbi foi decretado o herói negro da liberdade: o Brasil sai engrandecido deste recente reconhecimento. Que a paz esteja conosco! Oscar Niemeyer até mesmo planejou um pombal na Praça dos Três Poderes. É uma espécie de

prendedor de roupa de dez metros de altura, cujo interior é forrado de nichos. As pombas arrulham ali seu hino do amor a todos esses senhores que chamamos de grandes e que debruçam suas gravatas sobre os dossiês ardentes do Brasil e do mundo, a algumas asas de distância de lá. A história entre a arte e a realidade se repete.

Estou com fome.

Para o almoço, vamos para onde se concentra a vida. Comida de shopping? Não, obrigado. *Fast-food* nessas novas ruas sem céu e onde se convive entre roupas e refrigeradores? Não, obrigado. Para isso não precisava vir a Brasília. Ao meio-dia, prefiro ir a um restaurante por quilo (você pesa e paga pelo que colocou no prato) no térreo de um prédio bancário, entre os funcionários dos escritórios, ou no subúrbio, na feira do Guará, o único verdadeiro mercado municipal da aglomeração urbana. Ali se ostentam buffets fartos. Ali cozinham-se em panelões pretos que pesam uma tonelada os testemunhos sólidos das cozinhas tradicionais ao redor dos inseparáveis arroz e feijão. Ali garçons excêntricos e usando máscaras saciam sua fome, fatiando uma variedade de carnes (sempre assadas demais para um amante de carne mal-passada como eu; mas isso parece ser devido a um medo de larvas herdado dos tempos antigos). A respeito do regime carnívoro, quero lhe contar de minha experiência com churrascarias. Ela não é típica de Brasília, mas desde a chegada em massa dos gaúchos do sul do país após a mudança de governo, a capital tem vivido a moda da abundância carnívora. Eis as instruções de como aproveitar a churrascaria.

A sala onde entro é vasta como um corredor de estação. Mal me sento e já sou rodeado de um exército de garçons afáveis e insistentes, que propõe toda uma variedade de carnes enfiadas em espetos. Recuso, apenas o tempo suficiente para recuperar o fôlego. Alerta ao principiante: não se jogue no buffet, não ceda à tentação de se empanturrar de entradas! O perigo de ficar cheio é real. Na minha mesa, disponho de uma espécie de sinalizador com duas flechas, uma verde e outra vermelha, que devo manipular com destreza para permanecer mestre do jogo e do meu futuro. Vermelho para Não, obrigado, deixe-me terminar minha caipirinha em paz. Verde para Sim, senhores, apresentem as armas! Os garçons, calçados de botas à moda gaúcha, voltam com força, desembainhando suas espadas, orgulhosos como mosqueteiros. Nego com a cabeça ou aceito. Neste caso, com um delicado golpe de sabre, eles cortam e fazem deslizar no prato carnes como cupim,

filé mignon, *baby beef*, leitão... Existe uma hierarquia entre os garçons: aqueles que oferecem as linguiças estão na base de uma escala cujos níveis altos são ocupados pelos responsáveis pelas carnes nobres. Não há tempo para se dedicar ao prato, outras propostas surgem, cada uma mais sorridente do que a outra. Temo decepcionar com uma recusa, aceito quase tudo. Cada mordida é um êxtase de maciez e sabor. Única saída para garantir a mastigação e a degustação: voltar o sinalizador para o vermelho. Parem!

Não há com que se preocupar, como você vê, em Brasília, come-se e bebe-se muito bem. A noite se prolonga nas "asas do avião", entre a Bavária e a Via Romana, cervejarias e pizzarias, pães do Extremo Oriente e dieta americana. A alimentação aqui é globalizada como em qualquer outro lugar. As ruas que separam os setores residenciais do Plano Piloto foram projetadas como fatias de vida. Brasília, então, reparte a vida, ela se divide, tem seus ramos, seus vasos, alguns mais irrigados que outros, onde o estacionamento, causa já perdida, se torna assunto de profissionais encarregados de estacionar os veículos e de administrar as chaves de ignição. O coração da noite não bate em um lugar preciso, ele procura por si mesmo enquanto dirige. Pessoalmente, ao internacional restaurante italiano que serve de tudo, prefiro a "carne de sol" dos restaurantes do Nordeste. Estas partes de carne bovina salgada e seca ao sol são servidas com arroz, feijão, coentro, mandioca e farinha de mandioca. Você há de entender que sob tais circunstâncias, preciso dobrar a dose de cerveja.

Brasília, junção de destinos e culturas, tornou-se rapidamente a chapa quente e giratória dos paladares. O grande caldeirão da cozinha brasileira. Candangos e funcionários públicos chegaram munidos de receitas de suas regiões. Logo, tudo isso se mistura em Brasília e o que nos resta é experimentar. O novo homem da nova cidade se encontra em todos os pratos como em todas as músicas. São mesmo sortudos esses brasilienses; contam com a possibilidade de atravessar este país de proporção continental com apenas algumas manobras ou garfadas. Eles podem até fazer as duas coisas no Clube do Choro, por exemplo: saborear um delicioso pão de queijo e escutar esta música de ritmo batido chamada "choro". Aliás, foi lá onde decidi jantar certa noite. Maria Teresa Madeira, grande pianista carioca, foi anunciada com as obras de Nazareth e Chiquinha Gonzaga no menu. O primeiro compositor (1863-1934), sutilmente influenciado por Chopin, criou no Rio uma música erudita e popular, bastante inventiva que o fez receber os mais extremos superlativos de Darius Milhaud. Chiquinha Gonzaga também mereceu sua notoriedade: foi musicista, republicana e abolicionista em um Brasil ainda imperialista, escravagista e

machista. Em suas composições, introduziu a modernidade em um mundo que começava a envelhecer. Como pode ver, me deleitei no Clube do Choro, instituição já antiga em uma Brasília ainda recente. O lugar se apresenta como uma cava circular que parece ter sido clandestinamente cravada em um solo do eixo monumental, escondida atrás da torre de TV. Acredito que se a liberdade vier a ser novamente perseguida (que o Grande Espírito nos proteja), será neste abrigo subterrâneo que os amantes resistentes da música encontrarão refúgio contra o terror. E o samba? E a feijoada?

Boa pergunta. Eles formam um casal feliz aos sábados das treze horas até a saciedade, no Calaf, um restaurante escondido no setor bancário sul, que, de maneira sucinta, pode ser classificado como uma zona pitoresca de imóveis desertos nos finais de semana. O clima de ficção é reforçado pela situação na qual o bar se encontra provisoriamente, equilibrando-se sobre o vazio abissal de um canteiro de obras. Um lugar singular para um último samba em Brasília.

Apareci por ali ontem para aniquilar a nostalgia do último dia. Não gosto das vésperas do retorno. E Brasília me agrada.

O bar, envelhecido pelos fiéis que lá frequentam, parece ter um século de existência. Foi aberto por um catalão que importou a cozinha espanhola para o bairro comercial. Ele poderia ter se contentado em ser uma cantina para os burocratas durante a semana. Mas não, o dono convocou aos sábados músicos de talento, a nata do samba de Brasília. Foi a qualidade da música que criou a reputação do Calaf. A frequência nunca caiu. O público brilha por seu ecletismo. De nossas mesas vemos uma velha anfitriã a quem a casa paga a bebida para fazer os velhinhos dançarem. Paira no ar um cheiro de azeite de dendê. Viva a feijoada! Devemos sua receita aos escravos: os pobres em matéria de aproveitamento dos restos sempre tiveram ideias valiosas de que os abastados mais tarde se apropriavam. Quando se matava um porco, os negros recuperavam as sobras e as incorporavam à sua comida. Hoje em dia são as partes nobres do porco que se destacam entre o feijão. A delicadeza das fatias de laranja foi incorporada para refinar o prato e marcar a mudança dos tempos. A Bohemia circula: cerveja fabricada no Brasil desde 1853. Cada cliente recebe uma nota de consumo individual para evitar conflitos entre os companheiros de mesa na hora de pagar. Sensato! Tudo é planejado para o cliente relaxar, até mesmo a conta. Os convivas se levantam para dançar entre as mesas, um companheiro de Bohemia, competindo com o som alto da música ao fundo, me lança a seguinte anedota:

- O samba é o rigor da cruz cristã que começou a balançar sob os golpes dos quadris africanos...

Podemos ver dessa forma.

Meu vizinho dançarino me mostra o baterista:

- Ele acompanhou o Chick Corea!

E agora ele está aqui, tocando diante de mim e do meu prato de feijão! Como a vida é simples. Há garotas que vestem trajes de crochê: verdadeiras redes que prendem o olhar dos homens. Um velho senhor negro gesticula com maestria; trata-se de um treinador de solteiras: veste um chapéu de palha e a camiseta rosa e verde nas cores da Mangueira, a famosa escola de samba do Rio. As mulheres acompanhadas deslocam-se dentro do perímetro reduzido da mesa "conjugal". Os proprietários observam tudo. Ele não impede que a garota "vigiada" ali use calças *gang* que chama a atenção de todo o mundo. *Gang*, a marca que levanta o bumbum. As meninas adoram, assim como os rapazes. A vida é justa e bela.

6

A vida.

Brasília foi concebida para ser a "cidade da felicidade". Era um compromisso sagradamente ambicioso, uma promessa de demiurgo. "Brasília, cidade que inventei", palavras de Lúcio Costa. Não é em qualquer cidade que um errante como eu pode ir ao encontro da felicidade. O visitante apressado que negligenciasse as quadras perderia a chance de contemplar o conceito residencial, mais uma obra "tombada". O que foi feito deste conceito ao longo do tempo? Em seu programa inicial, Costa fez os cálculos da felicidade: dezesseis quadras, por asa, de nove a onze blocos por quadra, seis andares e trinta e seis a cinquenta apartamentos por bloco, habitados por três a quatro mil pessoas. Um bloco longo equivale a um vilarejo. No papel, o concreto das construções combinará com o verde dos espaços. Cada "superquadra" será envolvida em uma longa faixa de árvores e a ilhota interior deverá dar a impressão de jardim.

Noto hoje que a realidade atende às previsões estéticas. As árvores têm mais de quarenta anos e garantem a quietude edênica esperada. O mundo das quadras preservado das turbulências por uma única e estreita entrada de automóveis é favorável às aves e às mangueiras, e propício à educação das crianças. Os carros ficam estacionados lado a lado, a meninada pode brincar e os corredores podem se esbaforir nos corredores sombreados. Os imóveis envelheceram bem. Os mais antigos devem sua distinção aos princípios de Le Corbusier: fachada sem ornamentação, janelas horizontais, terraços-jardim, cozinhas e lavanderias integradas na parte de trás e escondidas por *brise-soleils* vazados... Verdadeiras "máquinas feitas para se habitar" com o conforto garantido por uma rede completa de serviços essenciais. Cada quadra é projetada para desenvolver uma espécie de independência. Igrejas, escolas, áreas esportivas, unidades de saúde e comércios, tudo foi planejado e obedece a uma rigorosa organização espacial entre as quadras. O uso se encarregará de corromper um pouco tal ditadura do cotidiano. As almas tristonhas denunciam uma paisagem familiar de subúrbio, uma ausência de surpresa. Um olhar mais atento revelará a qualidade dos materiais e o respeito ao espaço. O uso dos pilotis, erguidos em princípio absoluto, confere uma distinção ao habitat brasiliense, a nobreza da elevação, um ritmo harmonioso. O ar circula entre os pilares, por baixo dos blocos, e o olhar, nunca interrompido pelo afincamento de uma parede, perde-se na vegetação. Este é o princípio da permeabilidade visual. E brilha aos olhos! Os pisos de mármore reluzem, esfregados excessivamente. As quadras acabam por gerar empregos, como porteiros, vigias, jardineiros, faxineiros... Que bom. É evidente que se pode viver bem aqui, de maneira agradável, em companhia de tulipas, ipês, *flamboyants*, castanheiros do Pará, jacarandás e sucupiras... O Plano Piloto, apesar de sua rigidez teórica e de seus módulos repetitivos, desenhado "para o trabalho ordenado e eficaz", oferece a possibilidade de uma vida tranquila, levando sonho e cultura àqueles condizentes com esse ideal. Os outros usufruirão de todas as comodidades para consumir suas vidas do modo como bem entenderem, à medida que os gigantes e banais centros comerciais crescem e se multiplicam.

Mas este conforto tem seu preço. Brasília, laboratório mundial da utopia, deve ter consciência daquilo que se diz dela. Ela abriga em seus galhos um pássaro fofoqueiro que guincha ao amanhecer:

- Bem-te-vi! *Bem-te-vi!* Eu te vi bem!

Bem-te-vi, espião amarelo e preto, do tamanho de um punho, não poupa ninguém, nem mesmo sua anfitriã. Vou deixar você repetir em alto e bom som as queixas proferidas pelas mentes críticas. Elas não se acanham. Mas é normal. Brasília recebeu muito, vai ser mais cobrada. Ela está fadada a servir de exemplo. O pássaro reclamão diz:

- O que você espera de uma cidade sem calçadas ou esquinas?

Essa observação tornou-se um *leitmotiv*, o refrão que busca mostrar como são difíceis os encontros entre as pessoas, o início do *blues* da solidão frequentemente denunciada. E se esta cidade desencoraja as relações, como encontrar a centelha do imprevisto, aquilo que faz valer a pena viver em um espaço urbano?

Mas isso não tem importância. O pássaro zombador canta:

- Que revolução para a humanidade pode trazer uma cidade cuja população se resume a uma vasta classe média em constante movimento e pouco envolvida nas reflexões sobre o futuro, e cuja classe trabalhadora é inexpressiva, mesmo ausente?

Em Brasília, não há mistura entre pessoas de dentro e de fora. Durante o dia, nos esbarramos uns contra os outros por necessidade. À noite, cada um retorna à sua própria esfera.

- Como, dentro da cidadela, podemos ignorar de tal modo a população que vive fora de seus muros?

O pássaro sarcástico se permitiria afirmar que para um bom número de habitantes do Plano Piloto, as cidades-satélites são mais distantes de seus espaços de convivência do que Rio ou São Paulo. Ele chegaria mesmo a insinuar que os cidadãos do centro só conhecem seus vizinhos periféricos através da mídia.

Seria o bem-te-vi um grande linguarudo?

- Em um país de mulatos, a branquidão da população do Plano Piloto acaba sendo agressiva, bem longe da mestiçagem que o Rio ou Salvador apresenta.

Às vezes, os pássaros mais bem informados repetem aos quatro ventos frases acadêmicas. Para amar Brasília, o sociólogo Brasilamar Ferreira Nunes, autor dessas sentenças, não se restringe apenas às suas glórias.

Ando com vigor pela asa sul. Procuro o prédio de uma cineasta. Nenhuma rua ou beco precisou de um nome de estudioso ou músico para existir. Não haverá ciúme entre os mortos ilustres. As asas são orientadas conforme o eixo norte-sul, as quadras numeradas, os blocos estão em ordem alfabética. Brasília traz a lógica matemática ao seu sentido prático: impossível se perder por aqui. Mesmo assim, um jovem interrompe sua caminhada para ajudar a me localizar. Ele é negro e empurra uma geringonça engraçada montada sob rodas de carrinho de mão. Em um tabuleiro modesto, ele carrega uma pedra de amolar, um compressor, ferramentas diversas, e vai de loja em loja oferecendo seus serviços de reparo, especialista em portas e janelas. O Sr. Bricolagem caminha pelas ruas comerciais das quadras em busca de trabalho.

- Hoje não estou com sorte, me diz ele. Pelo menos temos tempo para conversar.

Em sua bolsa, nada para comer, mas uma coleção de livros para ler: três em inglês, incluindo a Bíblia e O Senhor dos Anéis. Quando não está segurando a chave de fenda, o técnico aprende inglês para realizar seu sonho: melhorar de vida nos Estados Unidos. Ele nasceu em Brasília, mora em Santa Maria, cidade-satélite, e alimenta sua família empurrando uma pedra de amolar em um carrinho de mão. Destino de favelado. Muito limitado. Não há espaço para progredir. Qual a utilidade de estar tão perto do Poder? Então, por que não sonhar com a América? Mesmo em inglês, a bíblia fala da terra prometida.

Posso dizer que se tratou de um encontro muito breve com um personagem de filme.

A amiga cineasta que me acolhe poderia ter feito um documentário sobre este topógrafo do Plano Piloto. Maria Coeli nunca parou de filmar Brasília, acumulando testemunhos contra o esquecimento. É uma coletora de histórias. Sozinha, câmera na mão. Ela se arrepia toda só de ouvir o nome de Brasília. Aqui viveu as grandes sequências de sua história, assistiu à montagem desta superprodução. Era próxima do diretor:

- Juscelino Kubitscheck era um homem iluminado. Ele conhecia muitos artistas e sentia sua força. Tinha consciência da efervescência da época.

Brasília existe porque JK soube libertar o gênio artístico de seu tempo.

Quando Maria chegou, ainda mocinha, o lago não existia. Pudemos ver o infindável mar vermelho do cerrado ser atravessado pelas máquinas.

Fragmento de diálogo de um de seus primeiros filmes:

“Povo chegando, poeira chegando, caminhões chegando...”

Os homens eram o material primordial.

- Fiz um filme sobre a cidade livre do Núcleo Bandeirante para atender ao pedido de um padre que queria fazer crer a seus seguidores que tinha sido Deus quem criara Brasília.

As imagens de arquivo e as entrevistas trazem provas do contrário. Maria Coeli presta um culto cinematográfico a esta época de otimismo e heroísmo. Ela reconstituiu a cena em que o engenheiro Bernardo Sayão traça linhas na areia vermelha, define a localização do Núcleo Bandeirante, cidade-dormitório provisória, explica aos trabalhadores como ela será construída e, logo em seguida, destruída após os créditos do Fim das obras.

- Naquele momento, me diz ela, os candangos não se preocupavam em saber se iriam ou não morar nos edifícios que construíam. Eles foram convocados: venham construir uma nova capital! Sentiram-se eleitos, orgulhosos de participar de uma obra maior. Esses construtores do impossível trabalhavam ao som de música dia e noite. Os alto-falantes tocavam Wagner, Verdi. A arte lírica estimulava o esforço, os ministérios eram erguidos, Nabucco acompanhava o ritmo. Esta epopeia ganhava ares fantásticos. Recordo que Israel Pinheiro, presidente da Novacap, comandava a orquestra de máquinas e o coro de homens com uma barra de ferro. Ele não gostava de notas desafinadas. A execução da sinfonia brasiliense no tempo previsto exigia uma conduta firme. Pinheiro foi o Toscanini de Brasília.

Brasília foi, portanto, construída sob marcha forçada e batida de tambores. Aqueles que caíram dos andaimes no campo de batalha não são mencionados. Preferimos que um sol sem sombras brilhe sobre o glorioso canteiro de obra. Esfregaram as manchas até desaparecerem. Uma pena. Nenhuma história se desenrola sem erros e perdas, por que então negar que cadáveres foram “varridos” durante a construção? Como aqueles de manifestantes que ousaram denunciar as condições de trabalho arriscadas e reclamar um

melhor pão de cada dia. Estas bocas rebeldes foram silenciadas pela polícia especial que sempre manteve segredo sobre o lugar onde se enterraram os revoltosos. Eles são os primeiros fantasmas de Brasília. E, no entanto, no tempo de Kubitschek, a democracia reinava. O presidente ao menos sabia desses eventos? Um documentário de Vladimir Carvalho, "Conterrâneos velhos da guerra", investigou mais tarde esta trágica mancha na construção de Brasília.

Volto ao Núcleo Bandeirante.

À noite, era lá que os homens encontravam o amor e o feijão, o pão e a distração, material mais do que necessário para uma vida comunitária, sabendo que no início tudo chegava de avião. Quando recebiam o salário, os trabalhadores enviavam o dinheiro para casa, guardando quase nada para seu próprio usufruto. Um dia, porém, um comerciante esperto chegou em um caminhão carregado de almofadas baratas. Não sobrou nenhuma para contar história. Era o único deleite que esses homens rudes se permitiam. Uma almofada tem suas utilidades, podendo servir de aconchego. Mas a falta de amor também era saciada nas casas especializadas que sempre se viu instalar em cidades pioneiras, entre o banco e o alfaiate, a mercearia e a funerária. O Núcleo Bandeirante, distrito da zona oeste de Brasília, fazia jus ao seu apelido de Cidade Livre, colado nas fachadas de madeira de suas lojas e de casas de jogos. Lá se estimavam oito homens para uma mulher. Funcionava melhor do que uma agência para solteiras que buscavam se casar; e era o lugar garantido para perder o marido. Muitas mulheres passaram por isso por se recusarem a seguir seu homem através da poeira do cerrado. A cabana do amor mais famosa chamava-se 7 Quedas: um nome que estimulava a adesão.

Maria Coeli é inesgotável:

- O primeiro filme de ficção realizado em Brasília foi em 1961. "Taguatinga em pé de guerra" de Armando Lacerda. Eu faço o papel de uma mulher de candango.

O cinema em Brasília vem lutando desde o seu nascimento. Eis o enredo: uma noite em Taguatinga, cidade-satélite, uma prostituta ouve funcionários da Novacap escavando os encanamentos que abastecem o bairro com água. Tudo isso para permitir a irrigação das vinhas de um alto executivo da empresa. O filme conta a história de uma revolta feminina que vai durar vários dias. Isto foi logo após a inauguração. JK acabara de deixar o poder.

As mulheres lutaram no lugar dos homens, temerosos de perder seus empregos, e venceram.

Quero saber mais sobre a conexão entre Brasília e a sétima arte.

Brasília apareceu pela primeira vez na tela em um filme francês de Marcel Camus. Impulsionado pelo sucesso de Orfeu Negro, premiado em Cannes em 1959, o cineasta continuou seu ciclo brasileiro e filmou Os Bandeirantes, uma aventura de traição e amor que começa na Amazônia e termina em Brasília (o filme foi um fiasco). Vemos um herói loiro soldar as estruturas de um ministério em construção, viver em uma barraca de madeira de um cômodo só ao pé do canteiro de obras, tendo, diante da porta, um barril da reserva de água. Assistimos à chegada de caminhões transportando grupos humanos pendurados nas laterais. Estes caminhões têm um nome famoso: pau de arara. O candango viaja nestas gaiolas rolantes, sacudido sem piedade. Além disso, durante a ditadura, o pau de arara também passará a designar a barra usada pelos torturadores para suspender os prisioneiros pelos pés na tentativa de arrancar alguma confissão. Triste metáfora.

Não podemos nos esquecer do “Homem do Rio”. De Broca dirige nas avenidas desertas de Brasília um Jean-Paul Belmondo olímpico, verdadeiro praticante de decatlo, realizando as modalidades de corrida, ciclismo, natação e mesmo equilíbrio em cima de um avião...

Uma ficção brasileira, “Um candango na Bela Cap”, apresenta como o Rio mostra suas garras e zomba de Brasília através do cinema: um trabalhador do Nordeste, decepcionado, deixa a Nova Cap para descobrir os charmes da capital fluminense, chamado pela oposição de Bela Cap. E o bobo duelo continua...

Outro exemplo é “O sonho não acabou”, um filme do início dos anos 80 sobre a juventude de ouro proveniente do meio social das embaixadas. Depois “Doces poderes” (final dos anos 90), longa-metragem rodado inteiramente na nova capital. A lista, porém, é curta. Os profissionais da imagem evitam valorizar Brasília. É o mínimo que se pode dizer.

O tempo passa e quero me certificar de uma coisa: tem metrô em Brasília?

Determinado, mergulho no ventre da cidade: a Rodoviária, estação central de Brasília. Se na ficção, os mundos subterrâneos são frequentemente sinistros, este da Nova Cap é o mais bem cuidado que se pode imaginar. Sim, tem metrô: uma ligação luminosa e luxuosa entre o Plano Piloto e Taguatinga e Ceilândia, hoje grandes cidades-satélites. Este terminal, aliás, tem um codinome eloquente: CEIlândia: a terra (de acolhimento) da Campanha de Erradicação de Invasões. Agora que eu sei que o metrô não é uma lenda, o mesmo não posso dizer das estações na asa sul do Plano Piloto: estão mantidas em estado bruto e fechadas. O trem passa direto por essas cavidades vazias. Entendo por que os motorizados do plano tombado ignoram totalmente as entranhas de sua cidade. Alguns até temem o que se pode sair dessa tripa intestinal: populações externas que se tornaram perigosas em virtude da precariedade e que presumidamente tinham menos facilidade de acesso ao centro antes da abertura da linha. A escavação do túnel seria usada como uma brecha na barragem de proteção. Essa reação não é exclusiva de Brasília, mas tem bastante eco por aqui.

- Não será amanhã que os habitantes do Plano Piloto vão aproveitar o metrô para visitar as cidades-satélites!

O passageiro à minha frente esboça um sorriso capaz de iluminar um túnel. Sua vivacidade o ilumina. Ele é jovem e reluzente. É esta minha mania de observar cada detalhe do trajeto que o leva a se aproximar de mim. Isso o diverte.

- Enfim, quando pronuncio a palavra Brasília, é preciso fazer uma distinção. Ir a Brasília, em princípio, significa ir ao Plano Piloto. Eu me sinto brasiliense porque moro no Distrito Federal. Quando, longe de casa, respondo que sou brasiliense, as pessoas me respeitam: Ah, você é de Brasília, logo é vizinho do presidente! Imaginam que fazemos nossas compras com os ministros. A capital parece um El Dorado suspenso sobre o Planalto Central. É verdade que temos acesso a muitos monumentos e espaços grandiosos, museus. No entanto, infelizmente o convívio não se dá nesses lugares, e sim nos centros de consumo. Para um habitante das cidades-satélites, a catedral não é um espaço de identificação com a cidade. Não é seu santuário. Ele não a frequenta.

Entenda: o transporte é caro e deixa muito a desejar. O metrô fecha às oito da noite, e o gasto mensal com passagens de ônibus para o trabalho pode consumir até um terço do salário-mínimo brasileiro. O cálculo é feito rapidamente. Os habitantes das cidades-

satélites não aproveitam a riqueza cultural de Brasília nos finais de semana. Eles ficam na periferia e praticam o culto ao botequim, botecos onde as pessoas se reúnem para beber.

Estação final da Praça do Relógio.

Taguatinga é uma cidade sem graça, definida por quatro compridos paralelos, cortados por várias perpendiculares. A avenida comercial abriga por quilômetros um enfileiramento de lojas, e os bares se aglutinam uns aos outros no perímetro noturno. É uma cidade cujas formas se renderam à lógica do comércio e da habitação acelerada, tornando-se industrial, empreendedora e grande: a décima segunda cidade do Brasil. Taguatinga, feia e nervosa, vibrante e viva. Possui prédios sem limite de altura e habitações totalmente gradeadas. Meu companheiro de viagem mora aqui. Chama-se Marcelo. Filho de candango. Bebemos duas cervejas em vez de uma, o tempo de saber mais sobre a ascensão de uma criança da segunda geração que se tornou professor e agente internacional de uma ONG.

- Morávamos no Núcleo Bandeirante, na região da Vila do Kerozene. Nossa casa de madeira ficava perto do aeroporto. Um rio não passava longe. Era boa. Muito boa, aliás. Fomos expulsos de nossos barracos em nome da construção de um projeto chique chamado Park Way. Um caminhão veio recolher todos aqueles da vizinhança que estavam atrapalhando. Empilhamos os móveis na carroceria e o motorista nos descartou em Ceilândia, no meio do nada, com nossas coisas misturadas à poeira. À nossa volta era só mato. Sem água, sem ruas, sem esgoto. Quatro estacas marcavam nosso terreno. Cheio de pregos jogados pelo chão, meu irmão chegou a pisar em um, quase pegou tétano. Ficamos revoltados. Mas as pessoas descartadas ali eram gente simples. Como o terreno lhes foi dado em troca de aluguéis baratos, elas aceitaram seu destino, seduzidas pela ideia de possuir uma propriedade, ainda que minúscula e poeirenta.

Isso aconteceu em 1972.

Em apenas um dia, os homens construíram um abrigo coletivo para armazenar as mercadorias, antes de montar nossas próprias casas. Meu pai foi o primeiro a cavar um

poço. Não tínhamos água. Um caminhão-tanque passava regularmente, mas isso não bastava para nossas necessidades. Éramos obrigados a percorrer dez quilômetros para buscar água. A vida se tornava infernal. Por causa do poço, havia fila em frente à nossa casa, e meu pai frequentemente tinha que impedir o acesso já que o consumo excessivo deteriorava a pureza da água. Era preciso deixá-la descansar.

Seis meses após essa deportação, meu pai e meu tio perderam o emprego. A cidade estava quase terminada. A maioria dos trabalhadores foi demitida sem indenização. O poder dos generais não dava a menor importância aos direitos sociais; ele só queria uma coisa, que os candangos fossem embora, que abandonassem o Planalto Central. Mas ninguém pensava em ir embora. Os trabalhadores queriam dar uma chance aos filhos. Mesmo desempregados, queriam ficar perto das escolas. Meu pai ficou desempregado por um ano. Minha mãe, que trabalhava como assistente social, foi responsável por sustentar uma família de sete pessoas, além de seis primos. Ela deu o sangue por nós de tanto trabalhar. Minhas irmãs trabalhavam como empregadas domésticas para ajudá-la. No final, todos vencemos na vida. Certamente não graças ao governo, mas graças à minha mãe.

Meu pai se recusa a falar sobre isso.

Como todo mundo, ele veio com um sonho, adorava Juscelino, mas, no fim, se sentiu traído. Assim, para não ficar inativo, comprou um barco e um pequeno terreno atravessado por um rio. Lá ele extraia areia para construção. Tudo ia bem até que uma tempestade destruiu o barco. Contudo, a sorte bateu mais uma vez à porta e ele ganhou na loteria. Comprou um caminhão, um barco novo e recomeçou seu negócio de areia. Minha mãe ficou com raiva. Sua vontade era investir em imóveis para gerar uma reserva financeira. Meus pais quase se divorciaram quinze vezes. Esse também é o efeito da precariedade. Na verdade, em breve eles celebrarão suas bodas de ouro. Minha família venceu na vida graças a Brasília.

Aqui eu pude frequentar a escola de línguas, aprender francês, inglês. Não posso negar que, em comparação a outros lugares, temos mais chances de progredir. É em Brasília que contamos com o maior número de pessoas com diplomas; o povo valoriza os estudos. Mesmo o filho de um pobre que se esforça pode vencer. Com muito esforço, admito, porque as aulas particulares ministradas à noite são caras. Pagamos um alto preço para ascender.

E nem sinal da chuva. A umidade está em seu nível mais baixo, a grama em seu nível mais raro. Já faz uma semana que as cigarras cantam. A princípio, a chuva não resiste a esse chamado. Este ano, ela está surda. Porém, posso dizer que as cigarras de Brasília zumbem indecorosamente o dia todo. O estrangeiro fica de orelha em pé, acreditando captar um concerto de buzinas de carros que promove um furioso protesto pela cidade.

- Você está de brincadeira! responderão os nativos. Você não viu as placas que indicam: "Não buzine porque em Brasília não gostamos de barulho!"

Posso lhe dizer que as cigarras não estão nem aí para as proibições, tradições e protocolo. Maria Coeli, a cineasta, me confessou que só podia filmar à noite durante a estação das cigarras. Somente a escuridão silencia a cantoria. Nem a rainha da Inglaterra conseguiu calá-las. Maria me contou que a soberana veio a Brasília em 1967. Seu marido diplomata acrescentou ao programa uma visita a uma escola. Tudo foi organizado nos mínimos detalhes. Exceto um: o canto constante das cigarras. Na hora do discurso, a rainha, irritada, exigiu sem resposta:

- Desliguem esta máquina para que eu possa falar!

- Majestade, acho que não será possível, é a natureza se exprimindo, e silenciá-la é difícil.

Decididamente, a cigarra é um animal das fábulas. Quanto à chuva, tenho que encontrar um homem capaz de convencê-la a se mostrar favorável aos homens. Não se trata de um xamã, a menos que associemos poetas como ele a esses seres providenciais cuja missão é reparar as desordens de uma sociedade. Ouvi na televisão sua mensagem de pensamento livre. Ele dirigia uma oração à água do céu intitulada: "A celebração do Sertanejo *high-tech*, este brasiliense que vive entre a poeira e a esperança das chuvas".

Trecho.

"O brasiliense não abandonou o sertão. Ele ergueu belos edifícios, abandonou o caminhão, voa em jatos, anda em carruagens com motor de vários cavalos, vive em uma cidade tombada, mas quando a terra se fende, o sol queima e a poeira se transforma nesta neve que arde, o brasiliense sente em sua carne, em seus olhos, em sua pele, que ele vive no sertão do Brasil...

... O brasiliense hoje sonha com a água que vem do céu. Um riacho em cada esquina. Desejo de um rio cheio, comida farta e todo tipo de chuva. Chuva minuciosa ou raivosa, que molha o rico, o pobre, o mais ou menos provido ou o abastado. Que ela caia sem ostentação e abençoe nossa pele ardente. Que ela se misture com o sal do suor e mostre como este céu sabe rir com grandes gotas que lavam a terra. Que a primeira chuva seja justa, sem essa força que fere o povo e maltrata o sem-teto, o desvalido. Que a chuva seja nova, doce e pura, que jorre e se renove à maneira das coisas boas da vida."

Este homem não se dirige apenas à chuva. Ele invoca seus poderes de poeta contra todos aqueles que abusam de seu poder para fazer o mal. É um jornalista calmo e gentil, cujas palavras duras vão direto ao ponto. Os manipuladores o temem porque, para ele, um jornal serve para alertar e pensar. A cidade o conhece pelas letras duplas de seu primeiro nome: TT. Alguns de seus artigos mudaram o curso das coisas. TT Catalão, um carioca seduzido por Brasília, já tem seu nome impresso nos livros de história. Tenho um encontro com ele no estúdio do Departamento de Estudos Musicais da Universidade. Lá ele deve registrar um texto famoso que escreveu em 1984 para furar a nuvem do obscurantismo e fazer chover o direito à liberdade. Este conto urbano merece ser contado.

Mas só um momento.

Preciso fazer um desvio pela centopeia, aqui chamada de "minhocão". É por esse nome espirituoso que Brasília se refere à sua grande universidade pública. Mais uma obra de Oscar Niemeyer e não menos original! Vista do céu, parece dois trens de setecentos e vinte metros que correm em paralelo em uma curva. Mais de perto, entendemos melhor a comparação com o miriápode. Estes edifícios baixos e gêmeos distinguem-se por uma infinidade de pórticos transversais. Um telhado plano sem fim se apoia sobre essa centopeia de concreto e cobre de uma só vez as salas, os laboratórios e os jardins internos tão extensos quanto a estrutura dupla. Suspiro de admiração. À primeira vista, gosto do que vejo, sem saber se a extravagância do gesto arquitetônico ajuda ou atrapalha o uso. Sem tempo para verificar.

No estúdio, encontro TT Catalão ritmando no microfone seu discurso solene como um saxofonista de jazz. As sonoridades verbais suingam:

- Um... dois... três... já... um, dois, diretas já já já já janelas abertas já já já jazidas pro jeca, já, já, já, jazigo pros juros...

Abram as janelas! brada o poeta! Agora! Imediatamente! Faz vinte anos que a ditadura impede as saídas. Abram as janelas! Hoje mesmo, não deixem para amanhã! Sente-se ainda o cheiro de mofo. Queremos desfrutar de nossos direitos, e o gozo não pode mais esperar. Abram as janelas, rápido, e batam as panelas!

Em 1984, o Brasil ansiava pelo restabelecimento da eleição para Presidente da República por sufrágio universal. É inaceitável esperar por mais tempo pelo retorno dos direitos básicos: *Diretas já!* Mas a ditadura é mestra em assaltos repentinos, sabe brincar com as prorrogações: é a cortina do estado de emergência que cai em vez do véu da liberdade que se ergue. É preciso entender que Brasília viveu mais do que qualquer outra cidade sob a ameaça do chicote, metáfora da constante repressão policial. Era arriscado se opor ao regime.

No entanto, no dia seguinte a esta nova desilusão, em pleno vigor autoritário, TT Catalão publicou um artigo: "As trombetas de Jericó". Ele lembra que até as paredes mais grossas um dia desabam, minadas pelo clamor de um povo exasperado e pelo apoio das trombetas de guerra. O artigo incita a revolta. Atendendo ao apelo do jornalista, os brasilienses saem às ruas, munidos de couraças de automóveis, para soar as buzinas da raiva. A algazarra invade a cidade e atinge um pico sonoro sob as janelas do Poder. Mas nenhum edifício desaba. Só vemos o General Newton Cruz perder a paciência e ir ao encontro do grupo de carros atrevidos que tem a audácia de buzinar na cara dele.

A autoridade não desmorona.

Desta frustração definitiva nasceu o projeto da Sinfonia das Buzinas, uma peça para cornetas e panelas. Uma "abordagem estética do medo", segundo o seu autor, o compositor Jorge Antunes. A obra é preparada em segredo, as instruções circulam por baixo dos panos.

Em 1º de junho de 1984, milhares de manifestantes (uma fonte me diz trinta mil, outros oito mil...) se reuniram atrás da torre de TV. Entre eles, um certo Luís Inácio Lula da Silva, opositor na época, que mais tarde se tornou inquilino do palácio presidencial da

Alvorada. Duzentos e vinte e três carros estão alinhados de acordo com o tom de sua buzina; os motoristas esperam para dar sua voz, guiados pelas indicações de gigantescos painéis: DO-MI/SOL SI b.

Jorge Antunes, de mangas dobradas, cabelos eriçados, rege a orquestra com gestos entusiasmados, chamando também à atenção as asas instrumentais: saxofones, violões, baixos. Sons eletrônicos se misturam ao protesto. Um gravador Revoux registra tudo. A peça vai durar quarenta e cinco minutos. Um coro canta os novos apelos de TT Catalão. Estes mesmos que ouço agora proferidos pelo autor, neste preciso momento, ao lado de Jorge Antunes, no estúdio universitário, por ocasião da mixagem da sinfonia de buzinas, que finalmente estará disponível em CD, vinte anos depois.

Um dia é do caçador, outro é da panela

Abram a janela, batam as panelas

A quem nos tiranizou, explorou, humilhou, oprimiu,

A razão decide, buzine, Brasília, buzine!

Voz, voto e veto!

Brasília grita e os carros buzinam em aprovação. Este ato terá unido “o sublime e o útil na fronteira do medo e da ousadia”. TT Catalão é um poeta em quem se pode confiar. A prova: esse homem é capaz de desviar seu carro para estacioná-lo perto dos fornos de assar frango. Ele desliga o motor para aspirar os aromas que emanam dessas rotisserias alternativas, instaladas entre as duas faixas de uma avenida próxima do Cruzeiro. Você pode apanhar a asa ou a coxa pela janela do carro. Eis um drive-tru do qual eu gosto. Esses vendedores amadores de fim de semana vendem Skol gelada, não Coca-Cola de Atlanta. Em seguida, o monumento que TT escolhe para me mostrar não é um local turístico, mas um templo paralelo. A feira paraguaia, o “mercado de importados”, é uma verdadeira criação popular. Trata-se de um vasto hangar amarrotado de barracas. O município preferiu dar aos sacoleiros, “contrabandistas com grandes sacos”, um perímetro fixo para evitar que montassem suas barracas no eixo monumental ou em outra área tombada do centro. Porque na Feira do Paraguai estamos mesmo é contrabandeando.

Tudo aqui vem do Paraguai! Até os produtos chineses. O rótulo significa que há dúvida sobre a procedência. Mesmo que os acarajés

sejam deliciosos, para tirar um sarro vamos fingir que o óleo de fritura vem do caminhão. É a caverna de piratas que se tornou um ponto de encontro popular. Lá se foi o tempo que a classe média tinha vergonha de se emaranhar por aqui. Hoje em dia é missão acrobática abrir caminho pela massa humana que abarrota os corredores nos fins de semana. Todas as classes se dissolvem no mesmo óleo popular, as sardinhas se acumulam e se reproduzem. A zona está na moda. Apesar de ser um cantinho do Paraguai, aqui os árabes dominam o mercado de eletroeletrônicos, e os coreanos, o setor de óculos e malas. Já os relógios, CDs e DVDs piratas são do domínio dos brasileiros, assim como o tráfico de santos e outras imagens de devoção de plástico. TT e eu encabeçamos a litania dos sucos de frutas oferecidos como forma de oração ao espírito da natureza brasileira: *abacaxi, açaí, acerola, caju, cacau, goiaba, graviola, manga, maracujá, morango, seriguela, umbu, laranja, cupuaçu...*

Pedimos:

- Dois de maracujá!

TT veio para Brasília por causa da música. Ficou na cidade por paixão. Esqueci de avisar que Brasília se considera a capital do rock brasileiro. Não sei se a reivindicação é exagerada ou não, mas é verdade que uma banda construiu sua lenda aqui: Legião Urbana liderada por Renato Russo, seu carismático cantor e compositor. Cássia Eller, a diva pujante, também começou aqui. Ambos falecidos, mas seus nomes já nomeiam centros culturais. A cidade os reivindica. A terceira capital do Brasil alimentou outra grande máquina do rock, o Capital Inicial, que ainda está em atividade no momento desta redação.

TT continua:

- Eu vivia bem no Rio, mas sem perspectivas. Lá, o mar perdeu sua natureza, os morros viraram paredes. Nunca fiz do mar uma condição de existência. Cheguei em Brasília em 1972 com uma banda em turnê. Posso garantir que todos os músicos regionais se encontravam aqui e se misturavam com as influências estrangeiras, o que fez da cena brasiliense um amplo espaço aberto. Eu fugia da frivolidade do Rio, do seu imenso

egocentrismo. O Rio acaricia as faces, é gentil, mas tudo lá me soa indiferente. Não consigo confiar em um político carioca, principalmente quando você está na clandestinidade. Meu pai era sapateiro. Herdei dele a consciência de classe. O Rio falava mal de Brasília e por muito tempo fez campanha contra ela:

- As pessoas vão morrer de sede...

- O telefone não vai funcionar

- O lago não vai encher...

Eu ouvia:

- Vai morar com os índios!

Por falar em índios, sempre se cruzou mais com militares do que com índios em Brasília, mas durante a ditadura, a cidade ganhou o aspecto de uma reserva com saídas supervisionadas. Porém, preciso lhe dizer algo que as pessoas preferem sussurrar do que clamar: foram os generais que salvaram Brasília. Temos que reconhecer. Em 1964, quando tomaram o poder, Brasília ainda era uma aposta incerta, cujo sucesso dependia da boa vontade deles. Eles poderiam tê-la deixado se deteriorar, vegetar. Pelo contrário, eles a impuseram. A cidade os agradava. É fácil de entender: Brasília tem as virtudes haussmanianas de uma cidade rapidamente controlável. No caso de uma revolta, suas quatro portas podem ser trancadas com um simples virar das chaves e os órgãos de segurança chamados a ação em um piscar de olhos. TT confirma:

- Tinha medo desse aprisionamento. No Rio, escapamos por buracos como ratos, não em Brasília.

Além disso, a vastidão do eixo monumental desestimula as manifestações: cinco ou dez mil oponentes se dissolvem em meio ao espaço, não são vistos, não contam, não influenciam. Em suma, esta cidade sonhada por um urbanista marxista satisfez totalmente um governo de extrema direita. O general Castelo Branco voltou a se instalar aqui apesar do conforto ainda espartano dos palácios. No entanto, o Ministério das Relações Exteriores ainda funcionava no Rio em 1965 e as embaixadas deixavam sua mudança para as calendas gregas. O governo brasileiro anunciou por fim e sem rodeios que não mais garantiria a segurança ou imunidade dos serviços diplomáticos que permanecessem no Rio. A liminar foi ouvida. A realocação das embaixadas começou em 1969. O futuro de Brasília estava garantido.

E se o futuro de Brasília está garantido, posso ir para casa, tranquilo.

Deixarei a cidade por via aérea. O celestial será, portanto, meu último relatório investigativo.

A ditadura teve muitas consequências: uma delas, conclui TT Catalão, é ter matado a esperança política na juventude e enfraquecido a consciência. Outra é ter promovido a vocação mística de Brasília. Ouvi muitas vezes dizer:

- Imagine vinte anos de ditadura no meio do cerrado. O que mais fazer a não ser recorrer a Deus? O céu era a única rota de fuga para o povo.

Os pobres pensavam assim:

- Eu, que não tenho poder, nem dinheiro, nem ligações, pelo menos tenho o poder de falar com Deus e isso mantém minha esperança de um dia ter dinheiro e ligações.

A imaginação brasileira, você sabe, é vasta. Em Brasília, ela não tem limites, o desejo pela conquista da sociedade ideal continua insaciável. Todos os intercessores são procurados para facilitar a passagem do muro que nos separa do sobrenatural: de santos mediadores, a espíritos índios ou deuses da África. Há também os extraterrestres. Ouço falar seriamente sobre o avanço em direção ao nosso planeta de um disco voador em socorro de uma humanidade que promove sua autodestruição. Tenho poucos detalhes para lhe dar sobre este objeto não identificado, exceto este: sua circunferência seria do tamanho do distrito federal e o aparelho seria equipado com compartimentos para cuidar separadamente de povos terrestres de temperamentos incompatíveis. A aterrissagem está prevista para os arredores de Brasília. Uma área asfaltada já está pronta nas proximidades de Alto Paraíso, a cidade eleita para o evento extraterrestre e situada no estado vizinho de Goiás. Os vigias se revezam.

Observo todo e qualquer burburinho que circula, coleciono boatos.

Brasília está instalada sobre uma base de cristal. O maior bloco do Brasil estaria enterrado sob a rodoviária. A pureza de seu subsolo explicaria a clareza da comunicação com o invisível. O cristal torna a vida mais clara. Os ancestrais se manifestam, os mortos ilustres falam, os espíritos superiores e inferiores intervêm, as seitas proliferam, as igrejas crescem em todas as suas formas, evangélicas ou adventistas, internacionais da graça de

Deus ou universais do reino de Deus: no todo, já são 1348 comunidades religiosas enquanto lhe escrevo. Sem dúvida haverá mais amanhã. Outro recorde!

Entro na pirâmide branca do Templo da Boa Vontade, uma tenda de mármore que irradia amor universal. Este parlamento mundial da fraternidade ecumênica contorna o cemitério principal, ele próprio chamado de "campo da esperança".

"Quem crê em Jesus não perde seu tempo".

Crente ou não, um ser de passagem como eu terá que cumprir o percurso purificador da espiral do bem e do mal antes de deixar Brasília, com o espírito diferente e livre de seus pecados. Trabalho experimental para quem quer apreciar a pluralidade de rituais oferecidos na capital. O brasiliense não é do tipo que coloca todas suas promessas em uma única cesta. Dizem que aos domingos ele vai de bom grado à igreja, às segundas-feiras à pirâmide, às terças-feiras a uma reunião espírita kardecista e aos sábados ao Vale do Amanhecer, "sob os olhos da clarividência", no vale do grande ecletismo religioso, perto de Planaltina...

Comecemos pela Boa Vontade.

Os quadrados pretos e brancos de duas espirais entrelaçadas ocupam todo o piso da pirâmide. Ouve-se uma música de ondas suaves. Tiro os sapatos e coloco um dos pés no primeiro quadrado preto, a porta de entrada para o labirinto de nossas emoções contraditórias. Um fiel esfrega as mãos e se sacode antes de começar a peregrinação. Como ignoro os costumes, me ponho a imitá-lo. Caminhamos de preferência com os braços balançando para que os desejos nefastos fluam ao longo do corpo e se desprendam de nós. Pergunto-me: por que a cor preta ainda é associada à ideia do mal? O ritmo diminui à medida que nos aproximamos do centro. Fico incomodado com a presença de uma estátua barroca de Jesus que mais parece um caçador visigodo à espreita do que o bom pastor. No centro do templo, sob o diamante da consciência, o caminhante interrompe o passo sobre uma placa de cobre que simboliza a transição rumo à ascensão do bem. O fiel levanta ou abaixa a cabeça, conforme seu desejo de captar a luz ou de manifestar sua humildade. Começa o retorno sobre os pisos brancos, alma já aliviada. Precisarei, sem dúvida, de muitas caminhadas antes de controlar minha mente e não a deixar escapar em direção a uma bela peregrina que avança na direção oposta, ainda sobre o piso preto. A viagem termina em frente ao altar da "obra de Deus", representada pelos

quatro elementos. Uma espécie de samovar de prata distribui água. Que a paz se faça presente!

O refrão do dinheiro, todavia, se faz bem mais presente nas salas adjacentes à pirâmide; não estou a fim de pechinchar minha paz.

Pulo uma casa e me dirijo a outro endereço.

Sinto um arrepio azul ao adentrar o Santuário de Dom Bosco. A igreja dedicada ao santo que sonhou a cidade e que é seu padroeiro fica em frente a uma avenida movimentada: *W3 sul, quadra 702.* Eis a posição precisa desta ilhota da salvação; porque acabo por me sentir um pescador perdido nesse mar do absoluto, enquanto os próprios brasilienses costeiam sem problemas as margens do proselitismo com faróis de promessa luminosa... Mas lá, tudo volta a ser calmo e elevado, belo e sereno, espiritual. O Santuário Dom Bosco é um cubo de proporções harmoniosas, uma igreja única e com o equilíbrio perfeito. As colunas de concreto são tão finas que elas desenham com um traço leve o contorno dos vitrais, flechas de vidro de Murano, imponentes em doze tons de azul. Quatro paredes de uma unidade tão intensa que nos deixam sem voz. Mergulho em mim mesmo pela primeira vez. A última vez que me senti tão tocado por um edifício religioso foi em minha visita à mesquita, também azul, em Istambul. Clarice Lispector precedeu-me neste lugar, anos atrás, e também ficou "muda, prostrada num banco, não podendo acreditar que aquilo fosse verdade". Ela testemunhou: "Os vitrais têm a luz de uma música de órgão".

Gostei do meu encontro com Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. É uma igreja ampla e sóbria dos bairros ricos do Lago Sul, pouco sugerida aos visitantes. Ela abriga uma curiosa Paixão de Cristo concebida por uma artista mineira que escolheu Brasília apesar do reconhecimento do Rio. Marlene Godoy, influenciada por progenitores religiosos, pai espírita, mãe católica praticante, nunca deixou de ilustrar o pensamento sincrético do Brasil. Sua obra plástica é quase a de um médium que fala a língua dos espíritos mais diversos. Ela é a intérprete da força mística de Brasília. Podemos contemplar seu Tarot de Brasília no templo da Boa Vontade e sua Via Sacra na Igreja do Perpétuo Socorro. Divididas em 15, as estações de Cristo estão todas associadas a um monumento da cidade pela graça de uma devotada correspondência entre Jerusalém e Brasília. Primeira estação: a condenação. Jesus, portando na cabeça uma coroa de espinhos, as mãos atadas, domina as cúpulas do Congresso Nacional e das Torres Gêmeas, já que "Jesus foi condenado pelo

Congresso do Mundo...” E assim por diante. Jesus recebe sua cruz na segunda etapa: sua silhueta emerge do Ministério da Justiça. Cai em frente ao Palácio da Alvorada. Encontra a mãe às margens do lago, próximo à ermida de Dom Bosco. Recebe ajuda de Simon, o candango, em frente à primeira residência de madeira do presidente Kubitschek, o famoso Catetinho. Verônica, a atenciosa, ergue o sudário no coração da igreja Dom Bosco. Jesus cai pela segunda vez, aos pés do palácio do Buriti. Ele consola as mulheres da terra perto do Ministério das Relações Exteriores “com o desejo de dissolver preconceitos de cor, classe e religião”. Cai pela terceira vez na borda da bacia do Planalto. É despojado de suas roupas perto do aeroporto internacional, “onde as pessoas sempre se separam de algo”. É crucificado perante o Supremo Tribunal na Praça dos Três Poderes. Morre torturado próximo da Torre de TV, objeto de comunicação do qual ainda aguardamos uma boa notícia. Seu corpo é retirado da cruz sob o olhar “perplexo” de um índio do cerrado. A catedral de Oscar Niemeyer lhe serve de sepulcro: os anjos pendurados o velam enquanto os guardas dormem. Marlene Godoy finalmente pinta o Cristo ressuscitado, soberano, triunfante, erguido sobre os cumes da catedral: lá ele brande a bandeira do Brasil!

6

Aguardo a hora de partida.

Um domingo de manhã sob a torre de TV. Estou me recuperando de um sábado de samba no Calaf, onde as meninas dançam de bumbum empinado em suas calças *gang*. Bebo água de coco de um vendedor negro de Salvador. Apago o incêndio. Como acarajés cujo óleo “aprovado pela Anvisa” não sai do caminhão. Vejo as pipas no alto. O entorno da torre de metal é circundado pelas barracas de madeira da feira de artesanato, a feira hippie, como é chamada por aqui. Está lotada. É tipo um mercado árabe com corredores cobertos pelos toldos abertos das lojas. Lá pode-se comprar cerâmicas, móveis, pinturas de arte popular, estátuas de santos, trajes de banho, bonés e chapéus de palha, brinquedos de madeira, colchas, cortinas, toalhas de mesa de crochê, flores secas do cerrado ou de plástico da China, aventais bordados, lâmpadas, pedras, joias e penduricalhos, sinos dos ventos, letreiros moralizantes para dívidas de bar: “A dívida é como a barba, se não cortar, ela cresce.” Outro aviso do mesmo tipo: “Morreu neste estabelecimento o senhor Crédito, deixando uma viúva, a senhora Dívida, e seus dois filhos, Compra e Pagamento.”

Outro copo de caldo de cana. Mais um acarajé.

Ainda tenho bastante tempo antes de ir para o aeroporto, este lugar "onde as pessoas sempre se separam de alguma coisa". Ouço ao longe os músicos cariocas da capoeira perdendo o fôlego na praça reservada a esta dança no domingo de manhã, das dez ao meio-dia, no parque da cidade (Brasília continua bem harmoniosa):

- A capoeira é a nossa vida, é a nossa nostalgia.

Não somos daqui, somos de outro país.

Minha vida é a capoeira, capoeira é a nossa nostalgia...

Os brasilienses correm suados nas margens do lago da Cidade. Os bate-bate do Luna Park estampam um lema em sua dianteira que aprovo de imediato: "Toda criança deve ter acesso à cultura!" O calor nos apanha com suas garras de ave de rapina. A chuva faz manha e rodeia o Planalto Central. Esperamos por ela como Asa Branca, a pomba da canção do Nordeste, cuja volta é um sinal de alegria. Antes de tirar para sempre seu grande chapéu de cangaceiro, Luiz Gonzaga, o mestre do Forró, cantou:

- Já faz três noites que pro norte relampeia, E a asa branca ouvindo o ronco do trovão, Já bateu asas e voltou pro meu sertão, Ai, ai, eu vou-me embora, vou cuidar da prantação...

A chuva chega quando eu me for[24]. Mas aprendi o que queria. A Asa Branca lhe levará esta carta do outro lado do Atlântico. Uma chuva de boas-novas de Brasília e de mim. Um beijo, minha querida Leuk, linda flor do meu cerrado.

---

1. in Usages sociaux de la mémoire et de l'imaginaire au Brésil et en France. Textos compilados por Jean-Baptiste e apresentados por François Laplantine e I. Pordeus – CREA (Centro de Pesquisa e Estudos Antropológicos), P.U.L., Lyon 2001.

[24] Letra da canção "A volta da Asa Branca" de Luiz Gonzaga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado buscou não apenas sugerir uma tradução inédita ao livro *Planète Brasília*, de Jean-Yves Loude, mas, sobretudo, demonstrar a relevância de tal feito.

A princípio, antes de ingressar em assuntos de caráter temático, quisemos abordar a questão estrutural da obra: a qual gênero ela pertencia? Seria *Planète Brasília* uma literatura/narrativa de viagem ou uma publicação etnológica tendo em vista a formação primeira de seu escritor.

A conclusão a esta seção, após uma análise minuciosa do que seriam esses dois campos, foi a de que o livro se trata essencialmente de uma literatura de viagem, mas que não deixa de apresentar traços relevantes de investigação etnológica, visto que traz temas comuns a este estudo, mas sem o detalhamento acentuado capaz de inseri-lo nas prateleiras da etnologia.

O que vimos, sobretudo, foi um livro produzido por um escritor francês, que trata da capital de um país que não é o seu e, portanto, de referências e vivências longínquas daquelas que experimentou durante a vida. Era-nos, portanto, de imediato bastante interessante, e em especial curioso, saber as impressões deste estrangeiro a respeito de questões da nossa terra.

Não podemos também deixar de nos entreter com as descrições espirituosas do autor diante de situações que para nós já são deveras triviais e que à força da pressa do dia a dia nos passam totalmente desapercebidas.

No entanto, excetuando as observações jocosas, e por que não por vezes simpáticas, de um autor francês que se surpreende com aquilo que já é demasiado cotidiano ao leitor brasileiro, notamos que o significativo da obra se encontrava justamente no mal-estar que em certa feita J. Y. Loude começa a demonstrar diante das mazelas da história de Brasília, que mesmo conhecidas pelo leitor do país, no olhar estrangeiro causa um constrangimento que leva a uma reflexão aprofundada do que antes fora normalizado. Não queremos dizer, deste modo, que o autor estrangeiro deteve e descobriu realidades passadas desapercebidas pelos mais respeitados estudiosos do país, mas sim que ele foi simplesmente capaz de reparar aquilo que se tornou tão explícito que faz de qualquer investida do leitor brasileiro de tampar os olhos uma ação negligente.

Sendo assim, não será novidade ao leitor atento às problemáticas do país se deparar em *Planète Brasilia* com testemunhos de personagens que denunciam a indiferença dos governantes com o povo pobre renegado aos entornos da capital; mas, que quando exposto por alguém de fora e determinado em desvendar as razões deste infortúnio social, só pode acrescentar à indignação nacional a emergência de resolução daquilo que ultrapassou a barreira protetora do interno e se tornou cristalino ao mundo.

Logo, a questão primeira que ultrapassou o ato tradutório e nos incitou a analisar o teor da obra foi a denúncia de J. Y. Loude ao descaso do governo brasileiro quanto aos operários (os famigerados "candangos") ao longo da história da construção de Brasília.

Por intermédio de estudos relevantes sobre esta problemática, dedicamo-nos a aprofundar esse tema, tentando responder à questão formulada por J. Y. Loude e que insistia a nos incomodar o espírito: por que os idealizadores de Brasília não pensaram nessa população construtora que evidentemente não retornaria às suas regiões de origem dada a propaganda divulgada pelo próprio governo de uma nova terra de oportunidades?

Para isso, focamo-nos naqueles que J. Y. Loude chamou da "trindade" da capital: o presidente Juscelino Kubitschek, o urbanista Lucio Costa e o arquiteto Oscar Niemeyer. Dedicando-nos a compreender como estes homens pensaram a questão dos operários.

A conclusão, desta seção, no entanto, não foi das mais felizes à medida que constatamos aquilo que já suspeitávamos: muito pouco valor foi atribuído a essas pessoas, retrato da generalidade populacional desvalida deste país, que movidas pelo anseio desesperado de encontrar uma vida melhor, foram lançadas à indiferença já própria da história brasileira.

Concluímos, deste modo, que a relevância da tradução de *Planète Brasília* para o português do Brasil está na oportunidade de oferecer aos "observados", isto é, aqueles brasileiros que serviram de fonte de testemunho para o desenvolvimento das temáticas do livro, a capacidade de passarem a ser os "observadores", podendo acessar, sem os obstáculos da língua francesa, as análises produzidas pelo investigador forasteiro e por si próprios questionarem a significância e exatidão dos temas elaborados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRA LITERÁRIA ESTUDADA:

LOUDE, J. **Planète Brasília**. Vayrac: Tertium Éditions, 2008.

ARTIGO SOBRE JEAN-YVES LOUDE :

YVES-LOUDE, Jean. Parcours d'un Écrivain Français en Lusophonie. **Dialogue Ibériques : Assises Internationales de la Langue Portugaise et de Langue Espagnole**, Universidade do Algarve Editora, p. 57-77, Janeiro e Setembro de 2016.

OBRAS SOBRE BRASÍLIA:

BEÚ, Edson. **Os Filhos dos Candangos: Brasília sobre Olhar da Periferia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

BRAGA, Milton. **O Concurso de Brasília**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Brasilia, la capitale sortie de terre. Cinq Colonnes à la Une. RTF. Archive INA. YouTube, 05/05/1961. Disponível em: https:// www.youtube.com/watch?v=sKT2q8N6fgw. Acesso em: 22 de março de 2023.

BRAZILIA. **Edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil**, publicado no Diário Oficial da União de 30 de setembro de 1956. Disponível em: http://doc.brazilia.jor.br/plano-piloto-Brasilia/edital-Concurso-Plano-Piloto.shtml. Acesso em: 23 fev. 2022.

COSTA, Cleria Botelho da; BARROSO, Eloísa Pereira (org). **Brasília: Diferentes Olhares sobre a Cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

COSTA, Lucio. **Registro de uma Vivência**. São Paulo: Editora 34 e Edições Sesc São Paulo, 2018.

GOUVÊA, Luiz Alberto de Campos. **Brasília: A Capital da Segregação e do Controle Social – Uma Avaliação da Ação Governamental na Área da Habitação**. São Paulo: Annablume, 1995.

HOLSTON, James. **A Cidade Modernista: Uma Crítica de Brasília e sua Utopia**. Tradução: Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LOPES, Ana Carolina Martins; RIBEIRO, Maria Alexina. **Famílias Migrantes em Brasília**. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

KATINSKY, Júlio. **Leituras de Arquitetura, Viagens, Projetos**. Tese de livre-docência. São Paulo: FAU-USP, 1990.

NIEMEYER, Oscar. **As Curvas do Tempo: Memórias**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1998.

NIEMEYER, Oscar. **Minha Arquitetura**. 3º Edição. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2008.

NIEMEYER, Oscar. **Minha Experiência em Brasília**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2006.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek. **Por que Construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, 2000.

OLIVEIRA, Marcio de. **Brasília: O Mito na Trajetória da Nação**. Brasília: Paralelo 15, 2005.

PAVIANI, Aldo. **Brasília: Cidade e Capital**. In: Brasília, a Construção do Cotidiano. Brasilmar Ferreira Nunes (org.). Brasília, Paralelo 15, 1997.

PAVIANI, Aldo (org.). **Brasília: Moradia e Exclusão**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

PINHEIRO, Vera (coord.). **Brasília Trilha Aberta**. Brasília: Catálogo da Exposição, Governo do Distrito Federal, Secretaria da Cultura e Fundação Cultural do Distrito Federal, 1986.

PORTELA, Michelle. Sol Nascente supera Rocinha em habitantes e se torna maior favela do país. **Correio Braziliense**, Brasília, 15 de março de 2023. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2023/03/5080449-sol-nascente-supera-rocinha-em-habitantes-e-se-torna-maior-favela-do-pais.html. Acesso em: 21 de março de 2023.

RIBEIRO, Gustava Lins. **O Capital da Esperança**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

VIDAL, Laurent. La Fondation de Brasilia ou la Refondation du Brésil (1956-1960). *In* : LAPLANTINE, François, MARTIN, Jean-Baptiste, PORDEUS, Ismael (dir.) : **Usages Sociaux de la Mémoire et de l'Imaginaire au Brésil et en France**. Lyon : Presses Universitaires de Lyon. 2001.

OBRAS SOBRE *RÉCITS DE VOYAGE* (NARRATIVAS DE VIAGEM), ETNOLOGIA E LITERATURA:

BARTHES, Roland; NADEAU, Maurice. **Sur la Littérature**. Grenoble: Presses universitaires de Grenoble, 1980.

CANDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura**. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CHATEUBRIAND, François-René de. **Itinéraire de Paris à Jérusalem.** Paris: Bernardin-Béchet, Libraire, 1859.

GANNIER, Odile. **La Littérature de Voyage**. Paris : Ellipses, 2016.

GAUTIER, Théophile. **Italia**. (2e éd) (Éd. 1855) Paris, Hachette Bnf, 2012.

KROEBER, Louis Alfred. **Antropology Today: An Encyclopedic Inventory**. Chicago : University of Chicago Press, 1953.

LE HUENEN, Roland. **Le Récit de Voyage au Prisme de la Littérature**. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2015

LEJEUNE, Philippe. **Le Pacte Autobiographique**. Paris: Ed. du Seuil, 1975.

LENCLUD, Gérard. **Vers une Ethnologie du Présent** / sous la dir. de Gérard Althabe, Daniel Fabre et Gérard Lenclud. Paris : Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme, 1995.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Anthropologie Structurale**. Paris: Plon, 2003.

LOMBARD, Jacques. **Introduction à l'ethnologie**. Paris: Armand Colin, 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Les Argonautes du Pacifique Occidental**. Paris : Gallimard, 1963.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **De l'imagerie culturelle à l'imaginaire**. Paris : Presses Universitaires de France, 1989.

SEGALEN, Martine. **Ethnologie : Concepts et Aires Culturelles**. Paris: Armand Colin, 2004.

THOUROUDE, Guillaume. **La Pluralité des Mondes – Le Récit de Voyage de 1945 à nos Jours**. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2017.

OUTRAS OBRAS:

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. 17º Edição. Rio de Janeiro: Editora Didática Paulista, 2002.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. 4º Edição. São Paulo: Global Editora, 2022.

ANEXOS

TRADUÇÃO BILÍNGUE COM COMENTÁRIOS

En hommage à Oscar Niemeyer pour son centième anniversaire

Em homenagem a Oscar Niemeyer pelo seu centenário

Octobre à Brasília,

Outubro em Brasília,

Ma chère Leuk,

Minha querida Leuk,

Je m'apprête à quitter Brasília et je ne sais toujours pas ce qui est le plus beau pour moi : la ville ou son histoire, les monuments érigés ou l'épopée de leur construction.

Estou me preparando para deixar Brasília e ainda não sei dizer o que achei mais bonito: a cidade ou sua história, os monumentos erguidos ou a epopeia de sua construção.

Je reste étonné.

Sigo maravilhado.

- Tu peux aller à Brasília, tu peux aimer ou ne pas aimer, mais tu ne peux pas dire que tu avais déjà vu avant une chose pareille !

- Você pode ir a Brasília, gostar ou não da cidade, mas nunca poderá dizer que já viu algo assim!

Adaptação feita por Jean-Yves Loude da citação conhecidamente atribuída a Oscar Niemeyer presente em seu livro Minha Arquitetura. O original seria: "Vocês vão ver os palácios em Brasília, deles podem gostar ou não, mas nunca dizer terem visto antes coisa parecida".

C'est l'opinion d'Oscar Niemeyer, l'architecte héros de la ville, et je la partage : oui, je n'ai jamais vu une chose pareille.

Esta é a opinião de Oscar Niemeyer, o arquiteto herói da cidade, e da qual compartilho: sim, nunca vi nada igual.

Je te parlerai souvent de lui dans ma lettre, et pour cause, les Brasilienses prétendent qu'ils habitent le rêve d'Oscar.

Falarei muito sobre ele em minha carta e, por um bom motivo, os brasilienses acreditam morar no sonho de Oscar.

C'est vite dit.

Mas não é bem assim.

Ils sont en fait trois indissociables compositeurs à avoir donné forme au rêve de Brasília : le président Juscelino Kubitschek, l'urbaniste Lucio Costa et Niemeyer l'artiste.

São na verdade três os inseparáveis autores que deram forma ao sonho de Brasília: o presidente Juscelino Kubitschek, o urbanista Lúcio Costa e o artista Niemeyer.

Une trinité.

Uma trindade.

Ne m'accuse pas d'abus d'image sainte, Brasília a été conçue à grand renfort de sacré sur la terre (presque) immaculée du Plateau Central.

Não me acuse de abusar de imagens santas, Brasília foi concebida com grande influência do sagrado na terra (quase) imaculada do Planalto Central.

Un Père président, un Fils architecte et un urbaniste qui imposa l'Esprit de la cité.

Um Pai presidente, um Filho arquiteto e um urbanista que impôs o Espírito da cidade.

Il fallut bien plus des six jours bibliques pour achever la création de cette œuvre idéale mais vu l'ampleur de l'effort humain, les trois ans et sept mois de chantiers initiaux valent bien une semaine divine.

Foram necessários muito mais do que os seis dias bíblicos para concluir a criação desta obra ideal, mas dada a magnitude do esforço humano, os três primeiros anos e sete meses de construção inicial correspondem muito bem a uma semana divina.

Décidée en 1956, Brasília fut dûment baptisée le 21 avril 1960.

Decidida em 1956, Brasília foi devidamente batizada em 21 de abril de 1960.

Allait-elle tenir son rôle de paradis programmé ?

Será que ela desempenharia seu papel de paraíso projetado?

Et pour qui ?

E para quem?

L'histoire de l'Homme nous a enseigné que les banlieues du paradis étaient peuplées d'exclus et que l'accès aux terres de miel et de lait ne dépassait pas la largeur du chas d'une aiguille.

A história da humanidade nos ensinou que os subúrbios do paraíso eram povoados por excluídos e que o acesso às terras que emanam leite e mel[1] não era mais largo do que o fundo de uma agulha[2].

1: Citação bíblica (Êxodo, 3:8); 2: Citação bíblica (Mateus, 19:24)

La métaphore convenait-elle à Brasília, ville à peine née et déjà canonisée par l'Unesco ?

Será que essa metáfora cabia a Brasília, cidade recém-nascida e já canonizada pela Unesco?

Était-ce sa beauté ou l'exemplarité de l'expérience qui lui valait cette distinction sans précédent ?

Seria sua beleza ou a qualidade exemplar de sua experiência que lhe fazia digna dessa distinção inédita?

Je voulais savoir.

Queria saber.

J'ai toujours voulu savoir.

Sempre o quis.

Longtemps, je t'ai dit qu'un jour j'irai à Brasília.

Por muito tempo lhe disse que um dia iria a Brasília.

Tu ne me croyais pas.

Você duvidava.

Pourquoi Brasília ?

Mas por que Brasília?

C'était une ville que l'opinion commune en Europe avait classée à l'inventaire des choses froides et peu animées, vissée artificiellement au centre d'un pays dont on persistait à admirer la façade atlantique.

Era uma cidade que a opinião comum na Europa havia colocado na lista de coisas frias e sem graça, fincada artificialmente no centro de um país cuja fachada atlântica insistíamos em admirar.

Et si cette façade masquait une profondeur intérieure ?

E se essa fachada encobrisse uma profundidade interior?

Brasília avait éveillé la curiosité internationale le temps d'une fête et, depuis, les médias s'étaient peu souciés de suivre son évolution.

Brasília despertou a curiosidade internacional de imediato, mas, com o tempo, as mídias perderam o interesse em acompanhar sua evolução.

Je n'ai jamais oublié Brasília.

Eu, no entanto, nunca a esqueci.

J'étais un gosse le jour de son inauguration, mais je m'en souviens.

Embora criança no dia de sua inauguração, ainda me recordo.

À l'époque, j'imaginais les villes comme de vieilles dames usées par le temps mais flattées qu'on étale leur âge.

Na época, imaginava as cidades como velhas senhoras desgastadas pelo tempo, mas que se sentiam lisonjeadas ao revelarmos sua idade.

Plus elles comptaient de siècles, plus les guides touristiques les paraient d'étoiles et les louangeaient.

Quanto mais séculos contavam, mais os guias turísticos lhes conferiam estrelas e as enalteciam.

J'avais dix ans en 1960 et le Paris-Match no 581 du 28 mai consacrait dix pages à « La capitale que le Brésil vient de se donner au cœur même de son immensité ».

Eu tinha dez anos em 1960 e o Paris-Match nº 581 de 28 de maio dedicava dez páginas à "Capital que o Brasil acaba de se presentear no coração de sua imensidão"[1].

1: Título original presente na revista Paris-Match nº 581: "La capitale que le Brésil vient de se donner au coeur même de son immensité".

Je réalisai soudain qu'une ville pouvait être plus jeune que moi.

Percebi, de repente, que uma cidade poderia ser mais jovem do que eu.

Cela me fascina.

Isso me fascinou.

Je dérobai le magazine dans la pile familiale et le planquai parmi mes trésors d'enfance.

Roubei a revista da pilha da família e a guardei com esmero entre meus tesouros de infância.

Sur la couverture, Jeanne Moreau triomphait à Cannes.

Na capa, Jeanne Moreau triunfava em Cannes.

Son fils venait d'avoir un accident de voiture en Dauphine Gordini pilotée par un certain Jean-Paul Belmondo, futur homme de Rio et, pour le même ticket e cinéma, coureur à Brasília.

Seu filho acabara de sofrer um acidente de automóvel em Dauphine Gordini, conduzido por um tal Jean-Paul Belmondo, futuro Homem do Rio[1] e, pelo mesmo ingresso e filme, o homem que corre por Brasília.

1: *Homem do Rio* é um filme de 1964 estrelado por Jean-Paul Belmondo e dirigido por Philippe de Broca.

Nestlé lançait un café en poudre « gout Brésil » et s'exclamait en espagnol :

A Nestlé lançava um café em pó "sabor Brasil" e exclamava em espanhol:

¡ Qué café !

¡Qué café!

Kroutchev le Russe déterrait la hache de guerre en plein Paris et refusait de serrer la main d'Ike l'Américain au grand dam du général De Gaulle.

Khrushchov[1], o russo, desenterrava o machado de guerra em plena Paris e se recusava a apertar a mão de Ike, o americano, para o desespero do General De Gaulle.

1: Nikita Serguêievitch Khrushchov (grafado também como Khrushchev ou Cruschev).

Les relations est-ouest gelaient d'un coup, la guerre se faisait plus froide, le cœur de la planète battait Pam-Pam (le jus de fruit à la mode), on craignait une explosion Pshitt-citron (le soda dans le vent), mais, habillé en Tergal et soutenu par un Elaslip, le père de famille moderne assurait à pleine pub que la vie était belle.

As relações leste-oeste esfriavam subitamente, a guerra se tornava mais fria, o coração do planeta batia ao ritmo do Pam-Pam (o suco de frutas na moda), temíamos uma explosão tipo Pschitt-citron (o refrigerante do momento), mas, vestido de Tergal e usando um Elaslip, o pai de família moderno dizia como nos comerciais de TV que a vida era boa.

J'irai à Brasília.

Eu iria a Brasília.

Le magazine bien rangé a suivi les étapes de ma vie.

A revista bem guardada acompanhou as etapas da minha vida.

Brasília restait figée en noir et blanc dans ma mémoire à cause de la fabuleuse photo d'un arbre nu à la ramure convulsive et d'un couple planté sur la ligne d'horizon vide, observant sous un parapluie un immeuble ministériel surgi du néant.

Brasília permanecia congelada em preto e branco na minha memória devido à fabulosa foto de uma árvore nua com galhos contorcidos e de um casal parado na linha do horizonte vazio, observando sob um guarda-chuva um prédio ministerial surgindo do nada.

J'avais grandi, vieilli.

Cresci, envelheci.

Brasília, dans le même temps, avait grandi, vieilli.

Brasília, ao mesmo tempo, cresceu, envelheceu.

Comment y était-elle parvenue ?

Como ela conseguiu chegar até aqui?

Raymond Cartier, le grand reporter, recensait dans son article de 1960 les dangers qui guettaient la capitale enfant soumise à la vindicte des fonctionnaires sommés de l'habiter, à la haine des gens de Rio redevenus provinciaux par sa faute, aux quolibets de ses détracteurs incrédules.

Raymond Cartier, o grande jornalista, listava em seu artigo de 1960 os perigos que ameaçavam a pueril capital, susceptível à vingança de funcionários convocados a habitá-la, ao ódio dos cariocas[1] transformados novamente em provincianos por sua culpa, às zombarias de seus detratores incrédulos.

1: Em vez da tradução literal "Gentes do Rio", preferimos empregar o etnônimo "carioca" que designa aqueles naturais da cidade do Rio de Janeiro.

Un sabotage était possible à tout instant.

Uma sabotagem podia acontecer a qualquer momento.

Lui aurait-elle survécu ?

Ela sobreviveria?

Il fallait bien, vois-tu, que j'aille à Brasília.

Fica mais que evidente que eu realmente precisava ir a Brasília.

Désormais, c'est chose faite, reconnaissance accomplie, curiosité assouvie.

Agora já fui, a conheci, matei a curiosidade.

Je rentre.

Estou voltando.

J'espère que cette lettre te parviendra avant mon retour.

Espero que esta carta chegue antes de meu retorno.

Ce n'est pas si sûr.

Mas não é garantido.

Le courrier passe encore par Rio où il est classé et réorienté.

A carta ainda passará pelo Rio, onde será separada e redirecionada.

L'aéroport international de Brasília, privé de liens directs avec l'étranger, ne reçoit que des vols intérieurs.

O Aeroporto Internacional de Brasília, desprovido de conexões diretas com o exterior, só recebe voos domésticos.

Rio défend ses privilèges.

O Rio defende seus privilégios.

La guerre froide entre la seconde et la troisième capitale du Brésil est toujours d'actualité.

A guerra fria entre a segunda e a terceira capital do Brasil continua atualíssima.

6

Tu me connais, je ne suis pas de ceux qui partent à la hâte, sautant à l'ultime minute sur leur valise pour contraindre des effets mal empilés.

Você me conhece, não sou do tipo que sai apressado, sentando-se em cima da mala no último minuto para tentar espremer os efeitos amontoados dentro dela.

Mes bagages étaient prêts à l'avance, méticuleusement remplis de mots, tous rangés derrière la notion de SINGULARITÉ, impression à laquelle je devais m'attendre en débarquant à Brasília.

Minhas malas já estavam prontas, meticulosamente cheias de palavras, tudo dobrado sob a noção de SINGULARIDADE, impressão com a qual precisava contar ao desembarcar em Brasília.

Je m'étais préparé au voyage en classant les qualités et défauts attribués en général à cette ville UTOPIQUE.

Eu havia me preparado para a viagem classificando as qualidades e defeitos geralmente atribuídos a esta cidade UTÓPICA.

Difficile à cerner, l'identité de Brasília suscitait l'emploi de qualificatifs contraires.

De difícil definição, a identidade de Brasília suscitava o uso de qualificativos antônimos.

Les commentateurs sceptiques ou prudents devant une expérience en cours plaçaient souvent leurs jugements aux deux pôles.

Os comentaristas céticos ou cautelosos diante de tal experimento em curso posicionavam seus julgamentos em dois polos.

Projet IDÉAL était contredit par quotidien MONOTONE.

O Projeto IDEAL era contestado pelo quotidiano MONÓTONO.

Pouvait-on PLANIFIER l'ESPÉRANCE ?

Era possível PLANEJAR a ESPERANÇA?

Réaliser un rêve sans EXCLUSIONS ?

Realizar um sonho sem EXCLUSÕES?

Imposer une telle DISCIPLINE à l'âme brésilienne sans s'attendre à des TRANSGRESSIONS ?

Impor tal DISCIPLINA na alma brasileira sem esperar TRANSGRESSÕES?

Et ainsi de suite.

E assim por diante.

On opposait le PLAN PILOTE et les SATELLITES, le centre privilégié et ses périphéries.

O PLANO PILOTO era posto em contraste com as cidades[1] SATÉLITES: o centro privilegiado versus suas periferias.

1: No Brasil, o termo "cidade-satélite" já está bastante consagrado. Assim, para evitar ambiguidade e se afastar da acepção de "corpo celeste", optamos por adicionar a palavra "cidades", ausente no original.

À noter qu'à Brasília, on ne dit pas favelas, mais satellites pour décrire le résultat d'une INVASION spontanée.

Note que em Brasília não se diz favelas, mas satélites, para descrever o resultado de uma INVASÃO espontânea.

Mais gare aux nuances : il faudra distinguer invasion chic d'enclaves nanties par des riches, et invasion pauvre qui, comme ailleurs au Brésil, suppose un regroupement de misères.

Mas preste atenção às nuances: é preciso distinguir uma invasão chique de terrenos abastados praticada pelos ricos, de uma invasão pobre que, como em outras partes do Brasil, supõe um agrupamento de misérias.

J'avais aussi en poche des mots aimables et sans contrepartie comme FIERTÉ, RECORD, COEUR, CULTE, ce dernier associé à JK

Eu também guardava no bolso algumas palavras agradáveis e sem correlação, como ORGULHO, RECORDE, CORAÇÃO, CULTO, esta última associada a JK,

(Jota K.), le diminutif de Juscelino Kubitschek, le président bien aimé.

o diminutivo de Juscelino Kubitschek, o estimado presidente.

J'emportais un mot insistant, MYSTIQUE, parce qu'il revenait sans cesse dans les analyses sérieuses ou dans les colonnes d'articles à sensation :

Levava comigo uma palavra insistente, MÍSTICA, presente desde análises sérias a colunas de artigos sensacionalistas:

« Brasília, la nouvelle Mecque de l'ésotérisme ».

"Brasília, a nova Meca do esoterismo".

J'avais mis à part un mot à définir car sa traduction n'apparaissait pas dans les dictionnaires indiquant par là son importance dans la construction de l'originalité de Brasília :

Coloquei de lado uma palavra que ainda exigia definição, pois sua tradução não constava nos dicionários de língua francesa[1], indicando, portanto, sua importância na construção da originalidade de Brasília:

1: Adição do complemento "língua francesa" para especificar que os dicionários aos quais o autor recorre são deste idioma. Nos dicionários de língua portuguesa, o termo "candango" já é frequente.

CANDANGO, un terme de sueur et de gloire qui collait à la chemise des bâtisseurs anonymes de la ville.

CANDANGO, um termo de suor e glória estampado na camisa dos anônimos operários da cidade.

Et il me restait encore un mot de taille, CIEL, qui faisait trop l'unanimité au-dessous de lui pour que je ne cherche pas aussitôt à authentifier l'affirmation : le ciel de Brasília est si beau qu'il mérite d'être sauvegardé.

E me restava ainda uma palavra de peso, CÉU, que gerava tanta unanimidade ao seu redor que me impossibilitava de não reconhecer a afirmação: o céu de Brasília é tão lindo que merece ser tombado.

O céu de Brasília é tombado : ne pas traduire par le ciel est « tombé », mais « classé ».

O céu de Brasília é tombado: não traduzir para o francês por "tombé"[1] (caído), mas por "classé".

1: O autor se refere ao falso cognato que a palavra "tombado" pode gerar em francês, aproximando-se de "tombé", que caracteriza a queda de algo e nada tem a ver com a acepção de colocar alguma coisa sob lei de proteção em virtude dos valores a ela atribuídos. "Classé", portanto, seria o termo mais bem empregado.

Ainsi lesté de mots précieux, je tombai du ciel et piquai sur le Plateau Central.

Levando assim comigo tantas palavras preciosas, caí do céu e despenquei no Planalto Central.

6

Les statistiques le prouvent : un voyage a de fortes chances de commencer en taxi.

As estatísticas comprovam: uma viagem tem fortes chances de começar em um táxi.

À Brasília, c'est inévitable.

Em Brasília, isso é inevitável.

La corporation des chauffeurs représente une sorte de SAMU pour le piéton suffoqué par l'immensité.

A associação de taxistas representa uma espécie de SAMU para o pedestre sufocado pela imensidão.

L'arrivant sait qu'il ne pourra explorer cette ville sans leur aide, pas plus qu'un grimpeur ne saurait passer des Sherpas pour atteindre la cime d'un huit mille.

O recém-chegado sabe que não poderá explorar esta cidade sem a ajuda deles, assim como um alpinista não poderá se esquivar dos Sherpas para conseguir atingir o topo a uns 8 mil metros de altitude.

Ces hommes ont d'ailleurs l'assurance tranquille des êtres indispensables.

Esses homens, portanto, gozam da serena segurança dos seres indispensáveis.

Ils s'aménagent des salles d'attentes confortables.

Dispõem de confortáveis salas de espera.

Certaines têtes de stations sont équipées de sofas, de fauteuils, mais ailleurs la simple ombre d'un arbre fleuri suffit à abriter une aire de jeu.

Alguns pontos de táxi chegam a ser equipados com sofás, poltronas; em outros, porém, a simples sombra de uma árvore florida já serve para abrigar uma mesa de jogo.

Les cartes s'abattent, les dominos claquent.

As cartas caem, os dominós estalam.

On se sent confus d'interrompre une partie acharnée pour le futile prétexte d'un rendez-vous ; souvent on serait tenté de s'excuser auprès du chauffeur rappelé à l'ordre par ses suivants :

Ficamos até constrangidos de interromper uma partida acalorada pelo fútil pretexto de uma corrida: muitas vezes nos sentimos tentados a nos desculparmos diante do motorista chamado à tarefa por seus colegas:

- Au premier !

- O primeiro da fila!

Le premier humain que je rencontre sur cette terre s'appelle Holande.

O primeiro humano que encontro nesta terra se chama Holande[1].

1: O autor optou por dar um nome mais afrancesado ao motorista de Táxi para criar afinidade com o leitor francês e também lhe garantir feição de personagem. O nome verdadeiro do taxista, no entanto, era, segundo nos relatou Jean-Yves Loude, "Holanda".

Il est natif de Pernambuco.

Nasceu em Pernambuco.

- Brasília est vraiment le cœur du Brésil, me confie-t-il en passant la seconde.

- Brasília é mesmo o coração do Brasil, me confidencia ele ao engatar a segunda.

Il y a tant de familles qui ont envoyé un fils à la capitale à la recherche de travail, dans l'espoir de le rejoindre ensuite.

Muitas foram as famílias que enviaram um filho para a capital na busca por trabalho, esperando se juntarem a ele mais tarde.

Du Goias, du Minas, de notre Sertão toujours à la peine, les accents ont afflué de partout.

De Goiás ou de Minas, ao nosso sofrido sertão, sotaques de toda parte se mesclam por aqui.

Ils ont pris les échangeurs, comme les bagnoles, ils se sont mêlés à la circulation et ont fini par se débarrasser des particularités régionales.

Essa gente, tal qual os carros, pegou os trevos rodoviários, se misturou no trânsito e acabou perdendo suas peculiaridades regionais.

Bien obligé.

Não tinha outro jeito.

C'est pourquoi on parle ici le brésilien le plus joli.

É por isso que falamos o português mais bonito.

J'entends bien, mais mon oreille habituée aux tonalités de Lisbonne peine quand même à se régler sur son accent persistant du Nordeste.

Ouço bem, mas meu ouvido acostumado aos tons de Lisboa ainda sofre para se adaptar ao seu persistente sotaque nordestino.

Au sortir de l'aéroport « Président Juscelino Kubitschek », Holande se jette dans le trafic que je n'imaginais pas si dense.

Ao sair do aeroporto "Presidente Juscelino Kubitschek", Holande se lança em um tráfego que eu não imaginava tão intenso.

Dès la première accélération, j'expulse mes souvenirs d'archives : finies les avenues désertes en noir et blanc, les six files de chaque axe routier méritent à présent d'exister.

Desde a primeira acelerada, resgato minhas memórias de arquivo: não há mais avenidas desertas em preto e branco, as seis linhas de cada eixo rodoviário passam a existir concretamente.

- Brasília est la ville au monde où il y a le plus de voitures par habitant, continue Holande.

- Brasília é a cidade do mundo com mais carros por habitante, continua Holande.

Un habitant, une voiture.

Para cada habitante, um carro.

Et voici un premier record qui tombe.

Eis aqui um primeiro recorde que se apresenta.

Brasília, ville en formation, recourt volontiers à cette course en tête pour s'affirmer.

Brasília, cidade ainda em formação, recorre prontamente a esses recordes para se destacar.

Cela va de la ville au monde qui détient le plus grand nombre de piscines privées à vaniteuse affirmation que la superficie du lac artificiel Paranoá dépasse celle de la baie de Rio.

Isso vai desde a cidade do mundo que detém o maior número de piscinas particulares até a vã afirmação de que a área do lago artificial Paranoá ultrapassa a da baía de Guanabara[1].

1: A denominação "Baía de Guanabara", referente à baia que contorna parte do estado do Rio de Janeiro, é muito mais utilizada em português do Brasil do que "Baía do Rio" (tradução literal do original).

Galéjade à ajouter à la liste des moqueries et coups de griffes que persistent à s'échanger les deux rivales.

Mais uma chacota a ser acrescentada à lista de zombarias e rixas que as duas rivais persistem em manter.

Je préfère pour Brasília le titre de ville la plus arborée de la planète.

Prefiro para Brasília o título de cidade mais arborizada do planeta.

Je le crois volontiers.

E não é difícil acreditar nisso.

Ce sont les fleurs qui d'emblée agrippent l'œil.

São as flores que imediatamente chamam a atenção.

Fleurs mauves de jacarandas, fleurs jaune d'ipés, fleurs nobles de frangipaniers, fleurs opulentes sur bois secs accrochées à la boutonnière d'arbres décharnés attendant la pluie pour se métamorphoser.

Flores roxas dos jacarandás, flores amarelas dos ipês, flores nobres das plumérias, flores opulentas em galhos secos agarrados a árvores esqueléticas que esperam a chuva para se metamorfosearem.

Holande a suivi mes regards et lâche la phrase la plus vexante pour le visiteur qui arrive à contretemps :

Holande acompanhou meu olhar e solta a frase mais desagradável para o visitante que chega na hora errada:

- Vous n'avez pas choisi la meilleure période.

- Você não escolheu a melhor época.

En plus, la saison sèche s'attarde cette année.

Além disso, a estação seca está se prolongando este ano.

On n'annonce pas la pluie avant la mi-octobre.

Não há previsão de chuva até meados de outubro.

S'il pleuvait, vous ne reconnaîtriez pas la ville.

Se chovesse, você não reconheceria a cidade.

Tout ce qui vous paraît désolé, pelé, râpé à jamais, redevient en quarante-huit heures un luisant tapis vert.

Tudo o que agora lhe parece triste, desvalido e devastado para sempre, torna-se em 48 horas um verdejante tapete.

Notre gazon ne meurt pas, il hiberne et se réveille instantanément sous l'effet de l'eau, les arbres se couvrent de feuilles.

Nossa grama não morre, hiberna, e desperta instantaneamente sob o efeito da água. As árvores se cobrem de folhas.

Je ne peux pas vous décrire cette merveille de la nature.

Não há como descrever esta maravilha da natureza.

C’est le miracle du cerrado !

É o milagre do cerrado!

Cerrado : encore un mot intraduisible.

Cerrado: outra palavra intraduzível para o francês[1].

1: Acréscimo que visa relembrar o leitor da tradução que o texto original está escrito em francês. No original, apenas o termo “intraduzível” é utilizado.

Brasília a été construite en plein cerrado, une savane de graminées, de buissons et d’arbres de taille modeste mais d’essence originale, aux troncs rustres et tordus, à grosses écorces et fleurs suaves.

Brasília foi construída em pleno cerrado, uma savana de gramíneas, arbustos e árvores de tamanho modesto, mas de essência original, de troncos rústicos e retorcidos, com cascas grossas e flores delicadas.

La part cachée de ces arbres, dit-on, est plus importante que celle qui émerge ; leurs racines fouillent si obstinément les entrailles de la terre que les feux répétés les ravagent sans les assassiner.

Ouço falar que a parte oculta dessas árvores é mais importante do que aquela que emerge; suas raízes cavam tão obstinadamente nas entranhas da terra que os incêndios repetidos as devastam sem matá-las.

On voit leurs fleurs percer les branches calcinées après le désastre.

É possível ver suas flores perfurando os galhos carbonizados após o desastre.

Miracle de la volonté et gage de profondeur.

Milagre da natureza e testemunho de profundidade.

Les gens qui ont fait le choix de s’arrimer à cette aire centrale du Brésil évoquent l’influence du cerrado sur les êtres : sérieux et profondeur sont les qualités revendiquées du Brasiliense.

Aqueles que fizeram a escolha de se instalar nesta região central do Brasil evocam a influência do cerrado sobre os seres: seriedade e profundidade são as qualidades que o brasiliense reivindica para si.

Brasília ajoute à son caractère particulier un environnement unique au monde.

Brasília acrescenta à sua natureza a particularidade de ser um lugar único no mundo.

Flore et faune du cerrado ne se retrouvent nulle part ailleurs à la surface du globe.

A flora e a fauna do cerrado não são encontradas em nenhuma outra parte da superfície do globo.

Je ne te cacherai pas que le cerrado n'est plus aussi valide depuis que l'homme y a transféré ses pelleteuses et ses ambitions.

Não vou mentir dizendo-lhe que o cerrado continua em seu pleno vigor desde que o homem aqui chegou com suas escavadeiras e ambições.

Longtemps, il connut le vide silencieux.

Por muito tempo o vazio silencioso regia essa região.

La vie indigène y était peu répandue.

A vida indígena também não era muito abrangente.

Il fut traversé par des bandes de migrants qui se ruaient vers l'or, mais ces aventuriers nommés bandeirantes avaient trop de paillettes dans les yeux pour s'arrêter dans cette zone qui pourtant leur offrait eau, fruits et gibier à volonté.

O cerrado era atravessado por bandos de migrantes que corriam em busca de ouro, mas esses aventureiros conhecidos como "bandeirantes" tinham demasiada cobiça nos olhos para se demorarem nesta zona que, todavia, lhes oferecia água, frutas e caça à vontade.

Tant mieux pour les capivaras locaux, ces rats placides et gros comme des oursons, aussi bons à manger que confiants dans l'homme : ils ont gagné quelques décennies de répit.

Sorte das capivaras locais, esses ratos dóceis e grandes como filhotes de urso, que se mostram tão bons para comer como confiantes nos humanos: elas ganharam algumas décadas de paz.

Une chose est certaine : le site de Brasília fut bien choisi.

Há algo que não se pode negar: o local para Brasília foi bem escolhido.

Deux expéditions scientifiques, dignes des romans de Jules Verne, avaient fait dès la fin du XIXe siècle la preuve de l'excellence climatique et hydrographique du Plateau Central, si le projet de transfert de la capitale devait aboutir.

Duas expedições científicas, dignas dos romances de Júlio Verne, comprovaram desde o final do século XIX a excelência climática e hidrográfica do Planalto Central caso o projeto de transferência da capital saísse do papel.

Il finit par aboutir soixante ans plus tard.

Isso, no entanto, só aconteceu sessenta anos mais tarde.

Aujourd'hui, Brasília s'étend, le cerrado rétrécit.

Hoje Brasília está se expandindo, o cerrado, encolhendo.

Il va falloir songer à le classer à son tour.

Seria preciso considerar seu tombamento.

Holande me lance soudain d'un ton impérieux :

Holande, de repente, me adverte em um tom imperioso:

- N'oubliez pas de boire !

- Não se esqueça de se hidratar!

Je tente une plaisanterie :

Ensaio uma piada:

- De la cachaça ?

- Com cachaça?

De l'alcool de canne trois fois par jour avant chaque repas ?

Álcool de cana três vezes ao dia antes de cada refeição?

Ça me va !

Nada mal!

Holande paraît navré de ma désinvolture.

Holande se mostra contrariado com minha molecagem.

- Vous ne savez pas que l'air à Brasília est aussi sec que celui du Sahara.

- O senhor não sabe que o ar de Brasília é tão seco quanto o do Saara.

Si vous voulez profiter de la ville, alors buvez de l'eau.

Se quiser aproveitar a cidade, beba água.

Mon chauffeur ne craindrait pas de s'adjuger un bon client le temps de mon séjour ; mieux vaut pour lui que je dure.

Meu motorista não queria perder um bom cliente durante a minha estadia; melhor para ele que eu dure.

C'est vrai que la lumière de ce septembre est blanche et poussiéreuse, signe de sécheresse, secura.

Vê-se bem que a luz deste setembro é branca e poeirenta, sinal de secura.

Ce mot est un faux ami que ne garantit en rien la sécurité mais plutôt une aridité éprouvante pour l'organisme quand elle atteint des pics.

Esta palavra é um falso amigo em francês[1] que de modo algum garante segurança, mas sim uma aridez extenuante ao organismo quando atinge seus picos.

1: "Secura" é um falso amigo/cognato em língua francesa pois se assemelha ao adjetivo "sécure" (em segurança, sob proteção).

On parle ici d'alertes à l'air sec comme ailleurs à la pollution.

Aqui se fala de alertas de ar seco como em outros lugares se fala de poluição.

En-dessous d'un certain seuil d'humidité (10%), les nez peuvent saigner, les lèvres gercer, les écoles ferment, les efforts physiques sont déconseillés, le brumisateur devient l'accessoire indispensable.

Abaixo de um certo limite de umidade (10%), o nariz pode sangrar, os lábios racharem, escolas fecharem, esforços físicos são desaconselhados e o umidificador se torna acessório indispensável.

Décidément, Brasília n'est pas une ville ordinaire.

Brasília decididamente não é para os fracos[1].

Adaptação da expressão "n'est pas une ville ordinaire" (não é uma cidade qualquer).

Holande insiste pour prendre soin de moi.

Holande insiste em cuidar de mim.

- Vous ne voulez vraiment pas que je vous dépose d'abord à l'hôtel ?

- O senhor tem certeza de que não quer ir primeiro ao hotel?

- Non, je ne suis pas chargé, je veux me rendre au Point Zéro directement.

- Não. Estou com poucas malas. Quero ir direto ao Marco Zero.

6

Puisque je dois tenir la sécheresse à distance, autant boire une bière grand format sur le patio du Conjunto Nacional, un des deux centres commerciaux qui encadrent le Point Zéro.

Como tenho que manter a secura à distância, melhor é tomar uma *long neck* no pátio do Conjunto Nacional, um dos dois shoppings que cercam o Marco Zero.

Et je répète à chaque gorgée pour m'en convaincre :

E repito a cada gole para me convencer:

- Cinquante ans auparavant, à l'endroit même où j'épuise ma Skol gelée servie dans son manchon isotherme, il n'y avait rien hormis l'insouciance primordiale du cerrado.

- Cinquenta anos atrás, neste mesmo lugar onde bebo minha Skol gelada servida em seu porta garrafa de isopor, não havia nada além da calmaria primitiva do cerrado.

Je rêvais de vivre cet instant.

Sonhei em viver esse momento.

Maintenant que j'ai atteint le Point Zéro, je vais pouvoir regarder la ville et te la décrire, enquêter sur ceux qui y vivent et comment ils l'habitent.

Agora que cheguei ao Marco Zero, estou livre para visitar a cidade e descrevê-la, investigando os que aqui vivem e como a habitam.

Je sors de mon portefeuille la photo à conviction.

Tiro da minha carteira a foto que constitui a prova.

C'est un cliché célèbre de Mário Fontenelle, le témoin officiel de la construction, à qui le président Kubitschek lui-même remit un Leica M3, appareil digne de sa mission.

É uma famosa foto de Mário Fontenelle, a testemunha oficial da construção, a quem o próprio presidente Kubitschek confiou uma câmera Leica M3, aparelho digno de sua missão.

Imagine la croix que forment en 1956 deux pistes tracées dans le néant d'un plateau piqueté de touffes mesquines.

Imagine a cruz formada em 1956 por duas pistas traçadas no nada de um planalto ponteado por tufos secos.

C'est difficile à croire mais la démesure du projet de Brasília apparaît dans ces deux traits impérieux qui se coupent à angles droits pour aller quérir les quatre points cardinaux.

É difícil de acreditar, mas a exorbitância do projeto de Brasília aparece nesses dois traços imperiosos que se cruzam em ângulos retos para encontrar os quatro pontos cardeais.

Avant de naître, Brasília fut une griffure sur la peau du Planalto, un tatouage irrémédiable, la marque d'une prise de possession.

Antes de nascer, Brasília foi um arranhão na pele do Planalto, uma tatuagem irreparável, a marca da posse.

Le symbole était voulu.

O símbolo era desejado.

Ne pense pas à la projection de la croix du Christ sur le sol, non, il s'agissait de la signature d'un contrat : celui que le Pouvoir désirait établir entre l'ensemble du pays et lui en s'installant au centre du territoire.

Não pense na projeção da cruz de Cristo no solo, não, aqui se tratava da assinatura de um contrato: aquele que o Poder queria estabelecer entre todo o país e ele ao se instalar no centro do território.

Le Brésil confirmait ainsi son indépendance de 1822 en se dégageant enfin de la côte et des faciles échanges atlantiques liés à l'époque européenne.

O Brasil confirmava assim a sua independência de 1822, libertando-se finalmente da costa e das fáceis transações atlânticas ligadas à era europeia.

Grâce à Brasília, le Brésil entrait dans tous ses états, c'était un géant qui s'éveillait.

Graças a Brasília, o país adentrava em todos os seus estados, era um gigante que acordava.

Visuellement, le Point Zéro est aujourd'hui une fosse immense au fond de laquelle les deux axes routiers majeurs se chevauchent.

Visualmente, o Marco Zero é hoje em dia um fosso imenso no fundo do qual os dois eixos rodoviários principais se sobrepõem.

Attention : il n'y a pas de croisements à Brasília.

Atenção: não há cruzamentos em Brasília.

Lucio Costa l'urbaniste a banni la rencontre directe des courants et tout ce qui pouvait contraindre la fluidité du trafic.

O urbanista Lúcio Costa proibiu o encontro direto de vias e tudo que pudesse restringir a fluidez do tráfego.

Il a inventé une habile trame de bretelles et de trèfles qui donne au conducteur l'impression de circuler dans un parc d'attractions.

Ele inventou uma trama hábil de alças de acesso e trevos que dá ao motorista a impressão de dirigir em um parque de diversões.

Le pilote enchaîne anneau sur anneau, une fois dessus, une fois dessous, afin de se retrouver dans la direction souhaitée.

O carro percorre anel após anel, uma vez por cima, outra por baixo, a fim de se encontrar na direção desejada.

Les pneus chuintent à force de virer sur l'asphalte poli.

Os pneus cantam ao fazer a curva no asfalto polido.

L'arrivant en a le tournis, mas l'avis général est favorable à cette logique du glissement automobile sans rupture, sans feux tricolores.

O recém-chegado sofre de tonturas, mas a opinião geral é favorável a essa lógica do fluxo automobilístico sem paralisações, e sem semáforos.

L'apparition de ces derniers est un événement récent dans la ville qui ajoutait leur bannissement à liste de ses valeurs.

O aparecimento destes últimos é um acontecimento recente na cidade que tinha acrescentado sua proibição à lista de seus valores.

Il semble que leur implantation soit une concession faite à la survie du piéton, animal rare que tout Brasiliense est pourtant censé redevenir à de brefs instants, même s'il avoue qu'ici le corps subit une mutation : une tête, un tronc, des roues.

Parece que sua implantação é uma concessão feita à sobrevivência do pedestre, animal raro no qual todo brasiliense, vez ou outra, se transforma por breves instantes, mesmo que ele admita que aqui o corpo sofre uma mutação: uma cabeça, um tronco e quatro rodas[1].

1: Adaptação e acréscimo para mostrar que o brasiliense se transforma na figura de um carro.

Je reviendrai sur le sort réservé à ce bipède mal traité quand mon expérience de cascadeur fou aura été nourrie de plusieurs traversées d'avenues.

Voltarei ao destino reservado a este bípede desprezado quando minha experiência de acrobata maluco tiver sido obtida por vários cruzamentos de avenidas.

Pour l'instant, je suis penché sur la fosse aux bus.

Por enquanto, estou debruçado sobre o fosso dos ônibus.

La gare routière, Rodoviária, occupe le premier plateau inférieur de ce puits urbain.

A rodoviária ocupa o primeiro plano inferior desse poço urbano.

C'est le point névralgique par lequel les « journaliers » rejoignent le Plan Pilote au matin et le quittent le soir pour leurs banlieues distantes :

É o ponto nevrálgico pelo qual os "trabalhadores diurnos" se juntam ao Plano Piloto pela manhã e o deixam à noite para seguirem a seus distantes subúrbios:

Guarás, Ceilândia, Taguatinga, Sobradinho, Samambaia, Planaltina...

Guarás, Ceilândia, Taguatinga, Sobradinho, Samambaia, Planaltina...

Les images des temps primitifs montrent une cave de béton nette et déserte où récupèrent un ou deux cars Mercedes ronds et débonnaires, flanqués de quelques Combi VW.

As imagens dos tempos primitivos mostram uma cava de concreto clara e deserta de onde se vê um ou dois ônibus Mercedes redondos e bonachões, cercados de algumas Kombis VW.

À présent, j'ai la vision en plongée de claviers de piano dont les touches seraient les toits blancs de dizaines de bus serrés.

Neste momento, tenho a visão aérea do teclado de um piano cujas teclas seriam os tetos brancos de dezenas de ônibus espremidos.

Ici, c'est tous les jours le même air, le concert des destins pressés par les heures d'emplois administratifs ou domestiques.

Aqui, todo dia toca-se a mesma melodia, o concerto dos destinos apressados pelas horas dos trabalhos administrativos ou domésticos.

En permanence, une foule émerge à la surface ou plonge dans le puits.

Continuamente uma multidão emerge à superfície ou mergulha no poço.

Pas étonnant que se soit formé un drôle de bazar à ciel ouvert sur la plateforme aérée de ce cœur enterré.

Não é de se espantar que um excêntrico conjunto de lojas tenha se formado sobre a plataforma arejada deste coração enterrado.

La vie informelle à Brasília a-t-elle repris ses droits ?

Estaria[1] a vida informal em Brasília reivindicando seus direitos?

1: Mudança de tempo verbal para enfatizar a interrogação.

Réponse immédiate.

A resposta é imediata.

Je passe à travers une haie d'étals improvisés qui proposent lunettes, montres, culottes, chaussures, serviettes, linge, enveloppes ou sonneries de téléphones[1] : des choses minuscules à prix rétrécis.

Passo através de um fila de quiosques improvisados que vendem óculos, relógios, calcinhas, calçados, toalhas, roupas ou capas de celular: coisas minúsculas e a preços reduzidos.

1: A tradução literal de "sonneries de téléphones" seria "toques de telefone". Não é possível imaginar, todavia, que algo tão abstrato e virtual se vendia na época. Optei, portanto, pelo recurso da exclusão para não criar um erro tradutório.

Les marchands des quatre saisons (réduites à deux au Brésil) exposent sur le plateau de leurs carrioles à deux roues : cajou, tamarin, jabu de cabo[2], piki[3], des fruits de formes et couleurs inconnues pour moi et qui trahissent une origine amazonienne.

Os vendedores ambulantes exibem no tabuleiro de seus carrinhos de duas rodas1: caju, tamarindo, jabuticaba, pequi, frutas cujas formas e cores desconheço e que denunciam uma origem amazônica.

1: Sentença original: "Les marchands des quatre saisons" (réduites à deux au Brésil) exposent sur le plateau de leurs carrioles à deux roues. Observa-se, a partir da tradução, que a parte "réduites à deux au Brésil" foi excluída. No original, o autor brinca com o fato de os vendedores ambulantes em francês serem chamados de "marchands des quatre saisons" [vendedores de quatro estações], o que permite a associação à parte seguinte "réduites à deux au Brésil" [reduzidas a duas no Brasil]. Tendo em vista que na língua alvo este efeito não é possível, a exclusão foi necessária para evitar incoerência.; 2: Erro ortográfico no original: "jabu de cabo"; 3: Erro ortográfico no original: "piki".

Un vendeur, garé sur le passage zébré, arrose sa montagne de crevettes séchées.

Um vendedor, instalado sobre a faixa de pedestre, rega sua montanha de camarões secos.

Le cœur même de Brasília est populaire et il agit bien comme une valve, aspirant et refoulant les acteurs laborieux du quotidien.

O próprio coração de Brasília é popular e funciona como uma válvula, aspirando e expulsando os agentes laboriosos do dia a dia.

Ces seconds rôles de la capitale ne font que passer ; ils n'ont guère le temps de tourner la tête et de contempler le corps monumental de la ville.

Estes personagens coadjuvantes da capital estão apenas de passagem, mal tendo tempo de desviar o olhar[1] e contemplar o corpo monumental da cidade.

1: As adaptações são frequentemente usadas para reforçar imagens que talvez sejam consagradas no francês, mas que em português têm pouca força ou sentido. É muito mais frequente no português brasileiro dizer "desviar o olhar" do que "virar a cabeça". Logo, traduzir "tourner la tête" literalmente poderia gerar uma certa excentricidade à frase.

Leur obstination à survivre les tient à l'écart de ces sanctuaires audacieux de béton par lesquels Niemeyer l'inspiré a tenté de renouveler le pacte entre la beauté et le fonctionnel.

Sua obstinação em sobreviver os mantém à parte destes santuários audaciosos de concreto através dos quais Niemeyer tentou renovar o pacto entre a beleza e a funcionalidade.

Le pari réussi de Brasília.

A aposta bem-sucedida de Brasília.

Moi, j'ai la chance de pouvoir lever la tête.

Eu, por outro lado[1], tenho a sorte de poder elevar o olhar.

1: Acréscimo com o único propósito de conceder mais fluidez à frase em português.

Je suis là pour ça.

Estou aqui para isso.

Je laisse pourboire royal (pour tuer la sécheresse) au groom de l'ascenseur de la tour de la télévision et je lévite jusqu'à la plate-forme panoramique de cette petite sœur de la Tour Eiffel qui culmine à deux cent dix-huit mètres.

Deixo uma gorjeta em reais (para matar a secura) ao ascensorista da torre de TV e levito até a plataforma panorâmica desta irmãzinha da Torre Eiffel que atinge duzentos e dezoito metros de altura.

Là, je surprends le soleil à l'horizon en train de jouer au sémaphore.

Lá, surpreendo o sol no horizonte brincando de semáforo.

Il est établi et répété que Lucio Costa a donné au Plan Pilote la forme d'un avion.

É sabido e repetido que Lúcio Costa deu ao Plano Piloto o formato de um avião.

Mais il faut se hisser à mi-hauteur de cette tour de contrôle pour visualiser le dessin et comprendre son dessein.

Mas é preciso subir até a metade desta torre de controle para visualizar o projeto e entender seu propósito.

L'axe monumental, bordé par les ministères, rehaussé par le théâtre et la cathédrale, bientôt doté d'une très grande bibliothèque, figure la carlingue.

O eixo monumental, cercado pelos ministérios, realçado pelo teatro e pela catedral e, em breve, provido de uma grande biblioteca, forma a cabine de pilotagem.

La cabine de pilotage pointe plein est vers le lac Paranoá : c'est la place des Trois Pouvoirs où Exécutif, Législatif et Judiciaire cherchent le levant pour œuvrer au décollage du pays.

Ela aponta para o leste em direção ao Lago Paranoá: é lá que fica a praça dos Três Poderes, onde o Executivo, o Legislativo e o Judiciário buscam o alvorecer para trabalhar na decolagem do país.

Le palais présidentiel Alvorada, « de l'aube », isolé loin devant, semble échapper au cockpit, à moins de parer notre avion d'un nez de Concorde.

O palácio presidencial da Alvorada, isolado muito à frente, parece escapar da cabine, a menos que adornemos nosso avião com um nariz de Concorde.

Les ailes, soudées au fuselage par les secteurs bancaires et hôteliers, nord et sud, contiennent les zones d'habitats, rigoureusement symétriques et traversées par des couloirs automobiles rectilignes.

As asas, soldadas à fuselagem pelos setores bancários e hoteleiros, norte e sul, integram as áreas habitáveis, rigorosamente simétricas e atravessadas por corredores automobilísticos retilíneos.

Ma tour d'observation se situerait à l'arrière de l'appareil dont la queue englobe le mémorial Jota K, érigé à la gloire du président Kubitscek.

Minha torre de observação se situaria na parte de trás da aeronave, cuja cauda engloba o memorial JK, erguido em homenagem ao Presidente Kubitschek.

Je nommerai cet important lieu de culte : le réservoir de la mémoire.

Nomearei este importante lugar de culto como o depósito da memória.

Par pure poésie, je préfère vois dans les plans anciens de la ville la forme d'un colibri géant, tracé à la manière des mystérieuses figures d'oiseaux que la civilisation disparue des Nazcas laissa gravées dans le sol de la pampa aride au sud du Pérou.

Por pura poesia, prefiro ver nos planos antigos da cidade a forma de um beija-flor gigante, traçado à maneira das misteriosas figuras de pássaros que a civilização desaparecida dos Nazcas deixou gravada no solo dos pampas áridos do sul do Peru.

Les premières esquisses que Costa eut l'audace de présenter face aux maquettes de la concurrence avaient cette légèreté volatile.

Os primeiros esboços que Costa teve a audácia de apresentar diante das maquetes dos concorrentes tinham esta leveza volátil.

Brasília : la ville du Colibri sacré.

Brasília: a cidade do beija-flor sagrado.

Je te livre mon mythe personnel.

Eis aqui meu mito pessoal, querida Leuk[1].

1: Acréscimo tanto para relembrar o leitor de que o texto se trata de uma carta dirigida à personagem Leuk como para dar mais sentido aos pronomes pessoais oblíquos que lhe são atribuídos e que serão empregados ao longo do texto.

Quant à Lucio Costa, s'il gagna le concours des Plans Pilotes, devant vingt-trois autres propositions, c'est qu'il apporta à grand renfort de modestie calculée le projet simple, non pas d'une ville pompeuse, mais d'une capitale flatteuse pour les Césars de l'Histoire contemporaine et future.

Quanto a Lúcio Costa, se ele ganhou o concurso do Plano Piloto, contra outras vinte e três propostas, foi porque soube trazer com muito esforço a modéstia calculada de um projeto simples, não de uma cidade pomposa, mas de uma capital lisonjeadora para os Césares da história contemporânea e futura.

Note bien que Brasília s'est choisi Rome pour sœur aînée ; ce n'est pas par hasard si une réplique en bronze de la louve allaitant Romulus et Rémus garde l'entrée du palais Buriti, siège du gouvernement fédéral.

Note que Brasília escolheu Roma como sua irmã mais velha. Não é por acaso que uma réplica de bronze da loba que amamenta Rômulo e Remo guarda a entrada do Palácio do Buriti, sede do governo federal.

Les promoteurs de Brasília entendaient communiquer au peuple brésilien le bien-fondé de son fondement en l'entourant des signes d'une élection sacrée, comme dans l'Antiquité.

Os incentivadores de Brasília pretendiam comunicar ao povo brasileiro a validade de sua fundação, circundando-a com os sinais de uma eleição sagrada, como na antiguidade.

Je te raconterai la soigneuse construction mythique de Brasília ; je la tiens pour un chef-d'œuvre.

Vou lhe contar sobre a cuidadosa construção mítica de Brasília; considero-a uma obra-prima.

Dans cette logique démonstrative, l'urbaniste Costa a prévu grand, large, impérial.

Nesta lógica demonstrativa, o urbanista Costa a planejou grande, ampla e imperial.

L'axe monumental est un espace rêvé pour les triomphes et l'accueil des chefs d'État étrangers, pour les défilés martiaux et les démonstrations de force.

O eixo monumental é um espaço ideal para os triunfos e para a recepção de chefes de estado estrangeiros, para desfiles militares e demonstrações de força.

L'axe, après la pluie, peut aussi être considéré comme un généreux tapis vert offert aux efforts de la diplomatie.

O eixo, após a chuva, também pode ser considerado como um generoso tapete verde oferecido aos esforços da diplomacia.

Ce n'est en aucun cas une coulée végétale qui inspire les loisirs ou la balade ; l'homme banal n'a pas sa place sur ce champ de Mars.

Não é de forma alguma um corredor vegetal que inspira o lazer ou o passeio; o homem comum não tem lugar neste Campo de Marte.

La voiture, elle, a moins de scrupules.

O carro, por sua vez, tem menos escrúpulos.

Quatre vois routières le bordent ou entament ses pelouses par de gracieuses figures de huit ressemblant à des prouesses de patineurs sur la glace.

Quatro vias o margeiam ou cortam seus gramados através de graciosos números oito que se assemelham às proezas dos patinadores no gelo.

Je ne nierai pas que cet axe donne de la gueule à la ville.

Não vou negar que este eixo causa um grande impacto na cidade.

Ce vide impératif en impose.

É um vazio imperativo que se impõe.

Il sacre le règne de l'espace et veille sur le maintien de cette règle fondamentale du bien-être à Brasília.

Ele coroa o reinado do espaço e garante a preservação desta regra fundamental do bem-estar em Brasília.

Promoteurs avides, go and stay home !

Imobiliários gananciosos, go and stay home!

Les intervalles ne sont pas à prendre, ils sont classés au même titre que les bâtiments.

Os espaços livres não estão disponíveis, eles são tombados da mesma forma que os edifícios.

Dans les ailes du Plan Pilote, Costa a aussi prévu le spacieux, condition favorable au plaisir de vivre et à l'éclosion d'une créativité culturelle « lumineuse et sensible » (selon ses désirs) en marge de l'activité politique.

Nas asas do Plano Piloto, Costa também previu a amplitude, condição favorável ao prazer de viver e à eclosão de uma criatividade cultural "luminosa e sensível" (conforme seus desejos) à margem da atividade política.

Je te promets une expédition dans un superquadra pour jauger l'harmonie du spacieux.

Eu lhe prometo uma expedição para uma superquadra a fim de se permitir uma avaliação da harmonia da amplitude.

Traduis quadra par îlots carrés d'habitations.

Traduza "quadra" por ilhotas quadradas de habitações.

J'ai même prévu le 308 sud, le premier construit, celui qu'on exposait à la presse au temps de l'émergence.

Já até previ a visita à quadra 308 Sul, a primeira construída e apresentada à imprensa na época de sua inauguração.

Mais je ne quitterai pas mon vertigineux perchoir métallique sans en découdre avec le ciel.

Mas não vou deixar meu vertiginoso poleiro metálico sem antes travar uma batalha com este céu.

Finit-on par devenir tête-en-l'air à Brasília en raison d'une convivialité évidente avec lui ?

Será que acabamos ficando com a cabeça no mundo da lua em Brasília por causa de uma atração irresistível por ele?

Les immeubles sont frappés d'une limite à six étages pour ne pas meurtrir les perspectives.

Os edifícios são limitados a seis andares para não estragar a vista.

Seuls les banques et les hôtels ont droit au dépassement, et il y a risque bien sûr de voir certains édifices égoïstes balafrer la voûte.

Somente os bancos e os hotéis têm o direito de ultrapassar esse limite; mas é claro que há sempre o risco de se avistar alguns prédios egoístas rasgando a abóbada celeste.

C'est le dilemme constant qui fait grincer les dents à Brasília : doit-on préférer la rigidité du règlement protecteur à la liberté parfois indélicate de la vie, ou l'inverse ?

Este é o dilema que constantemente faz ranger os dentes em Brasília: devemos privilegiar a rigidez dos regulamentos de tombamento ou a liberdade muitas vezes insolente da vida?

La question reste en suspens.

A pergunta permanece sem resposta.

Revenons au ciel.

Voltemos ao céu.

Lucio Costa disait qu'il était la mer de Brasília.

Lúcio Costa dizia que se tratava do mar de Brasília.

Je suppose qu'à l'époque pionnière, l'argument était destiné aux Cariocas pour les inciter à quitter Rio et sa baie au profit du Planalto.

Acredito que, na época pioneira, o argumento se destinava aos cariocas, a fim de incitá-los a deixar o Rio e sua baía em favor do Planalto.

De fait, Costa a raison, ce ciel est destiné aux rêveurs qui se plaisent à naviguer en bateaux de papier ou en cerfs-volants.

Na verdade, Costa tem razão, este céu é destinado aos sonhadores que gostam de navegar em barquinhos de papel ou em pipas.

Il offre des paysages changeants selon la houle et les saisons, il a ses grandes marées de nuages et ses artifices au couchant.

Ele revela paisagens que mudam de acordo com a ondulação e as estações, e logra de grandes marés de nuvens e de artifícios no crepúsculo.

Et depuis que Niemeyer s'est permis de voluptueuses audaces de béton, à terre, le ciel s'active à construire des édifices nébuleux aux rondeurs extravagantes pour défier l'architecte.

E tendo em vista que Niemeyer se permitiu voluptuosas audácias de concreto no solo, o céu se ocupa em construir edifícios nebulosos com curvas extravagantes para desafiar o arquiteto.

Le match est de toute beauté.

A disputa entre céu e concreto[1] é uma verdadeira beleza.

1: Adição que visa retomar a qual contraste (céu vs. concreto) o autor está se referindo.

Seule la photo prolonge ces duels éphémères.

Somente a foto prolonga estes efêmeros duelos.

J'exagère : il y a belle lurette que les vertus de ce ciel ont été remarquées.

Estou exagerando: já faz muito tempo que as virtudes deste céu foram notadas.

Cruls, l'astronome qui dirigeait les repérages du site de la future capitale en 1895, vantait sa limpidité : du Plateau Central, on dialogue la nuit avec les astres, disait-il, on les atteint à l'aide d'instruments moins sophistiqués qu'ailleurs.

Cruls, o astrônomo que dirigia as identificações do local da futura capital em 1895, elogiava sua limpidez: do Planalto Central, a noite conversa com os astros, dizia ele, chega-se a eles com instrumentos menos sofisticados do que em outros lugares.

C'est sans doute une des raisons de la réputation mystique de Brasília : il semblerait qu'ici, on contacte le monde céleste avec simplicité, sans tout l'attirail religieux qui sert ailleurs à percer les mystères de l'au-delà.

Esta é sem dúvida uma das razões da reputação mística de Brasília: parece que aqui entramos em contato com o mundo celestial com facilidade, sem toda a parafernália religiosa empregada em outros lugares para penetrar nos mistérios do além.

Cela constituera un autre sujet d'enquête.

Este será um outro tema de investigação.

N'oublie pas que j'achève seulement mon premier jour et qu'une seconde nuit blanche ne me fait pas peur.

Não se esqueça de que só estou terminando meu primeiro dia e não tenho medo de perder uma segunda noite de sono.

Je suis dans mon habituel état fébrile d'arrivant prêt à tout dévorer.

Estou em meu habitual estado febril de recém-chegado pronto a devorar tudo.

L'hôtel s'appelle Byblos.

O hotel se chama Byblos.

C'est une kitcherie à deux étages datant des années 70.

Uma cafonice de dois andares, dos anos 70.

Brasília est déjà assez vieille pour compter des « bibelots » d'architecture désuète.

Brasília já tem idade suficiente para contar com "bibelôs" de arquitetura ultrapassada.

Le propriétaire libanais a souhaité un porche qui ressemble à un chapeau de derviche tourneur ou à une tiare de mage.

O proprietário libanês queria um pórtico que parecesse um chapéu de dervixes rodopiantes ou um chapéu de mago.

Voici une surprise orientale en plein ouest qui convient à merveille pour des résidences d'artistes aimant les décalages.

Eis uma surpresa oriental em pleno ocidente que se mostra perfeita para residências de artistas que apreciam anacronismos.

Mon hôtesse a quarante ans, elle est née à Brasília en même temps que la ville.

Minha anfitriã tem quarenta anos e nasceu em Brasília ao mesmo tempo que a cidade.

Comment je sais cela si vite ?

Como sei disso tão rápido?

Il suffit de demander :

Basta perguntar:

- Alors, cette ville, vous y vivre depuis longtemps ?

- Você vive aqui há muito tempo?

Je suis là pour poser ces questions :

Vim para cá para fazer essas perguntas:

- Vous y plaisez-vous ?

- Gosta daqui?

C'est une femme brune, grande.

É uma mulher morena, alta.

Son visage offre des beautés d'origine multiples.

Seu rosto ostenta belezas de origens múltiplas.

Son père est venu du Minas Gerais.

Seu pai veio de Minas Gerais.

C'est le président lui-même qui l'invita à participer à la construction de Brasília.

Foi o próprio presidente que o convidou para participar da construção de Brasília.

Les deux hommes se connaissaient pour avoir milité ensemble.

Os dois homens se conheceram por terem militado juntos.

- Juscelino Kubitschek était un être cordial, dit-elle, gentil avec chacun.

- Juscelino Kubitschek era uma criatura cordial, diz ela, gentil com todos.

Les gens croyaient en lui.

As pessoas acreditavam nele.

Et mon père cru à l'histoire de Juscelino.

E meu pai acreditou na história de Juscelino.

C'était pourtant difficile d'avoir la foi au milieu de cette terre rouge.

Era difícil, porém, manter a fé no meio desta terra vermelha.

Un rêve vermeil et poudreux.

Um sonho rubro e poeirento.

- Ma mère ne l'a rejoint qu'un an plus tard.

- Minha mãe só se juntou a ele depois de um ano.

Les femmes étaient préoccupées par la perspective d'une vie de poussière dans un lieu privé de tout.

As mulheres se preocupavam com a perspectiva de uma vida resumida a poeira em um lugar desprovido de tudo.

Mes parents se sont installés à Vila Candangolandia, la ville des Candangos, dans une maison toute simple construite en bois avec du matériel récupéré.

Meus pais se instalaram na Vila Candangolândia, a cidade dos Candangos, em uma casa simplesinha de madeira e materiais recuperados.

La vie était rude, l'alimentation un souci constant.

A vida era dura; a alimentação, uma preocupação constante.

Ma mère pleurait beaucoup.

Mamãe chorava muito.

Pour elle, l'espoir ne pouvait pas surgir de ce sol.

Para ela, deste solo não poderia emergir a esperança.

C'est quand elle vit les premiers immeubles sortir de terre qu'elle réalisa que Brasília n'était pas seulement un rêve de papier et de beau parleur.

Só quando viu os primeiros prédios saírem do chão que ela percebeu que Brasília não era apenas um sonho de papel ou de um homem de conversa fiada.

Alors elle donna vie à ma sœur aînée, quelques mois après l'inauguration de la ville.

Assim, ela deu à luz minha irmã mais velha, alguns meses depois da inauguração da cidade.

Cette naissance équivalait pour mes parents à un acte d'installation.

Este nascimento foi para os meus pais uma certidão de instalação em Brasília[1].

1: Acréscimo da palavra Brasília para reafirmar o local exato de instalação.

Elle déplore que son père n'ait jamais eu droit au minimum de gratitude pour sa participation à une telle œuvre.

Ela lamenta que seu pai nunca tenha recebido o mínimo de gratidão por sua participação em uma obra de tamanha grandeza.

Il subit le sort de milliers de travailleurs de l'ombre, rejetés à la périphérie, les chantiers finis.

Com o término das construções, ele teve o mesmo destino de milhares de trabalhadores, descartados na periferia.

- Il eut beau obtenir un petit emploi au ministère de la santé, souvent, les fins de mois, on ne dînait pas.

- Mesmo tendo conseguido um cargozinho no Ministério da Saúde, muitas vezes não jantávamos no fim do mês.

La vie était chère, l'approvisionnement venait de l'extérieur.

A vida era cara, os suprimentos vinham de fora.

Nous étions six à la maison.

Éramos seis em casa.

La survie familiale impliqua le départ du père à São Paulo, le second exil de celui qui était venu à Brasília dans l'espoir d'améliorer le sort de siens.

A sobrevivência da família exigiu a partida do nosso pai para São Paulo, o segundo exílio daquele homem que tinha vindo para Brasília na esperança de melhorar a sorte dos seus.

- Quand mon père revint au bout de dix-sept ans, pour nous, rien n'avait changé.

- Quando meu pai voltou após dezessete anos, nada havia mudado para nós.

D'autres clients accaparant la narratrice, je ne saurai pas la suite de l'histoire.

Com outros clientes interrompendo a narradora, não vou saber a continuação da história.

Mais je me promets sur le champ que je n'admirerai aucun monument de cette ville sans rendre hommage aux aventuriers sans nom qui l'ont dressée.

Mas a partir de agora prometo que não mais admirarei nenhum monumento desta cidade sem antes prestar homenagem aos aventureiros sem nome que a construíram.

Brasília doit son âme aux candangos.

Brasília deve sua alma aos candangos.

Bon, à l'heure qu'il est, il ne serait pas sérieux d'aller dormir sans savoir comment Brasília la planifiée passe ses nuits.

Bem, a esta altura, seria uma desconsideração de minha parte ir dormir sem saber como Brasília, a cidade planejada, passa suas noites.

Alors Holande, por favor, allons au Beirute, SCLS 109 !

Então, Holande, por favor, vamos para o Beirute, SCLS 109!

- Secteur Commercial Sud 109, oui je sais.

- Setor Comercial Sul 109, sim, sei bem.

Le Beirute est un lieu célèbre, un des premiers à avoir apporté de la lumière dans la nuit obscure de Brasília, et il a su rester éclairé pendant trois décennies sans interruption.

O Beirute é um lugar famoso, um dos primeiros a ter trazido luz à noite obscura de Brasília, sabendo se manter iluminado por três décadas sem interrupção.

Il attire tous les papillons en quête d'agitation.

Ele atrai todas as mariposas em busca de agitação.

Notez bien : c'est le seul bar qui obéisse à son heure de fermeture mais que les clients ne quittent pas pour autant.

Note bem: é o único bar que obedece a sua hora de encerramento, mas que nem por isso os clientes vão embora.

À deux heures du matin, les lampes s'éteignent, les consommateurs restent dans le noir jusqu'à la franche expulsion, très tard.

Às duas horas da manhã, as luzes se apagam, mas os fregueses boêmios[1] permanecem no escuro até a sua franca expulsão, já bem tarde.

1: Aqui, em vez de traduzir "consommateurs" simplesmente por "consumidores", preferimos utilizar a palavra "fregueses" e adicionar o adjetivo "boêmios" para acrescentar mais força à característica notívaga destes indivíduos.

Bonne soirée !

Boa noite!

Quand vous aurez besoin de moi, appelez-moi.

Quando o senhor precisar de mim, é só chamar.

Merci Holande.

Obrigado, Holande.

Je crois que je ne suis pas près de retrouver le Byblos.

Acho que não vou voltar ao Byblos tão cedo.

Je m'installe à proximité de deux couples qui sont la proie de repentistas.

Instalo-me perto de dois casais que são presas de repentistas.

J'aime la scène et ce nom de repentistas qui ne désigne pas de pénitents mais des improvisateurs de rue, chroniqueurs poètes et menteurs professionnels.

Adoro a cena e este nome de repentistas, que não designa os penitentes[1], mas os improvisadores de rua, cronistas poetas e mentirosos profissionais.

1: "Repentista" pode ser um falso amigo de "repentant", que significa "penitente" (no sentido de quem se arrepende).

Ils inventent des vers rimés pour relater les épreuves de la vie du Nordeste et pour prodiguer des conseils.

Eles inventaram versos rimados para relatar as provas da vida no Nordeste e dispensar conselhos.

Ces deux-là, émigrés à la capitale, coiffés de chapeaux à larges bords et munis de guitares à dix cordes, s'adonnent à la louange rémunérée.

Estes dois ali, emigrados na capital, vestindo chapéus de aba larga e munidos de violões de dez cordas, se dedicam a elogios remunerados.

L'un et l'autre se tirent la parole pour vanter les regards portés par les mâles de la tablée aux douces beautés qui les accompagnent.

Cada um deles cria versos para elogiar os olhares que os homens da mesa dirigem às belas mulheres que os acompanham.

L'un dit :

Um diz:

« Ah cet homme paraît avoir de l'argent et la capacité de satisfaire les moindres désirs de l'élue !

"Ah, este homem parece ter dinheiro e a capacidade de satisfazer os mais ínfimos desejos da eleita!"

L'autre le coupe :

O outro o interrompe:

« Mais celui-là coule une passion qui vient de loin vers sa destination amoureuse...

“Mas aquele ali alimenta há muito tempo uma paixão por sua musa...”

Deux couplets à deux reis, tout le monde est content.

Duas estrofes por dois trocados, todo mundo fica contente.

Un de mes voisins me voit griffonner les formules poétiques.

Um de meus vizinhos de mesa me vê rabiscando as fórmulas poéticas.

Il m’interpelle sans façon :

Ele me interpela sem cerimônias:

- Si vous écrivez, il vous faudra traduire la force attractive de cet endroit.

- Se pretende escrever, terá que traduzir a força atrativa deste lugar.

Dire pourquoi nous y sommes tant attachés.

Dizer por que somos tão apegados a ele.

Ça a la gueule d’un garage.

Aqui parece uma garagem.

Rien ne distingue sa façade du magasin d’électroménager d’en face.

Nada distingue sua fachada da loja de eletrodomésticos do outro lado da rua.

Le corps du bâtiment est étroit, avec sa salle à l’étage qui, d’en bas, ressemble à un poste de pilotage de cargo.

O corpo do edifício é estreito, com uma sala no andar de cima que, de baixo, parece uma cabine de pilotagem de um navio de carga.

Il doit y avoir de la tôle ondulée sur les terrasses, mais du bord de notre verre, on ne les voit pas.

Deve haver telhas onduladas nos terraços, mas da borda de nosso copo não podemos vê-las.

Le Beirute était le seul endroit ouvert après le cinéma aux temps héroïques.

O Beirute foi o único lugar aberto além do cinema nos dias heroicos.

Un lieu de provocation, de commentaires politiques, de déclarations.

Um lugar de provocação, de comentários políticos, de declarações.

On s'y est battu à coups de mots.

Lutávamos por intermédio de golpes de palavras.

J'ai vu ici au cours d'une palabre intense un gars monter sur la table et baisser son froc : voilà ce qu'il répondait à une décision politique contestable.

Testemunhei aqui durante uma discussão acalorada um rapaz subir na mesa e abaixar suas calças: foi assim que ele buscou responder a uma decisão política questionável.

Le Beirute n'est pas un ghetto.

O Beirute não é um gueto.

Les intellos, les dragueurs, les sans-grade s'y côtoient.

Os intelectuais, os paqueradores, o povão, todos se misturam aqui.

Il y a de l'animation pour pas trop cher.

Temos divertimento a baixo custo.

Le jeudi, ça chauffe.

Na quinta, aqui lota.

Alors comme la place manquait et que l'extension sur le trottoir était limitée par la charte du patrimoine classé, les clients se sont emparés d'un espace vide hors de l'enceinte et ont imposé ce prolongement sauvage.

Assim, como faltava espaço e a extensão na calçada era limitada por causa da lei de tombamento, os clientes se apropriaram de um espaço vazio fora do recinto e impuseram este prolongamento selvagem.

L'usage le désigne comme « la plage ».

Ela é comumente conhecida como "a praia".

On dit comme ça :

Dizemos assim:

« On va à la plage ! »

"Vamos à praia!"

Parfait.

Perfeito.

Je n'en suis qu'à la première caïpirinha et une conversation inopinée me conduit droit au but : les brèches dans le plan idéal par où la vie trouve à s'infiltrer.

Estou apenas na minha primeira caipirinha e uma conversa inesperada me leva diretamente ao ponto: as brechas no plano ideal através das quais a vida consegue se infiltrar.

Mes compagnons aiment leur ville.

Meus companheiros amam sua cidade.

Une des jeunes femmes y est née.

Uma das jovens mulheres nasceu aqui.

Je prends une leçon de Brasília intensive avec accent tonique et critique.

Assisto a uma aula intensiva de Brasília com um tom forte e crítico.

L'un a monté une entreprise d'interprétariat, l'une travaille dans la communication.

Um deles montou uma empresa de interpretação, a outra trabalha em comunicação.

Ils sont habitués à vivre avec les blocs de Lucio Costa, ils nourrissent pour les quadras un sentiment « graphico-affectif ».

Estão habituados a viver com os blocos de Lúcio Costa. Alimentam pelas quadras um sentimento "gráfico-afetivo".

Ils disent :

Dizem:

- Ici, tu es le maçon de ta propre ville.

- Aqui você é o pedreiro de sua própria cidade.

Nulle part ailleurs, tu ne peux trouver un pareil champ créatif pour répondre aux besoins à combler.

Em nenhum outro lugar você pode encontrar um campo tão criativo para atender as suas necessidades.

Nous sommes encore des pionniers.

Ainda somos os pioneiros.

La ville est ce que nous en faisons.

A cidade é aquilo que fazemos dela.

Longtemps, Brasília fut peuplée de déracinés, de fonctionnaires contraints ou de travailleurs nécessiteux attirés par l'appât du gain.

Por muito tempo, Brasília foi povoada por pessoas desenraizadas, funcionários públicos obrigados a morar aqui ou trabalhadores carentes seduzidos pela possibilidade de ganhos.

Les seconds n'avaient pas le choix, les premiers supportaient Brasília parce qu'au début l'État leur offrait la possibilité de « revenir à la vraie vie ».

Os segundos não tiveram escolha, os primeiros apenas suportavam Brasília, já que no começo o Estado lhes oferecia a possibilidade de "voltar ao mundo civilizado".

Une fois par mois, ils bénéficiaient d'un billet gratuit pour rentrer à Rio ou São Paulo dans un appareil de l'armée.

Uma vez por mês, eles recebiam um bilhete gratuito para retornar ao Rio ou a São Paulo em um avião do exército.

Ils entretenaient la devise du « Courage, fuyons ! ».

Eles mantiveram o lema "Coragem, fujamos!"

Ils traînèrent la nostalgie de leurs origines jusqu'à l'adolescence de leurs enfants.

Eles carregaram a nostalgia de suas origens até a adolescência de seus filhos.

Ils furent les premiers surpris de constater que leur progéniture développait un fort sentiment d'appartenance à Brasília.

E foram os primeiros a se surpreenderem com o fato de que seus descendentes desenvolveram um forte sentimento de pertencimento a Brasília.

On assistait à la naissance d'une fierté brasiliense !

Assistia-se, assim, ao nascimento do orgulho brasiliense!

- Avant, personne ne restait à Brasília pour les vacances, la ville se vidait, c'était l'exode vers les plages.

- Antes, ninguém ficava em Brasília para as férias, a cidade se esvaziava, era o êxodo para as praias.

- Maintenant, c'est fini.

- Hoje isso acabou.

La région est le berceau des eaux, la source de grands fleuves, on profite des cascades magiques du cerrado...

A região é o berço das águas, a fonte dos grandes rios, desfrutamos das cachoeiras mágicas do cerrado...

- Et des piscines avec vagues qui remplacent la mer.

- E de piscinas com ondas que substituem o mar.

Les convictions fusent, on se tire la parole.

As opiniões vão se misturando e mais pessoas participam da conversa:

- Pour moi, insiste la native du Plan Pilote, le reste du pays est exotique.

- Para mim, insiste a nativa do Plano Piloto, o resto do país é exótico.

Nous représentons un Brésil viable et civilisé.

Representamos um Brasil viável e civilizado.

- Les Cariocas ironisent en disant que nous vivons dans l'Ile de la Fantaisie, hors du réel, dans une sorte de décor improbable où tout fonctionnerait bien comme dans le feuilleton américain du même titre.

- Os cariocas tiram sarro da gente, dizendo que vivemos na Ilha da Fantasia, fora da realidade, em uma espécie de cenário improvável onde tudo funciona bem, como no seriado americano do mesmo título.

Ce n'est pas vrai.

Não é verdade.

Tout ne va pas bien.

Nem tudo está às mil maravilhas.

L'insécurité grimpe à cause du malaise des villes satellites : elles enflent.

A insegurança vem aumentando por causa da tensão das cidades-satélites: elas estão se dilatando.

Les « invasions » se poursuivent et seraient même encouragées : un lopin de terre à bâtir offert aux démunis du nord contre un vote docile pour assurer une réélection.

As "invasões" persistem e são até mesmo estimuladas: um terreno para construir oferecido aos desprovidos da parte norte sob condição de um voto subserviente para garantir uma reeleição.

C'est la dénonciation d'un populisme risqué que j'entendrai répéter avec une aigreur constante.

É a denúncia de um populismo arriscado que ouvirei repetir com uma amargura constante.

Bilan : la violence pousse sur le terreau de la misère périphérique incontrôlée.

O resultado: a violência cresce no solo da miséria periférica descontrolada.

Ce n'était pas prévu au plan.

Isto não fazia parte do plano.

Qu'est-ce qui était envisagé en 1957 ?

O que foi previsto em 1957?

Une ville de 300.000 habitants, 500.000 à l'orée du XXIe siècle, serviteurs de la nation bien rangés dans le Plan-Pilote, munis d'une vie mode d'emploi.

Uma cidade de 300.000 habitantes, 500.000 no início do século XXI, servos da nação bem instalados no Plano Piloto, munidos de um manual com as regras da vida.

Basta !

Basta!

Le laboratoire ensuite fermerait ses portes.

O laboratório, em seguida, fecharia suas portas.

Ça ne s'est pas passé comme ça.

Não foi o que aconteceu.

Cette prévision arbitraire me paraît si étrange : comment peut-on fixer à l'avance le nombre de gens qui doivent habiter une ville nouvelle parée de qualités ?

Esta previsão arbitrária me parece muito estranha: como se pode fixar antecipadamente o número de pessoas que devem habitar uma nova cidade repleta de qualidades?

Les promoteurs de Brasília étaient-ils naïfs au point de penser que les manœuvres, gens de peine, candangos, repartiraient vers leur passé obscur ?

Os incentivadores de Brasília foram tão ingênuos a ponto de pensar que a mão de obra, o povo sofrido, os candangos, voltariam ao seu passado sombrio?

Oui, sans doute autant que les responsables de notre histoire de France qui espéraient que les émigrés d'Afrique du Nord regagneraient le Maghreb une fois le pays reconstruit et modernisé.

Sim, provavelmente tanto quanto os responsáveis por nossa história francesa que esperavam que os imigrantes do norte da África retornassem ao Magrebe assim que o país tivesse sido reconstruído e modernizado.

Ce qui arriva chez nous, se produisit ici : les candangos restèrent car eux aussi avaient entendu que Brasília serait la capitale de l'espérance.

O que aconteceu conosco na França[1] se produziu aqui: os candangos ficaram porque também tinham ouvido dizer que Brasília seria a capital da esperança.

1: Adição para fluidez do entendimento do leitor.

Ils voulaient en palper quelques miettes.

Contentavam-se em receber algumas migalhas.

Si ce n'était pas pour eux, ce serait pour leurs enfants.

Se não fossem para eles, seriam para os filhos.

À proximité du Pouvoir, c'est bien le diable si la chance ne souffle pas plus fort.

Perto do Poder, fica evidente que ali a sorte sopra mais forte.

Brasília dépasse donc aujourd'hui les deux millions d'habitants, répartis sur deux planètes.

Brasília ultrapassa hoje em dia dois milhões de habitantes, espalhados por dois planetas.

Ce n'est pas pour rien qu'on use du terme « satellite » pour désigner les anneaux du Plan Pilote.

Não é por acaso que se utiliza o termo "satélite" para se referir aos anéis do Plano Piloto.

Y a-t-il des navettes spatiales entre les deux univers ?

Há naves espaciais entre os dois universos?

Le métro ?

O metrô?

Il paraît qu'il lie la gare routière à Taguatinga.

Parece que ele liga a estação rodoviária à Taguatinga.

Fonctionne-t-il ?

Ele funciona?

- Nous ne l'avons jamais pris.

- Nunca o pegamos.

Ah bon.

Sério?

Alors je le prendrai.

Então eu o pegarei.

PHOTOS

FOTOS

- Brasília est la ville la plus pénible à visiter mais la plus agréable à vivre.

- Brasília é a cidade mais árdua de visitar, mas mais agradável de viver.

Le traducteur gouailleur de la nuit du Beirute m'a balancé cette provocation, comme un défi, en sifflant une dernière Antártica, la bière qui se boit en dessous de zéro.

O tradutor espirituoso da noite do Beirute me lançou esta provocação, como um desafio, ao tomar uma última Antártica, a cerveja que se bebe abaixo de zero.

Rien de tel pour me pousser dans l'arène à la recherche de mon bonheur de visiteur ; il passe par la beauté du bâti et l'expérience des vivants que le hasard me propose.

Nada melhor para me lançar em busca da minha felicidade de visitante; ela passa pela beleza do edifício e pela experiência dos residentes que o acaso me oferece.

Ne sont-ils pas classés eux aussi « habitants de l'utopie ».

Afinal, não são eles considerados também como "habitantes da utopia"?

Je dispose du temps que les touristes « agencés » n'ont pas.

Disponho do tempo que os turistas de excursão não têm.

Brasília est trop originale pour s'apprécier comme une ville normale, en quelques devoirs culturels vite faits.

Brasília é demasiado original para ser apreciada como uma cidade normal, com alguns deveres culturais visitados rapidamente.

Elle n'est pas encore recouverte par les sédiments des siècles mais elle a déjà son épopée : la geste des titans du Planalto.

Ela ainda não foi recoberta pelos sedimentos dos séculos, mas já possui sua epopeia: o gesto de titãs do Planalto.

Commençons par la fin.

Comecemos pelo fim.

Jota K., le héros est mort trop tôt.

JK, o herói, morreu cedo demais.

Ses fidèles reconnaissants lui ont élevé un mausolée en 1980.

Seus fiéis agradecidos lhe ergueram um mausoléu em 1980.

Son tombeau, une banquise de marbre blanc, barre l'axe monumental à l'ouest, comme le veut la tradition mortuaire : les défunts apprécient le couchant.

Seu túmulo, um bloco enorme de mármore branco, separa o eixo monumental a oeste, conforme a tradição mortuária: os mortos apreciam o pôr-do-sol.

Pourtant, la statue de bronze du président, au sommet de son piédestal en béton de vingt-huit mètres de haut, salue le levant.

No entanto, a estátua de bronze do presidente, no topo de seu pedestal de concreto de 28 metros de altura, saúda o sol nascente.

Kubitschek a toujours fait référence à l'aube :

Kubitschek sempre fez referência ao amanhecer:

« De ce plateau central, de cette solitude qui sous peu se transformera en cerveau des hautes décisions nationales, je lance les yeux encore une fois sur le matin de mon pays, et j'entrevois cette aube avec une foi inébranlable et une confiance sans limite en son grand destin ».

"Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino."[1]

1: *Citação extraída do livro Por que construí Brasília, de Juscelino Kubitschek (2000, p. 54).*

Une de ses phrases les plus célèbres.

Uma de suas frases mais célebres.

Cette fois à déplacé, non pas des montagnes, mais une capitale.

Esta fé moveu, não montanhas, mas uma capital.

Au début, il y eut le rêve.

No começo foi o sonho.

C'est un mot-clé de la ville.

Essa é uma palavra-chave da cidade.

Très tôt, le rêve de Brasília s'imposa à des hommes convaincus que la grandeur du Brésil se construirait autour d'une capitale centrale.

Desde muito cedo, o sonho de Brasília se impôs aos homens convencidos de que a grandeza do Brasil se construiria em torno de uma capital central.

Rio l'océane n'avait pas les qualités requises pour être le phare des États-Unis brésiliens.

O Rio oceânico não tinha as qualidades necessárias para ser o farol dos Estados Unidos brasileiros.

Les premiers indépendantistes, dénommés Infidèles, Inconfidentes, préconisèrent le changement de capitale.

Os primeiros separatistas, denominados Inconfidentes, aconselhavam a mudança de capital.

Le pouvoir colonial apprécia peu leurs conseils.

O poder colonial não gostou muito desses conselhos.

Un des meneurs du mouvement, Tiradentes, l'arracheur de dents[1], fut sacrifié en 1792 et démembré comme bouc émissaire pour avoir prêché l'unité d'un Brésil libre.

Um dos líderes do movimento, Tiradentes, foi morto em 1792 e esquartejado como bode expiatório por pregar a unidade de um Brasil livre.

1: Exclusão na tradução da expressão "arracheur de dents" que no original teve o intuito de apenas explicar ao leitor francófono o significado do nome "Tiradentes".

Après l'indépendance prise en 1822, le projet de déplacement de la capitale fut inscrit dans la Constitution.

Após a independência em 1822, o plano de mudança da capital foi inscrito na Constituição.

Des expéditions savantes déterminèrent à la fin du XIXe siècle le point idéal d'où rayonneraient les décisions de l'État vers les villes intérieures et côtières.

Expedições científicas determinaram no final do século XIX o ponto ideal de onde irradiariam as decisões do Estado para as cidades do interior e do litoral.

Il y a donc belle lurette que le Plateau Central est repéré.

Nota-se, desse modo, que já fazia tempo que o Planalto Central tinha sido encontrado.

Mais toujours le courage politique manqua.

Mas faltava ainda coragem política.

En vérité, l'idée de troquer l'élégance de la vie carioca contre le néant d'un Far West associé aux bouviers et hors-la-loi n'enchantait guère.

Na verdade, a ideia de trocar a elegância da vida carioca pelo nada de um faroeste associado a boiadeiros e criminosos não agradava muito.

La théorie était belle mais ne suscitait pas de vocations pour le passage à l'acte.

A teoria era bonita, mas não entusiasmava o bastante a ponto de sair do papel.

Il suffit d'un homme de convictions, Juscelino Kubitschek de Oliveira, et l'Histoire bascula.

Bastou um homem de convicção, Juscelino Kubitschek de Oliveira, para a história dar uma reviravolta.

Comment te transmettre mon sentiment d'admiration pour cet homme.

Como faço para transmitir a você meu sentimento de admiração por este homem?

Est-ce à force de baigner dans l'atmosphère de Brasília qui ne laisse jamais oublier sa présence ?

Seria a força de se banhar na atmosfera de Brasília que nunca nos deixa esquecer sua presença?

Je ne crois pas.

Não acredito.

Je me suis rendu compte en venant ici que j'étais passé à côté d'une des personnalités marquantes du XXe siècle.

Eu me dei conta ao chegar aqui de que havia ignorado uma das figuras marcantes do século XX.

Il faut admettre que son mandat fut de courte durée.

Não se pode negar que seu mandato durou pouco.

Mais j'ai envie de te dire combien je suis heureux de mieux le connaître.

Mas queria lhe dizer como estou feliz por conhecê-lo melhor.

Peu d'êtres ont atteint comme lui, de manière aussi solaire, la réalisation de leur rêve, laissant à l'humanité un présent qui la fait grandir.

Poucos seres conseguiram, de maneira tão solar, realizar seu sonho, deixando à humanidade um presente que a engrandece.

Une amie cinéaste me le décrira avec des étincelles d'affection dans les yeux :

Uma amiga cineasta o descreveu com brilhos de afeto nos olhos:

- Il était grand, il parlait d'une voix suave.

- Ele era alto, falava com uma voz suave.

Les hommes politiques d'aujourd'hui ne savent plus parler.

Os políticos de hoje não sabem mais falar.

Lui savait.

Ele sabia.

Il était bon danseur, il bougeait tout le temps.

Era bom dançarino, não parava quieto.

C'était un médecin d'origine modeste.

Era um médico de origem humilde.

Soigner ne lui suffisait pas, il voulait participer à la croissance de son pays.

Cuidar de seus pacientes não lhe bastava, ele queria participar do crescimento de seu país.

Jota K., quand il était gouverneur du Minas Gerais, déclara :

JK, ainda governador de Minas Gerais, certa vez declarou:

- En tant que médecin, j'aurai toujours comme objectif le bien-être de mon patient, mais comme gouverneur je soignerai les infirmités urbaines.

- Como médico, buscava sempre o bem-estar do meu paciente, mas como governador tratarei as enfermidades urbanas.

Il fit mieux.

Ele fez melhor.

Il administra au pays une potion magique à base d'enthousiasme qui le fit progresser de cinquante ans en cinq ans.

Ele injetou no país uma poção mágica com base no entusiasmo que o fez progredir cinquenta anos em cinco.

On dit qu'il lança le Brésil sur quatre roues en favorisant l'implantation de l'industrie automobile.

Conta-se que ele lançou o Brasil sobre quatro rodas ao promover a implantação da indústria automobilística.

Énergie et transports étaient le couple principal de ses ambitions.

Energia e transporte eram a dupla principal de suas ambições.

Il imposa un rythme frénétique à la nation donnant même le tournis à l'économie emportée par la valse de l'inflation.

Ele impôs um ritmo frenético à nação, tonteando a economia que era levada pela valsa da inflação.

On l'appela président samba[1].

Ficou conhecido como presidente bossa-nova.

1: Juscelino era conhecido como presidente bossa-nova. Houve, portanto, um equívoco do autor.

Dynamique et séducteur, il imprima à son époque un optimisme sans précédent et au Brésil la confiance qui lui manquait.

Dinâmico e sedutor, imprimiu na sua época um otimismo sem precedentes e no Brasil a confiança que lhe faltava.

Et, qualité rare, il commença et termina son mandat aux jours marqués par la Constitution.

E, qualidade rara, começou e terminou seu mandato nos dias estipulados pela Constituição.

N'ayant pas le droit de se succéder à lui-même, sans doute envisagea-t-il de succéder à son successeur pour parachever son œuvre, notamment Brasília qu'il inaugura à la veille de son départ.

Não tendo o direito de suceder a si mesmo, com certeza considerou reassumir a presidência após seu sucessor para finalizar sua obra, em particular Brasília que inaugurou na véspera de sua partida.

Malheureusement en 1964, l'Histoire prit son visage le plus autoritaire et la dictature militaire effaça l'éventualité de son retour.

Infelizmente em 1964, a história assumiu sua face mais autoritária e a ditadura militar impediu a possibilidade de seu retorno.

Il connut l'exil à Paris car sa popularité et son honnêteté étaient contrariantes pour les dirigeants galonnés qui appréciaient moins la samba que lui.

Exilou-se em Paris já que sua popularidade e honestidade incomodavam os líderes militares que apreciavam menos o samba do que ele.

- Quand il est mort, me confiera l'amie cinéaste, Juscelino possédait un appartement à Rio, une petite ferme à Brasília, payée à l'aide d'un emprunt à la banque.

- Quando morreu, me contou a amiga cineasta, Juscelino tinha um apartamento no Rio, uma pequena fazenda em Brasília, paga com a ajuda de um empréstimo bancário.

C'est tout.

Era tudo.

Sa dernière demeure est plus solennelle.

Sua última morada é mais solene.

Juscelino Kubitschek, le bâtisseur de ville, le pharaon moderne, repose sous un immense socle pyramidal.

Juscelino Kubitschek, o fundador[1] da cidade, o faraó[2] moderno, repousa em um túmulo em forma de pirâmide cortada[3].

1: Este termo está inscrito em seu túmulo.; 2: Algumas pessoas acreditam que Brasília foi construída inspirada em Akhetaton, cidade fundada no ano 6 para ser a capital do Egito.; 3: Baseamo-nos na forma real do túmulo de Juscelino, isto é, de pirâmide cortada ao meio.

Une capsule ovoïde en marbre est posée sur le toit terrasse, vaisseau spatial pour âme en partance.

Uma cápsula ovoide de mármore está instalada acima do telhado, uma nave espacial para uma alma que parte.

Autant l'extérieur du mausolée est blanc et serein, autant l'intérieur est sombre et dramatique.

Enquanto o exterior do mausoléu é branco e sereno, o interior é escuro e dramático.

Au premier étage, un ange plane au-dessus du tombeau, tendant une tresse de lauriers à travers le rouge crépusculaire d'un ciel artificiel.

No primeiro andar, um anjo paira sobre o sepulcro, estendendo uma trança de louros através do crepúsculo vermelho de um céu artificial.

Dans cette ambiance alourdie à dessein, je ne retrouve pas la simplicité du chef populaire qui visitait les chantiers de Brasília sans autre protection qu'un casque et que les ouvriers saluaient avec effusion, quittant leur poste pour venir l'embrasser.

Neste ambiente intencionalmente pesado, não encontro a simplicidade do líder popular que visitava os canteiros de obras de Brasília sem nenhuma proteção além de um capacete e que os trabalhadores cumprimentavam entusiasmadamente, deixando seus postos para vir abraçá-lo.

Je préfère chercher sa présence dans son bureau reconstitué.

Prefiro buscar sua presença em seu escritório reconstruído.

Un majordome cérémonieux garde sa bibliothèque en livrée et chaussures blanches.

Um mordomo cerimonioso vestindo uniforme e sapatos brancos cuida de sua biblioteca.

Deux employées travaillent devant le public à la conservation des livres.

Dois funcionários trabalham em frente ao público na conservação dos livros.

Sur les rayons, Molière et Balzac côtoient des ouvrages de pathologie chirurgicale et de pédiatrie.

Nas prateleiras, Molière e Balzac estão ao lado de volumes de patologia cirúrgica e pediatria.

La légion d'honneur, la photo d'Eisenhower, celle des Kennedy...

A Legião de Honra, a foto de Eisenhower, outra da família Kennedy...

Tiens, de nouveau la reproduction de la louve allaitant les jumeaux romains.

Aqui, mais uma vez, a reprodução da loba amamentando os gêmeos romanos.

À propos de la louve, je me souviens t'avoir promis le conte de l'élection surnaturelle de Brasília.

Por falar na loba, lembro-me de lhe ter prometido contar sobre a eleição sobrenatural de Brasília.

Mais auparavant sortons.

Mas primeiro vamos sair daqui.

Je me sens mieux dehors sous la hampe qui soutient la statue de Jota K. En plein ciel, un C majuscule de béton encadre l'effigie du président qui bénit l'univers comme un Lénine à l'âge du bronze des espoirs socialistes.

Sinto-me melhor na parte externa, sob o mastro que sustenta a estátua de JK Ao ar livre, um C maiúsculo de concreto emoldura a estátua do presidente que abençoa o universo como um Lenin na Idade do Bronze com esperanças socialistas.

L'allusion à la faucille et au marteau saute aux yeux.

A alusão à foice e ao martelo salta aos olhos.

Oscar Niemeyer la glissa au nez, à la barbe et aux lunettes noires des généraux qui, face à la ferveur populaire, ne purent censurer cette provocation.

Oscar Niemeyer a enfiou debaixo dos narizes, barbas e óculos escuros dos generais que, diante do fervor popular, não conseguiram censurar esta provocação.

Sur la grande pelouse qui relie le mausolée au mémorial des Peuples Indigènes, roulent sans bouger d'énormes sphères métalliques, ajourées, colorées et joyeuses.

No grande gramado que liga o mausoléu ao Memorial dos Povos Indígenas, rolam sem se moverem enormes esferas metálicas, vazadas, coloridas e alegres.

Le mémorial des Indiens est une spirale vitrée, bâtie par Niemeyer de façon à ce que le ciel pénètre de toutes parts et que les œuvres sacrées des premiers fils de cette terre restent en contact avec lui.

O Memorial dos Povos Indígenas é uma espiral de vidro, construída por Niemeyer de forma a permitir que o céu penetre de todos os lados e as obras sagradas dos primeiros filhos desta terra permaneçam em contato com ele.

La couverture du musée est une langue de béton distendue, comme déformée par un labret.

A cobertura do museu é uma língua de concreto distendida, como se fosse deformada por um botoque[1].

1: Disco labial com o qual alguns povos indígenas se ornamentam.

Les chamanes vinrent sacraliser l'espace et appeler la protection des esprits sur la bâtisse.

Os xamãs vieram para sacralizar o espaço e clamar pela proteção dos espíritos no edifício.

De même, Brasília fut fondée à grand renfort de songes et de signes pour que tous les citoyens soient conscients que leur capitale était placée sous la protection du grand Esprit.

Da mesma forma, Brasília foi fundada com muitos sonhos e sinais para que todos os cidadãos tivessem consciência de que sua capital estava sob a proteção do Grande Espírito.

Entends bien :

Ouça bem:

Brasília ne pouvait supporter une naissance banale.

Brasília não poderia suportar um nascimento banal.

Alors son implantation fut prophétisée.

Por isso, sua implantação foi profetizada.

Tous à Brasília, croyants ou pas, répètent une histoire qui commencerait ainsi : en septembre 1893, le père italien Dom Bosco, fondateur de la congrégation des Salésiens, fit à Turin un rêve déterminant pour l'avenir de la capitale...

Todos em Brasília, crédulos ou não, repetem uma história que começaria assim: em setembro de 1893, o padre italiano Dom Bosco, fundador da congregação salesiana, teve em Turim um sonho determinante para o futuro da capital...

Je te résume sa vision qui lui sembla durer une nuit.

Resumo-lhe sua visão que parece ter durado uma noite.

Transporté en Amérique du sud, Dom Bosco rencontra un ange adolescent qui lui montra l'étendue de la mission évangélique réservée à son ordre et, par la même occasion, lui révéla les ressources matérielles du continent.

Transportado para a América do Sul, Dom Bosco encontrou um anjo adolescente que lhe mostrou a extensão da missão evangélica reservada à sua ordem e, ao mesmo tempo, lhe revelou os recursos materiais do continente.

Le voyage nocturne du futur saint connut une étape marquante entre le 15è et le 20è parallèle, zone décrite comme la terre promise, « d'une richesse inconcevable », « d'où jailliront du lait et du miel ».

A viagem noturna do futuro santo teve uma etapa marcante entre os paralelos 15 e 20[1], uma área descrita como a terra prometida, "de uma riqueza inconcebível", "da qual fluirão leite e mel".

1: Paralelos do texto de Dom Bosco.

Or, les missions scientifiques, contemporaines du rêve de Dom Bosco, désignèrent pour lieu idéal d'installation de la nouvelle capitale une zone précisément incluse entre ces deux parallèles.

Neste mesmo momento, as missões científicas, contemporâneas do sonho de Dom Bosco designaram como o lugar ideal para a instalação da nova capital uma zona precisamente incluída entre estes dois paralelos.

Le monde savant confirmait-il ainsi la divine indication ?

Será que o mundo erudito confirmava assim a indicação divina?

C'est ce qu'il était important de faire croire.

Isso é o que era importante fazer crer.

Mais, en réalité, c'est l'inverse qui se produisit : la clairvoyance du saint ne fit que conforter un bon choix humain.

Mas, na realidade, foi o inverso que se produziu: a visão do santo só serviu para legitimar uma boa escolha humana.

L'artisan de ce retournement subtil s'appelle Israël Pinheiro.

O artesão desta reviravolta sutil se chama Israel Pinheiro.

Placé par Juscelino Kubitschek à la tête de la Novacap, société en charge du gigantesque chantier, Pinheiro fut l'homme au caractère d'acier qui construisit Brasília et participa à l'érection de son mythe.

Colocado por Juscelino Kubitschek à frente da Novacap, empresa responsável pela gigantesca obra, Pinheiro foi o homem de caráter firme que construiu Brasília e participou da criação de seu mito.

Voici sa tactique.

Eis sua tática.

Les travaux avaient déjà commencé quand la Novacap rendit publique la prophétie de Dom Bosco dans l'édition de décembre 1957 de son journal.

Os trabalhos já haviam começado quando a Novacap tornou pública em seu diário a profecia de Dom Bosco na edição de dezembro de 1957.

Israël Pinheiro avait eu vent de ce rêve.

Israel Pinheiro tinha ouvido falar deste sonho.

Il mesura aussitôt l'impact que sa divulgation pourrait avoir sur les esprits.

Ele percebeu imediatamente o impacto que sua revelação poderia ter na mente das pessoas.

Il en fit chercher la trace dans les mémoires du père italien.

Mandou, então, buscar os traços disso nas memórias do padre italiano.

Sa relation se trouvait enfouie dans le seizième volume publié en 1935.

Sua relação encontrava-se perdida no décimo sexto volume publicado em 1935.

C'est ainsi que dès la fin de 1957, ce rêve méconnu participa à la « propagande gouvernementale » tendant à prouver que le District Fédéral appartenait bien à un périmètre « songé ».

Foi assim que a partir do final de 1957, este sonho desconhecido participou da "propaganda governamental" que buscava provar que o Distrito Federal pertencia a um perímetro "sonhado".

L'action du président Kubitschek y gagnait en légitimité.

Com isso, a ação do Presidente Kubitschek ganhou legitimidade.

N'oublie pas qu'à l'époque, les ennemis de la nouvelle capitale étaient plus nombreux que les danseurs de samba réunis au carnaval de Rio.

Não se esqueça que, na época, os inimigos da nova capital superavam em número os sambistas reunidos no carnaval carioca.

Je salue plus que dénonce ce recours au merveilleux pour parvenir à des fins utiles et encore incertaines.

Saúdo mais que denuncio este recurso ao maravilhoso para atingir fins úteis e ainda incertos.

Mais la ruse ne s'arrêta pas là.

Mas a astúcia não parou por aí.

Dans son rêve, Dom Bosco précisait que le bassin fertile commençait au point « où se formait un lac ».

Em seu sonho, Dom Bosco detalhava que a bacia fértil começava no ponto "onde se formava um lago".

Or de lac, il n'y en avait pas dans le bassin choisi pour établir Brasília.

Mas lago não havia nenhum na bacia escolhida para radicar Brasília.

Toutefois, la mission Cruls avait suggéré en 1893 d'en créer un pour humidifier tout en donnant l'impression d'obéir à l'inspiration divine.

No entanto, a missão Cruls havia sugerido em 1893 que um lago fosse criado para fins de umidificação, dando a impressão de obedecer à inspiração divina.

Novacap permettra que le lac « se forme », et le lac artificiel Paranoá fut !

Então "houve o lago" e a Novacap "viu que era bom o lago" e chamou ao lago artificial "Paranoá"!

Attends, ce n'est pas fini.

Espere, ainda não acabou.

Un chercheur français, Laurent Vidal, a minutieusement analysé les actes de cette rigoureuse mise en scène :

Um pesquisador francês, Laurent Vidal, analisou minuciosamente os atos desta rigorosa encenação:

« La fondation de Brasília ou la refondation du Brésil ».

"La fondation de Brasília ou la refondation du Brésil"[1].

1: Não há até a data desta dissertação tradução para o português deste artigo.

Son étude figure en bonne place dans mes bagages, enregistrée avec le mot STRATÉGIE.

Seu estudo encontra-se em um bom lugar em minha bagagem, registrado com a palavra ESTRATÉGIA.

Le 3 mai 1957, une messe fut dite sur le site nu du Plateau Central, au milieu du cerrado encore sauvage.

Em 3 de maio de 1957, uma missa foi celebrada no espaço nu do planalto central, no meio do cerrado ainda selvagem.

Cette date correspond au 3 mai 1500, jour de la messe que fit donner Pedro Alvares Cabral pour célébrer la découverte du Brésil, terre belle et sauvage, peuplée d'êtres nus.

Esta data corresponde a 3 de maio de 1500, dia da missa realizada por Pedro Álvares Cabral para celebrar a descoberta do Brasil, uma terra bela e selvagem povoada de seres nus.

De tous les états, par tous les moyens de transports, charrettes, mobylettes, affluèrent des croyants et des curieux, alertés par l'annonce d'un miracle en train de se produire.

De todos os estados, por todos os meios de transporte, charretes, mobiletes, vieram crédulos e curiosos, alertados pelo anúncio de um milagre que estava acontecendo.

Kubitschek, dans son discours, ne se privera pas de fixer dans l'imaginaire collectif l'idée de naissance d'une ville et d'ère nouvelle pour la nation.

Kubitschek, em seu discurso, não se privou de fixar na imaginação coletiva a ideia do nascimento de uma cidade e de uma nova era para a nação.

On parlera du baptême de Brasília et de la communion entre Dieu et les Brésiliens au cœur même du territoire.

Seria como o batismo de Brasília e da comunhão entre Deus e os brasileiros no próprio coração do território.

La présence des Indiens fut sollicitée pour qu'ils participent au rituel au même titre que leurs ancêtres, assistant auprès de Cabral à celui du 3 mai 1500.

A presença dos índios foi solicitada para que eles pudessem participar do ritual à maneira de seus ancestrais, que assistiram ao lado de Cabral a missa de 3 de maio de 1500.

Le président Jota K. voulait croire au rassemblement de son peuple, à l'agrégation des cultures, à l'érosion des inégalités sociales ; il plaçait ses désirs sous la bienveillance de Dieu.

O Presidente JK queria acreditar na aproximação de seu povo, na agregação de culturas, na extinção das desigualdades sociais; ele colocava seus desejos sob a benevolência de Deus.

Quelques semaines plus tard, la torche du « feu symbolique pour l'unité nationale » fut allumée et, le 9 août 1957, elle quittait le site de Brasília pour accomplir un tour du Brésil qui devait s'achever le jour de l'inauguration, trois ans et sept mois plus tard, le 21 avril 1961.

Algumas semanas mais tarde, a tocha do "fogo simbólico pela unidade nacional" foi acesa e, em 9 de agosto de 1957, ela deixou a região de Brasília para completar um tour pelo Brasil que deveria terminar no dia da inauguração, três anos e sete meses depois, em 21 de abril de 1961.

Kubitschek et ses collaborateurs avaient vraiment pensé à tout.

Kubitschek e seus colaboradores tinham realmente pensado em tudo.

Cet incroyable marathon possédait les vertus des rites antiques : la flamme partie de Brasília devait englober dans un même cercle de lumière tous les états, rassembler les vivants et les ancêtres, pour le défi de l'avenir.

Esta incrível maratona possuía as virtudes dos ritos antigos: a chama que deixava Brasília devia englobar em um mesmo círculo todos os estados, reunindo os vivos e os ancestrais, para o desafio do futuro.

L'avènement du Brésil moderne, impliquait une coupure franche du cordon ombilical avec la mer.

O nascimento[1] do Brasil moderno implicava em um claro corte do cordão umbilical com o mar.

1: "Avènement" têm várias traduções possíveis, como "surgimento", "aparecimento", mas aqui "nascimento" condizia melhor com a imagem de corte do cordão umbilical.

Arriva le temps de l'inauguration.

Chegou o momento da inauguração.

Vidal décortique les manoeuvres de la fête.

Vidal trabalha cada detalhe da festa.

Un rituel différent de la fondation va être joué.

Um ritual diferente da fundação vai ser praticado.

Sa date fut choisie dès la pose de la première pierre pour qu'il ne soit pas permis de reculer ou de s'octroyer des délais.

A data foi escolhida desde a colocação da pedra fundamental, para que não fossem permitidos atrasos ou contratempos.

Pourquoi le 21 avril 1960 ?

Por que 21 de abril de 1960?

La réponse est bizarre : parce que le 21 avril est la veille du jour où Cabral et ses marins apercevront la terre de Vera Cruz.

A resposta é estranha: porque 21 de abril é a véspera do dia em que Cabral e seus marinheiros avistaram a terra de Vera Cruz.

Alors pourquoi pas le 22, jour de certitude ?

Então por que não o dia 22, o dia da certeza?

Non, Kubitschek tient au 21.

Não, Kubitschek insistia no 21.

On dira donc que le 21 figure le jour où Cabral et son équipage perçurent les premiers signes d'un rivage proche.

Pode-se dizer então que 21 é o dia em que Cabral e sua tripulação perceberam os primeiros sinais da proximidade de uma costa.

Jour d'espérance.

Dia da esperança.

Bien sûr, cette raison en cache une autre.

É claro que esta razão encobre outra.

C'est le 21 avril que le Brésil honore la mémoire de l'indépendance, le 21 avril 1792.

É no dia 21 de abril que o Brasil comemora a memória da independência: 21 de abril de 1792.

Inaugurée un tel jour, Brasília serait associée à la lutte pour l'indépendance et à la liberté.

Inaugurada em tal dia, Brasília estaria associada à luta pela independência e liberdade.

Et puis, raison ultime et épique : c'est le 21 avril 753 avant JC que Rome fut fondée.

Além disso, razão última e épica: foi em 21 de abril de 753 a.C. que Roma foi fundada.

On ne peut pas être plus clair : c'est l'éternité que visait Jota K. pour sa ville.

Não se pode ser mais claro: é a eternidade que almejava JK para sua cidade.

Il convoqua le peuple brésilien un 21 avril pour proclamer l'aube d'une civilisation nouvelle qui rayonnera à partir de Brasília, cité maîtresse du XXIe siècle.

Ele convocou o povo brasileiro em 21 de abril para proclamar a aurora de uma nova civilização que irradiará de Brasília, a cidade mestre do século XXI.

Chapeau bas messieurs les fondateurs : non seulement la ville sera construite et inaugurée dans les temps après quarante-trois mois de cadences infernales et d'efforts surhumains, mais elle sera couronnée héritière de la Rome antique et fille de la Rome chrétienne, promise à la longévité.

É de se tirar o chapéu aos fundadores: não só a cidade será construída e inaugurada a tempo, após quarenta e três meses de ritmo infernal e esforços sobre-humanos, como será coroada herdeira da Roma antiga e filha da Roma cristã, prometida à longevidade.

Car le président s'inquiétait de la pérennité de son œuvre.

Fica evidente que o presidente se preocupava com a perenidade de sua obra.

Il savait qu'il allait quitter le poste de contrôle, qu'il ne serait plus là pour protéger Brasília.

Ele sabia que deixaria o posto de controle, que não estaria mais lá para proteger Brasília.

Il voulait la barder d'assurances-vie ; c'est pour cela qu'il érigea toutes ces murailles symboliques, pour la garantir contre les possibles assauts barbares des lendemains.

Ele queria protegê-la com um seguro de vida; foi por isso que ele construiu todas essas muralhas simbólicas, para garanti-la contra os possíveis assaltos bárbaros do amanhã.

La nouvelle capitale était fondée, mas ses craintes l'étaient aussi.

A nova capital foi bem fundada, assim como seus medos.

Brasília aurait pu devenir la belle au cerrado dormant : fondée, inaugurée, désertée.

Brasília poderia ter se tornado a bela adormecida do cerrado: fundada, inaugurada, deserta.

Elle échappa de justesse à ce sort.

Ela escapou por pouco deste destino.

Je te dirai comment et grâce à qui.

Vou lhe dizer como e por causa de quem.

Présentement, je roule vers la cathédrale.

No momento, estou me dirigindo rumo à catedral.

J’y allumerai un cierge car je suis en vie.

Lá acenderei uma vela em agradecimento à minha vida.

J’ai attrapé un taxi au vol.

Peguei um táxi sem pestanejar.

Le chauffeur a grimacé en s’arrêtant le long de l’avenue à six voies que je venais de franchir sous son museau.

O motorista fez uma careta ao parar ao longo da avenida de seis faixas que eu acabava de atravessar bem debaixo do seu nariz.

Je t’ai averti : le piéton de Brasília vit à chaque traversée l’épreuve de la corrida landaise, chargé par des taureaux mécaniques lâchés sur des pistes aussi larges que celles d’un aéroport.

Já tinha avisado: o pedestre em Brasília vive a cada vez que atravessa suas avenidas a prova da tourada francesa, cheia de touros mecânicos soltos em pistas tão largas quanto as de um aeroporto.

Les voitures paraissent bestiales, le piéton est un insecte.

Os carros parecem bestas, o pedestre é um inseto.

Et on m’assure que les relations se sont arrangées entre les deux partis.

E me garantem que as relações são acertadas entre as duas partes.

Une ardente campagne a été lancée en 1966 pour obtenir l’apaisement du trafic.

Uma ardente campanha foi lançada em 1966 para obter um apaziguamento do tráfego.

Brasília épinglait à son blason le méchant record de morts sur asphalte.

Brasília martirizava-se com o triste recorde de mortes no asfalto.

Il semblerait désormais que piétons et passagers servent moins de chair à voitures.

Agora parece que pedestres e passageiros já não são mais vítimas dos carros.

La civilité a fait son entrée au code d'honneur de la ville.

A civilidade ingressou no código de honra da cidade.

Certains véhicules s'arrêtent aux passages protégés.

Alguns veículos param nas faixas de pedestre.

C'est vrai.

É verdade.

Mais la vigilance est de mise partout ailleurs.

Mas a vigilância é necessária em todos os outros lugares.

La vitesse de sprint reste la meilleure chance de survie.

Acelerar o passo, porém, continua sendo a melhor tática para garantir a sobrevivência.

Mais pourquoi Lucio Costa a-t-il à ce point traité le flâneur par le mépris ?

Mas por que Lúcio Costa tratou o andarilho com tanto desprezo?

Oui, je sais, les années 50 sentaient bon l'essence ; la bagnole made in Brésil, la Fusca, la Simca, s'intégraient allègrement au patrimoine national.

Sim, eu sei, os anos 50 cheiravam a gasolina; o carro made in Brazil, o Fusca, o Simca, se integravam alegremente ao patrimônio nacional.

Alors foncez !

O progresso acima de tudo!

Le promeneur de Brasília est né vieux jeu, hors-jeu.

O caminhante de Brasília nasceu antiquado, deslocado.

Les passages souterrains sont vagues, distants, tagués, puants.

As passagens subterrâneas são abandonadas, distantes, pichadas, malcheirosas.

Et les passerelles ?

E as passarelas?

Comment Niemeyer, un maniaque aussi affiché de la passerelle, n'a-t-il pas imposé dans le paysage de belles rampes aériennes, curvilignes et joliment intégrées ?

Como Niemeyer, um maníaco fervoroso da passarela, não impôs na paisagem belas rampas aéreas, curvilíneas e charmosamente integradas?

Mystère.

É um mistério.

Mais il n'est pas trop tard.

Mas não é tarde para isso.

Question subsidiaire : pourquoi rencontre-t-on tant de marchands de chaussures dans une ville sans marcheurs ?

A pergunta que não quer calar: por que encontramos tantos vendedores de sapatos em uma cidade sem caminhantes?

La cathédrale m'a toujours semblé imposante sur les photos.

A catedral sempre me pareceu imponente nas fotos.

Sur place, elle rétrécit.

Vista pessoalmente, ela encolheu.

La raison en est simple.

A razão é simples.

Oscar Niemeyer aime enterrer l'activité en sous-sol.

Oscar Niemeyer gosta de enterrar a atividade no subsolo.

Avec lui, on ne s'élève pas vers Dieu, on descend à lui : des profondeurs, je crie vers toi, Seigneur !

Com ele, não nos elevamos a Deus, descemos a Ele: das profundezas eu clamo a Ti, Senhor!

Sur le parvis, quatre Évangélistes de trois mètres de haut accueillent le pèlerin impressionné par ces colosses de Rhodes en toges de bronze.

Na praça, quatro evangelistas de três metros de altura acolhem o peregrino impressionado por esses colossos de Rodes vestidos com togas de bronze.

Jean le bien aimé fait face aux trois autres, un parchemin à la main.

João, o discípulo amado, está de frente aos outros três, com um pergaminho em sua mão.

Un vendeur de pellicules argentique pour touriste étourdi a investi l'ombre de Luc.

Um vendedor de filmes fotográficos para turistas desprevenidos aproveita a sombra de Lucas.

Il m'indique gentiment les bancs des marchands de fleurs séchées comme premier plan idéal pour mes photos.

Ele aponta gentilmente as bancadas dos vendedores de flores secas como o primeiro plano ideal para minhas fotos.

- Le meilleur angle !

- É o melhor ângulo!

Navré, je lui montre mon stylo.

Confuso, mostro-lhe minha caneta[1].

1: Ele faz alusão ao fato de ser escritor e não fotógrafo.

Sans rancune, il se met à me parler de la beauté en jonglant avec deux boîtes de film : la beauté selon Oscar.

Sem ressentimento, ele começa a me contar sobre a beleza, ao mesmo tempo que faz malabarismos com duas caixas de filme: a beleza segundo Oscar.

- Niemeyer a dit :

- Niemeyer disse:

« Les pauvres sont exclus de l'architecture brésilienne.

"Os pobres são excluídos da arquitetura brasileira.

Quand je conçois un bâtiment public, je veux qu'il soit beau parce que je sais que les pauvres ne vont pas en profiter, mais ils peuvent quand même s'arrêter et l'admirer.

Quando projeto um edifício público, quero que seja bonito porque sei que os pobres não vão desfrutar dele, mas poderão ainda assim parar e admirá-lo.

Il faut que ce soit pour eux un moment de plaisir ».

É preciso que seja para eles um momento de prazer"[1].

1: Buscamos esta citação de Niemeyer, mas não a encontramos. Logo, não é possível afirmar que o arquiteto realmente disse isso.

Pas de chance.

Mas ele se equivocou.

Je constaterai dans une école de Paranoá que la plupart des enfants pauvres de cette cité d'invasions, perchée au-dessus du lac, ne sont jamais « descendus » en ville et ne connaissent pas la silhouette des célèbres monuments.

Constatarei em uma escola de Paranoá que a maioria das crianças pobres desta cidade de invasões, empoleiradas no alto do lago, nunca "desceram" até a cidade e não conhecem a silhueta dos famosos monumentos.

Je complimente néanmoins le jeune homme pour la citation.

Elogio, entretanto, o jovem pela citação.

Il réplique :

Ele responde:

- Depuis le temps que je suis posté ici, j'ai retenu ce qu'on dit de l'architecte.

- Desde que cheguei aqui, assimilei o que se diz sobre o arquiteto.

J'entends des visiteurs s'étonner qu'un athée comme lui ait été tant de fois sollicité pour construire des églises et des mosquées.

Vejo[1] os visitantes se surpreenderem que um ateu como ele tenha sido tantas vezes solicitado a construir igrejas e mesquitas.

1: O verbo "ver" aqui faz mais sentido que "escutar, ouvir".

Alors que vous inspire cette cathédrale ?

Então, o que esta catedral inspira em você?

Sa forme ?

Sua forma?

J'hésite.

Hesito.

Tout le monde a donné son avis sur la question.

Todo mundo deu sua opinião sobre a questão.

Clarice Lispector, la grande écrivain, imagina que la cathédrale priait Dieu, qu'elle figurait deux mains jointes, prêtes à (Le) recevoir.

Clarice Lispector, a grande escritora, imaginou que a catedral rezava para Deus, que ela representava duas mãos unidas, prontas para recebê-Lo.

Mais elle prévenait qu'elle se méfiait de Niemeyer et de son ironie chronique.

Ao mesmo tempo, ela não se furtava de lembrar que desconfiava de Niemeyer e de sua ironia crônica.

Je réponds :

Eu respondo:

- Elle m'évoque une gerbe de blé liée après la moisson, ou un bouquet de sisal, agave à grandes lames.

- Ela me faz evocar um ramalhete de trigo atado após a colheita, ou um buquê de sisal, ou mesmo um agave com grandes lâminas.

Ou la couronne d'épines.

Ou a coroa de espinhos.

- Vous n'y êtes pas.

- Você não entendeu nada.

Le petit vendeur me jauge pour savoir si je mérite la confidence.

O modesto vendedor me avalia para ver se mereço a confiança.

- Jota K., notre président, insistait auprès de Niemeyer pour qu'il construise une cathédrale.

- JK, nosso presidente, insistiu para que Niemeyer construísse uma catedral.

L'architecte y mettait de la mauvaise volonté.

O arquiteto relutava.

Il était en panne d'inspiration.

Faltava-lhe inspiração.

La légende veut qu'un jour, marchant dans le quartier candango du Núcleo Bandeirante, énervé par ce projet embarrassant, il shoota dans une nasse de pêcheur qui trainait.

Diz a lenda que um dia, andando pelo bairro dos Candangos do Núcleo Bandeirante, irritado por este projeto embaraçoso, ele chutou uma rede de pescador espalhada no chão.

Sous le choc, elle prit une forme étrange que Niemeyer s'empressa de dessiner et de reproduire.

Sob o choque, ela tomou uma forma estranha que Niemeyer se apressou a desenhar e reproduzir.

Notre cathédrale, monsieur, est une nasse de pêcheur pour rassembler les chrétiens.

Nossa catedral, amigo[1], é uma rede de pesca para juntar os cristãos.

1: Há aqui uma adaptação, tendo em vista que no Brasil, a comunicação geralmente é mais informal. Consideramos que traduzir "monsieur" por "senhor" poderia soar estranho, mas não improvável.

De l'intérieur, je vois la cathédrale comme une gigantesque corolle aux pétales de verre.

Em seu interior, vejo a catedral como uma gigantesca corola com pétalas de vidro.

Volent des oiseaux petits et des anges très grands.

Voam pequenos pássaros e anjos muito grandes.

Les premiers piaillent, les seconds pèsent en silence sur leur câble.

Os primeiros piam, os segundos são sustentados em silêncio por seu cabo.

Les vitraux sont parcourus d'écharpes fluides comme si le ciel était un fleuve.

Os vitrais são percorridos por echarpes fluidas como se o céu fosse um rio.

Je ne peux m'empêcher de l'aimer, même si des détracteurs émettent des critiques sur ce lieu de culte « conçu comme un palais des sports plus apte à accueillir un ring de boxe qu'un mystère divin ».

Não posso me impedir de apreciá-la, mesmo que os detratores emitam críticas sobre este lugar de culto "concebido como um palácio esportivo mais apto a um ringue de boxe do que a um mistério divino".

Laissons dire.

Digam o que quiserem.

Je préfère la recommandation du petit vendeur de films :

Prefiro a recomendação do singelo vendedor de filmes:

- Quand vous serez dedans, pensez à Juscelino.

- Quando estiver lá dentro, pense em Juscelino.

Et il murmura en louchant dans toutes les directions comme si des oreilles policières traînaient encore :

E murmurou, vigiando para todas as direções como se os ouvidos policiais ainda estivessem à espreita:

- En 1972, alors qu'il était en disgrâce à cause des généraux, le président entra incognito dans Brasília et s'en vint directement à la cathédrale dont il n'avait vu que les maquettes.

- Em 1972, ainda mal visto por causa dos generais, o presidente entrou incógnito em Brasília e foi diretamente para a catedral, da qual só tinha visto as maquetes.

Calculez, le monument fut achevé en 1970, dix ans après l'inauguration de la ville.

Veja só, o monumento foi concluído em 1970, dez anos após a inauguração da cidade.

Et savez-vous ce qu'il s'écria tout bas ?

E você sabe o que ele exclamou baixinho?

Non ?

Não?

Il s'exclama émerveillé :

Ele exclamou maravilhado:

« Si un Gaulois du premier siècle de l'ère chrétienne avait découvert Rome et ses marbres éblouissants, il n'aurait pas connu l'émotion que je ressens devant la cathédrale ! »

"Se um gaulês do primeiro século da era cristã tivesse descoberto Roma e seus mármores deslumbrantes, ele não teria conhecido a emoção que eu sinto diante da catedral!"[1]

1: Mais uma vez buscamos a citação, mas não a encontramos. Logo, não é possível afirmar que o presidente realmente disse isso.

Décidément, Rome obsédait Kubitschek.

Decididamente, Roma obcecava Kubitschek.

J'aime marcher dans Brasília.

Adoro andar por Brasília.

Contrairement à l'avis répandu, l'étirement de l'espace n'est pas à ce point dissuasif.

Ao contrário da opinião comum, não considero a extensão do espaço um empecilho.

J’aime remonter l’axe monumental de la gare routière à la place des trois Pouvoirs en Longeant les ministères.

Gosto de percorrer o eixo monumental desde a estação rodoviária até a Praça dos Três Poderes ao longo dos ministérios.

Leur alignement a quelque chose de musical, comme une note répétitive et mélodieuse sur la portée de l’avenue.

Seu alinhamento tem algo de harmonioso, como uma nota repetitiva e melodiosa na pauta musical da avenida.

J’aime la monochromie verte des pare-soleil de leur face arrière.

Gosto da monocromia verde das janelas traseiras dos prédios ministeriais que lembram quebra-sóis de para-brisa.

J’aime l’eau de coco ou le jus de canne bus à la terrasse de kiosques fantaisistes qui se glissent dans les intervalles et humanisent ces aires sérieuses.

Gosto da água de coco ou do caldo de cana que encontramos no terraço de quiosques fantasiosos que ocupam os espaços entre os prédios e humanizam essas áreas sérias.

Forcément j’admire le palais Itamaraty, ministère des Affaires Étrangères, admis parmi les plus beaux monuments du XXe siècle.

E, inevitavelmente, admiro o Palácio do Itamaraty, o Ministério das Relações Exteriores, considerado um dos mais belos monumentos do século XX.

Niemeyer créa à cette occasion des colonnes de béton d’une rare pureté dont l’harmonie allait influencer l’esthétique des temps à venir.

Niemeyer criou nesta ocasião colunas de concreto de uma rara pureza cuja harmonia influenciaria a estética do tempo vindouro.

J’aime déambuler dans ce ministère qui se visite comme un musée d’art contemporain.

Gosto de vaguear por este ministério, que se visita como um museu de arte contemporânea.

On y rencontre des femmes d'airain qui se tiennent par les épaules et un météore tombé du ciel dans un bassin.

Ali encontramos mulheres de bronze que se dão as mãos por trás dos ombros e um meteoro caído do céu sob um espelho d'água.

Cette sphère de quatre tonnes en marbre de Carrare reflète sa conjugaison de courbes dans l'eau où vaquent des carpes chinoises ; elle deviendra le sigle de Brasília.

Esta esfera de quatro toneladas de mármore Carrara reflete sua conjugação de curvas na água onde nadam carpas chinesas; ela se tornará o símbolo de Brasília.

J'aime sans conteste l'ensemble unique au monde que forment le dôme du Sénat, la coupole renversée de l'Assemblée Nationale et les tours jumelles de l'administration.

Gosto incontestavelmente desse conjunto único no mundo que abrange o domo do Senado, a cúpula de cabeça para baixo da Assembleia Nacional e as torres gêmeas da administração.

J'y vois la magistrale interprétation de la complémentairé, l'illustration des oppositions constructives, du dehors-dedans, de l'oreille du Pouvoir qui sait écouter et de la bouche de l'Assemblé qui annonce les mesures espérées sous le contrôle de deux tours, règles verticales de l'éthique et de l'équité, droites comme le I majuscule d'Intégrité.

Vejo nele a interpretação magistral da complementaridade, a ilustração das oposições construtivas, de fora para dentro, do ouvido do Poder que sabe escutar e da boca da Assembleia que anuncia as medidas esperadas sob o comando de duas torres, regras verticais da ética e da igualdade, retas como o I maiúsculo da Integridade.

On peut toujours rêver.

Podemos sempre sonhar.

J'ai aimé assister, dans un film ancien, à l'escalade du sein blanc du Sénat par la part rebelle de la population, chantant à sa cime l'hymne de la liberté en des temps où elle était malmenée.

Gostei de assistir, em um filme antigo, à escalada do seio branco do Senado pela parte rebelde da população, que cantava em seu cume o hino da liberdade, em um tempo em que esta se encontrava desmoralizada.

J’aime beaucoup la palmeraie classée qui héberge le vent dans les branches des buriti, une variété de palmiers du cerrado.

Adoro o aglomerado de palmeiras tombadas que abriga o vento nos galhos do buriti, uma variedade de palmeiras do cerrado.

J’aime le ministère de la Justice dont la façade est une fontaine d’où parfois coule l’eau de la tempérance.

Gosto do Ministério da Justiça, cuja fachada é uma fonte da qual às vezes corre a água da temperança.

Inactives, les gargouilles de béton redeviennent des gueules de canon.

Inativas, as gárgulas de concreto voltam a se parecer com bocas de canhão.

Je me sens bien sur la place des Trois Pouvoirs.

Sinto-me bem na praça dos Três Poderes.

Elle a tout pour plaire.

Ela tem tudo para agradar.

Costa et Niemeyer reçurent les pleins pouvoirs pour qu’elle rivalise d’emblée avec les places classiques de vieux pays.

Costa e Niemeyer receberam plenos poderes para que ela rivalizasse claramente com as praças clássicas do velho mundo.

Ils la conçurent vaste et bordée de deux palais comme il se doit : le Suprême Tribunal Fédéral et le Palais du Plateau.

Eles a projetaram vasta e cercada por dois palácios como é hábito: o Supremo Tribunal Federal e o Palácio do Planalto.

C’est un grand marché de l’art éclairé à ciel ouvert.

É uma grande feira de arte reluzente e ao ar livre.

Les œuvres abondent pour le bonheur du visiteur.

As obras são abundantes para a felicidade do visitante.

Or je suis seul à l'exception d'une jeune fille qui, elle aussi, attend de vendre des films à l'abri d'un arbre de béton penché ou d'une flamme vacillante sous l'effet du vent.

No entanto, estou sozinho, com exceção de uma jovem que também espera vender filmes fotográficos sob o abrigo de uma árvore de concreto inclinada ou de uma chama vacilante sob efeito do vento.

J'aimes les pigeons qui traversent sans se lasser la frontière entre la vie et la mémoire, bien dans leurs plumes.

Gosto dos pombos que atravessam, de maneira incansável e autoconfiante, a fronteira entre a vida e a memória.

Ils se perchent avec l'irrespect de leur espèce sur l'altière statue d'une Justice assise, les yeux bandés.

Eles se empoleiram com o desrespeito próprio de sua espécie sobre a altiva estátua de uma Justiça sentada com os olhos vendados.

Puis sur le front de Jota K. dont la tête en saillie se détache du mur où court l'hommage gravé de la ville à son créateur.

Depois, sobre a testa de JK, cuja cabeça saliente desponta da parede onde está cravada a homenagem da cidade a seu criador.

Seule l'œuvre maîtresse de la place les effarouche : deux géants de bronze se dressent, minces comme des pasteurs massaï ou des guetteurs de Giacometti.

Somente a obra-prima da praça assusta esses pombos: dois gigantes de bronze se destacam, magros como os pastores Massais ou como a estátua dos "Três Homens Caminhando"[1] de Giacometti.

1: Aqui realizamos a adição da palavra "estátua" e escolhemos para tradução de "guetteurs" o título de uma obra parecida com os "Candangos", já que não encontramos exatamente a estátua em questão.

Intitulés « guerriers » par l'auteur, Bruno Giorgi, ils sont connus aujourd'hui comme Candangos.

Intitulados "Os guerreiros" pelo autor Bruno Giorgi, eles são conhecidos atualmente como Candangos.

La volonté populaire a imposé cette reconnaissance aux titans maigres des chantiers.

A vontade popular impôs este reconhecimento aos magros titãs dos canteiros de obras.

Pieds plantés dans la terre, jambes écartées, bras levés, mains soudées à des piques, épaules unies, tête dressée à huit mètres du sol, les Candangos concentrent un immense capital de fierté.

Pés fincados na terra, pernas afastadas, braços erguidos, mãos soldadas a lanças, ombros unidos, cabeça erguida oito metros acima do solo, os Candangos concentram um imenso patrimônio de orgulho.

Ils sont les ancêtres importés à ville neuve.

Eles são os ancestrais importados para a nova cidade.

Les touristes brésiliens qui arrivent enfin ne s'y trompent pas ; ils foncent droit sur eux pour tirer la photo qui attestera de leur passage.

Os turistas brasileiros que finalmente chegam à praça não titubeiam; correm diretamente para eles para tirar a foto que atestará sua passagem por lá.

J'aime quand le pigeon devient colombe sur le fronton du Panthéon et dans la forme même de ce monument chargé de véhiculer les messages de sagesse du passé.

Gosto quando o pombo se transforma em colombo no frontão do Panteão e na própria forma deste monumento responsável por transmitir as mensagens de sabedoria do passado.

Tiradentes, son buste plus christique que jamais, est posté à l'entrée de la passerelle d'accès, comme un passeur entre la vie et la mort.

Tiradentes, com seu busto quase idêntico ao de Cristo, está instalado na entrada da passarela de acesso, como um intermediário entre a vida e a morte.

Ceux qui sont révérés en ce lieu sombre à souhait ont récolté la haine pour avoir insinué la paix.

Aqueles que são reverenciados neste lugar obscuro colheram o ódio por terem insinuado a paz.

Ils ne sont pas morts en vain.

Não morreram em vão.

Dans cette antre de la gratitude, je me réjouis de trouver en aussi bonne place Zumbi dos Palmares.

Neste antro de gratidão, me alegro de encontrar em um bom lugar o Zumbi dos Palmares.

Zumbi fut le chef noir du plus célèbre des quilombos, enclaves de résistances érigées par des esclaves fugitifs à l'intérieur du pays.

Zumbi foi o líder negro do mais famoso dos quilombos, zonas de resistência erguidas por escravos fugitivos no interior do país.

Attaqué vingt-cinq fois en un siècle, le royaume des nègres marrons de Palmares tombera en février 1694 et la tête de Zumbi l'année suivante.

Atacado vinte e cinco vezes em um século, o reino dos negros fugitivos[1] de Palmares cairia em fevereiro de 1694 e a cabeça de Zumbi no ano seguinte.

1: Ou quilombolas.

Zumbi décrété héros noir de la liberté : le Brésil sort grandi de cette reconnaissance récente.

Zumbi foi decretado o herói negro da liberdade: o Brasil sai engrandecido deste recente reconhecimento.

Que la paix soit avec nous !

Que a paz esteja conosco!

Oscar Niemeyer a même prévu un colombier sur la place des Trois Pouvoirs.

Oscar Niemeyer até mesmo planejou um pombal na Praça dos Três Poderes.

C'est une sorte de pince à linge de dix mètres de haut, dont l'intérieur est garni de niches.

É uma espécie de prendedor de roupa de dez metros de altura, cujo interior é forrado de nichos.

Les colombes y roucoulent leur hymne à l'amour à l'intention de tous ces messieurs qu'on nomme grands et qui penchent leur cravate sur les dossiers brûlants du Brésil et du monde, à quelques tirées d'ailes de là.

As pombas arrulham ali seu hino do amor a todos esses senhores que chamamos de grandes e que debruçam suas gravatas sobre os dossiês ardentes do Brasil e do mundo, a algumas asas de distância de lá.

La bouche entre l'art et la réalité est bouclée.

A história entre a arte e a realidade se repete.

J’ai faim.

Estou com fome.

Pour déjeuner, allons là où se concentre la vie.

Para o almoço, vamos para onde se concentra a vida.

La bouffe de galeries marchandes ?

Comida de shopping?

Non merci.

Não, obrigado.

Les formules rapides dans les nouvelles rues sans ciel et une convivialité entre fringues et réfrigérateurs ?

Fast-food nessas novas ruas sem céu e onde se convive entre roupas e refrigeradores?

Non merci.

Não, obrigado.

Pas besoin d’être à Brasília pour ça.

Para isso não precisava vir a Brasília.

À midi, je préfère « manger au poids » - on pèse, on paie – sous la tour d’une banque, parmi les employés de bureau, ou en banlieue, à la foire de Guará, le seul vrai marché de victuailles de l’agglomération.

Ao meio-dia, prefiro ir a um restaurante por quilo (você pesa e paga pelo que colocou no prato) no térreo de um prédio bancário, entre os funcionários dos escritórios, ou no subúrbio, na feira do Guará, o único verdadeiro mercado municipal da aglomeração urbana.

Là s’étalent des buffets copieux.

Ali se ostentam buffets fartos.

Là, mijotent dans des gamelles noires qui pèsent une tonne les solides arguments des cuisines traditionnelles autour des compères riz et haricots.

Ali cozinham-se em panelões pretos que pesam uma tonelada os testemunhos sólidos das cozinhas tradicionais ao redor dos inseparáveis arroz e feijão.

Là, des serveurs toqués et masqués règlent votre faim à coups de couteaux en tranchant dans les assortiments de viandes (toujours trop cuites pour un amateur de saignant mais, parait-il, c'est à cause d'une peur des larves héritée des temps anciens).

Ali garçons excêntricos e usando máscaras saciam sua fome, fatiando uma variedade de carnes (sempre assadas demais para um amante de carne mal-passada como eu; mas isso parece ser devido a um medo de larvas herdado dos tempos antigos).

À propos de régime, carné, laisse-moi te raconter mon expérience des rôtisseries.

A respeito do regime carnívoro, quero lhe contar de minha experiência com churrascarias.

Elle n'est pas typique de Brasília mais depuis l'arrivée en force des sudistes gaúchos à la suite du changement de gouvernement, la capitale vit à l'heure des cascades de viande.

Ela não é típica de Brasília, mas desde a chegada em massa dos gaúchos do sul do país após a mudança de governo, a capital tem vivido a moda da abundância carnívora.

Churrasqueira mode d'emploi.

Eis as instruções de como aproveitar a churrascaria.

La salle où je pénètre est vaste comme un hall de gare.

A sala onde entro é vasta como um corredor de estação.

À peine assis, je suis cerné par une armée de serveurs affables et insistants, proposant toutes sortes de viandes embrochées sur des banderilles.

Mal me sento e já sou rodeado de um exército de garçons afáveis e insistentes, que propõe toda uma variedade de carnes enfiadas em espetos.

Je refuse, le temps de reprendre ma respiration.

Recuso, apenas o tempo suficiente para recuperar o fôlego.

Avertissement au néophyte : ne pas se ruer sur le buffet, ne pas céder à la tentation de lester son assiette de hors-d'œuvre !

Alerta ao principiante[1]: não se jogue no buffet, não ceda à tentação de se empanturrar de entradas!

1: Uso de palavra mais simples e frequente para evitar a incompreensão do leitor.

Le danger d'éventration est réel.

O perigo de ficar cheio é real.

Sur ma table, je dispose d'une sorte de compteur à deux flèches, l'une verte, l'autre rouge, qu'il me faut manipuler avec dextérité pour rester maître du jeu et de mon avenir.

Na minha mesa, disponho de uma espécie de sinalizador com duas flechas, uma verde e outra vermelha, que devo manipular com destreza para permanecer mestre do jogo e do meu futuro.

Rouge pour non merci, laissez-moi finir ma caïpirinha tranquille.

Vermelho para Não, obrigado, deixe-me terminar minha caipirinha em paz.

Verte pour oui messieurs, présenter armes !

Verde para Sim, senhores, apresentem as armas!

Les serveurs, bottés à la mode gaúcha, reviennent alors en force, tendant leur épées, fiers comme des mousquetaires.

Os garçons, calçados de botas à moda gaúcha, voltam com força, desembainhando suas espadas, orgulhosos como mosqueteiros.

Je fais la moue ou j'accepte.

Nego com a cabeça[1] ou aceito.

1: Na França a negação, por vezes, é feita "fazendo beicinho". "Moue" significa justamente isso. No Brasil, geralmente negamos balançado a cabeça de um lado para outro.

Dans ce cas, d'un délicat coup de sabre, ils coupent et font glisser dans l'assiette de la bosse de zébu, du filet mignon, du baby beef, du cochon de lait...

Neste caso, com um delicado golpe de sabre, eles cortam e fazem deslizar no prato carnes como cupim, filé mignon, baby beef, leitão...

Il existe une hiérarchie entre les garçons : ceux qui proposent les saucisses sont au bas d'une échelle dont les barreaux élevés sont occupés par les responsables des viandes nobles.

Existe uma hierarquia entre os garçons: aqueles que oferecem as linguiças estão na base de uma escala cujos níveis altos são ocupados pelos responsáveis pelas carnes nobres.

Pas le temps de plonger le nez dans l'assiette, d'autres propositions surviennent, plus souriantes les unes que les autres.

Não há tempo para se dedicar ao prato, outras propostas surgem, cada uma mais sorridente do que a outra.

On craint d'attrister par un refus, on accepte presque tout.

Temo decepcionar com uma recusa, aceito quase tudo.

Chaque bouchée est une merveille de tendresse et de goût.

Cada mordida é um êxtase de maciez e sabor.

Seule issue pour assurer mastication et dégustation : remettre le compteur au rouge.

Única saída para garantir a mastigação e a degustação: voltar o sinalizador para o vermelho.

Stop !

Parem!

Pas d'inquiétude, tu le vois, à Brasília, on mange et on boit.

Não há com que se preocupar, como você vê, em Brasília, come-se e bebe-se muito bem.

La nuit se passe dans « les ailes de l'avion », entre Bavière et Via Romana, brasseries et pizzerias, rouleaux d'Extrême-Orient et diététique américaine.

A noite se prolonga nas "asas do avião", entre a Bavária e a Via Romana, cervejarias e pizzarias, pães do Extremo Oriente e dieta americana.

L'assiette y est mondialisée comme ailleurs.

A alimentação aqui é globalizada como em qualquer outro lugar.

Les rues qui séparent les secteurs d'habitations du Plan Pilote ont été conçues comme des tranches de vie.

As ruas que separam os setores residenciais do Plano Piloto foram projetadas como fatias de vida.

Alors elle s'éclate la vie, elle s'écartèle, elle a ses filières, ses vaisseaux, certains plus irrigués que d'autres, où le stationnement, cause perdue d'avance, devient affaire de professionnels en charge de caser les véhicules et de gérer les clés de contact.

Brasília, então, reparte a vida, ela se divide, tem seus ramos, seus vasos, alguns mais irrigados que outros, onde o estacionamento, causa já perdida, se torna assunto de profissionais encarregados de estacionar os veículos e de administrar as chaves de ignição.

Le cœur de la nuit ne bat pas à un endroit précis, il se cherche en roulant.

O coração da noite não bate em um lugar preciso, ele procura por si mesmo enquanto dirige.

Personnellement, à l'international fourre-tout italien, je préfère « la viande du soleil » des restaurants du Nordeste.

Pessoalmente, ao internacional restaurante italiano que serve de tudo, prefiro a "carne de sol" dos restaurantes do Nordeste.

Ces parts de bœuf salées et séchées à l'air ensoleillé sont servies flanquées de riz, fèves, coriandre, manioc et farine de manioc.

Estas partes de carne bovina salgada e seca ao sol são servidas com arroz, feijão, coentro, mandioca e farinha de mandioca.

Tu comprends qu'en ces circonstances consistantes, je double la mise pour la bière.

Você há de entender que sob tais circunstâncias, preciso dobrar a dose de cerveja.

Brasília, carrefour des destins et des cultures, est rapidement devenue la plaque chauffante et tournante des goûts.

Brasília, junção de destinos e culturas, tornou-se rapidamente a chapa quente e giratória dos paladares.

Le grand chaudron de la cuisine brésilienne.

O grande caldeirão da cozinha brasileira.

Candangos et fonctionnaires sont arrivés bardés de recettes domestiques.

Candangos e funcionários públicos chegaram munidos de receitas de suas regiões.

Alors ça brasse à Brasília et on expérimente.

Logo, tudo isso se mistura em Brasília e o que nos resta é experimentar.

L'homme nouveau de la ville nouvelle pique dans toutes les assiettes comme dans toutes les musiques.

O novo homem da nova cidade se encontra em todos os pratos como em todas as músicas.

Ils sont chanceux les Brasilienses ; ils ont la possibilité de parcourir leur continent de pays en quelques tours de roues ou coups de fourchettes.

São mesmo sortudos esses brasilienses; contam com a possibilidade de atravessar este país de proporção continental com apenas algumas manobras ou garfadas.

Ils peuvent même faire les deux à la fois au Clube de Choro par exemple : savourer un « pain au fromage » bien spécial et écouter cette musique sautillante au nom de pleur qu'est le choro.

Eles podem até fazer as duas coisas no Clube do Choro, por exemplo: saborear um delicioso pão de queijo e escutar esta música de ritmo batido chamada "choro".

C'est d'ailleurs là que je choisis de me nourrir un soir.

Aliás, foi lá onde decidi jantar certa noite.

Maria Teresa Madeira, grande pianiste carioca, est annoncé avec des oeuvres de Nazareth et de Chiquinha Gonzaga au menu.

Maria Teresa Madeira, grande pianista carioca, foi anunciada com as obras de Nazareth e Chiquinha Gonzaga no menu.

Le premier compositeur (1863-1934), subtilement influencé par Chopin, créa à Rio une musique érudite et populaire, tellement inventive qu'elle arracha les plus extrêmes superlatifs à Darius Milhaud.

O primeiro compositor (1863-1934), sutilmente influenciado por Chopin, criou no Rio uma música erudita e popular, bastante inventiva que o fez receber os mais extremos superlativos de Darius Milhaud.

Chiquinha Gonzaga n'a pas volé non plus sa notoriété : elle fut musicienne, républicaine et abolitionniste dans un Brésil encore impérialiste, esclavagiste et machiste.

Chiquinha Gonzaga também mereceu sua notoriedade: foi musicista, republicana e abolicionista em um Brasil ainda imperialista, escravagista e machista.

Par ses compositions, elle instilla la modernité dans un monde vieillissant.

Em suas composições, introduziu a modernidade em um mundo que começava a envelhecer.

Comme tu le vois, je me suis régalé au Clube de Choro, institution déjà ancienne dans une Brasília toujours neuve.

Como pode ver, me deleitei no Clube do Choro, instituição já antiga em uma Brasília ainda recente.

Le lieu se présente comme une cave circulaire qui paraît avoir été clandestinement creusée dans le sol de l'axe monumental, cachée derrière la Tour de télévision.

O lugar se apresenta como uma cava circular que parece ter sido clandestinamente cravada em um solo do eixo monumental, escondida atrás da torre de TV.

Je pense que si la liberté venait encore à être flagellée (que le Grand Esprit nous en préserve !), ce serait là, dans cet abri sous terre, que les mélomanes résistants trouveraient refuge pour échapper aux affreux.

Acredito que se a liberdade vier a ser novamente perseguida (que o Grande Espírito nos proteja), será neste abrigo subterrâneo que os amantes resistentes da música encontrarão refúgio contra o terror.

Et la samba ?

E o samba?

Et la feijoada ?

E a feijoada?

Bonne question.

Boa pergunta.

Elles forment un couple heureux le samedi de treize heures à plus soif, au Calaf, un restaurant planqué dans le secteur bancaire sud, autant dire dans un décor d'immeubles désertés en fin de semaine.

Eles formam um casal feliz aos sábados das treze horas até a saciedade, no Calaf, um restaurante escondido no setor bancário sul, que, de maneira sucinta, pode ser classificado como uma zona pitoresca de imóveis desertos nos finais de semana.

Le climat de fiction est renforcé par la situation momentanée du bar en équilibre au-dessus du vide abyssal d'un chantier.

O clima de ficção é reforçado pela situação na qual o bar se encontra provisoriamente, equilibrando-se sobre o vazio abissal de um canteiro de obras.

Drôle d'endroit pour une dernière samba à Brasília.

Um lugar singular para um último samba em Brasília.

J'y suis allé hier pour tuer la nostalgie du dernier jour.

Apareci por ali ontem para aniquilar a nostalgia do último dia.

Je n'aime pas les veilles de départ.

Não gosto das vésperas do retorno.

Et Brasília me plaît.

E Brasília me agrada.

Le bar, patiné par la fréquentation des fidèles, semble avoir un siècle d'existence.

O bar, envelhecido pelos fiéis que lá frequentam, parece ter um século de existência.

Il a été ouvert par un Catalan qui a importé la cuisine espagnole dans le quartier des affaires.

Foi aberto por um catalão que importou a cozinha espanhola para o bairro comercial.

Il aurait pu se contenter d'être une cantine pour bureaucrates la semaine.

Ele poderia ter se contentado em ser uma cantina para os burocratas durante a semana.

Non, le patron a convoqué le samedi des musiciens de talent, le gratin de la samba à Brasília.

Mas não, o dono convocou aos sábados músicos de talento, a nata do samba de Brasília.

C'est la qualité du son qui a forgé la réputation du Calaf.

Foi a qualidade da música que criou a reputação do Calaf.

L'affluence n'a jamais faibli.

A frequência nunca caiu.

Le public brille par son éclectisme.

O público brilha por seu ecletismo.

On voit attablé une vieille entraîneuse à qui la maison paie la boisson pour faire danser les cheveux blancs.

De nossas mesas vemos uma velha anfitriã a quem a casa paga a bebida para fazer os velhinhos dançarem.

Il plane une odeur d'huile de palme.

Paira no ar um cheiro de azeite de dendê.

Viva feijoada !

Viva a feijoada!

C'est aux esclaves qu'on doit la recette ; les pauvres en matière d'accommodation des restes ont toujours des idées riches que les nantis s'approprient plus tard.

Devemos sua receita aos escravos: os pobres em matéria de aproveitamento dos restos sempre tiveram ideias valiosas de que os abastados mais tarde se apropriavam.

Quand on tuait le cochon, les Noirs récupéraient les rebuts et les noyaient dans leur pitance.

Quando se matava um porco, os negros recuperavam as sobras e as incorporavam à sua comida.

Aujourd'hui ce sont les morceaux nobles du porc qui paradent parmi les haricots feijão.

Hoje em dia são as partes nobres do porco que se destacam entre o feijão.

Ajoutons la délicatesse de tranches d'oranges pour affiner le plat et marquer le changement de temps.

A delicadeza das fatias de laranja foi incorporada para refinar o prato e marcar a mudança dos tempos.

La Bohemia circule : bière brassée au Brésil depuis 1853.

A Bohemia circula: cerveja fabricada no Brasil desde 1853.

Chaque client se voit attribuer une note individuelle de consommation pour éviter les conflits entre commensaux au moment de payer.

Cada cliente recebe uma nota de consumo individual para evitar conflitos entre os companheiros de mesa na hora de pagar.

Judicieux !

Sensato!

Tout est prévu pour la détente, même l'addition.

Tudo é planejado para o cliente relaxar, até mesmo a conta.

Les convives se lèvent pour danser entre les tables, un compagnon de Bohemia me lance par-dessus la musique :

Os convivas se levantam para dançar entre as mesas, um companheiro de Bohemia, competindo com o som alto da música ao fundo, me lança a seguinte anedota:

- La samba, c'est la rigueur de la croix chrétienne qui s'est mise à balancer sous les coups des hanches africaines...

- O samba é o rigor da cruz cristã que começou a balançar sob os golpes dos quadris africanos...

On peut la voir ainsi.

Podemos ver dessa forma.

Mon voisin danseur m'indique le batteur :

Meu vizinho dançarino me mostra o baterista:

- Il a accompagné Chick Corea !

- Ele acompanhou o Chick Corea!

Et il joue ici devant moi et mon plat de haricots !

E agora ele está aqui, tocando diante de mim e do meu prato de feijão!

Comme la vie est simple.

Como a vida é simples.

Il y a des filles qui portent des tenues ajourées en crochet : de vrais filets à attraper le regard des mâles.

Há garotas que vestem trajes de crochê: verdadeiras redes que prendem o olhar dos homens.

Un vieux Noir gesticule avec maestria, c'est un entraîneur pour dames seules : il arbore un chapeau de paille et le maillot rose et vert aux couleurs de Mangueira, la célèbre école de samba de Rio.

Um velho senhor negro gesticula com maestria; trata-se de um treinador de solteiras: veste um chapéu de palha e a camiseta rosa e verde nas cores da Mangueira, a famosa escola de samba do Rio.

Les femmes accompagnées bougent dans le périmètre réduit de la table « conjugale ».

As mulheres acompanhadas deslocam-se dentro do perímetro reduzido da mesa "conjugal".

Les propriétaires veillent.

Os proprietários observam tudo.

Il n'empêche que la fille « surveillée » là-bas porte un pantalon gang que tout le monde remarque.

Ele não impede que a garota "vigiada" ali use calças gang que chama a atenção de todo o mundo.

Gang, la marque qui remonte haut les fesses.

Gang, a marca que levanta o bumbum.

Les filles en raffolent, les mecs aussi.

As meninas adoram, assim como os rapazes.

La vie est juste et belle.

A vida é justa e bela.

6

La vie.

A vida.

Brasília a été conçue pour être « la cité du bonheur ».

Brasília foi concebida para ser a "cidade da felicidade".

C'était un engagement sacrément ambitieux, une promesse de démiurge.

Era um compromisso sagradamente ambicioso, uma promessa de demiurgo.

Brasília, cidade que « inventei », Brasília, ville que j'ai « inventée ».

"Brasília, cidade que inventei",

C'est Lucio Costa qui écrit et souligne.

palavras de Lúcio Costa.

Ce n'est pas dans toutes les villes qu'un promeneur comme moi peut aller au-devant du bonheur.

Não é em qualquer cidade que um errante como eu pode ir ao encontro da felicidade.

Le visiteur hâtif qui négligerait les quadras passerait à côté du concept résidentiel, lui aussi « classé ».

O visitante apressado que negligenciasse as quadras perderia a chance de contemplar o conceito residencial, mais uma obra "tombada".

Qu'est devenu ce concept depuis le temps ?

O que foi feito deste conceito ao longo do tempo?

Dans son programme initial, Costa fait le compte de la félicité : seize carrés, quadras, par aile, de neuf à onze blocs par quadra, six étages et trente-six à cinquante appartements par bloc, soit trois à quatre mille personnes.

Em seu programa inicial, Costa fez os cálculos da felicidade: dezesseis quadras, por asa, de nove a onze blocos por quadra, seis andares e trinta e seis a cinquenta apartamentos por bloco, habitados por três a quatro mil pessoas.

Un long bloc vaut un village.

Um bloco longo equivale a um vilarejo.

Sur le papier, au béton des constructions répondra la verdure des intervalles.

No papel, o concreto das construções combinará com o verde dos espaços.

Chaque « super carré » sera enveloppée dans une large enceinte d'arbres et l'îlot intérieur devra donner une impression de jardin.

Cada "superquadra" será envolvida em uma longa faixa de árvores e a ilhota interior deverá dar a impressão de jardim.

Je constate aujourd'hui que la réalité est conforme aux prévisions esthétiques.

Noto hoje que a realidade atende às previsões estéticas.

Les arbres ont plus de quarante ans et assurent la quiétude édénique espérée.

As árvores têm mais de quarenta anos e garantem a quietude edênica esperada.

Le monde des quadras préservé des turbulences par une entrée automobile unique et étroite, est favorable aux oiseaux et aux manguiers, propice à l'éducation des enfants.

O mundo das quadras preservado das turbulências por uma única e estreita entrada de automóveis é favorável às aves e às mangueiras, e propício à educação das crianças.

Les voitures sont rangées, les gosses peuvent jouer et les coureurs ahaner dans les allées ombrées.

Os carros ficam estacionados lado a lado, a meninada pode brincar e os corredores podem se esbaforir nos corredores sombreados.

Les immeubles ont correctement vieilli.

Os imóveis envelheceram bem.

Les plus anciens doivent leur allure aux principes de Le Corbusier : façade sans ornementation, fenêtres horizontales, toits terrasses, cuisines et buanderies regroupées à l'arrière et dissimulées par des pare-vent ajourés...

Os mais antigos devem sua distinção aos princípios de Le Corbusier: fachada sem ornamentação, janelas horizontais, terraços-jardim, cozinhas e lavanderias integradas na parte de trás e escondidas por brise-soleils vazados...

De vraies « machines à habiter » au confort assuré par un réseau complet de services de proximité.

Verdadeiras "máquinas feitas para se habitar" com o conforto garantido por uma rede completa de serviços essenciais.

Chaque carré est censé développer une sorte d'indépendance.

Cada quadra é projetada para desenvolver uma espécie de independência.

Églises, écoles, aires de sport, pôles de santés et commerces, tout a été prévu et tout obéit à un strict aménagement spatial en bordure du carré ou entre quadras.

Igrejas, escolas, áreas esportivas, unidades de saúde e comércios, tudo foi planejado e obedece a uma rigorosa organização espacial entre as quadras.

L'usage se chargera de pervertir, un peu, une pareille dictée du quotidien.

O uso se encarregará de corromper um pouco tal ditadura do cotidiano.

Les âmes chagrines dénoncent un paysage familier de banlieue, une absence de surprise.

As almas tristonhas denunciam uma paisagem familiar de subúrbio, uma ausência de surpresa.

Un regard plus attentif remarquera la qualité des matériaux et le respect de l'espace.

Um olhar mais atento revelará a qualidade dos materiais e o respeito ao espaço.

Le recours aux pilotis, érigés en principe absolu, confère une distinction à l'habitat de Brasília, la noblesse de l'élévation, un rythme harmonieux.

O uso dos pilotis, erguidos em princípio absoluto, confere uma distinção ao habitat brasiliense, a nobreza da elevação, um ritmo harmonioso.

L'air circule entre les piliers, sous les blocs, et le regard, jamais arrêté par l'entêtement d'un mur, se perd dans le végétal.

O ar circula entre os pilares, por baixo dos blocos, e o olhar, nunca interrompido pelo afincamento de uma parede, perde-se na vegetação.

C'est le principe de perméabilité visuelle.

Este é o princípio da permeabilidade visual.

Et ça brille !

E brilha aos olhos!

Les parterres de marbre luisent, frottés maniaquement.

Os pisos de mármore reluzem, esfregados excessivamente.

Les quadras assurent des emplois, de concierges, de gardiens de garages, de jardiniers, d'agents d'entretien...

As quadras acabam por gerar empregos, como porteiros, vigias, jardineiros, faxineiros...

Tant mieux.

Que bom.

C'est sûr qu'on peut vivre bien ici, agréablement, en compagnie de tulipiers, ipés, flamboyants, châtaigniers du Para, jacarandas et sucupiras...

É evidente que se pode viver bem aqui, de maneira agradável, em companhia de tulipas, ipês, flamboyants, castanheiros do Pará, jacarandás e sucupiras...

Le Plan Pilote, malgré ses rigidités théoriques et ses modules répétitifs, bien que dessiné « pour le travail ordonné et efficace », offre un cadre de vie desserré, aéré, qui peut porter au rêve et à la culture ceux qui n'en ont pas égaré les modes d'emploi.

O Plano Piloto, apesar de sua rigidez teórica e de seus módulos repetitivos, desenhado "para o trabalho ordenado e eficaz", oferece a possibilidade de uma vida tranquila, levando sonho e cultura àqueles condizentes com esse ideal.

Les autres auront toutes commodités pour consommer leur vie, les centres d'achats banalement géants croissant et se multipliant.

Os outros usufruirão de todas as comodidades para consumir suas vidas do modo como bem entenderem, à medida que os gigantes e banais centros comerciais crescem e se multiplicam.

Mais ce confort a son revers.

Mas este conforto tem seu preço.

Brasília, laboratoire mondial de l'utopie, doit être consciente de ce qu'on dit d'elle.

Brasília, laboratório mundial da utopia, deve ter consciência daquilo que se diz dela.

Elle abrite d'ailleurs dans ses ramures un oiseau cafteur qui s'égosille dès l'aube :

Ela abriga em seus galhos um pássaro fofoqueiro que guincha ao amanhecer:

- Bem te vi !

- Bem-te-vi!

Bem te vi !

Bem-te-vi!

Je t'ai bien vue(e) !

Eu te vi bem!

Bem te vi, mouchard jaune et noir, gros comme un poing, n'épargne personne, pas même son hôtesse.

Bem-te-vi, espião amarelo e preto, do tamanho de um punho, não poupa ninguém, nem mesmo sua anfitriã.

Je te laisserai te répéter tout haut les griefs qu'adressent les esprits critiques.

Vou deixar você repetir em alto e bom som as queixas proferidas pelas mentes críticas.

Ils ne manquent pas.

Elas não se acanham.

C'est normal.

Mas é normal.

Brasília a beaucoup reçu, il lui sera davantage exigé.

Brasília recebeu muito, vai ser mais cobrada.

Elle a vocation d'exemple.

Ela está fadada a servir de exemplo.

L'oiseau râleur dit :

O pássaro reclamão diz:

- Qu'attendez-vous d'une ville sans trottoir ni coins de rue ?

- O que você espera de uma cidade sem calçadas ou esquinas?

Cette remarque est devenue un leitmotiv, le refrain de la rencontre rendue difficile entre les êtres, l'amorce du blues de la solitude souvent dénoncée.

Essa observação tornou-se um leitmotiv, o refrão que busca mostrar como são difíceis os encontros entre as pessoas, o início do blues da solidão frequentemente denunciada.

Et si cette ville décourage les relations, comment retrouver l'étincelle de l'imprévu, ce qui fait le délice d'habiter un espace urbain ?

E se esta cidade desencoraja as relações, como encontrar a centelha do imprevisto, aquilo que faz valer a pena viver em um espaço urbano?

Mais cela est peu de choses.

Mas isso não tem importância.

L'oiseau moqueur piaille :

O pássaro zombador canta:

- De quelle révolution pour l'humanité peut bien accoucher une ville dont la population se résume à une vaste classe moyenne mouvante et peu impliqué dans la réflexion sur l'avenir, et dont la classe ouvrière est inexpressive, voire absente ?

- Que revolução para a humanidade pode trazer uma cidade cuja população se resume a uma vasta classe média em constante movimento e pouco envolvida nas reflexões sobre o futuro, e cuja classe trabalhadora é inexpressiva, mesmo ausente?

À Brasília, on ne se mélange pas entre gens du dedans et du dehors.

Em Brasília, não há mistura entre pessoas de dentro e de fora.

La journée, on se frôle par nécessité.

Durante o dia, nos esbarramos uns contra os outros por necessidade.

La nuit, chacun regagne sa sphère.

À noite, cada um retorna à sua própria esfera.

- Comment, dans la citadelle, peut-on ignorer à ce point la population qui vit hors les murs ?

- Como, dentro da cidadela, podemos ignorar de tal modo a população que vive fora de seus muros?

L'oiseau sarcastique se permettrait d'affirmer que pour un bon nombre d'habitants du Plan Pilote, les villes satellites sont plus éloignées de leurs lieux de vie que Rio ou São Paulo.

O pássaro sarcástico se permitiria afirmar que para um bom número de habitantes do Plano Piloto, as cidades-satélites são mais distantes de seus espaços de convivência do que Rio ou São Paulo.

Il irait même jusqu'à insinuer que les citoyens du centre ne connaissent leurs voisins périphériques qu'à travers les médias.

Ele chegaria mesmo a insinuar que os cidadãos do centro só conhecem seus vizinhos periféricos através da mídia.

Bem te vi serait-il mauvaise langue ?

Seria o bem-te-vi um grande linguarudo?

- Dans un pays de mulâtres, la blanchitude de la population du Plan Pilote finit par être agressive, bien loin du métissage que Rio ou Salvador présentent.

- Em um país de mulatos, a branquidão da população do Plano Piloto acaba sendo agressiva, bem longe da mestiçagem que o Rio ou Salvador apresenta.

Parfois, les oiseaux les mieux informés répètent à tout vent des phrases d'universitaires.

Às vezes, os pássaros mais bem informados repetem aos quatro ventos frases acadêmicas.

Pour aimer Brasília, le sociologue Brasilamar Ferreira Nunes, auteur de ces sentences, ne lui fait pas de cadeau pour autant.

Para amar Brasília, o sociólogo Brasilamar Ferreira Nunes, autor dessas sentenças, não se restringe apenas às suas glórias.

Je marche avec élan à travers l'aile sud.

Ando com vigor pela asa sul.

Je cherche l'immeuble d'une cinéaste.

Procuro o prédio de uma cineasta.

Aucune rue, pas une allée n'ont accroché un nom de savant ou de musicien pour exister.

Nenhuma rua ou beco precisou de um nome de estudioso ou músico para existir.

Il n'y aura pas de jaloux chez les morts illustres.

Não haverá ciúme entre os mortos ilustres.

Les ailes sont orientées, les quadras chiffrés, les blocs alphabétisés.

As asas são orientadas conforme o eixo norte-sul, as quadras numeradas, os blocos estão em ordem alfabética.

Brasília ajoute à son sens pratique la logique mathématique : impossible de se perdre.

Brasília traz a lógica matemática ao seu sentido prático: impossível se perder por aqui.

Pourtant un jeune homme s'arrête pour m'aider à me repérer.

Mesmo assim, um jovem interrompe sua caminhada para ajudar a me localizar.

Il est noir et pousse une drôle de carriole montée sur roues de brouettes.

Ele é negro e empurra uma geringonça engraçada montada sob rodas de carrinho de mão.

Sur un modeste plateau, il transporte une meule, un compresseur, des outils variés, et il roule de boutique en boutique proposer ses services de réparateur, spécialiste en portes et fenêtres.

Em um tabuleiro modesto, ele carrega uma pedra de amolar, um compressor, ferramentas diversas, e vai de loja em loja oferecendo seus serviços de reparo, especialista em portas e janelas.

Monsieur Bricolage arpente les rues commerciales entre quadras, quêtant l'emploi.

O Sr. Bricolagem caminha pelas ruas comerciais das quadras em busca de trabalho.

- Aujourd'hui la chance n'entend rien, me dit-il.

- Hoje não estou com sorte, me diz ele.

On a au moins le temps de discuter.

Pelo menos temos tempo para conversar.

Dans sa besace, rien à manger, mais une somme à lire : trois ouvrages en anglais dont la Bible et le Seigneur des Anneaux.

Em sua bolsa, nada para comer, mas uma coleção de livros para ler: três em inglês, incluindo a Bíblia e O Senhor dos Anéis.

Quand le tournevis chôme, le réparateur apprend l'anglais pour donner corps à son rêve : partir valoriser sa vie aux États-Unis.

Quando não está segurando a chave de fenda, o técnico aprende inglês para realizar seu sonho: melhorar de vida nos Estados Unidos.

Il est né à Brasília, gîte à Santa Maria, ville satellite, nourrit sa famille en poussant une meule dans une carriole.

Ele nasceu em Brasília, mora em Santa Maria, cidade-satélite, e alimenta sua família empurrando uma pedra de amolar em um carrinho de mão.

Destin de favelado.

Destino de favelado.

Trop étroit.

Muito limitado.

Pas de place pour s'élever.

Não há espaço para progredir.

À quoi sert d'être si prêt du Pouvoir ?

Qual a utilidade de estar tão perto do Poder?

Alors pourquoi ne pas viser l'Amérique ?

Então, por que não sonhar com a América?

Même en anglais, la Bible parle de terre promise.

Mesmo em inglês, a bíblia fala da terra prometida.

Rencontre trop brève avec un personnage de film.

Posso dizer que se tratou de um encontro muito breve com um personagem de filme.

L'amie cinéaste qui m'accueille aurait pu tourner un document sur cet arpenteur du Plan Pilote.

A amiga cineasta que me acolhe poderia ter feito um documentário sobre este topógrafo do Plano Piloto.

Maria Coeli n'a eu de cesse de filmer Brasília.

Maria Coeli nunca parou de filmar Brasília,

Elle a accumulé les témoignages contre l'oubli.

acumulando testemunhos contra o esquecimento.

C'est une glaneuse.

É uma coletora de histórias.

Seule, caméra au poing.

Sozinha, câmera na mão.

Elle vibre de tout son être au seul nom de Brasília.

Ela se arrepia toda só de ouvir o nome de Brasília.

Elle a vécu les grandes séquences de son histoire, a assisté au montage de cette super-production.

Aqui viveu as grandes sequências de sua história, assistiu à montagem desta superprodução.

Elle était proche du réalisateur :

Era próxima do diretor:

- Juscelino Kubitscheck était un homme illuminé.

- Juscelino Kubitscheck era um homem iluminado.

Il connaissait beaucoup d'artistes et pressentait leur force.

Ele conhecia muitos artistas e sentia sua força.

Il était conscient que l'époque rassemblait des lumières.

Tinha consciência da efervescência da época.

Brasília existe parce que Jota K. a su libérer le génie artistique de son temps.

Brasília existe porque JK soube libertar o gênio artístico de seu tempo.

Quand jeune femme, Maria arriva, le lac n'existait pas.

Quando Maria chegou, ainda mocinha, o lago não existia.

On voyait à l'infini la mer rouge du cerrado sillonnée par les engins.

Pudemos ver o infindável mar vermelho do cerrado ser atravessado pelas máquinas.

Povo chegando, poeira chegando, camiões chegando...

Fragment de commentaire d'un de ses premiers films :

Fragmento de diálogo de um de seus primeiros filmes:

« Gens arrivant, poussière arrivant, camions arrivant... »

"Povo chegando, poeira chegando, caminhões chegando..."[1]

1: Esta frase já traduzida acima para o português pelo autor foi posicionada no local onde melhor se adapta ao contexto da tradução.

Les hommes étaient le matériau primordial.

Os homens eram o material primordial.

- J'ai fait un film sur la cité libre de Núcleo Bandeirante pour répondre à un prête qui voulait faire croire à ses fidèles que c'était Dieu qui avait créé Brasília.

- Fiz um filme sobre a cidade livre do Núcleo Bandeirante para atender ao pedido de um padre que queria fazer crer a seus seguidores que tinha sido Deus quem criara Brasília.

Les images d'archives et les entretiens apportent les preuves du contraire.

As imagens de arquivo e as entrevistas trazem provas do contrário.

Maria Coeli rend un culte cinématographique à cette époque d'optimisme et d'héroïsme.

Maria Coeli presta um culto cinematográfico a esta época de otimismo e heroísmo.

Elle a reconstitué la scène où l'ingénieur Bernard[1] Sayão, trace des lignes sur le sable rouge, situe l'emplacement de Núcleo Bandeirante, ville dortoir provisoire, explique aux ouvriers comment elle sera construite puis détruite sans façon après le générique de Fin du chantier.

Ela reconstituiu a cena em que o engenheiro Bernardo Sayão traça linhas na areia vermelha, define a localização do Núcleo Bandeirante, cidade-dormitório provisória, explica aos trabalhadores como ela será construída e, logo em seguida, destruída após os créditos do Fim das obras.

1: Erro ortográfico no original.

- À ce moment-là, me dit-elle, les candangos ne se préoccupaient pas de savoir s'ils allaient ou pas habiter les édifices qu'ils construisaient.

- Naquele momento, me diz ela, os candangos não se preocupavam em saber se iriam ou não morar nos edifícios que construíam.

On les sollicitait : venez construire une nouvelle capitale !

Eles foram convocados: venham construir uma nova capital!

Ils se sentaient élus, fiers de participer à un acte majeur.

Sentiram-se eleitos, orgulhosos de participar de uma obra maior.

Ces bâtisseurs de l'impossible travaillaient en musique de jour comme de nuit.

Esses construtores do impossível trabalhavam ao som de música dia e noite.

Des haut-parleurs diffusaient Wagner, Verdi.

Os alto-falantes tocavam Wagner, Verdi.

L'art lyrique stimulait l'effort, les ministères s'élevaient, Nabuccho maintenait la cadence.

A arte lírica estimulava o esforço, os ministérios eram erguidos, Nabucco[1] acompanhava o ritmo.

1: Ópera escrita por Giuseppe Verdi em 1842.

Cette épopée se donnait des grands airs.

Esta epopeia ganhava ares fantásticos.

Je te rappelle qu'Israël Pinheiro, président de la Novacap, dirigeait l'orchestre des machines et le chœur des hommes d'une baguette de fer.

Recordo que Israel Pinheiro, presidente da Novacap, comandava a orquestra de máquinas e o coro de homens com uma barra de ferro.

Il n'aimait pas les fausses notes.

Ele não gostava de notas desafinadas.

L'exécution de la symphonie brasiliense dans le temps imparti exigeait une conduite ferme.

A execução da sinfonia brasiliense no tempo previsto exigia uma conduta firme.

Pinheiro fut le Toscanini de Brasília.

Pinheiro foi o Toscanini de Brasília.

Brasília s'est donc édifiée à marche forcée, tambour battant.

Brasília foi, portanto, construída sob marcha forçada e batida de tambores.

Ceux qui sont tombés des échafaudages sur le champ d'honneur ne se comptent pas.

Aqueles que caíram dos andaimes no campo de batalha não são mencionados.

On préfère qu'un soleil sans ombre brille sur le chantier glorieux.

Preferimos que um sol sem sombras brilhe sobre o glorioso canteiro de obra.

Les taches ont été frottées jusqu'à ce qu'elles disparaissent.

Esfregaram as manchas até desaparecerem.

Dommage.

Uma pena.

Aucune histoire ne se trame sans erreurs ni pertes, alors pourquoi nier que des cadavres ont été « balayés » pendant la construction ?

Nenhuma história se desenrola sem erros e perdas, por que então negar que cadáveres foram “varridos” durante a construção?

Comme ceux des manifestants qui osèrent dénoncer des conditions de travail risquées et réclamer un meilleur pain quotidien.

Como aqueles de manifestantes que ousaram denunciar as condições de trabalho arriscadas e reclamar um melhor pão de cada dia.

Ces bouches rebelles furent muselées par la police spéciale du chantier qui, toujours garda secret le lieu où furent enterrés les insurgés.

Estas bocas rebeldes foram silenciadas pela polícia especial que sempre manteve segredo sobre o lugar onde se enterraram os revoltosos.

Ils sont les premiers fantômes de Brasília.

Eles são os primeiros fantasmas de Brasília.

Et pourtant, du temps de Kubitschek, la démocratie régnait.

E, no entanto, no tempo de Kubitschek, a democracia reinava.

Le président a-t-il seulement eu vent de ces événements ?

O presidente ao menos sabia desses eventos?

Un documentaire de Vladimir Carvalho, Conterrâneos velhos da guerra enquêtera plus tard sur ce tragique dérapage de la construction de Brasília.

Um documentário de Vladimir Carvalho, “Conterrâneos velhos da guerra”, investigou mais tarde esta trágica mancha na construção de Brasília.

Je reviens à Núcleo Bandeirante.

Volto ao Núcleo Bandeirante.

À la nuit, c'était là que les hommes trouvaient l'amour et le feijão, le pain et la distraction, plus que le matériel nécessaire à une vie communautaire, sachant qu'au début tout arrivait par avion.

À noite, era lá que os homens encontravam o amor e o feijão, o pão e a distração, material mais do que necessário para uma vida comunitária, sabendo que no início tudo chegava de avião.

Quand ils recevaient leur salaire, les ouvriers envoyaient leur paie à la maison, ne gardant quasiment rien pour leur usage propre.

Quando recebiam o salário, os trabalhadores enviavam o dinheiro para casa, guardando quase nada para seu próprio usufruto.

Un jour pourtant, un marchand malin débarqua en camion avec un cargaison de traversins bon marché.

Um dia, porém, um comerciante esperto chegou em um caminhão carregado de almofadas baratas.

Il les écoula jusqu'au dernier.

Não sobrou nenhuma para contar história.

C'était la seule douceur que ces hommes rudes s'accordaient.

Era o único deleite que esses homens rudes se permitiam.

Un traversin, ça sert, ça se serre.

Uma almofada tem suas utilidades, podendo servir de aconchego.

Mais le manque d'amour se traitait aussi dans des maisons spécialisées qu'on a toujours vu s'installer dans les villes pionnières entre la banque et le tailleur, l'épicier et les pompes funèbres.

Mas a falta de amor também era saciada nas casas especializadas que sempre se viu instalar em cidades pioneiras, entre o banco e o alfaiate, a mercearia e a funerária.

Núcleo Bandeirante, quartier western de Brasília, portait bien son surnom de Cité Libre, collé aux façades de bois de ses commerces et tripots.

O Núcleo Bandeirante, distrito da zona oeste de Brasília, fazia jus ao seu apelido de Cidade Livre, colado nas fachadas de madeira de suas lojas e de casas de jogos.

On y recensait huit hommes pour une femme.

Lá se estimavam oito homens para uma mulher.

C'était mieux qu'une agence pour une célibataire qui cherchait à se caser ; et l'endroit garanti pour y perdre son mari.

Funcionava melhor do que uma agência para solteiras que buscavam se casar; e era o lugar garantido para perder o marido.

Beaucoup de femmes en ont fait l'expérience pour avoir refusé de suivre leur homme à travers la poussière du cerrado.

Muitas mulheres passaram por isso por se recusarem a seguir seu homem através da poeira do cerrado.

La baraque d'amour la plus célèbre s'appelait 7 quedas, « sept chutes » : un nom qui poussait à s'abonner.

A cabana do amor mais famosa chamava-se 7 Quedas: um nome que estimulava a adesão.

Maria Coeli est intarissable :

Maria Coeli é inesgotável:

- Le premier film de fiction réalisé à Brasília date de 1961.

- O primeiro filme de ficção realizado em Brasília foi em 1961.

« Taguatinga, sur le pied de guerre » d'Armando Lacerdo[1].

"Taguatinga em pé de guerra" de Armando Lacerda.

1: Erro ortográfico no original.

J'y joue le rôle d'une femme de candango.

Eu faço o papel de uma mulher de candango.

Le cinéma à Brasília livre bataille dès sa naissance.

O cinema em Brasília vem lutando desde o seu nascimento.

Voici l'affaire : une nuit, à Taguatinga, ville satellite, une prostituée surprend des employés de la Novacap en train de déterrer les tuyaux qui assurent l'alimentation en eau du quartier.

Eis o enredo: uma noite em Taguatinga, cidade-satélite, uma prostituta ouve funcionários da Novacap escavando os encanamentos que abastecem o bairro com água.

Tout ça pour permettre l'irrigation des vignes d'un haut dirigeant de la société.

Tudo isso para permitir a irrigação das vinhas de um alto executivo da empresa.

Le film raconte une révolte de femmes qui durera plusieurs jours.

O filme conta a história de uma revolta feminina que vai durar vários dias.

C'était peu de temps après l'inauguration.

Isto foi logo após a inauguração.

JK venait de quitter le pouvoir.

JK acabara de deixar o poder.

Les femmes combattirent à la place des hommes anxieux de garder leur emploi, et emportèrent la victoire.

As mulheres lutaram no lugar dos homens, temerosos de perder seus empregos, e venceram.

Je veux en savoir plus sur la liaison de Brasília et du septième art.

Quero saber mais sobre a conexão entre Brasília e a sétima arte.

Brasília apparaît pour la première fois à l'écran dans un film français de Marcel Camus.

Brasília apareceu pela primeira vez na tela em um filme francês de Marcel Camus.

Emporté par le succès d'Orfeu Negro, couronné à Cannes en 1959, le cinéaste poursuit son cycle brésilien et tourne Os bandeirantes, une aventure de trahison et d'amours qui part d'Amazonie pour échouer (le film fera un four) à Brasília.

Impulsionado pelo sucesso de Orfeu Negro, premiado em Cannes em 1959, o cineasta continuou seu ciclo brasileiro e filmou Os Bandeirantes, uma aventura de traição e amor que começa na Amazônia e termina em Brasília (o filme foi um fiasco).

On voit un blond héros souder dans les étages d'un ministère en construction, habiter une baraque en bois d'une seule pièce au pied du chantier avec, devant la porte, le tonneau de la réserve d'eau.

Vemos um herói loiro soldar as estruturas de um ministério em construção, viver em uma barraca de madeira de um cômodo só ao pé do canteiro de obras, tendo, diante da porta, um barril da reserva de água.

On assiste à l'arrivée des camions qui transportent des grappes humaines accrochées aux ridelles.

Assistimos à chegada de caminhões transportando grupos humanos pendurados nas laterais.

Ces camions portent un nom célèbre :

Estes caminhões têm um nome famoso:

pau de arara, perchoir à perroquet.

pau de arara.

Le candango voyage dans ces cages roulantes, secoué sans ménagement.

O candango viaja nestas gaiolas rolantes, sacudido sem piedade.

Aussi, pendant la dictature, pau de arara désignera-t-il le perchoir auquel les tortionnaires suspendront les prisonniers par les pieds dans l'espoir de les faire parler.

Além disso, durante a ditadura, o pau de arara passará a designar a barra usada pelos torturadores para suspender os prisioneiros pelos pés na tentativa de arrancar alguma confissão.

Triste métaphore.

Triste metáfora.

Il y a bien sûr l'Homme de Rio.

Não podemos nos esquecer do "Homem do Rio".

De Broca dirige les avenues vides de Brasília un Belmondo olympique s'entraînant au décathlon, à pied, en vélo, dans l'eau, sur poutrelle en avion...

De Broca dirige nas avenidas desertas de Brasília um Jean-Paul Belmondo olímpico, verdadeiro praticante de decatlo, realizando as modalidades de corrida, ciclismo, natação e mesmo equilíbrio em cima de um avião...

Une fiction brésilienne, Un candango na Bela Cap, montre comment Rio sort ses griffes et raille Brasília par le cinéma : un ouvrier du Nordeste, déçu, quitte la Nova Cap pour découvrir les charmes de Rio, dénommé Bela Cap par opposition.

Uma ficção brasileira, "Um candango na Bela Cap", apresenta como o Rio mostra suas garras e zomba de Brasília através do cinema: um trabalhador do Nordeste, decepcionado, deixa a Nova Cap para descobrir os charmes da capital fluminense, chamado pela oposição de Bela Cap.

Le petit duel continue...

E o bobo duelo continua...

On peut citer encore O sonho acabo[1], film du début des annés 1980 sur la jeunesse dorée des milieux d'ambassades.

Outro exemplo é "O sonho não acabou", um filme do início dos anos 80 sobre a juventude de ouro proveniente do meio social das embaixadas.

1: Erro ortográfico no original.

Puis Doces poderes (fin des années 1990), long métrage entièrement tourné á la nouvelle capitale.

Depois "Doces poderes" (final dos anos 90), longa-metragem rodado inteiramente na nova capital.

Mais la liste est courte.

A lista, porém, é curta.

Les gens d'images évitent de valoriser Brasília.

Os profissionais da imagem evitam valorizar Brasília.

C'est le moins qu'on puisse dire.

É o mínimo que se pode dizer.

6

Le temps passe et je veux en avoir le cœur net : le métro existe-t-il ?

O tempo passa e quero me certificar de uma coisa: tem metrô em Brasília?

Déterminé, je plonge dans le ventre de la ville à Rodoviária, gare centrale de Brasília.

Determinado, mergulho no ventre da cidade: a Rodoviária, estação central de Brasília.

Si dans les fictions, les mondes souterrains sont souvent glauques, celui de la Nova Cap est le plus soigné qu'on puisse imaginer.

Se na ficção, os mundos subterrâneos são frequentemente sinistros, este da Nova Cap é o mais bem cuidado que se pode imaginar.

Il existe donc ce métro : lumineux, luxueux trait d'union entre le Plan Pilote et les grands satellites que sont devenues Taguatinga et Ceilândia.

Sim, tem metrô: uma ligação luminosa e luxuosa entre o Plano Piloto e Taguatinga e Ceilândia, hoje grandes cidades-satélites.

Ce terminus-là, soit dit en passant, porte un nom de code éloquent :

Este terminal, aliás, tem um codinome eloquente:

CEIlândia : la terre (d'accueil) de la Campagne d'Éradication des Invasions.

CEIlândia: a terra (de acolhimento) da Campanha de Erradicação de Invasões.

Le métro n'est pas fantôme, me voici rassuré, mais les stations sous l'aile sud du Plan Pilote le sont : demeurées à l'état brut et fermées.

Agora que eu sei que o metrô não é uma lenda, o mesmo não posso dizer das estações na asa sul do Plano Piloto: estão mantidas em estado bruto e fechadas.

Le convoi file sans s'arrêter devant ces caves vides.

O trem passa direto por essas cavidades vazias.

Je comprends pourquoi les motorisés du plan classé vivent dans l'ignorance des entrailles de leur ville.

Entendo por que os motorizados do plano tombado ignoram totalmente as entranhas de sua cidade.

Certains ont même peur de ce qui peut sortir de ce boyau intestin : des populations extérieures devenues à risque à force de précarité et qui, pense-t-on, avaient moins de facilité à accéder au centre avant l'ouverture de la ligne.

Alguns até temem o que se pode sair dessa tripa intestinal: populações externas que se tornaram perigosas em virtude da precariedade e que presumidamente tinham menos facilidade de acesso ao centro antes da abertura da linha.

Le percement du tunnel serait vécu comme une brèche dans le barrage protecteur.

A escavação do túnel seria usada como uma brecha na barragem de proteção.

Cette réaction n'est pas propre à Brasília, mais elle circule bien par ici.

Essa reação não é exclusiva de Brasília, mas tem bastante eco por aqui.

- Ce n'est pas demain que les habitants du Plan Pilote profiteront du métro pour aller visiter les satellites !

- Não será amanhã que os habitantes do Plano Piloto vão aproveitar o metrô para visitar as cidades-satélites!

Le passager qui me fait face arbore un sourire capable d'éclairer un tunnel.

O passageiro à minha frente esboça um sorriso capaz de iluminar um túnel.

La vivacité le fait briller.

Sua vivacidade o ilumina.

Il est jeune et pétille.

Ele é jovem e reluzente.

C'est ma manie de noter le moindre détail du trajet qui l'incite à m'aborder.

É esta minha mania de observar cada detalhe do trajeto que o leva a se aproximar de mim.

Ça l'amuse.

Isso o diverte.

- Enfin, quand je dis Brasília, il faut s'entendre.

- Enfim, quando pronuncio a palavra Brasília, é preciso fazer uma distinção.

Aller à Brasília, en principe c'est se rendre au Plan Pilote.

Ir a Brasília, em princípio, significa ir ao Plano Piloto.

Mais moi, je me sens de Brasília car je vis dans le District Fédéral.

Eu me sinto brasiliense porque moro no Distrito Federal.

Quand, loin de chez moi, je réponds que je suis de Brasília, les gens expriment du respect :

Quando, longe de casa, respondo que sou brasiliense, as pessoas me respeitam:

Ah vous êtes de Brasília, alors vous êtes le voisin du Président !

Ah, você é de Brasília, logo é vizinho do presidente!

On nous imagine faisant nos courses avec les ministres.

Imaginam que fazemos nossas compras com os ministros.

La capitale paraît un eldorado perché sur le Plateau Central.

A capital parece um El Dorado suspenso sobre o Planalto Central.

Oui, nous avons à notre portée beaucoup de monuments et d'espaces grandioses, des musées.

É verdade que temos acesso a muitos monumentos e espaços grandiosos, museus.

Malheureusement la convivialité n'est pas liée à ces lieux mais aux centres de consommation.

No entanto, infelizmente o convívio não se dá nesses lugares, e sim nos centros de consumo.

Pour un habitant des satellites, la cathédrale n'est pas un espace d'identification à la ville.

Para um habitante das cidades-satélites, a catedral não é um espaço de identificação com a cidade.

Elle n'est pas un sanctuaire pour lui, il n'y va pas.

Não é seu santuário. Ele não a frequenta.

Comprenez : les transports sont chers et laissent à désirer.

Entenda: o transporte é caro e deixa muito a desejar.

Le métro s'arrête à huit heures le soir, et la dépense mensuelle en tickets de bus pour aller travailler peut engloutir le tiers du salaire minimum brésilien.

O metrô fecha às oito da noite[1], e o gasto mensal com passagens de ônibus para o trabalho pode consumir até um terço do salário-mínimo brasileiro.

1: Atualmente os horários são diferentes.

Le calcul est vite fait.

O cálculo é feito rapidamente.

Les gens de satellites ne profitent pas de la richesse culturelle de Brasília en fin de semaine.

Os habitantes das cidades-satélites não aproveitam a riqueza cultural de Brasília nos finais de semana.

Ils restent en périphérie et pratiquent le culte du botequim, de la buvette où l'on se rencontre pour boire.

Eles ficam na periferia e praticam o culto ao botequim, botecos onde as pessoas se reúnem para beber.

Terminus place de l'Horloge.

Estação final da Praça do Relógio.

Taguatinga est une ville sans grâce, définie par quatre parallèles étirées, coupées de nombreuses perpendiculaires.

Taguatinga é uma cidade sem graça, definida por quatro compridos paralelos, cortados por várias perpendiculares.

L'avenue commerciale longe un alignement de boutiques sur des kilomètres, et des bars se cognent les uns aux autres dans le périmètre nocturne.

A avenida comercial abriga por quilômetros um enfileiramento de lojas, e os bares se aglutinam uns aos outros no perímetro noturno.

C'est une ville aux formes abandonnés à la logique du négoce et du logement rapide, devenue industrieuse, entreprenante et grosse : la douzième ville du Brésil.

É uma cidade cujas formas se renderam à lógica do comércio e da habitação acelerada, tornando-se industrial, empreendedora e grande: a décima segunda cidade do Brasil.

Taguatinga, laide et nerveuse, vibre et vit.

Taguatinga, feia e nervosa, vibrante e viva.

Elle compte des immeubles libres de leur hauteur et des villas grillagées jusqu'au ciel.

Possui prédios sem limite de altura e habitações totalmente gradeadas.

Mon compagnon de voyage habite ici.

Meu companheiro de viagem mora aqui.

Il s'appelle Marcelo.

Chama-se Marcelo.

Il est fils de candango.

Filho de candango.

Nous buvons deux bières plutôt qu'une, le temps de refaire l'ascension d'un enfant de la seconde génération devenu professeur, assesseur international d'une ONG.

Bebemos duas cervejas em vez de uma, o tempo de saber mais sobre a ascensão de uma criança da segunda geração que se tornou professor e agente internacional de uma ONG.

- Nous habitions à Núcleo Bandeirante, dans le secteur de Vila do Kerozene[1].

- Morávamos no Núcleo Bandeirante, na região da Vila do Kerozene.

1: Erro do autor. O correto é "Morro do Querosene".

Notre maison en bois était située près de l'aéroport.

Nossa casa de madeira ficava perto do aeroporto.

Une rivière passait non loin.

Um rio não passava longe.

C'est bien.

Era boa.

Trop bien.

Muito boa, aliás.

Nous avons été expulsés de nos baraques au nom de la construction d'un projet chic nommé Park Way.

Fomos expulsos de nossos barracos em nome da construção de um projeto chique chamado Park Way.

Un camion est venu nous ramasser, tous ceux du quartier qui gênaient.

Um caminhão veio recolher todos aqueles da vizinhança que estavam atrapalhando.

On a entassé les meubles sur le plateau et le chauffeur nous a déposés à Ceilândia, sous le ciel, avec nos affaires dans la poussière.

Empilhamos os móveis na carroceria e o motorista nos descartou em Ceilândia, no meio do nada, com nossas coisas misturadas à poeira.

Autour de nous s'étalait la brousse.

À nossa volta era só mato.

Pas d'eau, pas de rues, pas d'égouts.

Sem água, sem ruas, sem esgoto.

Quatre piquets marquaient notre terrain.

Quatro estacas marcavam nosso terreno.

Des clous traînaient par terre, mon frère s'est piqué, il a failli attraper les tétanos.

Cheio de pregos jogados pelo chão, meu irmão chegou a pisar em um, quase pegou tétano.

Nous étions révoltés.

Ficamos revoltados.

Mais les personnes déposées-là étaient des gens simples.

Mas as pessoas descartadas ali eram gente simples.

Comme le terrain leur était octroyé en échange de loyers légers, ils acceptaient leur sort, séduits par l'idée d'accéder à la propriété, même d'un mouchoir de poussière.

Como o terreno lhes foi dado em troca de aluguéis baratos, elas aceitaram seu destino, seduzidas pela ideia de possuir uma propriedade, ainda que minúscula e poeirenta.

Ça s'est passé en 1972.

Isso aconteceu em 1972.

En une journée, les hommes construisirent un abri collectif pour entreposer les biens, avant de monter nos propres maisons.

Em apenas um dia, os homens construíram um abrigo coletivo para armazenar as mercadorias, antes de montar nossas próprias casas.

Mon père fut le premier à creuser un puits.

Meu pai foi o primeiro a cavar um poço.

Nous n'avions pas d'eau.

Não tínhamos água.

Un camion citerne passait régulièrement mais ça ne suffisait pas à nos besoins.

Um caminhão-tanque passava regularmente, mas isso não bastava para nossas necessidades.

Nous étions obligés de faire dix kilomètres pour chercher de l'eau.

Éramos obrigados a percorrer dez quilômetros para buscar água.

La vie devenait infernale.

A vida se tornava infernal.

À cause du puits, il y eut la queue devant chez nous, et mon père dut souvent en fermer l'accès car la surconsommation nuisait à la pureté de l'eau.

Por causa do poço, havia fila em frente à nossa casa, e meu pai frequentemente tinha que impedir o acesso já que o consumo excessivo deteriorava a pureza da água.

Il fallait la laisser reposer.

Era preciso deixá-la descansar.

Six mois après cette déportation, mon père et mon oncle perdirent leur emploi.

Seis meses após essa deportação, meu pai e meu tio perderam o emprego.

La ville était presque achevée.

A cidade estava quase terminada.

La majorité des ouvriers fut renvoyée sans compensation.

A maioria dos trabalhadores foi demitida sem indenização.

Le pouvoir des généraux se fichait pas mal des droits sociaux ; il n'espérait qu'une chose, c'est que les candangos s'en aillent, qu'ils débarrassent le Plateau Central.

O poder dos generais não dava a menor importância aos direitos sociais; ele só queria uma coisa, que os candangos fossem embora, que abandonassem o Planalto Central.

Mais personne ne pensait à partir.

Mas ninguém pensava em ir embora.

Les ouvriers voulaient donner une chance à leurs enfants.

Os trabalhadores queriam dar uma chance aos filhos.

Même au chômage, ils tenaient à demeurer près de l'éducation.

Mesmo desempregados, queriam ficar perto das escolas.

Mon père est resté un an sans emploi.

Meu pai ficou desempregado por um ano.

Ma mère, assistante sociale, s'est retrouvée soutien d'une famille de sept membres, plus six cousins.

Minha mãe, que trabalhava como assistente social, foi responsável por sustentar uma família de sete pessoas, além de seis primos.

Elle a donné son sang pour nous tant elle s'est usée au travail.

Ela deu o sangue por nós de tanto trabalhar.

Mes sœurs se plaçaient comme domestiques pour l'aider.

Minhas irmãs trabalhavam como empregadas domésticas para ajudá-la.

À la fin, nous avons tous réussi.

No final, todos vencemos na vida.

Sûrement pas grâce au gouvernement, mas grâce à ma mère.

Certamente não graças ao governo, mas graças à minha mãe.

Mon père refuse de parler de ça.

Meu pai se recusa a falar sobre isso.

Comme tout le monde, il était venu avec un rêve, il adorait Juscelino, mais par la suite, il a eu le sentiment d'être trahi.

Como todo mundo, ele veio com um sonho, adorava Juscelino, mas, no fim, se sentiu traído.

Alors, pour ne pas rester inactif, il acheta une barque et un petit terrain traversé par une rivière.

Assim, para não ficar inativo, comprou um barco e um pequeno terreno atravessado por um rio.

Il se mit à extraire du sable pour la construction.

Lá ele extraia areia para construção.

Tout marcha bien jusqu'à ce qu'une tempête détruise la barque.

Tudo ia bem até que uma tempestade destruiu o barco.

Toutefois, par un bon retour du sort, il gagna à la loterie.

Contudo, a sorte bateu mais uma vez à porta e ele ganhou na loteria.

Il acheta un camion, une nouvelle barque et recommença son affaire de sable.

Comprou um caminhão, um barco novo e recomeçou seu negócio de areia.

Ma mère était fâchée, elle voulait plutôt investir dans l'immobilier pour constituer des réserves.

Minha mãe ficou com raiva. Sua vontade era investir em imóveis para gerar uma reserva financeira.

Mes parents ont failli divorcer quinze fois.

Meus pais quase se divorciaram quinze vezes.

C'est aussi cela l'effet de la précarité.

Esse também é o efeito da precariedade.

En fait ils vont bientôt fêter leurs noces d'or.

Na verdade, em breve eles celebrarão suas bodas de ouro.

Ma famille a réussi grâce à Brasília.

Minha família venceu na vida graças a Brasília.

Ici j'ai pu aller à l'école de langues, apprendre le français, l'anglais.

Aqui eu pude frequentar a escola de línguas, aprender francês, inglês.

C'est vrai, on a plus de chance qu'ailleurs de progresser.

Não posso negar que, em comparação a outros lugares, temos mais chances de progredir.

C'est à Brasília qu'on remarque la plus grande densité de certifiés ; les gens vouent un culte aux études.

É em Brasília que contamos com o maior número de pessoas com diplomas; o povo valoriza os estudos.

Même un enfant de pauvre qui fait des efforts, peut s'en sortir.

Mesmo o filho de um pobre que se esforça pode vencer.

De gros efforts, je reconnais, car les cours du soir privés sont chers.

Com muito esforço, admito, porque as aulas particulares ministradas à noite são caras.

On paie le prix fort pour s'élever.

Pagamos um alto preço para ascender.

6

Il ne pleut toujours pas.

E nem sinal da chuva.

L'humidité est au plus bas, le gazon au plus rare.

A umidade está em seu nível mais baixo, a grama em seu nível mais raro.

Les cigales stridulent depuis une bonne semaine.

Já faz uma semana que as cigarras cantam.

En principe, la pluie ne résiste pas à cet appel.

A princípio, a chuva não resiste a esse chamado.

Cette année, elle est sourde.

Este ano, ela está surda.

Pourtant, je peux t'affirmer que les cigales de Brasília craquettent de façon intempestive à longueur de journées.

Porém, posso dizer que as cigarras de Brasília zumbem indecorosamente o dia todo.

L'oreille de l'étranger se dresse, croyant capter un concert d'avertisseurs automobiles répandant dans la ville une rageuse protestation.

O estrangeiro fica de orelha em pé, acreditando captar um concerto de buzinas de carros que promove um furioso protesto pela cidade.

- Vous n'y pensez pas ! rétorqueront les natifs.

- Você está de brincadeira! responderão os nativos.

Vous n'avez pas lu les panneaux indiquant :

Você não viu as placas que indicam:

« Ne klaxonnez pas car à Brasília nous n'aimons pas le bruit ! »

"Não buzine porque em Brasília não gostamos de barulho!"

Je peux te dire que les cigales se moquent des interdits, des traditions et du protocole.

Posso lhe dizer que as cigarras não estão nem aí para as proibições, tradições e protocolo.

Maria Coeli, la cinéaste, m'avouait ne pouvoir filmer que la nuit à l'époque des cigales.

Maria Coeli, a cineasta, me confessou que só podia filmar à noite durante a estação das cigarras.

Seule l'obscurité leur cloue le bec.

Somente a escuridão silencia a cantoria.

La reine d'Angleterre n'y pas parvenu.

Nem a rainha da Inglaterra conseguiu calá-las.

Maria m'a raconté que la souveraine vint à Brasília en 1967.

Maria me contou que a soberana veio a Brasília em 1967.

Son mari diplomate inscrivit la visite d'une école au programme.

Seu marido diplomata acrescentou ao programa uma visita a uma escola.

Tout était réglé dans les moindres détails.

Tudo foi organizado nos mínimos detalhes.

Sauf un : le ronflement constant des cigales.

Exceto um: o canto constante das cigarras.

Au moment du discours, la reine irritée exigea d'un ton sans réplique :

Na hora do discurso, a rainha, irritada, exigiu sem resposta:

- Arrêtez cette machine que je puisse parler !

- Desliguem esta máquina para que eu possa falar!

- Majesté, je crains que ce ne soit pas possible, c'est la nature qui s'exprime, il est difficile de la faire taire.

- Majestade, acho que não será possível, é a natureza se exprimindo, e silenciá-la é difícil.

Décidément, la cigale est un animal à fables.

Decididamente, a cigarra é um animal das fábulas.

À propos de pluie, je dois rencontrer un homme capable de la convaincre de se montrer favorable aux humains.

Quanto à chuva, tenho que encontrar um homem capaz de convencê-la a se mostrar favorável aos homens.

Il n'est pas chamane sauf si nous associons les poètes comme lui à ces êtres providentiels qui ont pour mission de réparer les désordres d'une société.

Não se trata de um xamã, a menos que associemos poetas como ele a esses seres providenciais cuja missão é reparar as desordens de uma sociedade.

J'ai entendu à la télévision son billet de libre pensée.

Ouvi na televisão sua mensagem de pensamento livre.

Il adressait une oraison à l'eau du ciel intitulée :

Ele dirigia uma oração à água do céu intitulada:

« La célébration du Sertanejo high-tech qu'est le Brasiliense vivant dans la poussière et l'espérance des pluies ».

"A celebração do Sertanejo high-tech, este brasiliense que vive entre a poeira e a esperança das chuvas".

Extraits.

Trecho.

« Le Brasiliense n'a pas délaissé la brousse.

"O brasiliense não abandonou o sertão.

Il a érigé de beaux bâtiments, il ne se déplace plus en camion, il vole en jet, roule en carrosses à chevaux multiples, vit dans une ville classée, mais quand la terre se fend, que le soleil éclate et que la poussière se transforme en cette neige qui brûle, le Brasiliense se souvient dans sa chair, ses yeux, sa peau, qu'il habite la brousse intérieure du Brésil...

Ele ergueu belos edifícios, abandonou o caminhão, voa em jatos, anda em carruagens com motor de vários cavalos, vive em uma cidade tombada, mas quando a terra se fende, o sol queima e a poeira se transforma nesta neve que arde, o brasiliense sente em sua carne, em seus olhos, em sua pele, que ele vive no sertão do Brasil...

Le Brasiliense, aujourd'hui, rêve de l'eau du ciel.

O brasiliense hoje sonha com a água que vem do céu.

Un ruisseau à tous les coins.

Um riacho em cada esquina.

Volonté de rivière pleine, de table abondante et de pluies en tous genres.

Desejo de um rio cheio, comida farta e todo tipo de chuva.

Pluie tatillonne ou colérique pour qu'elle mouille le riche, le pauvre, le plus ou moins pourvu ou le nanti.

Chuva minuciosa ou raivosa, que molha o rico, o pobre, o mais ou menos provido ou o abastado.

Pour qu'elle tombe sans étalage et bénisse notre peu qui brûle.

Que ela caia sem ostentação e abençoe nossa pele ardente.

Pour qu'elle se mêle au sel de la sueur et montre combien ce ciel sait rire à grandes gouttes qui lavent la terre.

Que ela se misture com o sal do suor e mostre como este céu sabe rir com grandes gotas que lavam a terra.

Que la première pluie soit juste, sans cette force qui laisse les gens blessés, casse le peu qui reste aux sans-toit, aux sans abri.

Que a primeira chuva seja justa, sem essa força que fere o povo e maltrata o sem-teto, o desvalido.

Que la pluie soit neuve, douce et pure, qu'elle fasse jaillir et rénove comme savent le faire les choses bonnes, alliées à la vie. »

Que a chuva seja nova, doce e pura, que jorre e se renove à maneira das coisas boas da vida."

Cet homme ne s'adresse pas seulement à la pluie.

Este homem não se dirige apenas à chuva.

Il exerce ses pouvoirs de poète à l'encontre de tous ceux qui abusent de leur pouvoir de nuisance.

Ele invoca seus poderes de poeta contra todos aqueles que abusam de seu poder para fazer o mal.

C’est un journaliste calme et doux dont les mots acérés vont droit au but.

É um jornalista calmo e gentil, cujas palavras duras vão direto ao ponto.

Les manipulateurs le craignent car, pour lui, un journal sert à avertir et à penser.

Os manipuladores o temem porque, para ele, um jornal serve para alertar e pensar.

La ville le connaît sous les doubles lettres de son prénom :

A cidade o conhece pelas letras duplas de seu primeiro nome:

TT.

TT.

Certains de ses articles ont modifiés le cours des choses.

Alguns de seus artigos mudaram o curso das coisas.

TT Catalão, carioca séduit par Brasília, a déjà son nom imprimé dans les livres d’Histoire.

TT Catalão, um carioca seduzido por Brasília, já tem seu nome impresso nos livros de história.

J’ai rendez-vous avec lui au studio du département des études musicales de l’Université.

Tenho um encontro com ele no estúdio do Departamento de Estudos Musicais da Universidade.

Il doit y enregistrer un texte devenu célèbre qu’il écrivit en 1984 pour percer le nuage d’obscurantisme et faire pleuvoir le droit à la liberté.

Lá ele deve registrar um texto famoso que escreveu em 1984 para furar a nuvem do obscurantismo e fazer chover o direito à liberdade.

Ce conte urbain mérite d’être raconté.

Este conto urbano merece ser contado.

Accorde-moi juste un instant.

Mas só um momento.

Je fais un détour par le « mille-pattes ».

Preciso fazer um desvio pela centopeia, aqui chamada de “minhocão”.

C’est par ce petit nom, minhocão, que Brasília désigne sa grande université publique.

É por esse nome espirituoso que Brasília se refere à sua grande universidade pública.

Encore une œuvre d’Oscar Niemeyer et pas la moins originale !

Mais uma obra de Oscar Niemeyer e não menos original!

Vue du ciel, on dirait deux trains de sept cent vingt mètres qui font la course en parallèle dans une courbe.

Vista do céu, parece dois trens de setecentos e vinte metros que correm em paralelo em uma curva.

De plus près, on comprend mieux la comparaison avec le myriapode.

Mais de perto, entendemos melhor a comparação com o miriápode.

Ces bâtiments bas et jumeaux se singularisent par une infinitude de portiques transversaux.

Estes edifícios baixos e gêmeos distinguem-se por uma infinidade de pórticos transversais.

Un toit plat sans fin s’appuie sur ces (mille) pattes en béton et couvre à la fois les salles, les laboratoires et des jardins intérieurs aussi étendus que la double structure.

Um telhado plano sem fim se apoia sobre essa centopeia de concreto e cobre de uma só vez as salas, os laboratórios e os jardins internos tão extensos quanto a estrutura dupla.

J’émets un soupir admiratif.

Suspiro de admiração.

Ça me plaît, à première vue bien sûr, sans savoir si l'extravagance du geste architectural aide ou nuit à l'usage.

À primeira vista, gosto do que vejo, sem saber se a extravagância do gesto arquitetônico ajuda ou atrapalha o uso.

Pas le temps de vérifier.

Sem tempo para verificar.

Au studio, TT Catalão balance dans le micro sa harangue comme un souffleur de jazz.

No estúdio, encontro TT Catalão ritmando no microfone seu discurso solene como um saxofonista de jazz.

Les sonorités verbales swinguent :

As sonoridades verbais suingam:

- Um... dois... três... já... um, dois, direitas[1] já já já já janelas abertas já já já jazidas pro jeca, já, já, já, jázigo[2] pros juros...

- Um... dois... três... já... um, dois, diretas já já já já janelas abertas já já já jazidas pro jeca, já, já, já, jazigo pros juros...

1: Erro ortográfico no original. Trata-se aqui de "diretas já"; 2: Erro ortográfico no original.

Ouvrez les fenêtres ! éructe le poète, là !

Abram as janelas! brada o poeta!

Maintenant !

Agora!

Tout de suite !

Imediatamente!

Ça fait vingt ans que la dictature obstrue les issues.

Faz vinte anos que a ditadura impede as saídas.

Ouvrez les fenêtres !

Abram as janelas!

Aujourd'hui, pas demain !

Hoje mesmo, não deixem para amanhã!

Ça sent le renfermé.

Sente-se ainda o cheiro de mofo.

On veut jouir de nos droits, et la jouissance n'attend plus.

Queremos desfrutar de nossos direitos, e o gozo não pode mais esperar.

Ouvrez les fenêtres, vite, et battez les casseroles !

Abram as janelas, rápido, e batam as panelas!

En 1984, le Brésil attend le rétablissement de l'élection du Président de la République au suffrage universel.

Em 1984, o Brasil ansiava pelo restabelecimento da eleição para Presidente da República por sufrágio universal.

Il devient impossible d'espérer plus longtemps le retour des droits élémentaires :

É inaceitável esperar por mais tempo pelo retorno dos direitos básicos:

Direitas já !

Diretas já!

Mais la dictature connaît un soubresaut, joue les prolongations : c'est le rideau de l'état d'urgence qui tombe au lieu du voile de la liberté qui se soulève.

Mas a ditadura é mestra em assaltos repentinos, sabe brincar com as prorrogações: é a cortina do estado de emergência que cai em vez do véu da liberdade que se ergue.

Il faut comprendre que Brasília a vécu plus que toute autre ville sous la menace de la chicote, métaphore d'une répression policière constante.

É preciso entender que Brasília viveu mais do que qualquer outra cidade sob a ameaça do chicote, metáfora da constante repressão policial.

Il était risqué d'y entrer en résistance.

Era arriscado se opor ao regime.

Néanmoins, au lendemain de cette nouvelle désillusion, en pleine vigueur autoritaire, TT Catalão publie un article :

No entanto, no dia seguinte a esta nova desilusão, em pleno vigor autoritário, TT Catalão publicou um artigo:

« les trompettes de Jéricho ».

"As trombetas de Jericó".

Il rappelle que même les murailles les plus épaisses tombent un jour, sapées par la clameur d'un peuple excédé et par le soutien des buccins.

Ele lembra que até as paredes mais grossas um dia desabam, minadas pelo clamor de um povo exasperado e pelo apoio das trombetas de guerra.

L'article précipite la révolte.

O artigo incita a revolta.

Réagissant à l'appel du journaliste, les gens de Brasília descendent dans la rue, armés de leur cuirasse automobile, pour faire retentir les klaxons de la colère.

Atendendo ao apelo do jornalista, os brasilienses saem às ruas, munidos de couraças de automóveis, para soar as buzinas da raiva.

Le boucan envahit la ville, atteint un pic sonore sous les fenêtres du Pouvoir.

A algazarra invade a cidade e atinge um pico sonoro sob as janelas do Poder.

Mais aucun édifice ne s'effondre.

Mas nenhum edifício desaba.

On voit seulement le général Newton Cruz perdre son sang-froid et fouetter la carrosserie de voitures arrogantes qui ont l'audace de lui trompeter au nez.

Só vemos o General Newton Cruz perder a paciência e ir ao encontro do grupo de carros atrevidos que tem a audácia de buzinar na cara dele.

L'autorité ne se fissure pas.

A autoridade não desmorona.

De cette ultime frustration naît le projet de la symphonie des klaxons, Sinfonia das Buzinas, une pièce pour avertisseurs et casseroles.

Desta frustração definitiva nasceu o projeto da Sinfonia das Buzinas, uma peça para cornetas e panelas.

Une « approche esthétique de la peur », selon son auteur, le compositeur Jorge Antunes.

Uma "abordagem estética do medo", segundo o seu autor, o compositor Jorge Antunes.

L'œuvre est préparée en secret, les consignes circulent sous le maillot.

A obra é preparada em segredo, as instruções circulam por baixo dos panos.

Le premier juin 1984, des milliers de manifestants (une source me dit trente mille, une autre huit mille...) se regroupent à l'arrière de la tour de télévision.

Em 1º de junho de 1984, milhares de manifestantes (uma fonte me diz trinta mil, outros oito mil...) se reuniram atrás da torre de TV.

Parmi eux, un certain Luís Inácio Lula da Silva, opposant en ces temps, devenu plus tard locataire du palais présidentiel de l'Aube.

Entre eles, um certo Luís Inácio Lula da Silva, opositor na época, que mais tarde se tornou inquilino do palácio presidencial da Alvorada.

Deux cent vingt-trois voitures sont rangées selon le ton de leur avertisseur ; les chauffeurs attendent de donner la voix, guidés par les indications de gigantesques panneaux :

Duzentos e vinte e três carros estão alinhados de acordo com o tom de sua buzina; os motoristas esperam para dar sua voz, guiados pelas indicações de gigantescos painéis:

DO-MI/SOL SI b.

DO-MI/SOL SI b.

Jorge Antunes, manches retroussés, cheveux hérissés, assure la direction d'orchestre à grands tours de bras, interpellant aussi les ailes instrumentales : sax, guitares, basses.

Jorge Antunes, de mangas dobradas, cabelos eriçados, rege a orquestra com gestos entusiasmados, chamando também à atenção as asas instrumentais: saxofones, violões, baixos.

Des sons électroniques se mêlent à la protestation.

Sons eletrônicos se misturam ao protesto.

Un magnétophone Revoux tourne.

Um gravador Revoux registra tudo.

Le morceau durera quarante-cinq minutes.

A peça vai durar quarenta e cinco minutos.

Un chœur chante les nouvelles exhortations de TT Catalão.

Um coro canta os novos apelos de TT Catalão.

Celles que j'entends proférer par l'auteur, en ce moment même, aux côtés de Jorge Antunes, dans le studio de l'université, à l'occasion du mixage de la symphonie des klaxons, qui sera enfin disponible en CD, vingt ans après.

Estes mesmos que ouço agora proferidos pelo autor, neste preciso momento, ao lado de Jorge Antunes, no estúdio universitário, por ocasião da mixagem da sinfonia de buzinas, que finalmente estará disponível em CD, vinte anos depois.

Il y a un jour pour le chasseur, un jour pour la casserole

Um dia é do caçador, outro é da panela

Ouvrez la fenêtre, battez les marmites

Abram a janela, batam as panelas

Qui nous tyrannisa, abusa, humilia, accabla,

A quem nos tiranizou, explorou, humilhou, oprimiu,

La raison décide, sonne, Brasília, sonne !

A razão decide, buzine, Brasília, buzine!

Voix, vote et veto !

Voz, voto e veto!

Brasília crie et les voitures approuvent en mugissant.

Brasília grita e os carros buzinam em aprovação.

Cet acte aura réuni « le sublime et l'utile à la frontière de la peur et de l'audace ».

Este ato terá unido "o sublime e o útil na fronteira do medo e da ousadia".

TT Catalão est un poète à qui l'on peut faire confiance.

TT Catalão é um poeta em quem se pode confiar.

La preuve : cet homme est capable de détourner son auto pour la garer près des grilleurs de poulets.

A prova: esse homem é capaz de desviar seu carro para estacioná-lo perto dos fornos de assar frango.

Il coupe son moteur pour humer les parfums que dégagent les rôtisseries alternatives, installés entre les deux chaussées d'une avenue près de Cruzeiro.

Ele desliga o motor para aspirar os aromas que emanam dessas rotisserias alternativas, instaladas entre as duas faixas de uma avenida próxima do Cruzeiro[1].

1: Região administrativa do Distrito Federal.

On peut attraper l'aile ou la cuisse par la fenêtre.

Você pode apanhar a asa ou a coxa pela janela do carro.

Voici un drive-in qui me plaît.

Eis um drive-tru do qual eu gosto.

Ces vendeurs amateurs des fins de semaines proposent la Skol gelée et pas de C.C. d'Atlanta.

Esses vendedores amadores de fim de semana vendem Skol gelada, não Coca-Cola de Atlanta.

Ensuite, le monument que TT choisit de me faire visiter n'est pas un site répertorié mais un temple parallèle.

Em seguida, o monumento que TT escolhe para me mostrar não é um local turístico, mas um templo paralelo.

La foire du Paraguay, le « marché des importés », est une vraie création populaire.

A feira paraguaia, o "mercado de importados", é uma verdadeira criação popular.

Il s'agit d'un vaste hangar avec des baraques à profusion.

Trata-se de um vasto hangar amarrotado de barracas.

La municipalité a préféré doter les sacoleros, « contrebandiers aux grands sacs », d'un périmètre fixe plutôt que les laisser planter leurs étals sur l'axe monumental ou sur un autre espace classé du centre.

O município preferiu dar aos sacoleiros, "contrabandistas com grandes sacos", um perímetro fixo para evitar que montassem suas barracas no eixo monumental ou em outra área tombada do centro.

Car on entre bien en contrebande à la Feira do Paraguay.

Porque na Feira do Paraguai estamos mesmo é contrabandeando.

Ici, tout est du Paraguay !

Tudo aqui vem do Paraguai!

Même les produits chinois.

Até os produtos chineses.

La mention veut dire qu'il y a doute sur la provenance.

O rótulo significa que há dúvida sobre a procedência.

Même si les beignets[1] sont délicieux, on prétendra en riant que l'huile de friture vient du camion.

Mesmo que os acarajés sejam deliciosos, para tirar um sarro vamos fingir que o óleo de fritura vem do caminhão.

1: Perguntamos ao autor a quais bolinhos estes "beignets" se referiam. Ele não soube definir, mas gostou da sugestão de "acarajé".

C'est la caverne des pirates devenue lieu de sortie couru.

É a caverna de piratas que se tornou um ponto de encontro popular.

Fut un temps où la classe moyenne avait honte de s'y fourvoyer.

Lá se foi o tempo que a classe média tinha vergonha de se emaranhar por aqui.

Désormais, il devient acrobatique de se frayer un chemin à travers la masse humaine qui obstrue les allées en fin de semaine.

Hoje em dia é missão acrobática abrir caminho pela massa humana que abarrota os corredores nos fins de semana.

Toutes classes dissoutes dans la même huile populaire, les sardines s'entassent et fraient.

Todas as classes se dissolvem no mesmo óleo popular, as sardinhas se acumulam e se reproduzem.

La zone est à la mode.

A zona está na moda.

Petit cours de Paraguay : ici, les Arabes tiennent le marché des équipements électroniques, les Coréens le secteur des lunettes et des bagages.

Apesar de ser um cantinho do Paraguai, aqui os árabes dominam o mercado de eletroeletrônicos, e os coreanos, o setor de óculos e malas.

Musique, cinéma et horlogeries sont aux mains des Brésiliens, en même temps que le trafic des saints et autres effigies pieuses en plastique.

Já os relógios, CDs e DVDs piratas são do domínio dos brasileiros, assim como o tráfico de santos e outras imagens de devoção de plástico.

TT et moi entamons la litanie des jus de fruits proposés comme une prière au génie de la nature brésilienne :

TT e eu encabeçamos a litania dos sucos de frutas oferecidos como forma de oração ao espírito da natureza brasileira:

abaxaci, açaï, acerola, caju, cacau, goiaba, graviola, manga, maracuja, morango, siriguela, umbu, laranja, cupuaçu...

abacaxi, açaí, acerola, caju, cacau, goiaba, graviola, manga, maracujá, morango, seriguela, umbu, laranja, cupuaçu...

On commande :

Pedimos:

- Deux fruits de la passion !

- Dois de maracujá!

TT est venu à Brasília à cause de la musique.

TT veio para Brasília por causa da música.

Il est resté par passion pour la ville.

Ficou na cidade por paixão.

J'ai oublié de te prévenir que Brasília se considère comme capitale du rock brésilien.

Esqueci de avisar que Brasília se considera a capital do rock brasileiro.

Je ne sais si la revendication est excessive ou pas, mais c'est vrai qu'un groupe y a bâti sa légende :

Não sei se a reivindicação é exagerada ou não, mas é verdade que uma banda construiu sua lenda aqui:

Legião Urbana mené par Renato Russo, son chanteur compositeur charismatique.

Legião Urbana liderada por Renato Russo, seu carismático cantor e compositor.

Cassia Eller, la diva écorchée, s'y est épanouie.

Cássia Eller, a diva pujante, também começou aqui.

Tous deux sont morts, mais déjà leurs noms sont associés à des centres culturels.

Ambos falecidos, mas seus nomes já nomeiam centros culturais.

La ville les revendique.

A cidade os reivindica.

La troisième capitale du Brésil a nourri une autre grosse machine du rock, Capital Inicial, encore en activité à l'heure où je pose ces lignes.

A terceira capital do Brasil alimentou outra grande máquina do rock, o Capital Inicial, que ainda está em atividade no momento desta redação.

TT poursuit :

TT continua:

- Je vivais bien à Rio mais sans perspectives.

- Eu vivia bem no Rio, mas sem perspectivas.

À Rio, la mer a perdu sa nature, les collines sont des murs.

Lá, o mar perdeu sua natureza, os morros viraram paredes.

Je n'ai jamais fait de la mer une condition d'existence.

Nunca fiz do mar uma condição de existência.

J'ai débarqué à Brasília en 1972 avec un groupe de musique en tournée.

Cheguei em Brasília em 1972 com uma banda em turnê.

Je confirme : toutes les musiques régionales se rencontraient là et se mélangeaient aux influences étrangères, ce qui faisait de la scène brasiliense un espace grand ouvert.

Posso garantir que todos os músicos regionais se encontravam aqui e se misturavam com as influências estrangeiras, o que fez da cena brasiliense um amplo espaço aberto.

Je fuyais la frivolité de Rio, son nombril énorme.

Eu fugia da frivolidade do Rio, do seu imenso egocentrismo.

Rio caresse les joues, c'est gentil, tout glisse.

O Rio acaricia as faces, é gentil, mas tudo lá me soa indiferente.

Je ne peux pas faire confiance à un politique carioca, surtout quand on est dans la clandestinité.

Não consigo confiar em um político carioca, principalmente quando você está na clandestinidade.

Mon père était cordonnier.

Meu pai era sapateiro.

J'ai hérité de lui la conscience de classe.

Herdei dele a consciência de classe.

Rio parlait mal de Brasília, depuis longtemps faisait campagne contre elle :

O Rio falava mal de Brasília e por muito tempo fez campanha contra ela:

- Les gens vont mourir de soif...

- As pessoas vão morrer de sede...

- Le téléphone ne fonctionnera pas

- O telefone não vai funcionar

- Le lac ne se remplira pas...

- O lago não vai encher...

On me disait :

Eu ouvia:

- Va vivre avec les Indiens !

- Vai morar com os índios!

Parlant d'Indiens, on a toujours croisé plus de militaires que d'autochtones à Brasília, mais, au temps de la dictature, la ville prit des allures de réserve aux issues surveillées.

Por falar em índios, sempre se cruzou mais com militares do que com índios em Brasília, mas durante a ditadura, a cidade ganhou o aspecto de uma reserva com saídas supervisionadas.

Néanmoins, il est temps de te dire une chose qu'on préfère chuchoter que clamer : ce sont les généraux qui ont sauvé Brasília.

Porém, preciso lhe dizer algo que as pessoas preferem sussurrar do que clamar: foram os generais que salvaram Brasília.

On doit le reconnaître.

Temos que reconhecer.

En 1964, quand ils prirent le pouvoir, Brasília n'était encore qu'un pari incertain dont la réussite dépendait de leur bon vouloir.

Em 1964, quando tomaram o poder, Brasília ainda era uma aposta incerta, cujo sucesso dependia da boa vontade deles.

Ils auraient pu la laisser se dégrader, vivoter.

Eles poderiam tê-la deixado se deteriorar, vegetar.

Au contraire, ils l'ont imposée.

Pelo contrário, eles a impuseram.

La ville leur plaisait.

A cidade os agradava.

C'est facile à comprendre :

É fácil de entender:

Brasília possède les vertus haussmanniennes d'une cité rapidement contrôlable.

Brasília tem as virtudes haussmanianas de uma cidade rapidamente controlável.

En cas d'insurrection, ses quatre portes peuvent être bouclées en un tour de main et les services de l'ordre déployés en un clin d'œil.

No caso de uma revolta, suas quatro portas podem ser trancadas com um simples virar das chaves e os órgãos de segurança chamados a ação em um piscar de olhos.

TT confirme :

TT confirma:

- J'avais peur de cet enfermement.

- Tinha medo desse aprisionamento.

À Rio, on s'échappait par des trous comme de rats, pas à Brasília.

No Rio, escapamos por buracos como ratos, não em Brasília.

Par ailleurs la vastitude de l'axe monumental dissuade les manifestations : cinq ou dix mille opposants se dissolvent dans l'espace, ne se voient pas, ne comptent pas, n'influencent pas.

Além disso, a vastidão do eixo monumental desestimula as manifestações: cinco ou dez mil oponentes se dissolvem em meio ao espaço, não são vistos, não contam, não influenciam.

En bref, cette ville rêvée par un urbaniste marxiste donnait entière satisfaction à un gouvernement d'extrême droite.

Em suma, esta cidade sonhada por um urbanista marxista satisfez totalmente um governo de extrema direita.

Le général Castelo Branco s'y installa derechef malgré le confort encore spartiate des palais.

O general Castelo Branco voltou a se instalar aqui apesar do conforto ainda espartano dos palácios.

Toutefois, le ministère des Affaires étrangères fonctionnait encore à Rio en 1965 et les ambassades reportaient leur déménagement aux calendes grecques.

No entanto, o Ministério das Relações Exteriores ainda funcionava no Rio em 1965 e as embaixadas deixavam sua mudança para as calendas gregas[1].

1: A expressão "deixar para calendas gregas" é o mesmo que deixar para uma data muito distante, adiar a solução de alguma coisa para um tempo que nunca há de vir.

Le gouvernement brésilien prévint alors sans ménagement qu'il ne garantissait plus la sécurité ni l'immunité des services diplomatiques restant à Rio.

O governo brasileiro anunciou por fim e sem rodeios que não mais garantiria a segurança ou imunidade dos serviços diplomáticos que permanecessem no Rio.

L'injonction fut bien entendue.

A liminar foi ouvida.

La délocalisation des ambassades commença à partir de 1969.

A realocação das embaixadas começou em 1969.

L'avenir de Brasília était assuré.

O futuro de Brasília estava garantido.

Et si l'avenir de Brasília est assuré, alors je peux rentrer, rassuré.

E se o futuro de Brasília está garantido, posso ir para casa, tranquilo.

Je quitterai la ville par la voie des airs.

Deixarei a cidade por via aérea.

Le céleste sera donc mon ultime rapport d'enquête.

O celestial será, portanto, meu último relatório investigativo.

La dictature eut de nombreuses conséquences : l'une, conclut TT Catalão, est d'avoir tué l'espérance politique dans la jeunesse et amoindri les consciences.

A ditadura teve muitas consequências: uma delas, conclui TT Catalão, é ter matado a esperança política na juventude e enfraquecido a consciência.

Une autre est d'avoir consacré la vocation mystique de Brasília.

Outra é ter promovido a vocação mística de Brasília.

J'ai souvent entendu dire :

Ouvi muitas vezes dizer:

- Imaginez vingt ans de dictature au milieu du cerrado.

- Imagine vinte anos de ditadura no meio do cerrado.

Que faire d'autre sinon se tourner vers Dieu ?

O que mais fazer a não ser recorrer a Deus?

Le ciel fut la seule issue de secours du peuple.

O céu era a única rota de fuga para o povo.

Les pauvres raisonnent ainsi :

Os pobres pensavam assim:

- Moi qui n'ai ni pouvoir ni argent, ni relations, j'ai au moins le pouvoir de parler à Dieu et ça maintient mon espoir d'avoir un jour de l'argent et des relations.

- Eu, que não tenho poder, nem dinheiro, nem ligações, pelo menos tenho o poder de falar com Deus e isso mantém minha esperança de um dia ter dinheiro e ligações.

L'imaginaire brésilien, tu le sais, est vaste.

A imaginação brasileira, você sabe, é vasta.

À Brasília, il est sans limite, le désir d'avènement de la société idéale reste insatiable.

Em Brasília, ela não tem limites, o desejo pela conquista da sociedade ideal continua insaciável.

Tous les intercesseurs sont requis pour faciliter la traversée du mur qui nous sépare du surnaturel : les saints médiateurs aussi bien que les esprits indiens ou les génies d'Afrique.

Todos os intercessores são procurados para facilitar a passagem do muro que nos separa do sobrenatural: de santos mediadores, a espíritos índios ou deuses da África.

Se rajoutent les extra-terrestres.

Há também os extraterrestres.

J'entends sérieusement parler de la progression vers notre planète d'une soucoupe ambulance volant au secours d'une humanité qui fomente son autodestruction.

Ouço falar seriamente sobre o avanço em direção ao nosso planeta de um disco voador em socorro de uma humanidade que promove sua autodestruição.

J'ai peu de précisions à te donner sur cet objet non identifié sauf ceci : sa circonférence aurait la taille du district et l'appareil serait équipé de compartiments pour soigner séparément les peuples terrestres aux humeurs incompatibles.

Tenho poucos detalhes para lhe dar sobre este objeto não identificado, exceto este: sua circunferência seria do tamanho do distrito federal e o aparelho seria equipado com compartimentos para cuidar separadamente de povos terrestres de temperamentos incompatíveis.

L'atterrissage est prévu à proximité de Brasília.

A aterrissagem está prevista para os arredores de Brasília.

Une aire macadamisée est déjà prête aux alentours de la ville élue d'Alto Paraiso dans l'état voisin du Goias.

Uma área asfaltada já está pronta nas proximidades de Alto Paraíso, a cidade eleita para o evento extraterrestre e situada no estado vizinho de Goiás.

Des guetteurs se relaient.

Os vigias se revezam.

Je note tout bruit qui court, je collectionne les rumeurs.

Observo todo e qualquer burburinho que circula, coleciono boatos.

Brasília est installée sur un socle de cristal.

Brasília está instalada sobre uma base de cristal.

Le plus gros bloc du Brésil serait enfoui sous la gare routière, Rodoviária.

O maior bloco do Brasil estaria enterrado sob a rodoviária.

La pureté de son sous-sol expliquerait la netteté de la communication avec l'invisible.

A pureza de seu subsolo explicaria a clareza da comunicação com o invisível.

Le cristal rend la vie plus claire.

O cristal torna a vida mais clara.

Les ancêtres se manifestent, les morts illustres parlent, les esprits supérieurs et inférieurs interviennent, les sectes pullulent, les églises croissent sous toutes leurs formes, évangéliques ou adventistes, internationale de la grâce de Dieu ou universelle du règne de Dieu : en tout 1348 communautés religieuses à la minute où je t'écris.

Os ancestrais se manifestam, os mortos ilustres falam, os espíritos superiores e inferiores intervêm, as seitas proliferam, as igrejas crescem em todas as suas formas, evangélicas ou adventistas, internacionais da graça de Deus ou universais do reino de Deus: no todo, já são 1348 comunidades religiosas enquanto lhe escrevo.

Sans doute davantage demain.

Sem dúvida haverá mais amanhã.

Encore un record !

Outro recorde!

J'entre dans la pyramide blanche du temple de la Bonne Volonté, tipi de marbre étincelant de l'amour universel.

Entro na pirâmide branca do Templo da Boa Vontade, uma tenda de mármore que irradia amor universal.

Ce parlement mondial de la fraternité œcuménique borde le cimetière principal, lui-même nommé « le champ de l'espérance ».

Este parlamento mundial da fraternidade ecumênica contorna o cemitério principal, ele próprio chamado de "campo da esperança".

« Qui croit en Jésus ne perd pas son temps ».

"Quem crê em Jesus não perde seu tempo".

Croyant ou pas, l'être de passage comme moi devra accomplir le parcours purificateur de la spirale du bien et du mal avant de quitter Brasília, différent, déchargé de ses scories.

Crente ou não, um ser de passagem como eu terá que cumprir o percurso purificador da espiral do bem e do mal antes de deixar Brasília, com o espírito diferente e livre de seus pecados.

Travail pratique pour qui veut apprécier la pluralité des rituels offerts dans la capitale.

Trabalho experimental para quem quer apreciar a pluralidade de rituais oferecidos na capital.

Le Brasiliense n'est pas âme à mettre tous ses vœux dans le même panier.

O brasiliense não é do tipo que coloca todas suas promessas em uma única cesta.

On dit de lui qu'il va volontiers le dimanche à l'église, le lundi à la pyramide, le mardi à une réunion spirite kardéciste et le samedi au Vale d'Amenhecer, « sous les yeux de la clairvoyance », dans la vallée du grand éclectisme religieux, près de Planaltina...

Dizem que aos domingos ele vai de bom grado à igreja, às segundas-feiras à pirâmide, às terças-feiras a uma reunião espírita kardecista e aos sábados ao Vale do Amanhecer, "sob os olhos da clarividência", no vale do grande ecletismo religioso, perto de Planaltina...

Commençons par la Bonne Volonté.

Comecemos pela Boa Vontade.

Les cases noires et blanches de deux spirales enlacées occupent la totalité du sol de la pyramide.

Os quadrados pretos e brancos de duas espirais entrelaçadas ocupam todo o piso da pirâmide.

Coule une musique d'ondes fraîches.

Ouve-se uma música de ondas suaves.

Je me déchausse et pose un pied sur la première case noire, porte du labyrinthe de nos émotions contradictoires.

Tiro os sapatos e coloco um dos pés no primeiro quadrado preto, a porta de entrada para o labirinto de nossas emoções contraditórias.

Un fidèle se frotte les mains, s'ébroue avant d'entamer sa marche.

Um fiel esfrega as mãos e se sacode antes de começar a peregrinação.

Ignorant des us, je m'apprête à l'imiter.

Como ignoro os costumes, me ponho a imitá-lo.

On progresse de préférence les bras ballants pour que les intentions néfastes s'écoulent le long du corps, se séparent de nous.

Caminhamos de preferência com os braços balançando para que os desejos nefastos fluam ao longo do corpo e se desprendam de nós.

Je pense : pourquoi la couleur noire se confond-elle encore avec l'idée du mal ?

Pergunto-me: por que a cor preta ainda é associada à ideia do mal?

Le pas ralentit au fur et à mesure qu'on approche du centre.

O ritmo diminui à medida que nos aproximamos do centro.

Je suis perturbé par la présence d'une statue baroque de Jésus qui ressemble plus à un chasseur wisigoth à l'affût qu'au bon pasteur.

Fico incomodado com a presença de uma estátua barroca de Jesus que mais parece um caçador visigodo à espreita do que o bom pastor.

Au centre du temple, sous le diamant de la conscience, le marcheur s'arrête sur une plaque de cuivre qui symbolise le col dans l'ascension vers le bien.

No centro do templo, sob o diamante da consciência, o caminhante interrompe o passo sobre uma placa de cobre que simboliza a transição rumo à ascensão do bem.

Le fidèle lève ou baisse la tête, selon son désir de capter la lumière ou d'avouer son humilité.

O fiel levanta ou abaixa a cabeça, conforme seu desejo de captar a luz ou de manifestar sua humildade.

Commence le retour, allégé, sur les dalles blanches.

Começa o retorno sobre os pisos brancos, alma já aliviada.

Il me faudra sans doute de nombreuses déambulations avant de contrôler mon esprit et ne pas le laisser s'évader vers une jolie pèlerine qui progresse en sens inverse, encore dans le noir.

Precisarei, sem dúvida, de muitas caminhadas antes de controlar minha mente e não a deixar escapar em direção a uma bela peregrina que avança na direção oposta, ainda sobre o piso preto.

Le voyage s'achève devant l'autel de « l'œuvre de Dieu », représenté(e) par les quatre éléments.

A viagem termina em frente ao altar da "obra de Deus", representada pelos quatro elementos.

Une sorte de samovar d'argent distribue de l'eau.

Uma espécie de samovar[1] de prata distribui água.

1: "Utensílio russo de uso doméstico, constituído de pequena caldeira provida de um tubo central no qual se colocam brasas para ferver e manter quente a água para o chá".

Que coule la paix !

Que a paz se faça presente!

Le refrain de l'argent coule trop ostensiblement dans les salles attenantes à la pyramide ; je n'ai pas envie d'y marchander ma paix.

O refrão do dinheiro, todavia, se faz bem mais presente nas salas adjacentes à pirâmide; não estou a fim de pechinchar minha paz.

Je saute une case et passe à une autre adresse.

Pulo uma casa e me dirijo a outro endereço.

Je ressens un frisson bleu en pénétrant dans le sanctuaire de Dom Bosco.

Sinto um arrepio azul ao adentrar o Santuário de Dom Bosco.

L'église consacrée au saint patron rêveur de la ville est posée au bord d'une artère active :

A igreja dedicada ao santo que sonhou a cidade e que é seu padroeiro fica em frente a uma avenida movimentada:

W3 sul, quadra 702.

W3 sul, quadra 702.

Je te donne la position précise de cet îlot du salut ; car je finis par me sentir comme un pêcheur perdu en cette mer d'absolu, alors que les Brasilienses, eux, cabotent sans problème de rivages prosélytes en phares de lumineuse promesse...

Eis a posição precisa desta ilhota da salvação; porque acabo por me sentir um pescador perdido nesse mar do absoluto, enquanto os próprios brasilienses costeiam sem problemas as margens do proselitismo com faróis de promessa luminosa...

Mais là, tout redevient calme et élevé, beau et serein, spirituel.

Mas lá, tudo volta a ser calmo e elevado, belo e sereno, espiritual.

L'église de Dom Bosco est un cube aux proportions harmonieuses, une nef unique à l'équilibre parfait.

O Santuário Dom Bosco é um cubo de proporções harmoniosas, uma igreja única e com o equilíbrio perfeito.

Les colonnes de béton sont si fines qu'elles dessinent d'un trait léger le contour des vitraux, flèches en verre de Murano, riches de douze teintes de bleu.

As colunas de concreto são tão finas que elas desenham com um traço leve o contorno dos vitrais, flechas de vidro de Murano, imponentes em doze tons de azul.

Quatre parois d'une unité si intense qu'on tombe en silence, que j'entre en moi pour la première fois.

Quatro paredes de uma unidade tão intensa que nos deixam sem voz. Mergulho em mim mesmo pela primeira vez.

Je n'ai pas été autant touché par un édifice religieux depuis ma visite à mosquée, bleue aussi, d'Istanbul.

A última vez que me senti tão tocado por um edifício religioso foi em minha visita à mesquita, também azul, em Istambul.

Clarice Lispector m'a précédé en ce lieu, il y a des annés, et elle aussi était demeurée « muette, assise sur un banc, ne pouvant croire que cela fut vrai ».

Clarice Lispector precedeu-me neste lugar, anos atrás, e também ficou "muda, prostrada num banco, não podendo acreditar que aquilo fosse verdade".

Elle ajoutait :

Ela testemunhou:

« Les vitraux ont la lumière d'une musique d'orgue ».

"Os vitrais têm a luz de uma música de órgão".

J'ai aimé ma rencontre avec Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Gostei do meu encontro com Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

C'est une église ample et sobre des quartiers riches du Lac Sud, peu indiquée aux visiteurs.

É uma igreja ampla e sóbria dos bairros ricos do Lago Sul, pouco sugerida aos visitantes.

Elle abrite une curieuse Passion du Christ réalisée par une artiste du Minas qui a fait le choix de Brasília malgré la reconnaissance de Rio.

Ela abriga uma curiosa Paixão de Cristo concebida por uma artista mineira que escolheu Brasília apesar do reconhecimento do Rio.

Marlène Godoy, influencée par des parents religieux, un père spirite, une mère catholique pratiquante, n'a cessé d'illustrer la pensée syncrétique du Brésil.

Marlene Godoy, influenciada por progenitores religiosos, pai espírita, mãe católica praticante, nunca deixou de ilustrar o pensamento sincrético do Brasil.

Son œuvre plastique est quasiment celle d'un médium qui parle la langue des esprits les plus divers.

Sua obra plástica é quase a de um médium que fala a língua dos espíritos mais diversos.

Elle se fait l'interprète de la force mystique de Brasília.

Ela é a intérprete da força mística de Brasília.

On peut voir son Tarot de Brasília au temple de boa Vontade et son Chemin de croix dans l'église du Perpétuel Secours.

Podemos contemplar seu Tarot de Brasília no templo da Boa Vontade e sua Via Sacra na Igreja do Perpétuo Socorro.

Au nombre de quinze, les stations du Christ sont toutes associées à un monument de la ville par l'opération d'un pieux jumelage entre Jérusalem et Brasília.

Divididas em 15, as estações de Cristo estão todas associadas a um monumento da cidade pela graça de uma devotada correspondência entre Jerusalém e Brasília.

Première station : la condamnation.

Primeira estação: a condenação.

Jésus, le front couronné d'épines, les mains liées, domine les coupoles du Congrès national et les tours jumelles, car « Jésus fut condamné par le congrès du monde... »

Jesus, portando na cabeça uma coroa de espinhos, as mãos atadas, domina as cúpulas do Congresso Nacional e das Torres Gêmeas, já que "Jesus foi condenado pelo Congresso do Mundo..."

Et ainsi de suite.

E assim por diante.

Jésus reçoit sa croix à la seconde étape : sa silhouette émerge du ministère de la Justice.

Jesus recebe sua cruz na segunda etapa: sua silhueta emerge do Ministério da Justiça.

Il tombe devant le palais de l'Aube (Palácio da Alvorada).

Cai em frente ao Palácio da Alvorada.

Rencontre sa mère sur une rive du lac, près de l'ermitage de Dom Bosco.

Encontra a mãe às margens do lago, próximo à ermida de Dom Bosco.

Reçoit l'aide de Simon, le candango, devant la première résidence en bois du président Kubitschek, le célèbre Catetinho.

Recebe ajuda de Simon, o candango, em frente à primeira residência de madeira do presidente Kubitschek, o famoso Catetinho.

Véronique l'attentive brandit le suaire au cœur de l'église Dom Bosco.

Verônica, a atenciosa, ergue o sudário no coração da igreja Dom Bosco.

Jésus tombe une seconde fois, au pied du palais Buriti.

Jesus cai pela segunda vez, aos pés do palácio do Buriti.

Il console les femmes de la terre près du ministère des Affaires étrangères « avec le désir de dissoudre les préjugés de couleur, de classe et de religion ».

Ele consola as mulheres da terra perto do Ministério das Relações Exteriores "com o desejo de dissolver preconceitos de cor, classe e religião".

Tombe pour la troisième fois au bord du bassin du Plateau.

Cai pela terceira vez na borda da bacia do Planalto.

Est dépouillé de ses vêtements aux abords de l'aéroport international, « où toujours les gens se séparent de quelque chose ».

É despojado de suas roupas perto do aeroporto internacional, "onde as pessoas sempre se separam de algo".

Est crucifié devant le Suprême Tribunal sur la place des Trois Pouvoirs.

É crucificado perante o Supremo Tribunal na Praça dos Três Poderes.

Meurt supplicié à côté de la Tour de télévision, objet de communication dont on attend toujours une bonne nouvelle.

Morre torturado próximo da Torre de TV, objeto de comunicação do qual ainda aguardamos uma boa notícia.

Son cadavre est descendu de croix sous le regard d'un indien « perplexe » du cerrado.

Seu corpo é retirado da cruz sob o olhar "perplexo" de um índio do cerrado.

La cathédrale d'Oscar Niemeyer lui sert de sépulcre : les anges suspendus le veillent alors que les gardes dorment.

A catedral de Oscar Niemeyer lhe serve de sepulcro: os anjos pendurados o velam enquanto os guardas dormem.

Marlène Godoy peint enfin le Christ ressuscité, souverain, triomphant, dressé au-dessus des pointes de la cathédrale : il brandit la bannière du Brésil !

Marlene Godoy finalmente pinta o Cristo ressuscitado, soberano, triunfante, erguido sobre os cumes da catedral: lá ele brande a bandeira do Brasil!

6

J'attends l'heure du départ.

Aguardo a hora de partida.

Un dimanche matin sous la tour de télévision.

Um domingo de manhã sob a torre de TV.

Je me remets d'un samedi de samba au Calaf où les filles dansent les fesses hautes en pantalons « gang ».

Estou me recuperando de um sábado de samba no Calaf, onde as meninas dançam de bumbum empinado em suas calças gang.

Je bois de l'eau de coco chez un débiteur noir de Salvador.

Bebo água de coco de um vendedor negro de Salvador.

J’éteins l’incendie.

Apago o incêndio.

Je mange des beignets dont l’huile « légale » ne sort pas du camion.

Como acarajés cujo óleo “aprovado pela Anvisa”[1] não sai do caminhão.

1: Adaptação para familiarização da frase por parte do leitor brasileiro.

Je regarde voler les cerfs-volants.

Vejo as pipas no alto.

La base de la flèche métallique est cernée par les baraques en bois du marché de l’artisanat, la foire des hippies, comme on l’appelle ici.

O entorno da torre de metal é circundado pelas barracas de madeira da feira de artesanato, a feira hippie, como é chamada por aqui.

Il y a foule.

Está lotada.

C’est un souk populaire aux allées couvertes par les volets relevés des boutiques.

É tipo um mercado árabe com corredores cobertos pelos toldos abertos das lojas.

On y achète poteries, meubles, tableaux naïfs, figurines de saints, maillots, chapeaux et casquettes en paille, jouets en bois, courtepointes, rideaux, nappes au crochet, fleurs séchées du cerrado ou en plastique de Chine, tabliers brodés, lampes, minéraux, bijoux et pendeloques, pendentifs sonores pour vent complice, enseignes gravées pour débits de boisson moralisateurs :

Lá pode-se comprar cerâmicas, móveis, pinturas de arte popular, estátuas de santos, trajes de banho, bonés e chapéus de palha, brinquedos de madeira, colchas, cortinas, toalhas de mesa de crochê, flores secas do cerrado ou de plástico da China, aventais bordados, lâmpadas, pedras, joias e penduricalhos, sinos dos ventos, letreiros moralizantes para dívidas de bar:

« Le crédit est comme la barbe, si on ne le coupe pas, il croît. »

“A dívida é como a barba, se não cortar, ela cresce.”

Autre avertissement du même tonneau :

Outro aviso do mesmo tipo:

« Est mort dans cet établissement monsieur Crédit, laissant une veuve, madame Ardoise, et ses deux fils, Achat et Règlement. »

"Morreu neste estabelecimento o senhor Crédito, deixando uma viúva, a senhora Dívida, e seus dois filhos, Compra e Pagamento."

Un autre verre de canne à sucre pressé.

Outro copo de caldo de cana.

Plus un beignet.

Mais um acarajé.

J'ai bien le temps d'arriver à l'aéroport, ce lieu « où toujours les gens se séparent de quelque chose ».

Ainda tenho bastante tempo antes de ir para o aeroporto, este lugar "onde as pessoas sempre se separam de alguma coisa".

J'entends au loin les musiciens cariocas de la capoeira s'époumonant au bord du carré réservé à cette danse le dimanche matin de dix heures à midi, en lisière du parc de la Cité (Brasília reste bien ordonnée) :

Ouço ao longe os músicos cariocas da capoeira perdendo o fôlego na praça reservada a esta dança no domingo de manhã, das dez ao meio-dia, no parque da cidade (Brasília continua bem harmoniosa):

- La capoeira est notre vie, c'est notre nostalgie.

- A capoeira é a nossa vida, é a nossa nostalgia.

Nous ne sommes pas d'ici, nous sommes d'un autre pays.

Não somos daqui, somos de outro país.

Ma vie est la capoeira, capoeira est notre nostalgie...

Minha vida é a capoeira, capoeira é a nossa nostalgia...

Les Brasilienses trottent en sueur au bord du lac de la Cité.

Os brasilienses correm suados nas margens do lago da Cidade.

Les autos tamponneuses du Luna Park arborent au fronton une devise que j'approuve en ce lieu :

Os bate-bate do Luna Park estampam um lema em sua dianteira que aprovo de imediato:

« Tout enfant doit avoir accès à la culture ! »

"Toda criança deve ter acesso à cultura!"

La chaleur pèse de toutes ses griffes d'oiseau de proie.

O calor nos apanha com suas garras de ave de rapina.

La pluie minaude et tourne autour du Plateau Central.

A chuva faz manha e rodeia o Planalto Central.

On l'attend comme Asa Branca, la colombe de la chanson du Nordeste dont le retour des ailes blanches est signe d'allégresse.

Esperamos por ela como Asa Branca, a pomba da canção do Nordeste, cuja volta é um sinal de alegria.

Avant qu'il n'ôte pour toujours son grand chapeau de bouvier, Luis[1] Gonzaga, le maître du Forro, chantait :

Antes de tirar para sempre seu grande chapéu de cangaceiro, Luiz Gonzaga, o mestre do Forró, cantou:

1: Erro ortográfico no primeiro nome do célebre compositor e cantor brasileiro.

- Ça fait trois nuits qu'au nord luisent les éclairs, qu'Ailes Blanches entendant le rugissement du tonnerre bat déjà des ailes pour rejoindre mon Sertão.1

- Já faz três noites que pro norte relampeia, E a asa branca ouvindo o ronco do trovão, Já bateu asas e voltou pro meu sertão[1].

1: Letra da canção "A volta da Asa Branca" de Luiz Gonzaga.

Aï, aï, je cours joyeux, je vais surveiller la plantation...

Ai, ai, eu vou-me embora, vou cuidar da prantação...

La pluie s'en vient quand je m'en vais.

A chuva chega quando eu me for.

Mais j'ai appris ce que je voulais.

Mas aprendi o que queria.

Asa Branca te portera cette lettre au-delà de l'Atlantique.

A Asa Branca lhe levará esta carta do outro lado do Atlântico.

Une pluie de bonnes nouvelles de Brasília et de moi.

Uma chuva de boas-novas de Brasília e de mim.

Je t'embrasse, petite Leuk, linda flor do meu cerrado.

Um beijo, minha querida Leuk, linda flor do meu cerrado.

in Usages sociaux de la mémoire et de l'imaginaire au Brésil et en France.

in Usages sociaux de la mémoire et de l'imaginaire au Brésil et en France.

Textes réunis par Jean-Baptiste et présentés par François Laplantine et I. Pordeus – CREA (Centre de Recherche et d´Études Anthropologiques), P.U.L., Lyon 2001.

Textos compilados por Jean-Baptiste e apresentados por François Laplantine e I. Pordeus – CREA (Centro de Pesquisa e Estudos Antropológicos), P.U.L., Lyon 2001.

ENTREVISTA COM JEAN-YVES LOUDE

Entrevista presencial com o Jean-Yves Loude, em Beaujolais, França, em 2 de fevereiro de 2021.

1. Vous avez écrit deux livres sur le Brésil (« Planète Brasilia » et « Pépites Brésiliennes »). D'où vient la motivation pour parler de ce pays ?

Alors, la motivation pour moi de traverser l'Atlantique est venu d'abord de Brasilia. C'était une demande en fait. Au départ c'était pas une volonté propre, mais un défi qui m'a été posé en 2003 pour préparer l'année 2004 qui devait être une année de célébration du Brésil en France. Parce qu'en 2009 c'est la France au Brésil, en 2004 c'était le Brésil en France. À cette occasion mon éditeur historique qui s'appelle Actes Sud avait la volonté de sortir un très beau livre, un album, non, un livre d'art à base moderne, à base de bande dessinée, des photos d'archives et d'un texte original que les éditions m'ont confié. « Ah, bon, on a un écrivain qui est lusophone, qui a écrit déjà *Cap-Vert São Tomé* ». Bon, voilà, donc j'avais écrit à l'époque *Cap-Vert* et *Lisbonne : dans la ville noire*. Bon, pas encore *São Tomé*. « Et, bon, voilà, allez, est-ce que tu peux écrire le texte central du livre ? » À cette époque-là la fille qui dirigeait l'équipe de bande dessinée connaissait bien Brasilia. Elle y avait vécu toute son adolescence et donc je suis parti avec une réservation à l'hôtel Byblos, historique, pas trop cher pour le budget et puis des recommandations pour tous les gens qu'elle connaissait et qu'elle avait préparé, parce que je partais pas longtemps, une vingtaine des jours à peine. Donc il fallait qu'en vingt jours j'ai compris Brasilia, ce qui était très très très court. Et heureusement tout était préparé. Donc, mes rendez-vous étaient pris avec des gens qui avaient été acteur de l'histoire. Donc, des gens comme TT Catalão, comme la cinéaste qui a filmé l'histoire de Brasilia. Donc des repères dans la ville. Et puis, ma fois, bon, c'est notre habitude de faire des enquêtes et d'interviewer les gens et de chercher quelle est l'âme de la ville. Voilà comment c'est parti mon entrée au Brésil, s'est fait par la porte la plus étrange qu'on puisse imaginer, parce que le Brésil répond à un nombre d'images et de clichés invraisemblables, dont lesquels ne figure jamais Brasilia. Jamais ! Jamais ! Brasilia c'est sur une autre planète. C'est sur une autre planète et à Rio c'est pas la peine de parler de Brasilia, ou à São Paulo, ou à Belo Horizonte. Brasilia c'est pas le Brésil, c'est autre chose. Là on était en 2003, 2004, donc Brasilia n'avait pas encore fait sa percée définitive comme maintenant. Brasilia était encore soupçonnée de bizarreries, de lieux du pouvoir

qui exclut. Un lieu étrange, mais qu'en tout cas n'est pas le Brésil. Or quand nous sommes, Viviane et moi, arrivés à Brasília, on pouvait dire en 2004 qu'il avait déjà deux générations quand même depuis 60. Il y avait une génération de l'âge de 20 ans qui y était née. Il y avait des *brasilienses* qui sont nés à Brasília et qui ont fait la culture de Brasília. Donc qui revendiquent cette ville. Et c'est ce dont on s'est aperçu très vite c'est que ces jeunes-là étaient fiers de Brasília. « À Rio, il faut faire attention, parce qu'à Rio c'est dangereux. Regardez qu'ici à Brasilia vous êtes tranquilles. Voyez. C'est pas la violence Brasilia. » C'était le discours qu'on tenait à ce moment-là. Bon, on était sur nos gardes. On faisait attention ! Mas c'est vrai qu'à Brasilia je n'ai jamais en 2004 eu le moindre frisson d'inquiétude. C'est une ville où on se promenait dans les parcs, etc. Et nous étions-là, avec Viviane. C'était la demande des éditions Actes Sud et de cet album qui finalement n'aura pas lieu, c'était de savoir si cette ville imaginée, cette ville rêvée, cette ville politiquement intéressante par rapport à un équilibre Brésil, si elle dépassait le plan. Si c'était une ville qui était sur un plan d'architecte, d'urbaniste, ou si elle avait une vraie réalité. Donc, l'inauguration en 1960, on était en 2004, 24 ans (sic), un quart de siècle après. Est-ce que Brasília existe ? Voilà la question qui m'était posée. C'était le défi. Va vérifier si Brasília existe, parce que Brasília a fait la une des journaux en 1960, au moment de l'inauguration. « A bâtons rompus ». Construction à bâtons rompus. Là comme ça... Et puis 21 avril 1960, on inaugure cette ville. Bon, c'est très gentil, c'est beau. Est-ce qu'elle existe ? Est-ce qu'elle a une vie ? Est-ce qu'elle a une réalité ? Est-ce qu'elle est au-delà du reportage de Paris Match ? Est-ce qu'elle signifie quelque chose ? Est-ce que finalement les Brésiliens l'ont acceptée ? Ou est-ce que finalement il y a que les *brasilienses*, ceux qui y vivent, qui la revendiquent ? Voilà. Est-ce qu'il y a la vie humaine dans les intervalles ? Bon, une ville c'est pas fait que des monuments, c'est fait d'intervalles. Et, particulièrement, Brasilia est une ville où il y a beaucoup d'intervalles. Il y a du construit assez ample, mais donc il y a beaucoup d'intervalles. Et une ville c'est fait d'intervalles. Donc, est-ce que Brasília vit, est humaine dans les intervalles ? Voilà la réponse que je devais donner et j'avoue que c'est amusant vraiment dans notre histoire qui est liée à la lusophonie de rencontrer le Brésil par Brasilia. Je crois que c'était original. Original de rencontrer cette ville qui est peuplée des fonctionnaires de São Paulo, de Rio, mais qui a été fabriquée par des *candangos,* des travailleurs venus des régions les plus pauvres. Cette ville qui a été conçue par un plan comme ça, dessinée de deux traits de crayon par Lúcio Costa et qui a remporté devant 25, 26 autres plans très bien sur le papier, très bien dans la définition, 750 mille âmes, voilà, et puis on fait venir beaucoup des gens

pour construire. Tambour battant c'est le cas de le dire. Jour et nuit. Vingt-quatre heures sur vingt-quatre. Avec de la lumière, avec de la musique. Et cette ville qui doit être faite pour les diplomates, les étrangers, les ambassadeurs, les fonctionnaires, et n'a pas prévu que les travailleurs qui l'ont faite surgir de terre auront peut-être envie d'y rester. Et ça c'était une des choses importantes à vérifier. Pour quoi une ville aussi rêvée n'a pas imaginé la réalité de ceux qui l'on construite ? Parce que comme disent les *candangos*, nous, notre vie, elle est pliée, elle est faite, on pense même pas à nous, on pense à nos enfants. Mais si on s'est approché du pouvoir à ce point, on va quand même pas s'en éloigner maintenant qu'on n'y est, à côté. Et si nous, on n'a rien récolté, nos enfants récolteront et ils profiteront de cette expérience. Donc, il était pas question de repartir, ça c'est vraiment la deuxième question qu'on s'est posée à Brasília. Qu'est-ce que cette ville devient, non pas seulement le beau plan idéal, mais ceux qui l'ont construite, cette ville ? Et ça, on voulait ce rapport social. On voulait dire et petit à petit on s'est aperçu que Brasilia c'était une aventure humaine unique au monde. Il y a deux, trois grandes villes qui ont été construit comme ça, en Inde, en Australie, mais à ce point une capitale sortie d'une griffure du *planalto*, griffure, deux lignes qui se partagent et on appelle ça le point zéro. Et que là il y a rien, il y a rien. Il y a que de latérite rouge, et que là doit sortir une ville. C'est ahurissant. C'est un plan ahurissant. Donc, on s'aperçoit bien sûr que: « est-ce qu'on va répondre à la question 'la ville existe t-elle ? mais comment a t-elle été construite ? Pas pas les pierres, pas les bétons, non, ça les hommes savent faire construire. Non, non, comment a-t-elle été construite symboliquement ? C'est-à-dire que c'est une ville qui répondait à beaucoup d'incertitudes. Donc c'est ça qui nous a intéressé le plus de raconter à Brasilia. C'est savoir comment on a pu faire rentrer dans la tête des brésiliens une idée aussi contraire à leur rêve, souhait, réalité. Comment faire passer la pilule Brasilia aux brésiliens et surtout aux cariocas qui allaient être déplacés ? Alors, la démarche a été de savoir comment elle s'est construite symboliquement. Et depuis cette griffure, donc on est remonté au XIX siècle parce que finalement on s'est aperçu que Brasilia c'est pas une idée nouvelle. C'est une idée qui remonte au XIX siècle, bien avant, qui était remontée à *Tiradentes*, le premier à avoir émis l'idée que le Brésil devrait être indépendant pour ne pas payer autant à la couronne Portugaise. Il a payé de sa vie. Lui, parce qu'il a été courageux et un peu peut-être limité et il a été bouc émissaire des gens d'importance qui ont dit... « non, non, non, c'est lui, c'est pas moi ». Voilà, « Pardon, pardon, pardon, j'ai fait une erreur », et lui oui, lui non. Lui, il est resté droit. *Tiradentes* exécuté un 21 avril, très important pour l'histoire de Brasilia. Donc, c'est vrai que

Brasilia, quand je pensais à ce sujet, je suis replongé dans le Paris Match des années soixante, de l'inauguration, mais l'histoire de Brasilia c'est un peu l'histoire de Jules Verne. On a dit : « ah, oui, oui, ça c'est le Brésil, s'il reste côtier, il va, c'est comme un bateau, si tout le monde se met au côté droit, il va tomber, le bateau, il faut équilibrer, donc la capitale, s'elle était au centre, parce que le Brésil c'est des frontières avec la Bolivie, et avec la Colombie, et avec des tas de pays, on peut pas rester toujours à regarder l'Europe. Donc, c'est pas idiot l'idée même d'une capitale centrale, mais personne n'avait la volonté de le faire. Alors, on a envoyé Cruls, deux missions qui ont convergé au même endroit. Ils ont désigné cet endroit un peu approximativement comme étant le meilleur, parce qu'il y a de l'eau, pas loin, disponible, etc. Donc, c'était le bon lieu, le plus central. Mais personne ne l'a fait. Et les cinquante premières années du XX siècle, personne ne l'a fait. Et le fait qu'il y ait ce candidat, Juscelino Kubitschek, élégant, médecin, danseur de samba, un médecin, un homme quand même de l'élite financière et intellectuelle du pays, qu'il parte en campagne dans les années cinquante pour les élections de 55. Oui, 55, plus 5, 60. Et qui soit interpelé par un syndicaliste que lui dit: « ah, alors, candidat Kubitschek, si vous êtes élu, est-ce que vous ferez Brasilia ? Est-ce que vous ferez Brasilia ? » C'est génial comme question, parce que ça on pose pas souvent à un candidat « Est-ce que vous allez construire une ville quand vous serez élu ? » On pose pas cette question. Il y qu'au Brésil, terre quand même de grande aventure humaine, où on peut poser une question pareille. Et donc j'ai lu les hésitations dans le regard de Kubitschek, dix secondes, douze secondes de gagnées de silence pour dire cette phrase: « Eh bah oui, je le ferai ». Et qui décide de l'histoire d'un pays, c'est incroyable. C'est l'ordre du mythe. Brasilia c'est trop extraordinaire, c'est l'ordre du mythe. Et donc il est élu et donc il est au pied du mur, il le sait. Il a que 5 ans pour réaliser ce qu'il a promis. Ah, les promesses électorales. Il aurait pu s'en foutre. Il aurait pu dire : « Je vais commencer à jeter les plans pour que si jamais je reviens au pouvoir ». Bon, non, non, il attaque d'emblée. Et ça c'est génial. Donc il a attaqué et retourné dans le même endroit que les missions Cruls sont désignées. Ça c'est pas de problème. L'endroit est bien choisi. Mais, bon, le plan c'est possible. Il avait un double plan dans la tête. Donc, JK voulait en cinq ans faire avancer le pays de cinquante ans. Et ce point central du Brésil relié par des routes à São Paulo, à Belo Horizonte, à Rio, à Salvador, permettait de confirmer sa philosophie de développement de l'industrie automobile, des routes, des voitures, et la tête du pays au centre. Bon, très bien, ça c'est bien. Seulement les études finies on a déjà mangé un an et demi. Et il reste trois ans et demi. Et là il suffit pas de construire, il faut convaincre les

gens. Donc, là c'est ce qui m'a fasciné en tombant sur un article d'un chercheur français qui a analysé la construction symbolique de Brasilia. Ça c'est, moi, j'ai jamais lu un roman aussi fascinant et aussi passionnant, comment Lucio Costa, Niemeyer et JK inventent la dimension sacrée de Brasilia en tissant et tricotant un tissu symbolique. En faisant Brasilia filleule de Rome, en lançant des coureurs avec une torche olympique à travers tous le territoire du Brésil pour faire le tour pour arriver 3 ans, 4 mois et sept jours, à Brasilia, porter la flamme du baptême, de la consécration. C'est un sacrement. La ville va être sacralisée. Et c'est ça qui est intéressant. Et ce jour d'inauguration, le 21 avril 1960. Et, bah, pourquoi le 21 avril ? Ah, oui, parce que c'est le jour où les marins de Cabral ont eu un frémissement, l'air sentait différemment, il y avait quelques oiseaux qui volaient, on pensait que peut-être il y avait une terre, on l'a pas vue le 21 avril, on l'a vue le 22, le 23, le 22 je crois, on l'a vue, mais pas le 21, alors, pourquoi pas prendre le 22? Alors pourquoi pas prendre le 23 quand on a touché terre ? Non, le 21. Pourquoi ? Mais, pas pourquoi, parce que c'était le jour où a été éxecuté Tiradentes. Et donc, en mettant l'inauguration le jour de l'exécution, on la rendait totalement sacrée. Mais c'est pas tout, c'est pas tout. Il fallait encore une dimension mystique plus grande et cette histoire me passionne, parce qu'elle n'existe nulle par ailleurs au Brésil, c'est vraiment unique dans cet endroit-là. Et ça fait partie de l'histoire du Brésil, c'est l'histoire de la fabrication du rêve de Dom Bosco, ça c'est magnifique, un tour de passe-passe, vraiment extraordinaire. Dom Bosco c'est vrai à la fin du vingtième siècle, frère salaisien, a fait un rêve où il s'est vu transporté par des anges, au-dessus de l'océan atlantique, et volé au-dessus d'une terre de lait et de miel. Bon, très bien, c'est tout, c'est tout. Voilà, c'est tout. Et, le tour de passe-passe c'est quand Israel Pinheiro, maître d'oeuvre de la ville s'est souvenu de ce rêve. Il l'a fait rechercher dans les annales en Italie et son tour de passe-passe c'est de dire que le rêve de Dom Bosco était la vision même de Brasilia. C'est-à-dire qu'il y avait une correspondance. Dom Bosco a vu à la fin du XIX siècle l'implantation de Brasilia à l'endroit même où il décrivait. Manque de pot il n'y avait pas l'eau en question. Il y avait quand même des rivières, alors on a fait creuser le lac Paranoá, c'était prevu, mais uniquement pour correspondre à la vue de Dom Bosco. C'est-à-dire, on a eu une vision, on va tout faire pour tordre la réalité, si bien c'est très réussi, aujourd'hui vous prenez n'importe quel livre sur Brasilia et ça commence: « Le père Dom Bosco a vu dans son rêve à la fin du XIXème.... ». On renverse la réalité. Et Israel Pinheiro a gagné. Il a réussi à tordre la réalité. D'un bon mensonge il en fait une réalité. Quand en travaillant sur Brasilia, je me suis rendu compte de tout ça, je me suis dit, mais cette histoire est

extraordinaire. Oui, bien sûr, je vais témoigner de la beauté des monuments de Niemeyer, de la force et le courage des travailleurs de *candangos*. Oui, oui, oui, bien sûr, de cette injustice qui leur a été faite, de cet avenir promu pour les plus riches, et pas tellement pensé pour les plus pauvres. Oui, ça je vais le faire, mais je veux parler de cette fondation, parce que les gens le savent pas. Et peut-être que les brésiliens, eux-mêmes, l'ignorent, j'en sais rien, s'ils le savent ou s'ils ne savent pas. Mais j'avoue que c'est ça qui fait de Brasilia une ville exceptionnelle. Alors, mes manies, bon, je les ai retrouvées, bien sûr, quand je me suis aperçu qui c'était un beau centre, mais que le soir la ville se vidait de tous ses travailleurs sociaux et repartaient vers les satellites. On dit pas *favelas*, on dit *cidades satélites*. Donc, là, on change de vocabulaire. Donc, je me suis permis d'aller voir à quoi ressemblaient les villes satellites, pour voir comment on avait rejeté la force des travailleurs. C'était intéressant de voir, en sortant, en prenant le métro. Y aller en métro c'était important. En 2004, je ne sais pas maintenant, mais en 2004 les stations de métro du centre-ville, enfin, du plan pilote n'étaient pas construites, elles ne seraient sans doute jamais ouvertes, parce que il y a personne qui habite à Brasilia qui va prendre le métro. Et les gens de Brasilia sont nés avec une tête, un torse et quatre roues. C'est ce que l'on dit, les habitants de Brasilia c'est une mutation. Et donc c'est un grand symbole de voir ces cavités, ces caves, ces grottes vides de béton qui représentent les stations du métro du plan pilote. Le métro c'est pas fait pour les bourgeois, c'est fait pour les travailleurs. Donc, ça c'est intéressant à découvrir. Cette réalité sociale. Et donc par chance on avait contact avec un jeune d'une ville satellite qui avait fait tout son parcours universitaire pour essayer d'aider les populations, ses proches, voilà. Donc, voilà, Brasilia c'était une introduction très intéressante, alors aujourd'hui, 20 ans après, à l'époque où on était, capitale fédérale, capitale du rock, capitale des apparitions extraterrestres, capitale mystique. C'est très marrant de voir à quel point les gens de Brasilia voulaient être numéro 1. Cette compétition. Bon, nous rabâchait ça tout le temps. Il faut être numéro 1. Il faut être numéro 1. Il faut se prouver qu'on est l'excellence de quelque chose. Alors, c'est vrai que les gens nous ont beaucoup aidé à Brasilia. Ils nous ont montré les films pionniers. Sur Brasília, il fallait pas qu'il y ait un accident, il fallait que la construction soit un vrai conte de fée. Tout le temps. Mais c'est pas vrai. L'aventure humaine, elle est pas faite que de ça. Il y a plus de dignité à reconnaître nos limites humaines. Ah, non, non, non. Parce que si à Rio arrivent des nouvelles qu'il a eu du sang, que la capitale a bouffé ces enfants, brésiliens, ça va être utilisé dans la presse, les médias, les ennemis, etc. Et puis, et puis, et puis, si quand même numéro 1 parce que le jour on arrive et on avait un contact

fabuleux avec un journaliste, pas n'importe lequel, TT Catalão, était un carioca justement qui est venu s'installer à Brasilia pour son amour pour le rock. Voyant qu'il se déssinait quelque chose d'intéressant. Il a fait des articles, il est resté. Et le jour où nous rencontrons TT Catalão, il m'a dit: « oh là là, pas de chance, pas de chance. Je suis un peu pris. J'ai pas le temps de discuter avec vous parce que je dois enregistrer les poèmes que j'ai écrit dans la presse dans les années 84 et qui ont déclenché l'insurrection, qui a amené à Diretas Já. Bon, on lui a demandé si on pouvait l'accompagner. Il a dit: Bah, oui, finalement c'est une bonne idée, comme ça vous allez voir et je vais enregistrer ». Donc, on a assisté en direct, miracle, à ce enregistrement d'un disque historique pour l'histoire de Brasília où Jorge Antunes, le grand compositeur et chef d'orchestre, enregistrait, enfin, mixait, la *sinfonia das buzinas*, la symphonie des klaxons. Ça il fallait inventer un acte de désobéissance sociale *daquelas*. Incroyable ! Et d'imaginer que, effectivement, JK voulait construire en 5 ans, parce qu'il savait qu'après lui, il ne pouvait pas se représenter, et que peut-être son successeur ne serait pas à même de conduire le Brasilia jusqu'à son rêve, et que JK a non seulement été écarté du pouvoir, ça il s'y attendait, mais écarté du Brésil à cause de la dictature. Mais de loin il s'est aperçu que finalement c'est la dictature qui avait sauvé son rêve parce que les généraux trouvaient cette ville très intéressante au niveau de la boucler contre les opposants, en mettant quatre chars aux quatre points cardinaux et on bloquait la ville. Pas comme dans ce dédale de Rio, ou c'est, c'est, comme on dit, une souricière, c'est-à-dire, on peut partir partout. Là, formidable. Donc, les généraux ont imposé aux diplomates étrangers de construire leurs ambassades et c'est la dictature qui a imposé Brasília et qui a sauvé... Et je me souviendrais toujours de JK revenant de clandestinité, allant s'asseoir dans la cathédrale qu'il n'a pas vue, et voir la messe et écouter, voir ce spectacle extraordinaire de la cathédrale de Niemeyer à Brasilia qui est une merveille vraiment, vraiment une merveille, et de prier là et, puis, il mourra peu temps après, en fait. Mais, il aura su que son rêve était réalisé. Mais, numéro 1, ce sont les habitants de Brasilia qui ont le plus réagi à la dictature, même si cette ville a été forgée par les dictateurs, c'est à Brasilia, par le mouvement de *Diretas Já*, par les poèmes de TT Catalão, et parce que la population avait été déçue de l'ouverture des généraux, des militaires, d'une promesse *Diretas Já*, d'élection anticipée. Et ils sont revenus sur leur parole. Et là la population qui descend et qui dans les embouteillages se met à taper sur des casseroles, et à taper sur les capots des voitures, à faire un boucan d'enfer pour dire non aux généraux qui ne tenaient pas les paroles *Diretas Já* c'est maintenant, et pas plus tard, c'est maintenant. TT Catalão fait tout un poème qui est paru dans la presse. Et là, il

se passe quelque chose vraiment incroyable et qu'on vit en direct. Jorges Antunes compose une symphonie dans l'espace de, je sais pas, trois semaines, un mois. Très peu, il faut revoir. Je ne me rappelle plus. C'est marqué dans le livre, mais je ne me rappelle plus la durée. Mais court, court, ou de bouche à oreille, heureusement qu'il n'y avait pas les réseaux sociaux parce que il fait réunir 300 voitures ayant 300 timbres de klaxon différents, les ayant, il organise l'orchestre de klaxon de voiture en fonction du timbre de chaque voiture. Rendez-vous est pris, je sais pas, à 18h tel jour en dessous de la tour de la radio. Là très très vite les voitures se mettent. Tout le monde avait un plan donc savait quelle voiture est placée. Il fallait aller très très vite avant que la dictature réagisse. Magnétophone de marque Uher, si mes souvenirs sont bons. Et là, il y a des chœurs dont fait partie Lula. Lula est dans le chœur. Il y a des saxophones des cuivres et à une heure précise Jorge Antunes lance, ça commençait effectivement comme 2001 l'Odyssée de l'Espace de Stanley Kubrick, le film, et puis les chœurs, les chœurs montent et puis non c'est les klaxons qui montent, ces klaxons qui montent, avec une alternance de sons graves, sons aigus, les klaxons se répondent. Ce moment a dû être quelque chose à vivre. Moi, j'en frissonne quand..., d'être impliqué indirectement après la restitution de ce moment-là et puis de ce concert des *buzinas* montent les saxophones et les voix. Et ça dure 52 minutes si je me souviens bien. Après je pense que tout le monde s'est dispersé à toute allure, mais c'est cette audace qu'il y a; les poèmes, la symphonie qui a donné le courage à la population, aux jeunes, aux intellectuels de monter sur la coupole du Parlement et puis d'assister sur *Diretas Já* et c'est le début de la fin pour la dictature. C'est le début de la fin, Brasilia oui, première en résistance alors qu'on l'attendait pas là, donc ça aussi ça m'a passionné parce que je retrouve les thèmes qui m'intéressaient de défendre. Oui, pas... Pays, le deuxième pays noir du monde. Il n'y a pas de noir à Brasilia. Une fois je l'ai cherché loin. Ça c'est ce qui m'intéressait, donc les droits, les droits, la poésie qui peut tuer la dictature. Ça, ça m'intéressait cette construction. On efface l'aspect social. Ça, ça m'intéressait de dire ça c'est pas possible et que finalement Brasilia ne sera que meilleure d'être ce qu'elle est, c'est là encore comme le Brésil. Brasília ne sera meilleure que de revendiquer ce qu'elle est, cette histoire hors du commun qui la rend grande, qui la rend belle, qui la rend une des villes les plus fascinantes du monde, mais il faut qu'elle l'accepte, alors oui la génération des 25 ans quand on est arrivé l'acceptait, elle était fière d'être Brésilienne de Brasilia, était fière des Legião Urbana, de Russo ou de Cássia Eller, et les jeunes que j'ai rencontrés étaient fiers de ce cette création de Brasilia. Voilà et puis numéro un de l'exaltation mystique. Alors ça aussi on s'est amusé à aller chercher les lieux

d'exaltation mystique qui fait que Brasilia n'est pas une ville simple du Brésil. C'est aussi la ville où on attend les extraterrestres où on construit même des pistes d'atterrissage pour eux où il y a des gens qui se brûlent les yeux pendant douze heures à rester-là. C'est complètement fou. C'est dingue, mais, voilà, c'est ça qui fait la richesse d'une ville, le mysticisme puis la rencontre avec Marlene Gódoi qui, elle, elle fait..., cette carioca installée dans le *planalto*, non en fait, pas le sertão, *cerrado*, et qui est venue peindre ici pour la qualité mystique et la qualité de la jonction entre l'âme indienne qui résistait beaucoup encore... Les deux tableaux qu'on a, qui sont abstraits, à la maison, sont des tableaux de, comme des bâtons magiques de du pouvoir indien, c'est très très beau. Dans l'autre catalogue qui est à Lyon, il est... elle a... la partie de sa création est encore plus symbolique indienne donc, plus que, ce qu'elle avait fait, les deux qui sont là sont plus classiques, peinture classique. Après elle a évolué vraiment vers la puissance du génie de la culture indienne, du *cerrado*. Donc ça faisait un beau mélange. Tout ça, c'était intéressant à décrire et à témoigner, oui, de mon émerveillement. Voilà, le mot émerveillement, je suis émerveillé par Brasilia. J'étais émerveillé par Niemeyer, effectivement. La légende. C'est aussi un héros légendaire, c'est un homme hors du commun. Neimeyer est un des architectes du XXème siècle hors du commun, carrément hors du commun. Bon, la ville est hors du commun et il y a de quoi d'être émerveillé par sa beauté singulière. Alors oui les Européens qui sont habités, habitués à des centres historiques très fermés où on marche à pied dans les vieilles villes, la vieille ville, mais y a pas de vieille ville là. Et la ville nouvelle, elle est forcément vaste. Elle est pas serrée. C'est autre chose, mais c'est des alignements extraordinaires. C'est une intervention extraordinaire. Oui, émerveillé, émerveillé, mais pas seulement par les bâtiments, par son histoire et sa symbolique.

2. Pourquoi le titre « Planète Brasilia » ?

Facile. Planète Brasilia, c'est facile il y a au moins trois raisons pour ça parce que planète effectivement le plan central a été construit, en fait, comme un avion, mais ça pourrait être une fusée avec ses deux ailes comme ça et puis et le fait qu'il était prévu pour les riches et qu'on est renvoyé dans les satellites le prolétariat satellite, bon, planète plus satellite. Bon, ça s'imposait. Planète parce que pour les gens de São Paulo ou de Rio, Brasilia apparaissait comme c'est pas le Brésil, c'est une autre planète. C'est une autre planète Brasilia. C'est pas nous. C'est pas le Brésil. Ne croyez pas que le Brésil se résume à Brasília. « Ah non, c'est pas le Brésil, c'est autre chose. » Ah c'est justement ça qui était

intéressant, c'est autre chose. Alors qu'est-ce que le Brésil propose comme alternative à ces clichés et là, là, là, le Brésil a produit quelque chose d'absolument original: une autre planète. Et puis du fait même que ça soit une capitale mystique où on attend les extraterrestres venus d'autres planètes. Voilà, piste d'atterrissage.

3. Le narrateur de « Planète Brasília » est le personnage de Lion ?

Oui, oui, oui, oui, alors, qui est Monsieur Lion ? Monsieur Lion est un personnage littéraire et mon pseudonyme littéraire, c'est moi. Mais j'aime pas raconter les histoires en tant que Jean-Yves Loude, ça je trouve ça banal. Donc il se trouve que dans le premier livre de la série d'Actes Sud dont Planète Brasilia était une émanation et il fait partie de cette série de traversée du monde lusophone. Le premier livre s'appelait Le Roi d'Afrique et la Reine Mère, donc c'est le premier tome de ce mode de récit de voyage que nous avons inventé pour renouveler le récit de voyage, justement le genre littéraire appelé récit de voyage, qui à la fin du XXème siècle me paraissait avoir besoin d'un coup de balai. Pourquoi ? Parce qu'on peut plus partir dans le monde comme Nicolas Bouvier dans les années 60. Le monde a été exploré jusqu'en Patagonie à Bornéo par les Occidentaux. Ils sont même allés jusqu'à la lune. Alors on va..., on peut plus raconter le monde quand passer une frontière était très périlleux, très audacieux, c'est plus possible. On peut pas faire croire ça. Donc quand on s'est, nous, on est, Viviane et moi, on est des gens du voyage, on est écrivains voyageurs, on a vécu 15 ans à la frontière afghane-pakistanaise chez les Kalash. Bon, on a raconté cette aventure en demandant l'aide de la littérature. Quand on a rencontré Les éditions Actes Sud et qu'on leur a parlé d'aller enquêter en Afrique sur une mémoire assassinée, cette histoire du roi de l'Empereur du Mali qui est parti avec 2000 pirogues pour savoir si la Mère des Ténèbres, l'océan Atlantique, avait une fin ou tombait comme une cascade, qu'on est parti de Dakar à Conakry en passant par la Gambie, le Mali, le Sénégal. Voilà, c'est donc on a créé le genre littéraire du récit de voyage mélangé à une investigation policière. Donc on est devenu inspecteur de police littéraire. Voilà, mais, bon, Jean-Yves, Viviane et il se trouve par miracle que un jour en Guinée Conakry, au fin fond des Guinée Conakry, on arrive dans un village où il y avait même pas un hôtel, rien. Voilà, on était trois avec notre ami sénégalais et pas de solution. Il faut aller voir le vieux, le plus vieux, le plus vieux du village, c'est obligatoire et on va au marché, on lui achète cinq noix de cola rouges, cinq noix de cola blanches, on lui le met dans la main, en lui disant « Papa, tes enfants ont un souci. D'abord, ils sont venus te présenter leur respect et dire qu'ils aiment être là mais ils ont un souci, ils n'ont pas un

endroit pour dormir ». Et le vieux nous a dit : « Bah, vous avez qu'à rester chez moi ». Et on a rester quatre jours chez lui et il nous a laissé sa case carrément et puis le lendemain matin quand après avoir dormi dans sa case de patriarche polygame, il me dit: « Tu viens d'où toi? ». Moi, j'ai dit: « Je viens de Lyon. » Tu viens d'où toi ? « Je viens de Lyon. » « Ah, ça c'est un nom courageux pour ton village. Ah, tes ancêtres ont choisi un nom courageux. À partir de maintenant je t'appelle monsieur Lion ». Et voilà quand je suis rentré pour écrire le récit, je me suis dit, c'est bien Monsieur Lion. Je vais garder ce nom de Monsieur Lion et il se trouve que Viviane s'appelle lièvre et Viviane s'appelle lièvre or en Afrique de l'Ouest, l'animal le plus malin n'est pas le renard comme chez nous, mais le lièvre et lièvre se dit Leuk et par la prononciation Leuk est L-E-U-K en wolof, ça se prononce comme Luck, la chance en anglais. Donc voilà, c'est comme ça que sont nées les aventures de Monsieur Lion et de Leuk Viviane dans le roi d'Afrique, dans le Cavernote Atlantique, à Saint Tomé et à Brasilia. Alors, Brasilia, Viviane était avec moi. J'ai fait un mensonge littéraire. Elle était avec moi, parce qu'elle a fait les photos. Mais j'avais, spécialement pour un texte court comme ça, j'ai eu comme envie de la lettre, d'inventer une raison de l'absence de la compagne et de lui raconter à elle cette ville dont on avait pu parler, changer avec une crédulité. Donc là c'est un mensonge littéraire, mais j'ai le droit, je suis écrivain. J'ai le droit d'inventer qu'elle n'était pas là et de lui écrire une lettre. Donc de Monsieur Lion à Leuk Viviane en lui racontant Brasilia.

5. Je vois que la structure binaire du livre repose sur la notion d'Enchantement versus Désenchantement. Êtes-vous d'accord avec ce point de vue?

Oui, oui, en pensant quand même que l'enchantement l'emporte sur le désenchantement. Je suis d'accord parce que si je suis qu'enchanté par Brasilia, moi je suis un naïf, je suis pas crédible. Je peux pas être là et regarder alors oui, je fais un guide de voyage et je fais un guide en disant ne manquez pas de regarder le ministère de la Justice avec ses *colunas* très fines de Niemeyer qui est le premier à avoir inventé des colonnes aerées... Bon, là, je suis un émerveillé naïf qui n'applaudit qu'aux prouesses et à la belle histoire. Moi ça marche pas. Une ville n'est pas parfaite et Brasilia est loin d'être parfaite. Donc j'ai besoin pour qu'on croit à mon émerveillement, qu'on juge ma sincérité par le fait que je puisse critiquer Brasília. Ça serait pas équilibré. Ça tiendrait pas. Ca ne serait pas juste. Et et oui oui, l'emerveillement ne tient que par le doute et la critique.

6. Croyez-vous que la migration, principalement du nord-est, de travailleurs (*candangos*) qui cherchaient le rêve d'une vie meilleure est similaire à l'immigration en Europe de personnes en provenance de pays pauvres ? Et pensez-vous que l'hostilité de la population brésilienne privilégiée contre ces migrants est similaire à celle qu'existe en Europe ?

Alors le mouvement d'appel vers la lumière et la richesse est bien similaire. Brasilia peut être le symbole de ce qu'on appelle le nord pour tous ces voyageurs d'Afrique qui quittent une précarité pour aller voir les lumières du Nord et se coller à la lumière comme les papillons de nuit souvent beaucoup tombent par terre. Ça a fonctionné de la même façon sauf qu'ils partaient avec l'assurance de trouver du travail. C'était pas tout à fait la même chose, même s'ils étaient pas forcément très bien payé au nord-est, s'il avait pas de travail, là ils partaient tous, ils se mettaient sur les camions, comment s'appelle, le pau-de-araras. Et donc comme sur les perchoirs. Et ils arrivaient avec le rêve de travailler. Ça on leur... on les a pas chassés et ne trouve pas... ils n'ont pas trouvé le mauvais accueil que les les jeunes africains ou irakiens ou afghans, eux, ils n'ont pas ni travail ni permis. Donc pour cela c'est quand même un tout petit peu différent. Bon ils risquent leur vie sur les routes avec de camions surchargés. Il y a toujours un risque de vie, mais il y a pas de passeur là ou peut-être il y avait des contremaitres qui organisaient... Peut-être il y a toujours des intermédiaires qui se mettent pour garantir un emploi, mais c'est pas tout à fait la même chose. Ils vont pour construire. On les attend. On a besoin de main d'œuvre, on les attend. Ils vont participer à un effort social. Ils sont pas mal vu quand ils arrivent. Au contraire, on a besoin d'eux. Ils sont pas mal vu, donc c'est pas la même chose. C'est quand même, d'abord c'est une immigration interne. C'est à l'intérieur des frontières du pays. Ils n'ont pas à supporter le mépris. Les bourgeois, les nantis, les installés, les indigènes, ils sont pas là. Ils sont pas encore là. Il y a personne. Donc ils n'ennuient personne et ils n'envient que le vent qui travaille là. Il y a personne pour les mépriser jusqu'à ce que ça soit inauguré. Jusqu'à ce qu'on n'ait plus besoin d'eux. C'est pas 60. Ça va continuer aller. Ça va continuer dans les années 60 la construction de Brasilia. Il y aura besoin du monde seulement à la fin des années 60 ça y est. La plupart de la ville est montée. Les ambassades sont là. La richesse est là. Les humains censés vivre là sont là. Et c'est là, cette espèce d'incroyable réalité: Il y a pas de place pour eux. Alors, oui, ils reçoivent en pleine figure ce qu'on dit « si t'es pas content, tu retournes chez toi ». Voilà. Alors là, oui, bien sûr. On leur dit pas si t'es pas content. D'abord chez eux c'est pas un autre pays, mais c'est le *sertão*. Bon, le *sertão* c'est un pays méprisé. La frontière, c'est le mépris qui dresse la

frontière du *sertão*. Mais il est pas question qu'ils repartent parce qu'ils ont fait un effort, cette ville. Bah ça fait quand même 10-15 ans qui sont là, qu'ils construisent cette ville. Ils ont fini par par l'accepter ce rêve, dire qu'ils en font partie et ils se disent « bon, et bien rien nous attend et les enfants qui sont nés ici, c'est bien diable si proche du pouvoir il en bénéficient pas de quelques miettes ». Voilà donc ils sont restés, mais ouf donc à 20 25 km là où il y avait de la terre libre et non revendiquée où ils ont construit des villes artificielles comme toujours et on recommence le processus. Non, non, je dirais pas que c'est c'est oui, mais c'est un peu comme quand les *favelas* se sont construites à la fin de l'esclavage. Ceux qui ne voulaient pas devenir travailleurs, salariés, enfin, pour une misère étaient exclus de leur cabanon sans vêtement, sans éducation, sans argent sur les routes. Où ils sont allés ? Ils sont allés à la périphérie de Rio. C'est là où le mot *favela* est né. Mais, bon, c'est là eux. Ils sont partis d'une condition très précaire. Ils sont allés à Brasilia pendant 15 ans, on leur a pas signifié qu'ils étaient malvenus. C'est après, voilà. Vous avez servi, on vous jette. Pas question, alors. Ils ont répondu. Le génie des résistances c'est de trouver une réponse. Elle est à la mesure de ce qu'ils pouvaient faire, c'est-à-dire, construire des petites cabanes et qui sont devenues plus grandes et puis après Taguatinga c'est devenu une ville. Ça s'est construit au fur et a mesure. Mais c'était pas prévu. Ce ne fait pas partie du plan. Donc pas tout à fait pareil. C'est une histoire encore singulière quand même. Singulière. La création des satellites.

7. La plupart du temps dans votre livre, les avis positifs et négatifs sur Brasilia viennent du discours des personnages. Le dialogue avec ces personnes a-t-il vraiment existé lors de votre voyage ou était-ce un moyen que vous avez trouvé pour exprimer des opinions plus fortes ?

Non, non. Là, les personnages que je rencontre, je les ai rencontrés. La cinéaste je l'ai rencontrée. Je crois que je parle d'un vendeur noir. Oui, j'ai rencontré tout le monde à Brasilia. Je me permets pas. Quel est mon avis sur Basilia ? Je suis un ignorant. J'ai besoin des autres pour pour me faire un avis. J'ai juste eu un bon réseau de personnes pour m'informer. Alors ces personnes étaient peut-être on peut m'accuser que ces personnes une tendance plutôt que d'une autre. Oui, c'est ça. On peut me le reprocher que j'ai entendu mon mon oreille. Mon micro a des personnes qui avaient une vision que j'encourageais. Une vision critique. Une vision, mais amoureuse et critique. Moi je défends si je critique Brasilia, c'est pour dire aussi que j'aime cette ville qui me procure une expérience inédite. Donc j'aime Brasilia et comme toute personne qu'on aime on peut la critiquer. Brasilia

n'est pas parfaite. Elle n'est pas née parfaite. Non, on peut pas dire ça. Et, mais, ne pas lui renvoyer le miroir de ses imperfections, c'est pas lui rendre service. Dire qu'elle est belle parce qu'elle est aux trois quarts réussie, un quart ratée, je trouve que c'est plus honnête et puis que de ses échecs nés des charmes de voir comment la *capoeira* reconquièrt Brasilia dans les parcs, le dimanche. Ça, ça fait partie de la vitalité humaine. Ça fait... c'est le génie de l'humain de résister, de reconquérir. Ça je l'ai vu devant mes yeux. J'ai vu devant mes yeux ça. Et je me dis bon ben là aussi l'humain développe son génie et ça me plaît, mais j'ai le droit de dire, j'ai le droit de rencontrer une cinéaste qui va me dire « non, il y a eu beaucoup d'accidents et je peux prouver. On a filmé ». J'ai le droit de dire, de rencontrer ce jeune éduqué, mais qui vient d'une famille pauvre de Taguatinga et qui me raconte son expérience et qui dit la difficulté de son parcours. J'ai le droit de dire que au point zéro arrivent toutes les femmes de ménage tous les jours à la même heure et elle repartent le lendemain et que la ville n'est pas faite pour eux, mais j'ai le droit de dire aussi qu'à ce même point zéro, il y a les marchands de crevettes séchées, les petits poules, les petits... les petits marchands qui sont là pour satisfaire cette classe et que ça introduit la vie et que Brasilia est bien obligée d'accueillir les odeurs de poissons séchés et des marchés clandestins, j'ai aimé que dans les passages souterrains sous les avenues, c'est là que le commerce informel s'installe et que avec les montres, les chaussettes, les slips, les lunettes et que la petite vie s'installe sous l'immense grande ville et puis qu'il y ait un restaurant de *feijoada* pas show, mais feijoada-musique le samedi matin dans le quartier des banques, où il y a plus personne et où il y a quelqu'un qui s'est dit « je vais faire resonner la musique là et tout le monde se presse à écouter le samba et la *feijoada* le samedi ». Bon, ceux qui ont de quoi payer évidemment toujours. Mais le samedi il y a plus de travailleurs sociaux. Il y a plus que les gens qui vivent là et qui cherchent des endroits plus humains que les seuls restaurants artificiels. Donc ça j'ai aimé aller dans des endroits comme ça. Comme le *Beirute*, le premier soir où je suis arrivé de je sais pas combien d'heures s'endormir. On m'a emmené carrément de l'aéroport au Beirute pour me dire « ah, tu vois, c'est comme à Beirute quand les immeubles étaient complètement cassés. Celui-là, il est un peu délirant, mais représente bien la ville à moitié construite. On l'a choisi pour ça ». Et moi j'aime bien ces lieux qui sont le témoignage de l'humain. L'humain. C'est l'humain.

8. Vous utilisez beaucoup le thème de la « religiosité » et du « mysticisme » au cours du récit. Croyez-vous que le Brésil utilise cette ressource religieuse pour tenter d'expliquer sa propre formation ?

Mais le problème, il est vaste au Brésil. Les noirs déportés ont puisé leur résistance dans la religion de leurs ancêtres en déplaçant les esprits Dahomey, Nigeria, qui sont qui ont voyagé dans leur tête et comme on dit en Amérique du Nord, les esprits des esclaves africains sont morts de froid. Au Brésil, ils ont dit : « Ah, ça ressemble à chez nous » et donc ils se sont adaptés et ne sont pas morts et la grande différence d'autres pays comme le Cap Vert ou là on a coupé la religiosité, on a re-interdit aux tambours de résonner, là, on n'y est pas arrivé. Le pouvoir n'est pas parvenu à crever les tambours, à éteindre l'envie de la fièvre et le recours. Alors on a bien sûr, on a baptisé tous les esclaves et mais derrière les baptêmes, derrière les baptêmes, il y avait une équivalence de chaque saint avec un esprit, un *orixá*. Donc c'est la façon merveilleusement habile des esclaves de tout déguiser. « Ah, non, non, on suit. » « Ah, non, non, on croit à Saint Georges, non, c'est pas Ogum, c'est Saint Georges. » Et, ça evidement, à l'époque, les maîtres portugais n'étaient pas assez... Ils pressentaient, mais ils n'arrivaient pas, ils n'y sont arrivés. Et la religion a sauvé les esclaves. Sans l'imaginaire foudroyant et merveilleux des esclaves et sans leur capacité à comprendre l'épreuve et à l'affronter, je crois que le Brésil serait mort. Le seul regret, c'est que les esclaves se soient contentés de recréer le monde qu'ils avaient perdu et même quand ils s'enfuyaient et quand ils étaient dans les *quilombos* où ils ont cherché à se rassurer, à recréer un monde où ils avaient le droit de vivre, loin de la plantation à laquelle ils avaient échappé mais ils n'ont pas construit une vraie force de prise de pouvoir alors qu'ils avaient le nombre. Ils avaient le nombre. Ils avaient le nombre. Ils ont manqué, qu'on me pardonne l'expression, ils ont manqué d'ambition. Je peux pas leur jeter la pierre. Déjà avoir conquis la liberté. Avoir traversé des territoires des reliefs, des forêts terribles et se réinstaller loin et organiser un système commercial avec les plantations et puis avec certains marchands qui acceptaient de le faire, déjà c'était énorme, mais ils ont pas pris la conscience comme Benjamin Perret le dira, leur reprochera aux *quilombolos*, que à 50 ou à 100 km il y avait une unité aussi forte qu'eux et que si on reliait tout, il suffisait de fondre sur la ville et puis c'était fini. Donc, Palmares est mort de ça, de n'avoir pas eu assez d'ambition. Ils n'ont travaillé que sur la défensive et non pas travailler sur l'offensive. Un peu, par moment ils ont fait quand même des razzias, mais Zumbi et son oncle ils ont travaillé sur les tranchées, sur les défenses sachant qu'ils allaient poursuivre. Or la meilleure défense est l'attaque. Et ils ont perdu. Ils ont

perdu. Alors là le génie noir, s'est conservé dans la religion.. Qu'est-ce que c'est que la religion ? C'est savoir expliquer les malheurs. C'est avoir la possibilité de recours, d'expliquer les malheurs du monde. La société, la mort, etc. Donc, bien sûr. Là le Brésil est le champion avec Haïti, pays à la forte population noire soumise, c'est le champion de l'imaginaire parce que comment peut-on vivre si on développe pas un imaginaire pour colorer un quotidien des preuves. Donc le Brésil est certainement un des pays que j'adore au monde pour sa capacité d'art populaire dans tous les domaines. Les réponses aux malheurs ont donné des chefs-d'œuvre. Des chefs-d'œuvre. Donc alors ça c'est pour moi la religion amenée par les blancs est une religion de pouvoir. La religion créée par les noirs en clandestinité est une religion de réaction, de défense. Bien, les religions des Indiens, les pauvres, pour ce qu'il en reste. Elle ne peuvent pas bien jouer de grands rôles, mais la religion des noirs a donné tout ce qui fait la fierté du Brésil. Il faut quand même pas dire, oublier que Samba vient des noirs, que Carnaval vient des noirs, que *capoeira* vient des noirs, que *cadomblé* vient des noirs, que danse vient des noirs que et que le tour de passe-passe de l'*Estado Novo* de Getúlio Vargas c'est uniquement de mettre ça sous une cloche, l'enlever de la rue, de le mettre dans des institutions et de le faire ressortir brésilien. Et de nier au monde la source géniale d'où ça venait. Voilà donc et ça c'est le contraire de ce qui devrait être puisque c'est si le pour que le Brésilien commence à s'aimer, il faut qu'il s'aime entièrement. Totalement, totalement, totalement. C'est ce que voulait les poètes, Oswald, les cannibales, le mouvement des intellectuels, Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, tous ces grands intellectuels, qui ont dit nous sommes des anthropophages parce que tant que nous dévorerons pas les uns les autres, c'est-à-dire dévorer le génie de l'autre pour qu'on leur a pas inclus pour être nous-mêmes brésilien, mais pas en cachant, revendiquons, en disant nous sommes le produit d'une addition et pas d'une soustraction. Là, ils avaient fait quelque chose de très grand comparable au mouvement surréaliste, dadaïste. Et ils étaient des bousculeurs de bourgeois et ça était formidable. Mais, mais ce n'est pas durer parce que l'*Estado Novo* est arrivé et que ça a définitivement exclu les noirs de la participation politique culturelle. Et nier leur génie créatif, culturel. Donc, on en est encore là, avec un Bolsonaro c'est encore pire qu'avant.

Enfin, il y a aucune reconnaissance de ces héros noirs et la religion alors. À Brasília, j'ai parlé de mysticisme, parce que, parce que c'est aussi ça le Brésil, c'est la propension de chercher des chemins partout pour expliquer l'inexplicable. Voilà donc de se mettre, de se dire « ah, on est à mille mètres, on est sur un planalto ». Et c'est très sec, donc, le ciel,

il y est souvent dégagé. Donc, c'est là que le ciel va descendre. C'est sûr. On va avoir une réponse évidente à nos questions. Mais ces réponses, elles arrivent jamais, mais les gens ne cessent d'y croire. Ils attendent des fusées. Ils attendent, ils attendent quoi ? Que la sagesse vienne du ciel ? Ça leur évite de la construire. Ça m'a bien plu.